Na Casa e na Rua: Objetos, Serviços e Práticas de Consumo em Fortaleza (1940-1970)

Thiago Schead de Souza

Fortaleza - 2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Na Casa e na Rua: Objetos, Serviços e Práticas de Consumo em Fortaleza (1940-1970)

Thiago Schead de Souza

Fortaleza
Fevereiro de 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Na Casa e na Rua: Objetos, Serviços e Práticas de Consumo em Fortaleza (1940-1970)

Thiago Schead de Souza

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em História Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob orientação da Profª. Drª. Kênia Sousa Rios.

Fortaleza
Fevereiro de 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Thiago Schead de Souza

Dissertação examinada, em 29 de Fevereiro de 2007, em sua forma final, pela orientadora e membros da banca examinadora, composta pelos professores:

_____

Profª. Drª Kênia Souza Rios
Orientadora

_____

Profª. Drª. Meize Regina de Lucena Lucas

_____

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá

Fortaleza
Fevereiro de 2008

Dedico este trabalho

A **Camila Valentim**;

Pela energia trazida e a perspicácia de acreditar nesta realização.

A **Minha Família**;

Pelo apoio constante e a fé depositada em mim.

A **Kênia Sousa Rios**;

Pela amizade e o incentivo sempre presentes.

AGRADECIMENTOS

"Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é
realidade"

(Raul Seixas)

É essencial sabermos retribuir aquilo que nos é oferecido, é preciso reconhecer e dar o devido valor a quem está ao nosso lado. A energia dispensada por um torna-se força e potência junto ao outro, emanando uma vibração positiva maior ainda. Assim, gostaria de fazer alguns verdadeiros agradecimentos.

Inicialmente, agradeço à amiga e professora **Kênia Sousa Rios**, por orientar minhas dúvidas e compreender minhas ânsias e dificuldades, ajudando pacientemente nessa jornada. Também por sua confiança e otimismo, pois mesmo diante de incômodos e chateações soube ter trato pessoal e manter seu apoio incondicional.

Um agradecimento ao **corpo docente do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará** que, na figura do professor **Régis Lopes**, representa minha gratidão pelas conversas e dicas sobre a pesquisa, apoiou-me no desprendimento de materiais bibliográficos de importância ímpar, além da atenção e empatia dispensadas aos obstáculos que embaraçaram minha chegada ao fim desta caminhada.

Uma especial atenção, com carinho e consideração, à dona **Regina** e **Sílvia**, pela dedicação às questões acadêmicas, sendo muitas vezes minha memória ao lembrar muitos compromissos. Ainda, pela torcida e incentivo para que tudo desse certo, ajudando a realizar contatos e resolver alguns problemas da dissertação.

Obrigado à **FUNCAP** (Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa) pelo incentivo destinado à minha pesquisa de forma decisiva, possibilitando uma dedicação exclusiva à realização do presente trabalho.

Muito obrigado aos entrevistados para esta pesquisa, **Dona Josefina Odísio Siqueira, Jannette Maria Odísio Schead, Maria Hermosa Girão de Araújo,**

Mariana Martins de Oliveira, José Gerardo Torres Veras e **Gerardo Campos,** colegas feitos neste processo de aprendizagem que, com muita simpatia e receptividade, aceitaram contribuir de forma fundamental para o melhoramento deste trabalho; e pela concessão dos direitos de utilização de suas identificações e memórias.

Uma lembrança lúdica e sincera aos **amigos de Graduação na UFC** que sempre compartilharam alegrias, conversas e vibrações positivas.

Não podia deixar de agradecer aos novos amigos do mestrado que sempre ajudaram em momentos difíceis e certamente torceram e acreditaram no meu potencial. Agradeço a todos nas figuras da amigas **Marla A. Alburquerque, Georgina da Silva Gadelha** e **Gláubia Cristiane**, que dispensaram tempo e trabalho para auxiliar a feitura desta dissertação

Agradeço de coração aos meus grandes amigos **Victor Hugo, Ana Carmem, André Águiar, Idalina Freitas, Davi Weyne, Lorena Lyse e Daniel Weyne**, pela força constante e credibilidade inabalável. Pela importante troca de idéias, empréstimos e recuperação de materiais de pesquisa, dicas infalíveis e correções textuais.

Uma atenção especial **aos meus pais e irmãos**, que sempre ao meu lado trouxeram conforto espiritual e compartilharam problemas e fraquezas, ajudando a construir cada etapa da minha vida. São o alicerce e o apoio encontrados nos momentos de indecisão e fraqueza. Obrigado por todo o apoio, atenção e dedicação exclusiva. Obrigado por me permitirem existir e estar aqui para esta minha realização de vida.

Por fim, quero agradecer fervorosamente e amorosamente a **Camila Valentim Carvalho**. Esta pessoa, muito especial na minha vida, mostrou-se o sol que me veio surgir entre uma tempestade de nuvens negras, iluminando, alegrando e fortalecendo meu espírito cansado e descrente. Essa grande mulher forte, decidida e amável, em toda sua sensibilidade me ensinou a buscar força de vontade e lutar pelo que queremos. A ela, um obrigado repleto de gratidão e reconhecimento pela mão estendida, o tempo dedicado e o sentimento desprendido.

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada procura fazer uma reflexão a respeito da ascensão do consumo de objetos técnicos e dos serviços urbanos e domésticos na Fortaleza do ano de 1940 a 1970. O contexto de desenvolvimento tecnológico e o estímulo ao consumo possibilitam pensar o aparecimento de objetos técnicos, inventados e reinventados, e de novos serviços no mercado fortalezense. Analisamos a relação entre objetos e serviços, construindo um diálogo de mão dupla, nas experiências ambíguas da modernidade, nas "práticas de consumo" e nas "formas de uso" dos objetos. No mais, refletimos as transformações sofridas nas sensibilidades, gestos e sensações do corpo promovidas pelo "modo de vida moderno" e o uso dos artefatos tecnológicos, processando uma modificação dos serviços urbanos e das atividades domésticas.

Palavras-chaves: Objetos, Serviços, Consumo, Modernidade Técnica e Práticas Domésticas.

RÉSUMÉ

Cette recherche cherche à faire une reflexion à propos de l'ascension de la consommation d'objets techniques et de services urbains et ménagers à Fortaleza de 1940 à 1970. Le contexte de développement technologique et la stimulation à la consommation rendent possible de penser à l'apparition d'objets techniques, inventés et reinventés, et de nouveaux services dans le marché de Fortaleza. Nous analyserons le rapport entre objets et services, en construisant un dialogue à doublé sens dans les expériences ambiguës de la modernité, dans les « pratiques de consommation » et dans les « façons d'utilisation » des objets. En outre, nous faisons une réflexion sur les transformations subies dans les sensibilités, dans les gestes et sensations du corps réalisées par la « manière de vie moderne » et l'usage des outils technologiques, qui modifient les services urbains et les activités ménagères.

Mots-Clés: Objets, Services, Consommation, Modernité Technique et Pratiques Ménagères

Eu, etiqueta

"Em minha calça está grudado um nome
que não +é meu de baptismo ou de cartório,
um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
Em minha camisola, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produto
Que nunca experimentei
Mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem — anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É doce estar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso dos outros, tão mim-mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes
Da sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio,
Ora vulgar ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer, principalmente).
E nisto me comprazo, tiro glória
de minha anulação.
Não sou — vê lá — anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgulas piscinas,
e bem à vista exibo esta etiqueta
global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência
tão viva, independente,
que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoais,
tão minhas que no rosto se espelhavam,
e cada gesto, cada olhar,
cada vinco da roupa
resumia uma estética?
Hoje sou costurado, sou tecido,
sou gravado de forma universal,
saio da estamparia, não de casa,
da vitrina me tiram, recolocam,
objeto pulsante mas objeto
que se oferece como signo de outros
objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é coisa.
Eu sou a coisa, coisamente."

Carlos Drummond de Andrade, 1984.

QUADRO DE IMAGENS

Figura 1 - Modelos de rádio *Mullard* em anúncio publicitário.....31
Figura 2 – Propaganda de calça NYCRON.....47
Figura 3 – Rádio VOLTIX.....55
Figura 4 – Matéria sobre os carroceiros d'água.....78
Figura 5 - Bocas de Jacaré na Rua da Palma.....80
Figura 6 – Antiga Praça do Encanamento.....82
Figura 7 – Anúncio da Lamparina PETROMAX.....107
Figura 8 – Propaganda de conjuntos para sala.....131
Figura 9 – Anúncio dos Pianos Brasil.....132
Figura 10 – Anúncio de pregas para cortinas.....133
Figura 11 – Anúncio de Enceradeira ARNO.....137
Figura 12 – Modelos de televisores em propaganda da PHILCO.....144
Figura 13 – Anúncio de fogão a carvão BERTA.....148
Figura 14 – Propagando do exaustor CONTACT.....151
Figura 15 – Anúncio do liquidificador WALITA.....162
Figura 16 – Conjunto completo para banheiro.....169
Figura 17 – Anúncio de descarga embutida MONTANA.....172
Figura 18 – Anúncio de caixas de descarga BRASILIT.....172
Figura 19 – Propaganda de torneira elétrica LORENZETTI.....179

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO 1 – Fortaleza: A "Província" e a "Metrópole": Modernidade, Guerra e Saber Técnico 28

1.1 - "Made in (Ab)USA": Arranjos e Rearranjos da experiência cotidiana em Fortaleza (1940-1970) 28

1.2 - O Saber Técnico: Entre Autorizados e "Não-Autorizados" 48

1.3 - Novos Materiais e Objetos: Serviços e Práticas de Consumo em Fortaleza 60

CAPÍTULO 2 - Objetos e Serviços.....71

2.1 - A Água e a Torneira.....71

2.2 – A Energia e a Lâmpada.....94

2.3 – O Lixo e o Plástico.....111

CAPÍTULO 3 – Arrumando a Casa: Objetos e Afazeres no Espaço Doméstico 127

3.1 – A Sala 127

3.2 – A Cozinha 147

3.3 – O Banheiro 166

CONCIDERAÇÕES FINAIS 182

FONTES 188

BIBLIOGRAFIA 191

INTRODUÇÃO

> "Saber que o *ser* humano é um *sendo*, campo de possibilidades historicamente condicionados e abertura para mudanças".
>
> (LOPES RAMOS, Francisco Régis. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004)

Fazendo um breve ensaio sobre os caminhos e objetivos da pesquisa, coloca-se que, inicialmente, o projeto buscava compreender como se deu em Fortaleza, a partir da década de 1940, certo processo de "americanização" e as formas pelas quais os diversos grupos sociais reagiram e interagiram com a incidência do "*american way of life"*, apresentado, sobretudo, pelo cinema Hollywoodiano; a chegada de diversos produtos importados e a presença das bases e soldados yankees na capital cearense. Além disso, os objetivos estendiam-se à compreensão da heterogeneidade do conceito de modernidade (relacionado à aceleração, diminuição de espaços e tempos, novos ritmos de vida, praticidade e eficiência, etc.), suas diferentes experimentações, mostrando como indivíduos e/ou segmentos sociais de Fortaleza dos anos 1940-70 se posicionavam diante de certos modernismos, e os embates gerados em torno da relação passado-presente (provincianismo x modernidade).

Procurava-se, igualmente, identificar o cotidiano da Segunda Guerra Mundial, o "esforço de guerra" e a presença dos soldados norte-americanos convivendo com a sociedade fortalezense, e até que ponto esses elementos permitiram espaços de mudança e potencializaram a transformação de hábitos e costumes através de novas práticas diárias exigidas por esse clima beligerante, assim como o aparecimento e a difusão de novas matérias-primas (plástico, nylon, celulose, etc.); avaliar quais mecanismos e estratégias de (sobre)vivência, nem sempre explícitos, interagiam com os elementos culturais estrangeiros incidentes na cultura local, na forja de novos objetos, hábitos, costumes, valores, e na emergência de culturas miscigenadas experimentadas a partir de circunstâncias especificas.

E, sobretudo, desejávamos investigar e explanar certa passagem e mudanças culturais realizadas na transição de um "francesismo" para um "americanismo", aspectos culturais que registravam um aumento dos "estrangeirismos" principalmente por via dos meios de comunicação, num primeiro momento, e depois por via da "cultura material" e ascensão da "sociedade de consumo".

Com o ingresso no programa de mestrado da pós-graduação da UFC, a pesquisa passou a desenvolver-se sob uma percepção mais apurada, focando em estudos relativos a uma cultura material que se transformava em Fortaleza num universo contextual de aspirações modernas, pautada num modelo norte-americano junto a novos conceitos e práticas de consumo, individualidade, objetividade, eficiência, praticidade; e também tecnológicas, percebendo suas relações com o desenvolvimento urbano e as sensibilidades do corpo humano.

Fortaleza, já na década de 1940, esboçava passos para ascensão a de uma "sociedade do consumo", haja vista que muitas das horas de lazer se passavam diante das vitrines, que se tornavam verdadeiros altares dos artefatos, assim também como o desenvolvimento de um "fetichismo da mercadoria". [1] A cada dia, mais e mais objetos permeavam a vida e as relações das pessoas, indo das necessidades essenciais ao indicador de status.

Toda essa enxurrada de mercadorias, objetos e equipamentos, por sua vez, modificavam uma série de atividades e ofícios, além de possibilitar o surgimento de inúmeros profissionais especialistas e, conseqüentemente, serviços afins. O conhecimento ficava cada vez mais específico, era necessário certo saber de ordem técnica para manusear, manter e reparar os novos artefatos e equipamentos modernos.

Foi a partir do levantamento dessa problemática, fazendo uma análise inicial dessa proliferação de objetos e de profissionais especialistas, os quais pouco pude contemplar no meu projeto para seleção, é que comecei a focar os estudos e clarear

---

[1] Marx analisa *o fetichismo da mercadoria* no primeiro livro de *O Capital* (cap. I, 4), sob o título " o fetichismo da mercadoria: seu segredo". Ele analisa a forma como a produção da mercadoria constitui uma relação social entre produtores. Esta relação é colocada em diferentes modalidades e quantidades de trabalho com uma equivalência de valores. O fetichismo da mercadoria é o exemplo mais simples e universal do modo pelo qual as formas econômicas do capitalismo ocultam as relações sócias a elas subjacentes. Marx diz que a aparência das relações entre mercadorias não é falsa, ela existe, mas oculta a relação entre produtores: "as relações que ligam o trabalho de um indivíduo com o trabalho dos outros aparecem, não como relações sociais diretas entre indivíduos em seu trabalho, mas como o que realmente são: relações materiais entre pessoas e relações entre coisas".

os caminhos metodológicos, lapidando meu objeto e partindo para problemáticas mais especificas, sem muitas divagações abstratas e globais sobre as quais me debruçara anteriormente.

Foi então aqui, junto às orientações da Professora Kênia Rios, que passei a ter em mente a análise da relação dialética entre objetos e trabalhos, passando a tê-la sempre como horizonte referencial de minhas problemáticas e análises documentais.

Pude então começar a pensar como esses elementos se relacionam. Como objetos podem gerar serviços e as próprias modificações ou criações dos objetos podem transformar e/ou criar novas formas de prestação desses serviços? Como o surgimento de novos serviços, a extensão/ampliação e mudanças dos antigos podem vir a transformar e/ou criar novos objetos e instrumentos de trabalhos? Enfim, perceber como estes se alteravam mutuamente.

Trabalhar a cidade de Fortaleza no período de 1945 a 1960 exige uma boa compreensão do que se passou a chamar "questões urbanas", sobretudo com o advento do capitalismo e o desenvolvimento do Estado, que passam a promover um *modus vivendi* normatizador do "viver em cidades". É importante fazer relações com o desenvolvimento dessas concepções urbanas no planejamento das cidades, nas formas de intervir nelas e nas pessoas, e como estas passam a configurar espaços e abrir campos de interações e formas de usos diferenciados. Dentro da pesquisa, o fundamental se pauta na questão dos novos serviços, e, sobretudo, sua relação com os objetos que passaram a ser necessários com o crescimento da capital cearense. Como estes serviços geraram uma gama de objetos que mudam os jeitos de trabalhar, e mesmo como a implementação de novos objetos e produtos, aparelhos e equipamentos urbanos geraram novos consumos e serviços. Assim, deve-se buscar uma espécie de cartografia urbana e analisar as redes de inter-relações entre consumo, objetos e serviços.

Não cabe resumir a cidade a essas redes de serviços, pois, como afirma Antonio Paulo Rezende [2], "com Calvino as cidades ganham uma dimensão bem diferente das análises que as circunscrevem aos limites da produção de mercadorias ou o ir-e-vir incansável das prestações de serviços. O imprevisível é constante".

---

[2] REZENDE, Antonio Paulo. **O Recife:** os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as tentações da memória e as inscrições do desejo. In: Revista **Projeto História** – SP, 1999.

Mas é importante também atentar para as novas práticas de sociabilidade que se engendraram a partir do surgimento de novos objetos e serviços. Quais alterações poderiam ocorrer nas dinâmicas sócioculturais com o surgimento de novos objetos, produtos e utensílios para trabalhar? Qual a relação dos trabalhadores com seus instrumentos de trabalho e sua clientela?

Antonio Luiz de Macedo [3] analisa que, de certa forma, em termos de uma lógica do consumo e do desenvolvimento do consumismo em Fortaleza, o período da Segunda Guerra Mundial teve um papel significativo, pois "a revolução tecnológica entrou na consciência do consumidor em tal medida que a novidade se tornou o principal recurso de venda para tudo [...] A crença era que 'novo' equivalia não só a melhor, mas a absolutamente revolucionado." [4]

A promoção do consumismo, em que cada dia mais e mais objetos permeavam a vida e as relações das pessoas, possibilitou o surgimento de profissionais especialistas e serviços afins. O conhecimento ficava mais específico, era necessário certo saber para manusear e manter os novos artefatos modernos. Pensava-se numa uniformização do consumo e do uso de tais objetos, produtos e equipamentos tecnológicos, e ainda os objetos e maquinas ficavam ainda mais complexos e acompanhados de acessórios para usos diversos.

Muitas das questões discutidas são de fundamental importância para se observar as relações e interações que podem ocorrer a partir dos conflitos entre movimentos normatizantes e uniformes e as formas de se consumir e praticar os espaços da cidade. Enfim, deve-se perceber os desdobramentos, mudanças e permanências dentro de uma rede de ligações entre serviços e objetos nas residências de Fortaleza de 1940 a 1970.

Estas décadas (1940, 1950 e 1960), para o estudo sobre as transformações culturais realizadas em Fortaleza, foram escolhidas tendo em vista o processo de ascensão de uma sociedade de consumo que passou a esboçar-se em Fortaleza na década de 1940, principalmente após o fim da conflagração mundial, iniciando um período de estímulo à produção industrial, ao comércio internacional e às "necessidades" cotidianas de novos produtos, aparelhos e artefatos que passaram a

---

[3] SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Paisagens do Consumo:** Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra. Fortaleza: Museu do Ceará Secretaria da Cultura e do Desporto.

[4] HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia das Letras, 1995. *Apud Id.*

ser apresentadas como essenciais a um modo de vida moderna. Além disso, fins de conflitos e guerras promovem um surto de descobertas e invenções, lançando uma série de materiais, substâncias, produtos e aparelhos/máquinas ao acesso e consumo da população civil.

Foi neste período que vimos uma intensa proliferação de produtos eletro-eletrônicos, equipamentos tecnológicos, o surgimento de novos materiais e substâncias que possibilitaram o surgimento de novos objetos e produtos, além da modificação de antigos. Este movimento trouxe outras dinâmicas para a vida cotidiana dos sujeitos sociais, tanto no ambiente urbano como doméstico.

Em muito, este trabalho se inspirou nas pesquisas de Antônio Luiz de Macedo Silva Filho [5], ao analisar as transformações ocorridas em Fortaleza durante a década de 1940. O autor focalizou sua análise em pontos como a passagem ambígua e conflituosa de um "francesismo" para um "americanismo", a ascensão de uma modernidade técnica e do consumo, descortinando as marchas e contramarchas deste processo de transformação cultural.

Antonio Luiz buscou fazer uma espécie de cartografia urbana, articulando anseios modernos, desenvolvimento tecnológico e aumento do consumo. Os objetos técnicos e os equipamentos urbanos modernos foram os principais focos do autor, que discutiu estas questões e conceitos junto às particularidades locais, apontando as imprevisões e irregularidades nas mudanças das práticas cotidianas, sendo mais voltado à paisagem urbana.

O que venho fazer é dialogar com estas questões levantadas por Antonio Luiz sobre modernidade, técnica, consumo e objetos, tratando de uma análise mais focalizada no ambiente doméstico e a partir da constante consideração dada às relações dos objetos técnicos da modernidade e os trabalhos e serviços cotidianos, não só profissionais, mas também atividades do lar.

No mais, busco dialogar com as fontes com base em trabalhos antecessores e estender a discussão sobre o universo material de Fortaleza em um período (1940-1960), quando se concretizou o processo de metropolização da cidade e de produção e consumo do mercado local, apontando seu caráter lento e ambíguo.

[5] SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Na senda do moderno:** Fortaleza, paisagem e técnica nos anos 40. Fortaleza. Dissertação de mestrado. Departamento de História-UFC, 1999.

Num âmbito mais geral, jogar um olhar sobre a relação dos objetos com as atividades humanas.

Os estudos da História Social possibilitaram novas visões sobre o tema abordado, não se esquecendo das minorias e dos excluídos dentro de uma perspectiva mais singular, voltando o olhar para os "sujeitos ordinários". Possibilitou também o trabalho com diferentes fontes e registros históricos. Não podemos deixar transformar-se numa história do efêmero, do particular e muitas vezes de vivências individualizadas, perdendo, pois, o sentido mais amplo da História, num diálogo perene entre o local e o global, não caindo, pois, em certos reducionismos e esquematismos dos pesquisadores, mas, sobretudo, aforar um potencial subversivo da História e fazer aparecer a pluralidade e os conflitos articulados a partir do campo de possibilidades do cotidiano.

É fundamental enfrentar a discussão sobre o que se faz na historiografia. Seria uma História da Cultura ou uma História Cultural? Por outro lado, aprofunda-se nos avanços da História Social para implementar uma abordagem da cultura como categoria e campo de análise.

Neste campo, acontece também o debate sobre o conteúdo da cultura, sendo fundamentais no trabalho aqui apresentado as investigações da chamada cultura material, pensando como o sujeito faz o objeto, mas, sobretudo, como o objeto faz o sujeito.

Vejamos o que nos diz Fenelon:

> Apresentada, pois, como capaz de possibilitar a investigação de um "modo de vida global" é importante aprender que não se quer pensar a cultura como elemento exterior a complementar qualquer ordem social, mas, ao contrário, que ela é elemento importante na constituição e assim pode ser investigada como um "sistema de significações" de maneira ampla, de modo a permitir a inclusão de todas as práticas e assim definir-se como um "processo social constitutivo que cria diferentes e específicos modos de vida". [6]

[6] FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e história social:** historiografia e pesquisa. In: **Revista Projeto História**. São Paulo-SP, 1993.

O estudo da multiplicidade cultural e das práticas e trabalhos cotidianos realizados pelos diversos grupos sociais em Fortaleza [7] no período selecionado não é mais visto como uma mera apreensão e descrição de alguns aspectos da vida social, mas como elemento constitutivo da trama tecida pelos sujeitos sociais, individuais e/ou coletivamente, nas práticas cotidianas e na estruturação das relações sócio-político-econômicas dos anos de 1950 a 1970 em Fortaleza.

É na abertura e expansão de campos de possibilidades históricas que as temporalidades vêm a ser no mundo, e estabelecem sua interdependência ao espaço vivenciado e aos meios materiais. No caso pesquisado, são evidentes as várias dimensões em que se estabelece essa multiplicidade de relações do cotidiano urbano e doméstico.

Referindo-se aos embates entre tradição e modernidade presentes constantemente na tessitura social da Fortaleza dos anos 1940-70, é preciso atentar para o caráter sempre dinâmico e histórico das tradições e de suas referências simultâneas ao passado e ao presente, assim como suas mutáveis conjunções com o futuro, refletindo os aspectos que aproximam e/ou distanciam modernidade e tradição. Esses confrontos não são uniformes nem irremediáveis, havendo particularidades referentes aos diferentes tempos e espaços, apresentando-os com conjunturas e conjunções de forças específicas. O que no caso brasileiro fica explícito é o modo como a aspiração ao progresso passou a flamular como bandeira política e também como tradição profundamente enraizada no imaginário da elite. [8]

O desenvolvimento do conceito de modernidade da forma que entendemos e aplicamos, bastante utilizado durante as análises realizadas no trabalho, pode se aproximar da emergência de uma "sociedade de consumo", outra expressão que perpassou os objetivos e problemáticas relacionadas ao universo material em Fortaleza daqueles tempos e as relações objeto e sujeito. A caducidade que os termos passaram a representar acaba sempre vinculando-os ao antigo/velho. Os objetos e equipamentos urbanos, mergulhados num universo tecnológico e de disciplinarização dos usos, surgem cada vez mais com uma obsolescência

---

[7] Aqui vejo conveniente e oportuno esclarecer que o foco da pesquisa, em muito, recai sobre a análise dos bens materiais e das práticas de consumo das camadas de média e alta renda, já que estas apresentavam uma riqueza material maior e facilitavam o trabalho sobre as relações do consumo com a proliferação dos objetos técnicos e a transformação dos trabalhos profissionais e domésticos.

[8] ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

calculada, e são os homens que agora vêem artefatos nascerem e morrerem rapidamente. [9]

Sabemos que o conhecimento do historiador é indiciário e fragmentário. Cabe a nós operar de forma detetivesca, no recolhimento de indícios e pistas que, combinados ou cruzados, permitam oferecer deduções e desvelar significados. "Apoiado num novo paradigma centrado na cultura, utilizando conceitos como os de representação e do imaginário ou princípio do cruzamento das práticas sociais com as imagens e discursos de representação do real". [10] Resta ao historiador buscar no entrecruzamento de fontes as nuanças de um passado presente e as especificidades das diferenças culturais.

Neste sentido, já com algumas leituras do tema e problemáticas levantadas, foram coletadas e analisadas fontes que puderam apresentar elementos significativos para a compreensão destas transformações culturais e a percepção de certa passagem de um "francesismo" para um "americanismo" em Fortaleza, no encalço de uma modernidade técnica que se mostrava capenga diante das contramarchas apresentadas pelas peculiaridades e especialidades locais. E, claro, também atentando para os novos campos de possibilidades que estas documentações poderiam oferecer, nas quais poderiam desenvolver-se novas problemáticas, lapidar os objetivos e hipóteses de pesquisa.

O percurso realizado dentro do programa de mestrado abriu um leque de possibilidades e colocou-me em contato com novas leituras e teorias, técnicas e metodologias de pesquisa histórica. Logo percebi a necessidade de novos olhares sobre o tema, além de repensar um recorte temporal que atendesse às novas necessidades apresentadas por um olhar mais focado e objetivo, sem grandes generalizações históricas.

A forma de se trabalhar as fontes constitui a construção de uma problemática que surge do diálogo das relações entre a teoria e a experiência com as evidências. A relação estabelecida entre o pesquisador e a fonte se apresenta num duplo

---

[9] Jean Baudrillard nos fala que vivemos no "tempo dos objetos". Os objetos são produzidos e alterados rapidamente, com novos modelos e funções, deixando esquecidos outros artefatos fabricados sobre o mesmo conceito de novidade e modernidade. O novo já nasce velho. "No passado, não muito distante, havia uma perenidade que hoje não se vê: os objetos viam o nascimento e a morte de gerações humanas. Atualmente, são os homens que assistem ao início e ao fim dos objetos". (BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo.** Lisboa: Edições 70, 1995, p.15)

[10] PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço:** por uma história cultural do urbano. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, 1995.

sentido, em que ambos se definem. É preciso levantar questões a partir daquilo que se evidencia nas fontes (e que não impede de pensar hipóteses previamente), assim como fazer perguntas adequadas e estabelecer uma comunicação dialética com as fontes históricas. O olhar do historiador para os documentos deve enxergar o seu caráter humano e subjetivo, certo que este foi forjado por sujeitos históricos imbricados em contextos específicos a partir de suas experiências e relações sociais, sem também deixar de perceber os possíveis manejos e modificações sofridas pelas evidências na ação humana no tempo e no espaço. O documento se apresenta como expressão da experiência humana.

Esta abordagem metodológica possibilita o desenvolvimento de uma abordagem histórica mais encorpada, em que se podem discutir elementos da História Cultural e se vão construindo interpretações e conceitos, tomando uma consciência histórica que vislumbra a diferença e permite as multiplicidades engendradas nas tensões e conflitos cotidianos.

A história apresenta-se como campo de possibilidades onde os sujeitos são ativos e atuantes, portadores de diferentes interesses e projetos. As tensões, multiplicidades, imprevistos do cotidiano, e as experiências dos "sujeitos ordinários" constituem uma força essencial dos processos de transformação histórica, por se entender que a história e as relações humanas estão presentes em todas as dimensões do social, político, cultural, econômico etc., percebendo o porquê de a História se ocupar de diferentes interpretações, pois elas se encontram introduzidas em todas as dimensões humanas.

No trabalho com periódicos, é compreendido que estes se apresentam como lugar privilegiado de representação de uma determinada conjuntura social e histórica, não sem deixar de relevá-lo como um *lócus* de disputas políticas, como espaço onde se estabelecem embates e discussões. Foi necessário perceber quais os temas jornalísticos colocados em pauta, ao que se dava manchete, se publicava, divulgava, e que grupos sociais e interesses estavam ligados aos veículos comunicadores de massa. É importante lembrar que ao utilizar-se de jornais deve-se ter em vista suas particularidades, deve-se perceber a que interesses os diversos jornais da época atendiam; o que era escrito, por quem e para quem eram escritos e distribuídos.

Trabalhar jornais é saber que estes são produtos e produtores de uma época, o jornal a molda e por ela é moldado. O jornal dentro de seu contexto histórico é meio comunicador, difusor e formador de opinião, expressa interesses e orientações de diferentes setores da sociedade. É necessário considerar o caráter do processo de produção e divulgação das informações e enxergar a imprensa como meio constituinte de determinado tipo de memória atendendo ao interesse de grupos sociais específicos.

No entanto, não se pode deixar de ter em foco as formas como as "camadas populares" apareciam num contexto jornalístico. Ao mesmo tempo, é notável também o fato de que a grande maioria da população não tinha acesso a esse tipo de leitura. Realizando uma leitura mais panorâmica desses periódicos, parece que se saiu do eufórico sonho da modernização operada nos anos 1940, passando pelos anos 1950 e 1960 repletos de planos e planejamentos e estratégias para o desenvolvimento material da metrópole, chegando ao pesadelo das sucessivas crises econômicas desencadeadas a partir da década de 1970.

Nos periódicos, foi destacada a busca por características e influências referentes à moda, à guerra, ao comércio, ao lar, às práticas e aos costumes cotidianos – o que se chamava de provinciano e/ou moderno? Quais posturas comportamentais deveriam ser adotadas? -, também como a presença de novos objetos (aparelhos, maquinaria), trabalhadores (inspetores de quarteirão, vigias de caixas d'água, ambulantes, etc.) e serviços (abastecimento, transportes, técnicos, etc.) estavam sendo introduzidos no cotidiano local. Como a imprensa fortalezense dos anos 40, 50 e 60 tratava assuntos como modernidade, progresso e desenvolvimento material da cidade? Como recebia, tratava e editava matérias, anúncios e textos? De quais maneiras eram colocados os conflitos e os embates entre o dito "provinciano" e "moderno"?

Os anúncios e propagandas publicitários, assim como matérias e artigos sobre os serviços prestados em Fortaleza de 1940 a 1960, foram os principais focos de interesse no trabalho com os jornais e revistas. Cabe então fazer um breve ensaio sobre o desenvolvimento da publicidade e propaganda no Brasil e no Ceará para melhor entender as representações sociais implicadas nestes meios culturais comunicadores.

Até a década de 1940, as empresas publicitárias investiam com cartões postais e cartazes em bondes. Utilizavam técnicas de fotogravura que se desenvolveram no decorrer da década de 1920 e passavam a associar mais fortemente a imagem ao produto. É nesta década, com o incremento das revistas, que a propaganda descobriu a importância da imagem.

Nos anúncios observados nos periódicos fortalezenses dos anos de 1940, era percebida uma espécie de publicidade explicativa, pois diante de tantos produtos tecnológicos era preciso convencer o consumidor a comprar um produto totalmente desconhecido e que ele não sabia como funcionava; por isso, era comum vermos explicações sobre peças e formas de funcionamento dos objetos técnicos modernos. Havia, pois, uma relação da forma de anunciar o produto/objeto com o saber técnico.

Em fins dos anos 1950 e daí por diante, os anúncios publicitárias começaram a ter um caráter mais conceitual e os produtos passaram a ser vendidos junto a conceitos e "modos de vida". Através do anúncio vemos uma possibilidade de se transcender o domínio da produção e da simples venda, articulando assim determinado produto/objeto a uma situação social. A receptividade da clientela passou a ser alvo constante das campanhas publicitárias que buscavam uma constante identificação do produto ao estilo de vida do consumidor. "O anúncio, como moldura de acontecimentos mágicos, faz do produto um objeto que convive e intervém no universo humano. O anúncio projeta um estilo de ser, uma realidade, uma imagem das necessidades sociais dos receptores". [11]

Esta fonte historiográfica permitiu percebermos através dos anúncios e propagandas certas "visões de mundo", "instituições" e "formas de relações" procurando tornar inteligível a diferença. "O discurso publicitário fala sobre o mundo, sua ideologia é uma forma básica de controle social, categoriza e ordena o universo. Hierarquiza e classifica produtos e grupos sociais. Faz do consumo um projeto de vida". [12] Em cada anúncio, mais que um produto, "vendem-se" estilos de vida, sensações, emoções, visões de mundo, relações humanas, sistemas de classificação e hierarquia.

---

[11] Rocha, Everardo P. Guimarães. **Magia e Capitalismo**: um estudo antropológico da publicidade / Everardo P. Guimarães Rocha. – 3ª Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1995.
[12] *Idem.*

É claro que sabemos que o consumo das mercadorias anunciadas nesses periódicos destinava-se, sobretudo, ao público que também tinha acesso à leitura diária destes meios de comunicação e publicidade.

A pesquisa realizada nos almanaques, anuários e censos demográficos deve ser orientada por uma consciência crítica da natureza e dos objetivos destes documentos. Estas fontes se apresentavam como um tipo de guia oficial de divulgação de dados, informações, estatísticas, produtos e serviços, além de textos selecionados, muitas vezes relacionados às autoridades e a personagens ilustres da sociedade cearense, juntamente com os projetos e realizações do Estado. É preciso buscar compreender sua contextualização, suas seções, fontes estatísticas, temas e anúncios, enfim, atentando para as formas de produção e edição, assim como para seus objetivos perante o público alvo.

Os almanaques e os anuários são como um grande guia e uma espécie de lista de procura de nomes, endereços, instituições, autoridades etc. Mas é bastante interessante, também, notar as possibilidades de se trabalhar algumas propagandas, artigos, matérias e tabelas. Tudo isso aponta para a possibilidade de poder fazer um trabalho serial e quantitativo analisando dados, tabela, números e estatísticas na tentativa de obter informações sobre crescimento populacional e urbano dos serviços e das associações de trabalho, das movimentações econômicas e do mercado, podendo analisá-las e compará-las.

Os censos demográficos e os anuários estatísticos do Ceará realizados pelo IBGE são fontes de dados e estatísticas oficiais do Governo Federal que tendem a mostrar o que a instituição junto à Federação entendia por ser a realidade brasileira expressa em números. Aqui também se investe num trabalho quantitativo de análise numérica e estatística. Mas é de fundamental importância realizar a construção de um estudo qualitativo perante estas informações. É necessário se analisar tais séries numéricas, tabela e números dentro de um contexto histórico e crítico, sem deixar de levantar questões relativas às problemáticas apontadas na pesquisa surgidas no decorrer do processo dissertativo.

Todo trabalho quantitativo e serial deve ser encarnado por sujeitos representativos e atuantes e pelas suas significações sociais camufladas em tabelas e números, fazendo assim uma qualificação dessas informações e registros.

Quantidade e qualidade devem sempre travar um diálogo duplo, permeado pelas questões e hipóteses levantadas no estudo realizado.

Outra fonte trabalhada diz respeito ao registro dos chamados memorialistas, com apurado sabor de saudade dos tempos idos. Logo, é preciso ter cuidado ao se analisar tais fontes, pois elas possuem toda uma carga de particularismo e certa especificidade, pois foram produzidas por alguém que viveu em determinada época, rememorou-a, pesquisou-a e registrou-a em momentos diferentes e de determinada forma suas lembranças.

Não podemos olvidar o potencial dessas fontes, que permitem problematizar elementos significativos dentro da sua narrativa, que relembra e re-significa, remetendo a questões surgidas a partir de fatos e acontecimentos narrados e informações sobre episódios e evento rememorados. Isto traz à tona lembranças relativas ao período estudado, sobretudo de práticas, valores, costumes e do universo material de uma tempo já vivido.

Os memorialistas "resgatam" suas lembranças, constroem contos e estórias, narram e re-significam fatos e feitos, misturam realidade e ficção, mas não é o que eles nos dizem ao pé da letra que se deve ter em conta e tomar como verdade absoluta, mas, sim, a forma como ele relembrou, re-significou e escreveu suas lembranças, permeadas pelas suas experiências e vivências (também asseios, vontades e opiniões) em toda sua trajetória de vida, algumas vezes procurando fazer um embasamento em cima de pesquisas históricas.

As obras de memorialistas permitem perceber as re-significações de uma memória individual (não sem relação de interdependência a uma memória coletiva) e as formas em que foi dito e escrito um passado vivenciado, noutro tempo relembrado, fazendo sempre relação dialética com os questionamentos relativos aos conflitos sócioculturais daquele contexto histórico específico, travando também intenso diálogo com as problemáticas relacionadas ao tema e à época pesquisada.

Foi utilizada também a oralidade como fonte histórica. Neste ponto, é importante lembrar Portelli [13], por sua contribuição no campo da História Oral, oferecendo elementos que ajudam na nossa reflexão, quando trabalha as narrativas orais como textos, enredo produzido por interpretações subjetivas dos entrevistados.

---

[13] PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: EdUC, nº 14, 1997.

E também ao fazer considerações sobre a oralidade como um gênero de discurso, com características próprias que evidenciam o trabalho da palavra falada como uma articulação da consciência que construiu, pois, interpretações e re-significações na dinâmica social.

O trabalho com História Oral pode ser dividido em dois momentos. No primeiro, realizado no início da pesquisa, foram feitas três entrevistas (José Gerado, Gerado Campos e Josefina Siqueira). Nestas entrevistas foram abordadas questões mais relevantes a respeito da década de 1940, o clima beligerante estabelecido em Fortaleza com o advento da Segunda Guerra Mundial e a instalação de bases e soldados americanos na cidade. Como os citadinos recebiam a influência trazida por estes indivíduos estrangeiros? De que forma o Poder Público interagia com os interesses nacionais relativos à participação no "esforço de guerra"? Como este momento abriu um campo de consumo e a proliferação de objetos técnicos mais modernos e dos serviços urbanos e domésticos?

No segundo momento, realizaram-se as outras três entrevistas (Josefina Siqueira, Mariana Martins e Maria Hermosa Girão) visando mais às décadas de 1950 e 1960. No mais, visamos a questões relativas aos serviços de energia, água e lixo, os afazeres e práticas domésticas cotidianas e o consumo e os usos dos objetos técnicos modernos.

A oralidade não foi muito explorada e intensamente analisada. Busquei, portanto, me ater às formas como a memória se processa, ligada à lembrança e/ou esquecimento de certos objetos, assim, dando re-significados a fenômenos históricos a partir da memória dos objetos.

"Numa outra direção, considerando as memórias como processos vivos de lembrar e esquecer e que história e memória se relacionam de maneira intricada, complexa e contraditória na realidade social, temos buscado compreender, por exemplo, processos de configuração e transformação das cidades, refletindo sobre relações entre espaço, cultura e memória, trabalhando com o ponto de vista de seus moradores. Investigar suas narrativas tem possibilitado descortinar espaços e modos de trabalhar e morar, dimensões simbólicas da cartografia de cidades, além de permitir identificar e compreender melhor os modos como esses moradores projetavam, disputavam, construíam seus territórios na cidade; os modos como circulavam por ela, usavam-na e dela se apropriavam, enraizando-se nela. A

lembrança narrada de vivências nesses lugares traz modalidades de lidas diárias, de encontros diurnos ou noturnos de trabalhadores e moradores de um bairro. Lugares (e objetos) trazidos pela memória aparecem como referências simbólicas de experiências vividas, de reações disputadas, da mesma forma que neles se produzem novas experiências" [14] (Parêntese nosso)

Cabe colocar que optou-se por manter as formas textuais das dosumentaçoes transcritas

Finalmente, num esforço para refletir sobre as estruturas dos tópicos para dissertação, esboçarei pontos importantes dentro de cada capítulo, apresentando suas especificidades e mostrando diferentes aspectos da trama urbana, assim como as dinâmicas domésticas, relacionando-as à modernidade e ao consumo.

No primeiro capítulo: "Fortaleza - A "Provincia" e a "Metrópole": Modernidade, Guerra e Saber Técnico", tratamos de questões referentes à proliferação de objetos, produtos e utensílios, projetados em grande parte por um modelo norte-americano de modernização, calcado na aceleração, no progresso material e incitação ao consumo. O surgimento de novos materiais e o desenvolvimento das pesquisas científicas que produzem uma gama de objetos, produtos e utensílios diversificaram as matérias-primas e seus formatos, permitindo outras formas de uso. São abordados também os conflitos entre costumes "provincianos" e "modernos", o desenvolvimento de um saber técnico específico para utilizar os novos objetos de uma modernidade técnica. Podemos perceber também as relações dos prestadores de serviços com estes novos objetos tecnológicos, suas novas texturas, durabilidade, maleabilidade, consistência, funcionalidades, etc. Também como os consumidores os experimentavam e usavam, criando novas formas de "fazer com".

Em seguida, no segundo capítulo, chamado "Serviços, Objetos e Práticas Cotidianas", caberá uma maior análise do universo dos serviços básicos desenvolvidos por uma gestão técnica da cidade que se utilizava de uma série de máquinas, aparelhos e objetos tecnológicos que permeavam, transformavam e davam novas dinâmicas a três serviços urbanos básicos recortados neste estudo: a àgua, a energia e o lixo; além de atentar para contramarchas realizadas junto a um movimento regulador e controlador desses serviços e às multiplicidades de usos e

[14] KHOURY, Yara Aun. **Narrativas orais na investigação da História Social.** In: **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC, nº 22, 2001.

transformações nas práticas cotidianas geradas pelos novos objetos modernos. Cabe dar importância e reflexão às transformações no ambinete desses serviços e perceber como estes geravam objetos e como esses objetos modificavam as formas de trabalho.

O terceiro e último capítulo é denominado “Arrumando a Casa: Objetos e afazeres no ambiente doméstico” e tratará de analisar e refletir sobre as novas configurações estruturais e arquitetônicas dos domicílios adaptadas a uma nova realidade cultural e a um universo de aparelhos eletrônicos, novas mobílias e bugigangas que eram representativas dos modos de vida de certos grupos sociais fortalezenses; como os arranjos e rearranjos espaciais, a arrumação dos móveis e a colocação de objetos passavam a funcionalizar e compartimentar espaços domésticos; e também relacionar esta configuração material com as atividades domésticas e os serviços realizados no lar. Além disso, buscar-se-á perceber essas diferenças colocadas pelas distinções sociais fortemente apresentadas na Fortaleza da época.

CAPÍTULO 1 – FORTALEZA: A "PROVÍNCIA" E A "METRÓPOLE": MODERNIDADE, GUERRA E SABER TÉCNICO.

1.1 – "Made in (Ab)USA": arranjos e rearranjos da experiência cotidiana em Fortaleza (1940-1970)

Fim de tarde caía sobre o céu de Fortaleza, o ano era 1942. Imagino: uma jovem cearense acaba de deixar o afamado Cine Diogo, no centro da cidade, deixando para trás "Joan Crawford, Loretta Young e Maureen O'Hara"' nos cartazes da galeria. Passadas ajustadas e curtas, ela olhava para frente do alto de sua elevada sandália "Gilda". Dirigiu-se à Praça do Ferreira, "coração" da cidade, realizando seu fascinante "footing" a olhar as vitrines das modernas lojas que ali se multiplicavam, não sem deixar de adentrar por instantes a famosa "Broadway". Cruza a extensão da Praça, entre olhares e rabisacas, e olha rapidamente os ponteiros na Coluna da Hora, são dezessete horas e trinta minutos. De passo apressado, sobe no bonde que já saia pela ponta Norte do logradouro dirigindo-se à Praia de Iracema, mais novo local de lazer da sociedade fortalezense dos anos 1940, salta diante da Vila Morena, e avista placa que apregoa USO (United Station Office). [15]

Era visível na cidade de Fortaleza, a partir da década de 1940, um movimento de progresso material e aparelhamento técnico, pautado num ideal modernizante representado pela sociedade norte-americana. Houve uma transição, não sem contradições e contramarchas, de um paradigma ajustado nos moldes franceses para outro calcado na aceleração, a eficiência tecnológica, a proliferação e desenvolvimentos dos serviços e do consumo.

O processo de "americanização" chegou ao Ceará por um viés cultural e econômico desenvolvido na política da boa vizinhança do Presidente Roosevelt,

[15] A referida narrativa se apresenta mostrando algumas práticas de lazer e consumo, além de objetos de desejo e equipamentos urbanos "modernos" utilizados no cotidiano do fortalezense e também alguns valores de comportamento na década de 1940. Tudo isso aparece como símbolo de uma almejada modernidade técnica e progresso material, além de transformações nos costumes e valores da sociedade fortalezense. Inspiração veio através da leitura de memorialistas e da pesquisa em revistas e jornais, o que possibilitou maior contato com certa realidade da época e conhecer alguns objetos e algumas práticas do cotidiano, buscando maior aproximação e encarnação do contexto histórico estudado.

junto à Fundação Rockefeller, criando uma espécie de "fábrica de ideologias" constituída pelo governo norte-americano nessa conjuntura mundial (2ª Guerra Mundial). Não se pode esquecer a continuidade que tal processo teria durante os anos de embate gerados em torno da disputa por uma hegemonia mundial, representada pela União Soviética comunista e os Estados Unidos da América capitalista, num período denominado de "Guerra Fria".

Os Estados Unidos passaram a vender num mesmo pacote a idéia de uma defesa incondicional do hemisfério ocidental, a integração cultural e econômica das Américas, a preservação de um mundo democrático e o compromisso de protocooperação. Ainda mais, o chamado "*América way of life"*, ou seja, o "modo de vida americano" que incidia em Fortaleza com forte incitação ao consumismo, inserção de inúmeros produtos industrializados e tecnológicos no comércio e nos lares fortalezenses, propagandeados pela imprensa por meio do rádio, de jornais, revistas, e também pelo cinema Hollywoodyano colocados como necessários à "vida moderna". Essa onda de companheirismo se apresentava nos jornais consultados, como atestamos em matéria escrita por Otoni Soares para o jornal "Unitário", no dia 14 de abril de 1945:

> O Pan-americanismo que em seus princípios visavam defender os povos deste continente contra a cobiça dos governos europeus, pouco a pouco estendeu sua ação à cooperação econômica, política, e cultural entre todos os paízes Americanos.
> Para apreciarmos dois exemplos desta cooperação em nosso Paiz, recentemente, apreciamos primeiramente o saneamento do Nordeste contra o Gambia, atravez da organização Rockefeller, trabalho que muito honra a capacidade médica dos homens que estão afrente dos serviços de s. pública no Brasil e nos Estados Unidos. A outra cooperação esta cada dia mais se fazendo sentir através desse intercambio cultural do qual podemos considerar o instituto Brasil-Estados Unidos a célula mater.
> As Américas, num bloco, uno indivisível, dando este grande exemplo a povos mais velhos de outras terras, resolvendo seus casos pacificamente num regime de eficiente democracia, são hoje olhadas por outras gentes como a terra da promissão procurada.
> Amemos pois, glorifiquemos esse pedaço do mundo onde os direitos dos povos são garantidos pelo direito do voto; onde o voto da força jamais poude medrar na consciência das suas Nações.
> Cidadão das Américas, tenhamos a confiança no futuro do Pan-americanismo e continuemos a trabalhar pelo seu constante progresso".[16]

[16]Jornal **Unitário**, Fortaleza, 14 abr. 1945, p.02. SOARES, Otoni. Pan-Americanismo.

Como citado anteriormente, o governo Norte americano buscava construir uma rede de parceiros políticos e econômicos, através da dimensão cultural e material na América Latina e principalmente no Brasil. E vemos também que essas organizações multinacionais passavam a interferir e investir em setores de produção e prestação de serviços, no desenvolvimento das redes urbanas e da infra-estrutura de cidades brasileiras, como a crescente e promissora Fortaleza que se esboçava naqueles tempos. Havia certo estímulo ao consumo de serviços, pois o setor terciário era o que mais crescia nas grandes metrópoles mundiais e eram fundamentais para boas condições de vida, produção e consumo em qualquer parte do globo. A "Grande Fortaleza" não estava fora desse movimento.

Dialogando com a matéria de Otoni Soares, é visto como esse programa de Pan-americanismo se expressava na mídia cearense, pois não se pode esquecer que nos anos 1940 se vivia um momento de Guerra e esse discurso se via fortalecido pelo chamado "esforço de guerra", além de os Estados Unidos ser o melhor parceiro econômico na época, visto que os países europeus estavam em batalhas diretas, prejudicados em sua produção econômica. Fica aparente, pois, "se os Estados Unidos precisavam dos produtos brasileiros, o Brasil, dizia Drew Pearson, necessitava de produtos manufaturados americanos. O ouvinte americano ficava nessa época com a clara impressão de que a cooperação entre Estados Unidos e Brasil era absolutamente indispensável para a salvaguarda do hemisfério ocidental, diante da ameaça Nazista". [17] Aqui já se esboçava a dependência que o Brasil tinha dos produtos manufaturados e industrializados americanos.

Em Fortaleza, assim como em todo território nacional, vivia-se nos anos 1940 o que se denominou a "Era do Rádio". Este aparelho era na época um objeto de distinção social, seus vários modelos eram representativos de certo poder aquisitivo, mas a indústria radiofônica buscava modelos mais populares e mais acessíveis às diversas camadas sociais. Com o desenvolvimento das multifuncionalidades dos aparelhos eletro-eletrônicos, esse essencial meio de comunicação de massa passou a ser produzido com novas funcionalidades e potências, e também agregados aos toca-discos, como pickups e radiolas (*radi*o+vitr*ola*).

[17] TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**: americanização do Brasil na época da segunda guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Nos anos de 1950, o uso do rádio cresceu e o consumo deste aparelho se massificou. Os tipos iam dos mais simples ao mais sofisticados, como podemos observar no anúncio do Jornal O Povo de 1951 (Figura 1). Nos anos cinqüenta, a tecnologia alinhava-se ao desenvolvimento da comunicação em massa. Já havia tecnologias e equipamentos de ponta, mais modernos, que substituíam os rádios antigos, assim os modelos mais ultrapassados ficavam barateados no mercado e passavam a circular nas camadas mais pobres.

Figura 1 - Modelos de rádio *Mullard* em anúncio publicitário.
Jornal **O Povo**. Fortaleza, 27 mar. 1951, p.07.

Havia conseqüentemente uma gama de especialistas para reparar os rádios danificados, dinamizando esse setor comercial com a multiplicação de aparelhos e a complexidade dos mais modernos, que exigiam um maior conhecimento técnico para consertá-los nos “laboratórios”, como destacava anúncio do jornal “Unitário” de 1951:

> SEU RÁDIO PAROU?
>
> Não funciona bem? Leve-o ao Laboratório Star Universal, sito à rua Coronel Bizerril, 584, que será examinado e consertado por técnicos de real valor.
> O laboratório Star Universal mantém a seu serviço um quadro de técnicos especializados em consertos e montagens de rádios, transmissores e amplificadores, Laboratório Star Universal, rua Coronel Bizerril, 584, a 2 passos da Praça do Ferreira. [18]

Como o anúncio mostrava, são apresentados verdadeiros laboratórios para tratar esses delicados objetos cheios de peças e circuitos, que pareciam mais um corpo feito de fios, parafusos e peças especiais, onde apenas os técnicos especializados podiam realizar suas "cirurgias elétricas", com total eficiência e autoridade em seus locais especiais de trabalho, os "laboratórios eletrônicos".

Foi através desse meio de comunicação de massa que o governo de Getúlio Vargas durante o "Estado Novo" elaborou seu plano de integração nacional através das ondas de rádio, propagando sua ideologia nacionalista (Estadonovista). Neste momento, mais ainda a partir da entrada do Brasil na II Guerra (1942), houve uma intensificação das transmissões entre estes países. Era extensa a programação internacional, muito com notícias da Guerra e a promoção do intercâmbio cultural, como podemos constatar em notícias do Jornal "Correio do Ceará" de 1944 e na Revista "Ceará Ilustrado" de 1946:

> A emissora associada de Fortaleza transmitirá para o Brasil e as Américas...: um espetáculo inesquecível de puro americanismo – Show no Cocorote com Ilona Mossey.[19]

Por sua vez, a revista destacava:

> Assim, os objetivos do instituto Brasil-EUA no Ceará estarão sendo executados com maior eficiência, visando o estreitamento das relações culturais e sociais entre cidadãos brasileiros e dos EUA, pelo estudo e conhecimento dos seus problemas e ideais comuns. [20]

É notório, a partir das fontes supracitadas, o aumento do interesse não só pelos espetáculos e shows dos artistas e celebridades norte-americanas, mas

---

[18] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 05 jan 1951, p.06.
[19] Jornal **Correio do Ceará**. Fortaleza. 04 fev. 1944, p.06.
[20] Revista **Ceará Ilustrado**. Fortaleza, out. 1946, p.27.

também pelos estudos da sua cultura, principalmente da língua inglesa. Surgiram na época diversos grupos e agremiações, como o "Circle of English Conversation" e o "Hyphen Club", filiado ao Instituto Brasil–EUA no Ceará. Expressões como "footing", "street", "OK", "bungalows", "hall", "lobby", "bis", "club", "design", etc., passavam a permear propagandas (rádio, Jornais, Placas), marcas (produtos, logotipos, artefatos), notícias jornalísticas, conversas, passando a fazer parte do cotidiano na cidade, gerando, algumas vezes, até "neologismos", como no caso da base americana que ficou conhecida como Cocorote.

Esta nomenclatura advinha da aglutinação das palavras "Cocó" e "Rote" que era a conhecida Rota do Cocó, que levava até a base yankee, configurando, assim, uma espécie de "desvio lingüístico" em que as pessoas ao ouvirem os soldados sempre se referindo à "Cocó Rote", acabavam por associar a base militar ao nome "Cocorote". Mas é interessante destacarmos que em Fortaleza havia certa inversão desta tendência em "imitar" os estrangeirismos, pois ao realizarem-se novas palavras como "Cocorote", os próprios americanos passaram a utilizar dessa nomenclatura para referir-se ao local, tendo muitas vezes que "render-se" a um "danado cearês".

De suma importância é perceber os embates gerados em torno dessa influência e da penetração de novos costumes e valores dentro da sociedade fortalezense, pois os vários segmentos sociais criaram de formas diferenciadas a adoção de certos modismos. Instituição forte, presente e influente junto à sociedade cearense, a Igreja Católica se punha como principal combatente de muitas mudanças, vistas como mundanismos e maus costumes. Enquanto "vigilante" dos bons costumes e ferrenha crítica dos "modernismos", o jornal "O Nordeste" [21] possuía critérios para avaliar os filmes exibidos nos cinemas e as peças teatrais. Abrindo a secção intitulada "Cinemas e Teatros", era posto:

> Quer ir ao cinema ou ao teatro? Não se esqueça de recorrer a Censura de filmes e peças teatrais – Não se deve assistir a um filme ou a uma peça teatral sem ter a certeza de que seja pelo menos ACEITÀVEL. É questão de consciência.[22]

[21] Este jornal, diário e vespertino, era representante da Igreja Católica em Fortaleza. Ele foi fundado em 1922 e era o periódico com maior número de assinaturas na capital. De postura tradicional e moralizante, combatia os paganismos e os "desvios de comportamento" da boa índole cristã. Possuía uma secção diária intitulada "*Censura de Filmes e Peças Teatrais"*.

[22] Jornal **O Nordeste**. Fortaleza, 14 fev. 1942. Secção "Cinemas e Teatros".

Estes critérios qualificavam os filmes por seu teor de aceitação como: “filmes de pouca roupa”, “vida irregular dos personagens”, “aceitável com condições”, “para adultos de critério seguro”, etc., mas tais juízos de valores não se pautavam numa recusa ao americano e aos seus valores culturais, familiares e conservadores (Pátria, Fé, Família, etc.), nem à modernidade tecnológica e ao progresso material, mas à multiplicação dos “costumes avançados” veiculados pelo cinema, principalmente. Isso é percebido melhor analisando uma matéria do mesmo jornal “O Nordeste” de maio de 1940:

> Não é que se recuse o progresso e se ponha a margem o que nele há de aproveitável e mesmo de necessário. Mas é que a sabedoria está em conciliar a tradição com a inovação, em adotar as reformas sem prejuízo dos costumes vigorantes que não merecem ser abandonados.[23]

O Jornal “O Nordeste”, mesmo filiado à igreja católica, não tinha uma posição absolutamente engessada em relação às mudanças, haja vista que era necessária a reinvenção das tradições para que a Igreja não fosse superada, mas sem nunca esquecer a hierarquia, a moralização, o autoritarismo, etc. A Igreja pregava a união com o Estado e a Família para combater os excessos de uma modernidade não cristã, ameaçadora da ordem e dos “bons costumes”. Podemos ver, então, que muitas vezes esses costumes e práticas (ditos provincianos), que atrapalham o desenvolvimento material da cidade, eram os mesmos que a Igreja, numa visão conservadora e moralizante, procurava defender.

Fenômeno que é representativo deste conflito entre o provinciano e o moderno, e das condutas de comportamento, foi o das faladas “garotas Coca-Colas”.

> Eram um número de jovens cearenses que tinham amizades com os militares yankees postos na Capital cearense. Tinham, pois, acesso as festas e eventos nos escritório dos oficiais dos EUA, e assim ao famoso refrigerante americano a Coca-Cola. Que só viria a ser comercializada nas lojas cearenses apenas ao fim do conflito mundial. As “Coca-Colas” surgiram, simultaneamente, com a chegada dos soldados americanos que aqui instalaram uma base aérea, no alvoredo dos anos quarenta. Melhor dizendo, elas foram conseqüência da permanência daqueles militares yankess em nossa Capital. O epíteto “Coca-Colas” surgiu do fato delas terem o privilégio de tomar o famoso refrigerante americano que, aquela época, a gente só conseguia “saborear”, através dos filmes “made in Hollywood”. Também, por ser a “Coca-Cola” um dos mais conhecidos

[23] Jornal **O Nordeste**. Fortaleza, 09 mai. 1940, p.04. L.S. Secção “Pontos de vista...”.

> símbolos americanos. Em suma, foi alguma mulher feia e despeitada ou algum machão desiludido quem apelidou as atrevidas moças de "Coca-Colas". [24]

É interessante pensar essa associação de um determinado grupo de pessoas a um determinado objeto. A relação que aquelas garotas tinham com aquele objeto de desejo do consumo de muitos fortalezenses, ou seja, ter acesso ao refrigerante representante *mor* da cultura de consumo de massa norte americana e ao escritório dos oficiais americanos, logo fez com que fossem consideradas mulheres de "costumes avançados", "moderninhas" e até "assanhadas". Aquele objeto passou então a compor um universo de significações.

O processo de mescla cultural, principalmente com a (mal)dita "americanização", mas que, no entanto, desenrolou-se na capital cearense por muitos vieses e sem generalizações e homogeneizações, acabava por penetrar nas mentes e nos costumes locais e permeava gostos e opiniões dos fortalezenses através, sobretudo, do cinema Hollywoodiano, dos meios de comunicação de massa e da enxurrada de produtos importados vindos da América do Norte. A matéria do jornal "Correio do Ceará" apresentava certo costume das mulheres cearenses em mascar "Chicklets", assim como faziam as celebridades Hollywoodianas, como podemos ver abaixo:

> **Mascar "Chicklets":**
>
> Muitas mulheres acreditam que evita formação de papadas e fortalece as gengivas. Neste caso, tratando-se de um exercício com finalidade estética e corretiva, deveria ser praticado, exclusivamente, na intimidade do quarto ou do banheiro... E uma vez que tantas pessoas o consideram um costume impróprio e deselegante, não deveria ser executado em público.
> Um estrangeiro a quem este hábito era completamente desconhecido, ao observar, nos Estados Unidos, as estranhas contrações que tantos americanos executavam com os queixos, pensou que se tratasse de uma enfermidade facial epidêmica. E exclamou, em péssimo estilo, mas com certa graça: "pensei que era uma doença da cara!"
> Fazer o que nos dá na veneta, mesmo quando julgado inconveniente pelos demais, indica uma enfermidade bem mais grave – "doença do espírito e do caráter.[25]

[24] LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. 4ª Ed. Fortaleza: ABC, 1996.
[25] Jornal **Correio do Ceará**. Fortaleza, 23 abr. 1949, p.03. Secção: "A vida no lar".

Aqui ficava clara a influência de certos modismos e costumes norte-americanos nas práticas cotidianas dos fortalezenses que geravam alguns embates em torno dos costumes e comportamentos "aceitáveis" e "não aceitáveis". Pois o jornal, ao se referir ao hábito de mascar "chickets", focava sua crítica na forma e nos espaços apropriados para se realizar tal atividade, numa tentativa de disciplinar as práticas e as cingir com normas de comportamentos. Até os modismos, tão cheios de fascínio, deviam vigorar dentro dos parâmetros de conduta e dos "bons costumes" locais, com suas particularidades e conflitos.

Mozart Soriano Aderaldo nos relata uma pequena estória, quando constrói suas memórias sobre a Fortaleza antiga:

> O último bonde que demandava o Benfica devia regressar a Praça, às 9h30min da noite. O boleeiro e o condutor exaustos do trabalho do dia, dormitavam, aguardando a hora da volta, sendo certo que, no final daquela linha, no silêncio da noite provinciana, se ouvia nitidamente o badalar do relógio da Intendência. Acontecia que os burros, ao escutar o bater da hora, automaticamente, disparavam em direção à Praça do Ferreira, trazendo, ainda a cochilar aqueles dois funcionários através das ruas desertas.
> No bonde em que viajava, às vezes, o intendente municipal, era proibido expressamente a qualquer passageiro apresentar-se sem meias, mesmo que estivessem de chinelos ou ainda sem sapatos." [26]

Este relato ajuda a travar uma discussão sobre as formas como o tempo era percebido em Fortaleza, e as transformações nos ritmos de vida, em que mesmo os burros pareciam obedecer ao horário do relógio, numa ação automática. Para dialogar com a crônica apresentada acima, destacamos o periódico "Unitário" que apresentava um tópico a respeito das transformações ocorridas na Praça do Ferreira desde os anos de 1930:

> **A Praça do Ferreira**
>
> De 1930 para cá, quando começou a se sentir o nosso progresso e a formar-se a nossa mentalidade urbanística, a Praça do Ferreira entrou a constituir um ponto de preocupação permanente na contextura urbana de Fortaleza.
> O problema de nosso principal logradouro, em face de nossa vertiginosa evolução da "urbs" e das crescentes exigências do transito, invadiu as cogitações dos administradores municipais e tornou-se centro por excelências das discussões e estudos em torno da cidade.

[26] ADERALDO, Mozart Soriano**. História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada**. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 1993.

> Mas, somente agora, decorridos onze anos daquela data, saiu-se do terreno das discussões teóricas para o das realizações práticas, com as obras de remodelação que agora estão sendo executadas na Praça do Ferreira, com o fim de criar-se ali maiores espaços destinados ao trânsito.
> Venceu, assim, o ponto de vista daqueles que ultimamente defendiam a tése de que não havia necessidade de alargar-se a Praça, mas apenas de aproveitar-se racionalmente seu espaço já existente.
> Novas faixas de rolamento destinadas ao tráfego dos veículos vão ser abertas, em detrimento da avenida 7de Setembro, cuja área ficara sensivelmente diminuída.
> Sacrifica-se, dessa maneira, a tradição do antigo logradouro justamente considerado como coração da cidade, em beneficio do progresso.
> A Praça do Ferreira, como ponto de reunião de Fortaleza era conhecida de norte a sul do Brasil, através de um renome a que estava intimamente ligado ao espírito divertido e vivaz do cearense.
> Mas o progresso não tem alma. Não se deixa prender as razões de ordem sentimental. A picareta só visa o futuro. Nunca tem olhos para o passado. Por isso a Praça do Ferreira, de local de reunião que sempre foi, vai passar agora a ser por excelência local de transito e movimento. [27]

A Fortaleza dos anos 40 e 50 desejava e, em certa medida, vivia ares de modernidade. "Há cidades que procuram fugir do seu passado, destruir sua memória, como se isso garantisse sua identidade" [28]. O advento da modernidade trouxe rupturas e transformações nos costumes e valores vivenciados pelos sujeitos históricos. O cotidiano se entedia como repetição, rotina, continuidade, mas alguns pensadores contemporâneos sugerem o oposto, o cotidiano é, antes, mudança, ruptura, dissolução de culturas. Percebia-se uma coexistência de múltiplas temporalidades e um processo de diferenciação do cotidiano. A crítica, neste contexto, estava ligada ao fenômeno de urbanização e massificação. A cidade não se apresenta totalmente transparente e uniformizada, a própria cotidianidade da vida é um forte elemento de alteração do espaço e de transformação do ambiente.

Toda a implementação de um "moderno aparato tecnológico", automóveis/transportes, máquinas, edificações, ruas, praças e monumentos e, prioritariamente para minha pesquisa, os objetos (placas, semáforos, lixeiras, iluminação, bancos, cercas, etc.) suscitava sensações, percepções e a elaboração de representações para aqueles que vivenciavam o processo de mudança na cidade.

A cidade é um espaço de experiências sensitivas (visuais, auditivas, táteis, olfativas). Assim, a cidade se configura de tantas formas quanto sensações

[27] Jornal **Unitário**. 24 out. 1941, p. 04.
[28] REZENDE, Antonio Paulo. *Op. Cit.*

diferenciadas, provocadas de várias maneiras na vivência dos indivíduos nos espaços. Desse modo, passam a existir "pontos de referência para o leitor, mas também algo relacionado à permanência das formas do traçado urbano e das edificações (assim como dos objetos), ou mesmo a sua rápida transformação faz da materialidade dos núcleos urbanos um suporte da memória, recorte preciso com contornos apreensíveis, capazes de orientar o conhecimento ou o reconhecimento dos que por elas passam ou nelas moram" (parágrafo nosso). [29] Como objetos, placas, lixeiras, semáforos, bueiros, viadutos, passarelas, ou até mesmo o relógio da Praça do Ferreira ou um ponto de ônibus, podiam agir dentro desse sistema de referências da memória? O discurso oficial e modernizante em Fortaleza buscava instalar elementos de referência que demonstrassem seus sinais de progresso. Para isso, ergueram-se hotéis, lojas, restaurantes, monumentos, abriram-se ruas e instalaram-se aparelhos urbanos.

A discussão muito em voga na época do conflito entre provinciano e moderno demonstra os embates gerados durante esta tentativa de harmonização e homogeneização dos valores e costumes, práticas e usos. Podemos perceber melhor essa questão a partir de matéria do Jornal "O Povo" de 1943:

> Doe a constatação de semelhante atraso, que põe indisfarçáveis laivos de provincianismo em nosso progresso urbano. Fortaleza evolui materialmente, mas no que tange à educação pública aferrou-se a uma irredutível posição estacionária.
> Fortaleza hoje é outra os tempos risonhos da despreocupação provinciana já passaram. Se os novos prédios, ruas e avenidas dão-nos fórum de moderna capital, é como tal, isto é, como habitantes de uma moderna capital que devemos proceder.
> Impõe-se uma revisão de nossos costumes. [30]

Conforme observamos na notícia acima, havia certa contradição entre costumes e hábitos tradicionais e o movimento de modernização pelo qual passava a cidade, pois a modernidade era vista como sinônimo da velocidade e experiência de mudança rumo ao progresso, que tentava por vezes apagar velhos valores e práticas da sociedade. Como colocava a matéria: "*os tempos risonhos da*

---

[29] BRESCIANNI, Maria Stella M. **História e historiografia das cidades, um percurso**. Unicamp. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.
[30] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 20 abr. 1943, p.05. "Revisão de Costumes".

despreocupação provinciana já passaram", caberia aos fortalezenses outro tempo, um tempo da modernidade e desenvolvimento material da urbe, adotando novos valores e conceitos, estabelecendo outros ritmos e modos de vida. Pode se perceber até que ponto as diferentes vivências da cidade se apresentavam num choque de temporalidades e com um caráter ambíguo, trabalhando-se, portanto, como esses movimentos modernizantes e os costumes, hábitos e valores "provincianos" se excluíam e se ligavam.

Essas múltiplas temporalidades podiam ser comprovadas em muitos anúncios populares do Jornal "O Povo" em 1948:

> SÍTIO PARA VACARIA – Vende-se ou arrenda-se com ou sem casa, com estábulo, capinzal (fruteiras, água perene) Joaquim Távora,1603. [31]
> BURRAS Desaparecidas – Pede-se a pessoa que viu ou sabe notícias de 2 burras desaparecidas com a seguinte marca Z sendo uma melada e a outra castanha. Informar na Padaria S Tereza. Rua Santa Teresa, 610. [32]
> ATENÇÃO – Desapareceu da rua D. Manuel, 336 um carneiro branco grande. Gratifico se aqui trouxer ou der notícia na mesma casa. [33]
> SITIO – Arrenda-se, com estábulo, capinzal e coqueiral. A tratar na Visconde Rio Branco, 1641. [34]

Estes anúncios demonstravam que ao mesmo tempo em que um discurso e a gestão técnica da cidade buscavam estipular uma visão progressista, civilizada e moderna da Capital Cearense, conviviam com os novos ritmos de vida da cidade elementos que andavam na contramão desse processo que apregoava a velocidade e a urbanidade, trazendo para o cotidiano da "urbs" seres (burros, carneiros, vacas, cavalos, etc.) e práticas ainda rurais, interioranas, que se desenrolavam não só na região periférica, mas nas proximidades do movimentado centro urbano, disputando espaços com automóveis, bondes, pessoas e muitos aparatos de uma modernidade técnica.

Esses anúncios também deflagravam a existência de atividades delegadas às regiões rurais, demonstrando que a aquisição de água, do leite, das verduras e frutas, além de outros produtos de abastecimento essenciais e diários, era realizada junto ao desenvolvimento de manufaturas, fábricas e novos estabelecimentos

---

[31] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 13 fev. 1948, p.06. "Oportunidades"
[32] Jornal **O Povo.** Fortaleza, 29 jan. 1948, p.06. "Oportunidades"
[33] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 09 jan. 1948, p.06. "Oportunidades"
[34] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 23 jan. 1948, p.06. "Oportunidades"

comerciais. Essa mescla de temporalidades gerava conflitos e embates, convivendo num campo de constantes tensões sociais entre a dimensão do campo e da "metrópole", gerando disputas também na tentativa do poder disciplinador e homogeneizador de regularizar e fiscalizar esses serviços. Numa "província com arroubos de metrópole" [35], ainda eram mais que complementos para os serviços autorizados, eram o padrão de consumo das donas de casa que todos os dias recebiam à sua porta tais gêneros básicos do estilo de vida citadino, numa relação de maior pessoalidade com os próprios vendedores.

A matéria do jornal "O Povo" de 1951 permite maior adensamento da discussão:

> JÁ HÁ CARNE FRESCA À VONTADE! Viandada é a carne mais fresca que você pode comprar, porque é preparada e hermeticamente enlatada à vácuo, sob inspeção do Governo Federal. O fechamento à vácuo não permite contato com o ar, conservando, assim, todo o frescor original da carne! Feita de pura carne de vaca; temperada a brasileira, preparada especialmente para o nosso clima. [36]

Já havia uma industrialização dos gêneros alimentícios e bens de primeira necessidade e esses produtos já passavam a ser comercializados em Fortaleza. Quando o poder público passou a regularizar a produção e o consumo destes produtos, essa atividade passou a ser realizada por procedimentos técnicos, higiênicos e eficientes, e passava a existir um conflito e um embate com os meios mais "populares" e "simples" de produção da carne, verduras, leite, etc. Mas com os novos processos de conservação e embalo das mercadorias, isso não era mais problema. Podia-se enlatar e conservar qualquer tipo de alimento.

O anúncio descrevia o processo de enlatamento, demonstrando seu caráter higiênico e preciso (a vácuo), "*sem contato com o ar"* (meio contaminado). Contávamos ainda com a idéia de particularização dos produtos feitos para determinados usos em locais específicos, de acordo com seu clima (no caso, capacidade de conservação ou estragar) e exigências. Em matéria do jornal "Unitário" de 1941, a preocupação agora recaía sobre a questão do leite:

---

[35] SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Paisagens do Consumo...** *Op Cit.*
[36] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 29 out. 1951, p.05.

O PROBLEMA DO LEITE

Depois do problema da carne, a comissão de abastecimento vai atacar e resolver o problema do leite.
O problema do leite envolve sérios aspectos condizentes com a saúde publica. É, portanto, mais sério, mais importante e premente que o problema da carne vive, o qual, afinal de contas, limitava-se a um simples desajuste econômico.
Falando durante a reunião da Comissão de Abastecimento em que se tratou do caso, o Dr. Renato de Castro, antigo diretor do laboratório de exame do leite em São Paulo, declarou que esse produto era responsável por 75% da mortalidade infantil em Fortaleza.
Não é essa, alias, a primeira vez que se faz afirmação semelhante em nosso meio, onde o leite, impuro e misturado com água, já era apontado como maior causador da morte das crianças e de numerosos outros distúrbios verificados na saúde pública.
Realizando-se em condições absolutamente rudimentares, desde a ordenha nos currais a venda e entrega nos domicílios através de vasilhames antiquados e anti-higiênicos, o comércio do leite em nossa capital tinha necessariamente de ser um perigoso elemento vector de enfermidades fatais.
E essa situação haveria de persistir se não fossem as providências que agora se anunciam, tendentes a coibir as práticas obsoletas da venda do leite em Fortaleza, em benefício da adoção de processos modernos e científicos.
Em Recife, o serviço de pasteurização do leite, inaugurado não faz muito tempo, constitui uma das principais mostras da operosidade do prefeito Novais Filhos em favor da população.
Com o laboratório, que segundo noticiaram os jornais provavelmente será creado em Fortaleza, mediante a cooperação nesse sentido da Prefeitura e do Departamento de Saúde Pública do Estado, teremos dado também um grande passo no sentido de nossa libertação dentro da orbita dos princípios sanitários. [37]

Fortaleza enfrentava muitos problemas com a distribuição da carne verde e do leite, principalmente no controle de sua qualidade e ajuste de preços. A carne, como expressou a matéria, já era problema superado, pelo menos momentaneamente, mas o leite era alvo de constante preocupação da Prefeitura de Fortaleza, tentando regularizar seu serviço e controlar sua qualidade, que já era um grave problema de saúde pública (responsável por 75% da mortalidade infantil).

A matéria escrita acima requeria posições e investimentos da Prefeitura Municipal na solução desse grave problema e apontava o serviço e a técnica de pasteurização do leite como caminho, além da coibição de *"práticas obsoletas"* de venda do leite. Isso nos permite pensar um movimento de fiscalização e perseguição a produtores avulsos e artesanais, possuidores de pequenos sítios e vacarias, numa

[37] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 25 out. 1941, p.04.

crítica também aos vasilhames e meios de transporte destes, o que aponta uma precisa modificação nas formas de coletar, armazenar, tratar, distribuir e consumir esse produto básico.

O poder público passou a gerir e tentar regulamentar os serviços urbanos da capital, tais como telefonia, abastecimento. transporte, energia, água/esgoto, segurança pública, coleta de lixo, etc. A Prefeitura de Fortaleza investiu, geralmente de forma insuficiente e unilateral, no progresso técnico dos aparelhos e equipamentos urbanos. São semáforos, taxímetros, redes elétricas, postes, luminárias, arranha-céus e mesmo monumentos ("A Coluna da Hora"), entre muitos outros que compunham uma paisagem metropolitana da Fortaleza moderna desejada pela gestão técnica da cidade e os grupos empresariais e elitistas da sociedade. [38]

Não se pode deixar de perceber uma "invasão" da técnica também no meio rural. Bombas, tratores, colheitadeiras, descascadores, separadores de sólidos conviviam com bichos e instrumentos mais rudimentares. As máquinas pareciam bichos mecânicos que também requeriam cuidados e formas específicas de uso. Ao mesmo tempo em que os trabalhadores rurais tinham que lidar com vacas, cavalos e galinhas, tinham que operar máquinas pesadas e instrumentos mais sofisticados, requerendo um conhecimento técnico para a sua manipulação e manutenção. Devemos perceber então que não eram apenas elementos de uma realidade cultural e material do meio rural, do interior, que permeavam os modos de vida urbano, mas a técnica e o ritmo das cidades também incidiam nas práticas e costumes do campo.

Quanto à questão dos conflitos existentes entre práticas colocadas como "provincianas" e outras "modernas", o periódico "O Povo" de 1943 destacava:

> Dificilmente encontraremos tão harmoniosa confluência de circunstâncias tendentes a permitir-nos elaborar um novo código de vida em que poderiam desaparecer para sempre os pontos fracos dos nossos costumes, isto é, os nossos vícios, as nossas transigências, as nossas fraquezas. Nunca houve em nossa história uma fase tão propícia para combatermos a cachaça e os jogos... [39]

---

[38] O discurso racional e técnico procura gerir a cidade dentro de uma "consciência tecnológica que é a ciência da funcionalização universal, onde a natureza e o mundo se põem em função do outro, da auto-realização do ser homem. Funcionalizando a natureza de forma instrumental, o homem se coloca diante do mundo para solucionar problemas técnicos, mesmo na relação homem x homem. Há a geração de um processo de instrumentalização da vida". (OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Ética e racionalidade moderno**. São Paulo: Loyola, 1993)

[39] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 09 abr. 1943, p.01.

De acordo com a matéria, muitos viam esse movimento de progresso, modernidade e civilização como espaço e oportunidade de transformações que apagassem os elementos que maculavam a vida da sociedade fortalezense, mas, mesmo com bastante esforço, os sujeitos não submeteriam ao esquecimento de hábitos e práticas que permeavam o cotidiano e as relações de convivência dos indivíduos, principalmente os mais pobres, que tinham tanto no jogo como na cachaça, nos bares e nos botecos um importante meio de lazer e sociabilidade.

Tentando perceber o "não-dito" da matéria, podemos analisar os conflitos que permeavam um cotidiano contrastando um discurso modernizante e civilizador a outro provinciano e primitivo, justamente o combate a uma camada menos favorecida, os vagabundos, mendigos, a boêmia e a malandragem. Enfim, toda a discussão sobre produtividade, eficiência, salubridade, etc.

Assim, para além das questões travadas nos embates entre o dito moderno e o provinciano e as divergências e conflitos com relação à Segunda Guerra e um processo de mudança de paradigmas civilizatórios, baseado no "americanismo", procura-se, neste estudo, destacar também os processos de "reapropriação" cultural e as práticas inventivas travadas no cotidiano dos indivíduos que experimentavam a euforia e a ânsia do novo e do moderno.

Visto que a modernização não é um bloco homogêneo, que diversos setores da sociedade a interpretam de diferentes formas, podemos também problematizar como se davam esses embates sociais em torno do que poderia ser aceitável como um modelo e novo elemento da cultura local, e aquilo que era rejeitado. A cultura norte-americana se colocava como modelo dessa modernização que se pregava e que era veiculada junto à cultura local. Então, não podemos dizer que todo e qualquer produto de consumo, valores e costumes culturais, a própria moda e outros eram sempre bem vistos e aceitos por todos. Assim, pode-se analisar a partir de matéria citada no Jornal "O Povo" de 1942:

> Não seja escrava da moda: se for moda trazer a saia pelo joelho, mas suas pernas não puderem ser comparadas as de Marlene Dietrich, mande a costureira aumentar o comprimento do vestido. Isso provocará comentários menos freqüentes e mais favoráveis. [40]

[40] Jornal **O Povo.** Fortaleza, 30 jun. 1942, p.02. Seção *"Beleza Feminina"*.

Como podemos ver, havia até um tipo de combate aos modismos dentro dos critérios de avaliação gerados pela própria cultura local. Ao mesmo tempo em que se propunha transformar a moda estrangeira (mexendo e remexendo nas peças de vestiário), percebe-se que não havia uma recusa ao ingresso da moda e da novidade dentro da sociedade fortalezense; procurava-se fazer uma "política" de concessões e rearranjos, mesclando assim as culturas "*En face*". É em torno desse movimento modernizante que se engendrariam disputas de conceitos e práticas sociais.

Isso também transformou as relações estabelecidas entre consumidores e o setor têxtil cearense, sobretudo, com as costureiras, alfaiates, rendeiras, bordadeiras, sapateiros e outros profissionais do vestuário, que tinham um contato direto e uma relação mais pessoal com sua clientela, fazendo peças sob encomendas, ouvindo opiniões e pitacos, trocando idéias e se atualizando junto ao vaivém de tendências, modas e também gostos individualizados, seguindo formas e cortes, mas muitas vezes utilizando-se de bordados, estampas e traços referentes e influenciados pelo meio percebido e vivenciado no âmbito local (clima, paisagens naturais, matérias-primas).

Todo esse quadro de modernização, guerra e intercâmbio cultural trouxe novos hábitos e valores que foram experimentados de diferentes formas pelos diversos grupos sociais na cidade de Fortaleza. Na medida em que essa sociedade multifacetada foi sendo alvo da incisão de elementos de uma cultura externa, houve uma interação com os aspectos da cultura local, criando outro dinamismo social, com arranjos e rearranjos de valores, práticas, costumes, objetos, etc., dentro de um processo de "mistura" cultural. Eduardo Campos comenta em suas memórias: *"Por diante, a arremendo de novos hábitos, havia quem "afrontasse" a sociedade usando calcinha V8, pois o tecido dessa peça íntima, achatando as nádegas, fingia um V ressaltando...".* Ele continua: *"As mais impudicas metiam no porta-seios (ainda designados por califam) bicos de pão, um de cada lado, a fingir espertíssimos mamilos..."* [41]

[41] CAMPOS, Eduardo. **Inventário do Quotidiano:** breve memória da cidade de Fortaleza. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1996.

Esses tipos de mudanças de comportamento já vinham ocorrendo antes da década de 1940, mas a 2ª Guerra aproximou a política norte-americana à brasileira e intensificou as relações culturais e a comunicação de massa entre os países, com massiva presença dos modismos e do modo de vida americano, através do cinema hollywoodiano, além dos inúmeros objetos propagandeados. Algumas mulheres, como visto acima, já tinham a coragem de enfrentar os moralismos e os valores conservadores da sociedade fortalezense.

Era então este tipo de tática que as mulheres usavam para se enquadrarem nos novos moldes de beleza. Ao mesmo tempo elas criavam novos hábitos (pondo bico de pão dentro dos soutiens) tinham, porém, algum tipo de preocupação em manter a reputação e evitar as falácias tão comuns aos costumes "provincianos", pois mesmo buscando superá-las, estavam impregnadas por elas. Isso mostra que tal processo não foi uma ruptura, mas dialético a uma multiplicidade de valores e práticas. Então, foi notada uma tentativa de apaziguamento e certa adaptação do novo ao antigo, a preocupação com novos costumes, mas também com os velhos.

A partir daqui é interessante observar como práticas, hábitos e também inventos novos e antigos mesclavam-se e apresentavam, algumas vezes, tanto um caráter subversivo e de resistência, como também, muitas vezes, atendiam somente às necessidades mais práticas e imediatas dos sujeitos sociais, dando um novo significado e uso às coisas dentro das mesmas regras normatizadoras da sociedade. E muito, foi na tentativa da imitação onde se pôde desenrolar outra forma de fazer que pode ser observada num caso citado abaixo pelo memorialista Lopes em seu livro Royal Briar:

> Aí, lançaram a grande novidade: o plástico em forma de tecido, em peças de estampados canhestros. Mas que sensação! As mulheres não perderam tempo. Fizeram vestidos. E desfilavam na esquina da "Broadway"'. Mas, frustradas porque o vento não levantava suas saias para os "fius-fius" da rapaziada, nem uma leve brisa para refrescar lá embaixo. Jogaram os vestidos no lixo e só então descobriram que a novidade servia era para fazer cortinas de banheiro... [42]

Um incidente movimento de modernização se encontrava presente em diversos espaços da vida cotidiana. Era presenciada uma forte ascensão do consumo propagandeado no *"american way of life".* Gerou-se uma variedade de

[42] LOPES, Marciano. *Op. Cit.*

experiências em relação a essa modernidade, progresso e consumo; vão imbricar-se tipos modernizantes, desenvolvimento tecnológico e formas de consumo e uso das coisas. O acontecimento descrito acima permite observarmos as formas como essa modernização era vivenciada pelos diferenciados grupos sociais. Na situação que se desenrola, um tanto quanto cômica, ficam aparentes os desencontros e desvios desse percurso tortuoso e imprevisível da modernidade que se desenrolava junto às multiplicidades e especificidades da cultura local. Nas palavras de António Luiz: *"Sua capital progressista e civilizada continuava entremeada por uma multidão de sujeitos sociais um tanto alheios ao projeto hegemônico, cujas reações seriam as mais diversas..."*. [43]

Marciano Lopes ainda conta outro caso que ajuda a compreender melhor o universo, conturbado e cheio de contratempos, desse processo de transformações culturais e dos usos dos objetos dessa modernidade tecnológica. Ele diz:

> Certa noite, lá em casa, lembro como se fosse agora. Aurea chegou como uma notícia estaparfúdia: os americanos tinham inventado uma "meia de vidro". Seria tão fina e transparente que podia ser lavada e usada a seguir, pois, sua secagem era instantânea. E ela, que usa meias quase permanentemente, seria das maiores beneficiadas com o novo invento. Então, as tais meias apareceram nas lojas e a minha decepção foi enorme, pois, desde que ouvira falar nas ditas "meias de vidro", matutava, imaginando como que era possível. Na minha visão de menino de onze anos, seria algo como enormes copos em forma de pernas humanas. Mas, e as dobras dos joelhos? E os movimentos dos pés? E quando levasse pancada forte e se quebrassem? Pra mim, aquilo não era vidro coisa nenhuma.
> As meias de nylon chegaram, fizeram furor, as tradicionais meias de seda foram encostadas, as mulheres tinham prazer em ostentar a novidade que mostrava até os poros das pernas. Uma sensação! As vitrines mostravam as raridades, como se fossem jóias preciosas. [44]

A estória contada acima, assim como a anterior, permite refletirmos acerca das sensações e percepções relacionadas ao surgimento estonteante de novos materiais, como o plástico e o nylon. Este último logo foi percebido e significado pela imaginação e fabulação do garoto de 11 anos ao ouvir a irmã se referir a "meias de vidro", especulando suas características e possibilidades reais de uso, mas logo a confusão lingüística gerada num vórtice de apreensões, resignificações e comunicações revelou-se numa novidade de características e aparências

[43] SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Paisagens do Consumo...** *Op. Cit.*
[44] LOPES, Marciano. *Op. cit.*

diferenciadas, mas não sem deixar de ressaltar sua completa transparência (*"...a novidade que mostrava até os poros das pernas"*), tal qual o vidro.

A propaganda exposta ao lado, retirada da Revista Fatos & Fotos [45] no ano de 1967, continua a reforçar tamanhos descaminhos e imprevisíveis formas de usos dos novos materiais e padrões utilizados nas modernas confecções. Apresentados como produtos de ponta, estas peças eram representantes das últimas inovações da moda no vestuário (Figura 2). A marca do ferro sobre a calça de vinco e a afirmativa da frase: *"Bem feito! Quem mandou querer tirar o vinco de Nycron!"*, na tentativa de retirar o risco que marca o tecido e dá seu ar original, mostra a existência de indivíduos que ainda andavam na contramão da rapidez de transformação e diversificação da moda. Não percebiam suas nuanças, presas a detalhes que caracterizavam e eram a completa graça do diferente e novo estilo, então nada mais "certo" do que tentar retirar o que parece um amassado ou uma falha no tecido.

Figura 2 – Propaganda de calça NYCRON.
Revista **Fatos & Fotos**. Ano VII, Nº 333. Brasília, 17 jun. 1967.

Objetos, artefatos, produtos, aparelhos, equipamentos, instrumentos, utensílios constituíam focos de rápidas e constantes inovações que eram moldadas e exigidas, assim como moldavam e exigiam, pelas condições materiais engendradas num contexto particular das relações sócioculturais desenroladas no cotidiano dos citadinos fortalezenses, assim como dos modos de vida destes. O Jornal "Unitário" expunha os seguintes anúncios, em 1959: "N*OVA beleza para seus*

[45]Revista de circulação nacional, produzida em Brasília. Existe um considerado montante de exemplares na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, o que significa uma circulação significativa deste periódico na capital cearense. É uma revista moderna, composta, sobretudo, de anúncios, artigos e notícias.

cabelos com a nova tintura ROUX Agora em tubos... e em forma de creme...” [46] E n’outro: *“Agora MAX FACTOR apresenta a maquilagem cremosa que se aplica tão facilmente como seu batom! PAN-STIKK.”* [47]

Como observado nos anúncios apresentados aqui, o fabricante recriava tais produtos sob outra textura e em novas embalagens. Logo, indiciaremos mudanças processadas, multiplicando e modificando objetos e produtos dentro do universo feminino dos salões de beleza e da estética corporal relacionado, mais uma vez, à moda e à beleza, como também as suas práticas de consumos e usos cotidianos. É viável pensar que no momento em que se passava a utilizar esses produtos (remodelados com novas consistências e embalagens), cabeleireiras, senhoras e senhoritas operaram diferentes formas de aplicá-los, assim, engajando a criação de outras peças, acessórios e objetos para auxiliar na sua aplicação e remoção como pincéis, esponjas, lápis, recipientes, bastões, etc. Importa também perceber que possíveis instrumentos e objetos passavam a ser descartados para sua utilização, como no caso da “*maquilagem cremosa que se aplica tão facilmente como seu batom*”, e provavelmente inutilizava recipientes, pompons, bastões, pinceis e outros instrumentos auxiliares na aplicação.

Este é um ponto onde podemos discutir como e com o que se consumia e se faziam certas práticas, não só produtos de beleza, mas alimentos, remédios, aparelhos, etc., como utilizamos objetos para manipular produtos e outros artefatos. Objetos gerando objetos, modificando serviços e formas de fazer, que também ao mesmo tempo criam, transformam e descartam objetos.

1.2 – O Saber Técnico: Entre Autorizados e “Não-Autorizados”

Ponto relevante foi a proliferação de acessórios e multifuncionalidades que ampliaram o universo tecnológico dos aparelhos e tornaram o saber mais específico e complexo. Os objetos são reinventados e modificados, algumas vezes sem alterar suas funções principais, mas incorporando funcionalidades mais complexas. E o mais importante aqui é atentar para o fato de essas transformações permitirem a

[46] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 19 mar. 1959.
[47] Jornal **Unitário.** Fortaleza, 08 abr. 1959, p.06.

ascensão de novos trabalhadores e serviços especializados gerados a partir de suas novas características, acessórios e multifuncionalidades. Engenheiros elétricos, mecânicos, hidráulicos, reparadores, operadores, demonstradores e outros. Não obstante, vemos através dos jornais da época rápida proliferação de estabelecimentos e serviços mecânicos e elétricos. Anúncio do Jornal "Unitário" de 13 de fevereiro 1951 destacava:

> SERVIÇO MECÂNICO ESPECIALIZADO – mantenha a sua máquina de costura em perfeitas condições. Chame periodicamente o "Serviço Mecânico Singer" para uma inspeção, limpeza e lubrificação de sua máquina. Não se confie em curiosos e naqueles que se dizem "ex-mecânicos da Singer". COMPANHIA SINGER.[48]

O exemplo citado no anúncio demonstra a forma como tais serviços eram oferecidos, dando ao consumidor uma idéia de certo cuidado com aparelhos e maquinas mecânicas e elétricas, colocando como essencial a necessidade de manter a eficiência operacional do equipamento e de constante manutenção e reparo a favor do serviço especializado em detrimento dos "*curiosos*" e "metidos". Mas também indica que muitos reparos e consertos eram oferecidos e realizados por estes trabalhadores "não-autorizados" e "não-especialistas", o que provocou um embate entre estes profissionais, pois a própria propaganda avisava aos consumidores para não confiarem nestes serviços oferecidos avulsamente, sem autorização e nas portas das residências.

A institucionalização dessa autoridade técnica especializada se expressava, pois, em conflitos sobre as funções na profissão, entre o "artesão", o técnico e o engenheiro, ou mesmo sobre a racionalidade dos processos e dos materiais utilizados. "Um dos esforços dos engenheiros, dos inspetores de manufatura, dos acadêmicos, dos militares era o de questionar as práticas dos artesãos, de impor critérios e normas correspondentes, além de buscar desautorizarem tais *"maitrês"*. [49] Podemos analisar algo semelhante ao que diz Daniel Roche ocorrendo em Fortaleza ao destacarmos o seguinte trecho do anúncio acima: "*Não se confie em curiosos e naqueles que se dizem 'ex-mecânicos da Singer'* ".

---

[48] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 13 fev. 1951, p.06. *"Oportunidades*".

[49] ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX / Daniel Roche; tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Com o aumento desses serviços especializados no saber técnico de operacionalização dos objetos e aparatos da modernidade, gerava-se uma procura por trabalhadores aptos ao serviço, o que fazia surgir ao mesmo tempo outros serviços exclusivos para capacitação e auxílio (suporte) daqueles. Podemos destacar dois anúncios do jornal "Unitário" em dois momentos diferentes, mas que apresentavam a continuação dos serviços técnicos, sendo o primeiro no ano de 1950 e o segundo em 1959:

> Senhores eletricistas a Eletrotecnica-Hertz executa com rapidez e eficiência reparações e enrolamentos em dínamos, transformadores, motores e aparelhos elétricos em geral. Orientação dos eletricistas: Salomão Feitosa e Antonio Pio. [50]

O outro anunciava:

> Serviço Especial de Engenharia Sanitária – Aviso
>
> O Serviço Especial de Engenharia Sanitária do Ceará, promoverá no início de novembro vindouro a abertura do curso de Perfuradores, que terá a duração de 6 meses.
> Será feita a seleção de candidatos, os aprovados serão aproveitados
> Os candidatos deverão possuir os seguintes requisitos:
> a) – Quites com o serviço militar;
> b) – Saber ler e escrever;
> c) - Poder viajar;
> d) – Ter alguma experiência com motores e perfuratrizes;
> e) – Gozar de boa saúde;
> f) - Idade exigida de 20 a 32 anos;
> Número de vagas 5, tratar com Eng°. Barbosa à rua 25 de Março, 780 – das 8 às 10 horas e das 13 às 15 horas. [51]

Aqui podemos ver como se ofereciam estes serviços para atender às necessidades dos próprios trabalhadores e prestadores de serviços, ainda que do mesmo ramo (caso do eletricista). É observável também como nos exemplos citados ambos os serviços se dirigiam a profissionais que já possuíssem algum tipo de conhecimento da área, o que demonstra o nível já elevado de especialização e ramificação de alguns serviços, arriscando certa "divisão do trabalho".

O primeiro anúncio acaba por indicar práticas e formas de trabalhos realizados pelos pequenos eletricistas que realizavam suas tarefas apoiados por um

[50] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 25 abr. 1950, p.06.
[51] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 17 jul. 1959, p.08.

suporte técnico, muitas vezes de maior porte industrial e comercial, prestando auxilio quando aqueles se encontravam desprovidos de alguns equipamentos e máquinas mais sofisticadas e caras, e realizando, pois, parte do serviço prestado ao consumidor final. E o segundo aponta para a crescente necessidade de capacitação profissional de trabalhadores avulsos, tanto quanto representa o constante surgimento de escolas técnicas, programas de capacitação, escolas de aprendizes, cursos profissionalizantes que passavam a ser, junto às exigências de um novo mercado profissional, prerrogativa essencial à capacitação técnica dos empregados.

Uma enxurrada de mercadorias, objetos e equipamentos, por sua vez, modificavam uma série de atividades e ofícios, além de possibilitar o surgimento de inúmeros profissionais especialistas e, conseqüentemente, serviços afins. O conhecimento ficava cada vez mais específico, era necessário certo saber, muitas vezes de ordem técnica, para manusear, manter e reparar os novos artefatos e equipamentos modernos.

> Tinha gente só para consertar armações de sombrinhas, aspas emperradas de tanto abrir e fechar. Mas nada difícil de reparar. Os especialistas, que existiam para acudir em tudo, vinham à porta, da mesma maneira como faziam os vendedores... A listagem desses prestadores de serviços em domicílio era bastante alentada. Artesãos para tudo. Chegavam à porta, em determinados dias da semana, qual sapateiro, o homem de soldar panelas, o amolador de facas... esse era um espetáculo à parte, pois para alegria dos meninos punha a pedra de amolar a girar com maestria que ate parecia artista de circo. [52]

Para a imensidão de objetos (destacando alguns: enceradeiras elétricas, barbeadores elétricos, máquinas de costura automática, vitrolas automáticas, tecidos, brinquedos, ferramentas, utensílios domésticos, produtos de saúde e beleza, etc.) e seus vários acessórios e suportes (destacando uma série de variações de agulhas, lâminas, motores, ganchos e alças, encaixes, peças, polias, porcas e parafusos, etc.), surgia uma imensidão de *maitrês* e consertadores especialistas. Esses sujeitos deram novas dinâmicas a determinados setores de serviços e ao próprio cotidiano dos bairros e residências atendidas.

Cada especialista tinha seus instrumentos e uma forma diferenciada de fazer seu trabalho. Como ressaltou Eduardo Campos na citação acima, o amolar de facas

[52] CAMPOS, Eduardo. *Op. Cit.*

era um show à parte. Seu trabalho com a roda de amolar agrupava inúmeros garotos e lhes trazia momentos de lazer e diversão. Geravam-se, entre os profissionais do reparo e a comunidade, novas e diversas relações sociais e de trabalho. Tais atividades traziam à tona permanências ou mudanças nos hábitos e práticas. É preciso buscar saber quais as profissões e ofícios que surgiram na cidade no período estudado e também as mudanças que ocorreram nos antigos serviços em face das novas formas de consumo.

Esse riquíssimo universo material, com a multiplicação de objetos permeando o cotidiano das relações culturais em Fortaleza, principalmente a partir da década de 1950, veio trazer também alterações nas formas de comercializá-los, expandindo uma nova rede de vendedores em domicílio, e também profissionais para operar, fabricar, limpar e consertar toda essa variedade de artefatos com novas habilidades.

Mas cabe ressaltar que ocorreu uma mudança no perfil desses vendedores, sobretudo pelos tipos de produtos que se anunciavam porta em porta, assim como os serviços que passavam a ter maiores controles governamentais e passaram a ser distribuídos pela gestão técnica de organização e solução das questões e problemas urbanos. Não era raro vermos anúncio nos jornais procurando *"Moças ou rapazes – vendedores em domicílio para o melhor leite de beleza do mundo..."*. [53]

Produtos de beleza, utensílios domésticos (pratos, raspadores, cortadores, moedores, etc.), quinquilharias passavam a ser o alvo dos novos vendedores ambulantes, enquanto os velhos carroceiros, aguadeiros, verdureiros, leiteiros e outros passavam a ser de certo modo "perseguidos" e fiscalizados, numa tentativa do poder público uniformizar e regulamentar esses serviços de ordem essencial, mas que precisavam obedecer aos cânones modernos para se diferenciar do meio rural.

Uma historinha do mesmo ano de 1955 no jornal "Unitário" pode nos dar alguns indícios sobre como era a relação, pelo menos em parte, dos vendedores em domicílio e seus clientes. No quadrinho chamado "Proezas de Dona Lalá" [54], um senhor bate à sua porta oferecendo uma pá para vender, dona Lalá o manda embora já chateada com sua conversa e então o vendedor volta à casa por um

[53] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 19 jan. 1955, p.06.
[54] Este quadro era uma tira diária de viés humorístico publicada no jornal "Unitário", trazendo causos diários enfrentados pela personagem Dona Lalá.

buraco que ele faz com a pá [55]. Isso é significativo para percebermos a proliferação destes tipos de vendedores e até mesmo a diversidade de coisas que eles ofereciam, muitas vezes com muita insistência e astúcia. Mas é importante lembrar, os trabalhadores que se utilizavam dos novos materiais que constituíam os objetos e questionar sua forma de trabalho, a relação com os objetos e materiais que utilizavam e também com o próprio cliente-consumidor.

É interessante então pensar o mercado informal como espaço penetrado por esse movimento modernizante, que expressava anseios consumistas e apelava para técnicas de sedução das mercadorias para diferentes públicos. Vejamos uma matéria do jornal "Gazeta de Notícias" de 1949:

> RESTAURANTE AMBULANTE - De propriedade do Sr. Lourival Rebouças, anda pelas ruas de fortaleza, um higiênico e bem aparelhado restaurante ambulante.
> Trata-se de um aparelhamento de impecável asseio e com distribuição independente de modo que o artístico tabuleiro há dispositivos para colocar peixe, galinha, camarão, pastéis de carne e etc.
> É uma inovação sobremodo útil ao nosso meio.
> E por preços populares. [56]

O anúncio acima se refere ao restaurante como um tabuleiro "*higiênico"* e bem "*aparelhado"*, dotado de "*dispositivos"* compartimentados onde se realizariam funções diferentes de armazenamento, e ainda coloca-o como "*útil invenção ao nosso meio*". Assim, o tabuleiro apresentava certo aspecto de engenhoca, representando notabilizado restaurante ambulante que perpassava as rodas de bate-papos e os logradouros principais da cidade, conquistando e simpatizando sua clientela, mesmo que fosse pelos *"preços populares*".

No mais, podemos também problematizar o mercado de especialistas, técnicos-eletricistas (ou "curiosos"), que se estabelecia em função da crescente importação e consumo dos novos produtos. Como vimos anteriormente, havia embates e conflitos, diferenças e especificidades que se davam numa suposta categorização destes trabalhadores, técnicos autorizados, o saber competente e os "conserta tudo". Viriam ser muitas as lojas especializadas em manutenção destes produtos e equipamentos, por isso é importante levantarmos questões pertinentes à

[55] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 01 abr. 1955, p.01.
[56] Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 04 out. 1949, p.05.

dinâmica destes serviços, dos trabalhadores e dos próprios objetos. Tentamos trilhar caminhos pelo cotidiano desses trabalhadores, que muitas vezes andavam de porta em porta oferecendo trabalho, prática que ainda é observada, mas com ressalvas, como as sentidas no quadrinho de Dona Lalá. Podemos encontrar indícios disso numa reportagem editada no periódico "Unitário" em 1950:

> Marginal recebe máquinas para concertar e desaparece para sempre... andava de porta em porta atrás de "serviço" dizendo: "transformo essa máquina numa Singer novinha"; mas no fim acabava vendendo as peças da máquina... [57]

A notícia acima indica que os consertadores em domicílio tinham certo prestígio e confiança perante as famílias, estabelecendo redes de contato e sociabilidade, mas ao mesmo tempo gerando espaços para golpes e furtos. Como vimos na tira em quadrinhos, feita cinco anos depois, já se havia receios com relação aos serviços oferecidos na porta de casa. Este distanciamento e mudança nas relações de prestações de serviços foram provocados também por um aumento abusivo na quantidade e nas formas de vender produtos nas casas.

A partir da existência desses serviços se criavam espaços também para a práticas de delitos e crimes. Cada objeto passava a caracterizar determinado serviço, constituindo novas aberturas, gerando aproveitamentos e práticas, mesmo que de roubo.

Desse modo, a assistência técnica especializada (oficial, legítima) passou a fincar argumento sobre a importância de se preferir os serviços autorizados. Outro serviço – o telefônico –, usado por alguns fortalezenses, também foi fundamental para a diminuição dos vendedores em domicílio, pois alguns produtos já eram encomendados pelo telefone.

O saber técnico propagado pelo fervor da Guerra se apresentava nos diversos equipamentos urbanos, e mesmo nos artefatos e utensílios utilizados pelos indivíduos. Muitos destes eram agora manuseados por procedimentos operatórios que requeriam quase sempre conhecimentos específicos. A eletricidade se colocava como a força que acelerava os ritmos de vida e fazia possíveis muitos sonhos de conforto, praticidade e eficiência. Essa ascensão da técnica e o discurso de um

[57] Jornal **Unitário.** Fortaleza, 26 abr. 1950, p.08.

progresso científico e tecnológico, aquecidos por um período de guerra, fizeram um casamento mais que apropriado com o surgimento de uma sociedade de consumo. Os aparelhos elétricos multiplicaram-se e passaram a fazer parte do cotidiano de empresas, indústrias e lares das famílias mais ricas e até mesmo de menor renda, já que existiam facilidades de compras, como as vendas a prestações e os anúncios de oportunidades nos jornais.

Estes novos aparatos urbanos, equipamentos eletro-eletrônicos, os artefatos de uma modernidade técnica constituíam uma gama imensa de objetos complexos e parafernálias que juntos geraram uma rede de especialistas (ou não). Foram muitos os anúncios nos jornais da época de aparelhos eletro-eletrônicos, como vitrolas, geladeiras, fogareiro, ventiladores, aspiradores, enceradeiras, bombas d'água, mas também eram comuns geradores, baterias, pilhas e fornecedores de energia. Estes anúncios de eletro-eletrônicos são fundamentais para percebermos a enxurrada de produtos utilizados à energia elétrica que nos chegavam e como a idéia de velocidade e praticidade se encontrava espalhada por uma gama de objetos domésticos, pessoais, do trabalho, etc. É interessante pensar como se anunciavam estes e como se tentava argumentar uma necessidade real para sua aquisição, sempre falando em economia de tempo e esforço, como estes produtos eletrônicos transformavam a dinâmica do cotidiano e geravam novos costumes, práticas, idéias e outras formas de usos.

Era nas programações da maior estação de rádio de Fortaleza, a afamada PRE-9, que se irradiava pelos ares da "urbs" toda essa ideologia americanizada-modernista juntamente aos novos produtos industrializados e importados. Mas o próprio aparelho radiofônico era foco de constantes transformações e inovações, apresentando cada dia mais uma "família" bem maior e de maior complexidade tecnológica, com novas fontes de energia, funções, potência, etc.

Figura 3 – Rádio VOLTIX.
Revista **Fatos & Fotos.** Ano II, Nª 93. Brasília, 10 nov. 1962.

Mas o que deve chamar nossa atenção pode ser explanado a partir de propaganda ao lado (Figura 3) da Revista Fatos & Fotos de 1962. Passamos, então, a associar uma série de gestos e manias a muitos objetos, o gesto ligado ao hábito de ouvir o radinho de pilha ao ouvido logo dá pistas de práticas e aprendizados do corpo que se ajusta ao universo simbólico dos objetos, sendo gestos e sensibilidades corporais muitas vezes representantes de uma relação contínua com os artefatos cotidianos.

Assim, alguns produtos e objetos tornaram possíveis gestos e práticas. Outra propaganda divulgada pela mesma revista no ano de 1961 anunciava:

> AGORA!... Pessoas que usam dentadura podem comer de tudo, aplicando CO-RE-GA. O pó fixador CO-RE-GA mantém firme a dentadura e evita a irritação das gengivas. Agora V. pode comer tudo. V. poder rir, falar e até espirrar... com segurança e tranqüilidade. Experimente agora o novo pó fixador CO-RE-GA. [58]

No anúncio acima, ficam claras as possibilidades de ações que podem passar a ser realizadas com maior segurança e confiança; pessoas que tinham receio de usar dentaduras pela difícil fixação na boca, ocasionando situações constrangedoras, podiam "*rir, falar e até espirrar*". O novo fixador CO-RE-GA era em pó e evitava irritações da gengiva, transformando as formas de aplicação de fixadores dentais, geralmente em creme, em simples pitadas do novo pó, além de evitar doenças bocais e transtornos de saúde.

O clima beligerante, apresentado em certos aspectos da vida cotidiana em Fortaleza no período da II Guerra, mas que se estendeu ao período chamado "Guerra Fria", também era usado como elemento de convencimento e propagandeador de produtos e objetos. O jornal "O Povo" de 1951 exemplificava:

> CRIADO PARA UMA ELITE, usado por mais de 50% dos aviadores de guerra da famosa RAF. Automático – superprotegido – à prova de choques: O novo e notável Omega Seamaster – a versão civil do cronômetro dos aviadores de guerra – foi provado mais resistente nas mais duras experiências por que já passou um relógio. Esteve nas regiões árticas, nos trópicos, e nos desertos, enfrentando seu ardente calor e seu vento carregado de finíssima e penetrante poeira. E nada abalou seu mecanismo de alta precisão!... Omega Seamaster é anti-choque, impermeável e automático... [59]

---

[58] Revista **Fatos & Fotos**. Ano I, Nº 33. Brasília, 16 set. 1961.p.19.
[59] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 23 out. 1951, p.03.

O anúncio acima permitia vermos essa utilização do mercado ao explorar o universo da Guerra como vantagem ("*usado por mais de 50% dos aviadores de guerra da* ***famosa RAF***") para alguns objetos divulgados e também fazer associações fetichistas aos heróis de guerra, assim como colocar sua prova de resistência às adversidades da guerra pelas quais passou o relógio no pulso dos aviadores, diminuindo as dificuldades, comprovando assim toda sua resistência e eficácia. "Automático", "anti-choque", "impermeável", etc. A técnica atingiu uma automação da produção nos artefatos "modernos". Os objetos já auto-funcionam, acumulando a idéia da praticidade e comodidade colocadas como imperativo dos "modos de vida da modernidade".

O saber técnico propagado pelo fervor da Guerra apresentava-se nos diversos equipamentos urbanos, engendrados nas tessituras sócioculturais da sociedade fortalezense nas décadas de 1940-60, e mesmo nos objetos, artefatos e utensílios utilizados pelos diferentes sujeitos sociais.

Muitos desses aparelhos e artefatos eram agora manuseados por procedimentos operatórios que requeriam quase sempre conhecimentos específicos de seus sistemas funcionais. Mas ao mesmo tempo, também havia uma tentativa de simplificar o uso, para facilitar a utilização e tornar mais comerciais e competitivos os aparatos da moderna tecnologia.

Equipamentos e objetos estavam em constante transformação. Havia novos modelos, com novas vantagens e utilidades. *"Veja é automática. Basta enfiar um disco na abertura e toca! Assombrosa novidade Philco. Não precisa trocar a agulha"* [60]. Estes aparelhos pronunciavam a praticidade e utilidade como algo que parece funcionar sozinho. Os novos objetos que surgiam vinham alterar também as práticas de uso dos objetos pessoais, sempre economizando tempo, procurando resultados mais completos, cômodos e eficazes. Em Fortaleza, o Jornal "O Povo" apresentava anúncio de aparelho de barbear no dia 30 de janeiro de 1948:

> É parecido... mas é MUITO MELHOR!
>
> SEGURANÇA! SUAVIDADE!RAPIDEZ! ECONOMIA!

[60] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 22 jan. 1947, p.01.

> A primeira vista, o novo gillette TECH assemelha-se aos antigos aparelhos de barbear. Mas, experimente-o. Gillette TECH oferece maior proteção pros cortes... distende a pele assegurando assim um barbear mais suave e perfeito... impede a trepidação da lâmina... não acumula espuma e sua limpeza é feita mais rapidamente. [61]

Observa-se pelo anúncio acima que muitos objetos aparentavam semelhanças e formavam uma espécie de modelo material (molde artesanal), mas diferenciado nas suas qualidades, possibilidades e praticidades de usos (*"É parecido... mas é muito melhor!"*). Suas vantagens apontam para necessidades aplicadas aos "novos modos de vida moderno" com economia, rapidez, segurança e comodidade. No ano de 1963, o Jornal "Gazeta de Notícias" anunciava outra propaganda de barbeadores elétricos:

> BARBEADORES ELÉTRICOS – **PHILISHAVE PHILIPS VALEM DIAMANTES**
>
> PHILISHAVE é o mais moderno dos barbeadores elétricos. Para ele não há barbas difíceis. Com PHILISHAVE você se barbeia de maneira rápida, fácil e cômoda, sem irritar a pele. As lâminas do barbeador elétrico PHILISHAVE se auto-afiam em funcionamento, estando sempre em ótimas condições de corte.
>
> RAPIDEZ – As lâminas do PHILISHAVE giram com velocidade de 8.500 r.p.m., bem maior, portanto que as dos barbeadores elétricos comuns e operam, em cada volta, numa área 40% mais extensa.
>
> PERFEIÇÃO – o cabeçote do PHILISHAVE possui 120 ranhuras para corte dos pelos compridos e 240 micro-orifícios para corte dos pelos curtos, proporcionando, por isso, perfeito escanhoamento.
>
> COMOSIDADE – A elegante e anatômica do PHILISHAVE se adapta com maravilha plasticidade a palma da mão, facilitando assim a correta posição do cabeçote de corte sobre o rosto. [62]

O (super) barbeador elétrico vinha divulgado como sendo cheio de inovações, funcionalidades e praticidades, anunciando uma tecnologia de ponta como elemento sedutor, autorizador da eficiência e qualidade do artefato. O aparelho possuía propriedades "miraculosas", podendo afiar-se sozinho, operar sobre áreas mais extensas, sem escapar fio algum, longo ou curto, adaptando-se ainda perfeitamente ao corte e seus usos.

---

[61] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 30 jan. 1948, p.04.
[62] Jornal **Gazeta de Notícia**. Fortaleza, 15 dez. 1963, p.07.

Os dois objetos divulgados nos anúncios supracitados surgem como fantásticos aparelhos da tecnologia que anunciava uma modernidade arraigada a um universo operacional, engenhoso, maquinário. Mostravam seus dispositivos microscópicos que pareciam funcionar com perfeição e harmonia ao mesmo tempo em que anunciavam sua simplicidade e facilidade de uso. Atenta-se para um mundo invisível de peças, porcas, parafusos, circuitos, etc., partes fundamentais na composição de um todo estrutural que permitia o perfeito funcionamento do complexo aparato moderno, tecnologicamente estudado e fabricado e que conseqüentemente necessitava de certo saber técnico para manutenção e consertos. Uma propaganda de tinteiro divulgada no jornal "O Povo" de 1948 ajudou a expandir a criação de novos produtos e serviços:

> Somente **Quink** possui o ingrediente protetor solv-x. Protege as canetas de quatro maneiras:
> - Eis como solv-x na Quink evita os desarranjos das canetas:
> 1. Elimina os entupimentos e as formações gomosas.
> 2. Limpa a caneta a medida que escreve.
> 3. Expele os sedimentos deixados pelas tintas muito ácidas.
> 4. Evita a corrosão do metal e o apodrecimento da borracha.
>
> A escolha da tinta é muito importante porque as tintas comuns muito ácidas são as causas de 65% dos desarranjos das canetas, assim sendo, proteja sua caneta com Quink, a única que contem solv-x. 4 cores permanentes e 5 laváveis. [63]

Não só os objetos por si, mas os produtos e materiais criados como suplementos e/ou extensão desses objetos, como os tinteiros para canetas, parecem "elementos mágicos" que resolvem de forma misteriosa, através de métodos químicos, os problemas mais comuns de funcionamento dos aparelhos sem esforço algum, como o próprio funcionamento da caneta, no caso citado acima.

Mais dois anúncios do jornal "Unitário" fazem refletir um pouco mais sobre a questão dos objetos gerando objetos, na medida em que se multiplicavam os acessórios complementares desses objetos multifuncionais: *"Máquinas de solda elétrica e acessórios. Luvas, escovão; óculos; máscara e bastões de solda"* [64]; no outro, temos *"aspirador elétrico e acessórios, para usar em várias ocasiões"* [65]. A partir das fontes apresentadas, podemos perceber como determinados objetos,

[63] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 08 jan. 1948, p.04.
[64] Jornal **Unitário.** Fortaleza, 21 jan. 1947, p.04.
[65] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 09 abr. 1947.

equipamentos e artefatos (e como analisei um pouco nos produtos de beleza) possibilitaram a criação de uma série de outros objetos e/ou ferramentas para sua funcionalização. No caso da solda, é preciso um aparato auxiliar para sua utilização, isso de acordo com as normas de segurança de uso, o que não quer dizer que não se usavam outras formas ou mesmo com peças improvisadas.

O aspirador tinha muitos acessórios que podiam limpar, de formas diversas, muitos lugares diferentes, possibilitando novos gestos e ações do corpo e formas diferenciadas de realização dos serviços domésticos. Em que medida objetos produzem outros objetos e utensílios? A configuração e partes desses equipamentos e objetos podem revelar práticas e formas de usos e indicar configurações de atividades profissionais, como o jeito de soldar os locais inalcançados, os formatos possíveis de manuseio, e mesmo as sensibilidades da realização dessas tarefas. A necessidade de novos serviços incidia na criação desses acessórios ao mesmo tempo em que esses novos acessórios alteravam as práticas dos serviços.

Essa é uma discussão que nos interessa nesse estudo, ou melhor, como o surgimento desses objetos gerava novos saberes e serviços. Por isso, o tripé mais importante da pesquisa é justamente o objeto-serviço-consumo na cidade de Fortaleza nas décadas de 1940, 1950 e 1960.

1.3 – Novos Materiais e Objetos: Serviços e Práticas de Consumo em Fortaleza

Em Fortaleza dos anos 1940, era grande a presença de anúncios diversos de armarinhos, bazares e butiques, além da propaganda de inúmeros produtos elétricos e industrializados. Os produtos multiplicavam-se. Vejamos o anúncio do jornal "Unitário" de fevereiro de 1950: *Bazar das novidades que continua recebendo diariamente um mundo de brinquedos de madeira, folha, massa, louça, materiais plásticos, borracha, celulóide...* [66]

Novos objetos e produtos eram fabricados com essa variedade de materiais e substâncias relacionadas na citação, não somente brinquedos, mas nota-se também variações e mudanças em escovas e pentes, baldes e potes, embalagens e recipientes, utilitários domésticos e profissionais, ferramentas, instrumentos de

[66] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 18 fev. 1950, p.06. *"Oportunidades"*.

trabalho e muitos outros. Apresentavam uma imensidão de variedades e formatos, durabilidades, texturas, consistências, flexibilidades, etc., trazendo novas e diferentes sensações corporais, formas de manejo, de conservação, de consertos e reparos.

Queimar, esmagar, retorcer, furar, picar, grudar, deslizar, boiar, amassar, quicar viriam por muito tempo produzir diversas e diferentes formas de uso da rica cultura material que se constituía a partir dessas novidades. Todas essas características funcionais, estéticas e utilitárias dos novos produtos, substâncias e tipos de embalagens acarretavam mudanças nas formas de lidar com tais artefatos e como utilizá-los de forma que modificassem os hábitos e práticas desenvolvidas pelos consumidores cearenses, ou melhor, fortalezenses.

Estes anúncios foram fundamentais para o levantamento de questionamentos e problemáticas relativas ao surgimento, à importação e comercialização de diversos objetos, principalmente norte-americanos, que invadiriam vitrines de várias lojas da cidade. Eram numerosos artigos de beleza, domésticos, brinquedos, vestuários, acessórios e utilitários, etc.

Na cidade de Fortaleza dos anos 1940, muitos objetos surgiram com o viés da modernidade. Além disso, um momento histórico como a Segunda Guerra Mundial trazia entre outras coisas uma grande expansão do conhecimento científico e o desenvolvimento tecnológico, com o maciço investimento em pesquisas para novas descobertas e para produção e aperfeiçoamento de novas máquinas, materiais, instrumentos e ferramentas, objetos, substâncias e produtos. Podemos então analisar as conexões entre o surgimento e a proliferação de determinados materiais (plástico, celulóide, nylon, etc.) e as múltiplas possibilidades de criação e recriação de objetos, produtos/substância, assim como as muitas variações de embalagens, formatos e designes.

Em dois anúncios no jornal "Unitário", um informa: *"palhinhas para cadeiras. Plásticas* e *americana. Vendedores exclusivos J. Torquato* e *cia. Itda., C*asa V*ilar* e *Casa A. Porto"* [67]; e o seguinte anunciou *"Talheres inoxidáveis. No 'Empório das Louças"* [68]. A fonte acima pode se mostrar significativa para a compreensão de como os novos objetos se diversificavam e multiplicavam em seus tipos de materiais e nas

[67] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 01 mai. 1950. *"Oportunidades"*.
[68] Jornal **Unitário.** Fortaleza, 24 jan. 1955, p.04.

mudanças que podiam se dar nas formas de consumi-las e utilizá-las. Que tipos de cadeiras podiam ser feitas com tais palhinhas plásticas? Fabricar cadeiras com assentos e/ou encostos de plástico podiam causar mudanças de formatos e designes. Mas, mais do que isso, é interessante ver como isto pôde interferir nas maneiras de decorar o lar, sua configuração espacial, as formas de limpar e mesmo sentar, encostar ou subir nelas diante das especificidades do material (resistência, maleabilidade, textura, etc.). Enfim, fazer usos diferenciados diante da capacidade mutatória de tal objeto.

Já ter novos talheres que não enferrujam e duram muito mais tempo foi também elemento que pôde trazer transformações em práticas e costumes. Criavam-se novas formas de se ter, manejar, guardar, limpar e manter estes objetos. As donas de casa lidavam com problemas relacionados aos antigos talheres enferrujados, tendo que lhes dar uma atenção especial e dispor de trocas mais freqüentes, além da constante lustração e polimento, utilizando novos e diferentes produtos nesta atividade. O consumo dos novos talheres dá início a uma nova prática laboral, os lustradores, pessoas que iam até as casas oferecendo seus serviços.

Estas efetivas transformações suscitadas pela aquisição de talheres inox trazida ao cotidiano dessas mulheres davam ensejo ao aparecimento de outras práticas, hábitos e também o desaparecimento de afazeres e serviços relativos à manutenção e limpeza dos velhos talheres oxidantes. A partir destes objetos, pode-se refletir o propósito de transformações dentro dos lares e dos serviços domésticos.

Numa seção do jornal "O povo", intitulada "Morrendo e Aprendendo...", apresentavam-se com gravuras cômicas algumas expectativas futuras quanto ao desenvolvimento dos artefatos:

> **MORRENDO E APRENDENDO...**
>
> Novas garrafas e vidros têm uma película de meio milímetro de material plástico, transparente e inquebrável. Embora a garrafa se quebre o seu conteúdo não derrama. Para ácidos, tintas, perfumes, etc. essas garrafas serão muito úteis. [69]

Aqui era notável uma expectativa sobre o desenvolvimento dos objetos futuros, suas qualidades e utilidades. O plástico juntou-se ao vidro e constituiu uma

[69] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 08 jan. 1948, p.07.

garrafa com a aparência do vidro, mas com atributos do plástico. Uma expectativa a respeito do que estaria à disposição de uma cultura material cada dia mais diversificada e multiplicada, pondo-se a imaginar um futuro promissor repleto de objetos perfeitos e cheios de utilidade prática, o que não vimos concretizado no decorrer dos anos, pois não consta que tenhamos até hoje garrafas de vidro com milimétricas películas de plástico. Seus materiais eram metais, plásticos, vidros, argilas, cerâmica, podendo haver mistura destes materiais na fabricação de novos produtos sintéticos.

Certo futurismo alavancado pelo discurso moderno e progressista acabava projetando anseios futuristas tecnológicos na materialidade, nos objetos, equipamentos e utensílios utilizados pelo homem para a realização de seus trabalhos e necessidades físicas e espirituais.

Uma propaganda do mesmo jornal do dia 20 de março de 1951 anunciava:

> **PARACHUVAS ÍCAROS**
>
> - Ventilação perfeita;
> - Conservação do mecanismo das portas;
> - Mais sombra;
> - Montagem simples;
> - Valorização;
>
> Modelos para qualquer tipo de automóveis, seja americano ou europeu. [70]

Esse "magnífico" acessório automobilístico servia para ser colocado nas portas e janelas dos carros com o objetivo de as proteger das chuvas. Tal invento parece não ter tido boa utilidade, pois acabava por criar funções e necessidades que não correspondiam à realidade local, considerando suas condições climáticas. O produto que apresentava vantagens de alguma forma inúteis logo passava a ser abandonado pelos consumidores e não se via mais uma diversificação e/ou multiplicação destes tipos de artefatos pouco condizentes com as necessidades de uma Fortaleza "desposada do sol", quando o clima seco e quente prevalecia quase todo o ano. Já o ventilador, como destacava o jornal "Unitário" do dia 25 de Março de 1951, teve boa aceitação:

[70] Jornal **O Povo.** Fortaleza, 20 mar 1951, p.05.

> ESPANTA as moscas e REFRESCA o ambiente. Indispensável nos bares, padarias, confeitarias, açougues, casas de carne, restaurantes e industrias – onde não pode haver moscas. Ventilador de Teto "LILLA". Ventilador de teto de pequena dimensões, considerável potência e baixo consumo de energia. [71]

Aqui se percebe que outros objetos estavam mais conectados às necessidades do cotidiano da capital cearense. Um clima abafado, seco e quente era propício à proliferação de muitos mosquitos, moscas e insetos que empestavam a cidade de Fortaleza. O aparelho ventilador era apresentado como equipamento de higiene e conforto, essencial para o funcionamento satisfatório e ideal dos estabelecimentos freqüentados pelas pessoas e também pelos insetos incômodos e sujos. São climatizadores ambientais, na tentativa de melhorar o bem-estar do consumidor e também assear o local, sendo este artefato mais procurado e preferido na época aos condicionadores de ar, que eram raridades e de acesso quase exclusivos às camadas sociais de maior poder aquisitivo.

É fundamental fazer ligações com a modernidade, que vinha pautada em conceitos como o de individualidade, velocidade, eficiência, praticidade, operacionalidade, etc., e que se encontrava em intersecção com toda essa razão técnica, mas também encontrava o confronto com a lentidão e precariedade dos serviços públicos prestados, apresentando uma "modernidade capenga". A modernidade que se assumia em Fortaleza, principalmente a partir dos anos 1950, apresentava muita das características citadas acima, e a cadência de alguns modos de vida seguia a lógica racionalista e desenvolvimentista, que predominava, sobretudo, sobre os grupos sociais que detinham o poder e os setores mais elitistas, procurando uma esfera de progresso material, eficiência dos serviços e conforto.

A presença de grande número de tônicos e elixis anunciados nas páginas dos jornais locais da época podem indicar a tentativa de se estimular ritmos e modos de vida e trabalho mais acelerados. Como indicava a propaganda no jornal "O Povo" de 1951 do VANADIOL:

> PREGUIÇA E FRAQUEZA – VANADIOL. Homens sem energia, moças desanimadas. Não é sua culpa! É a fraqueza que deixa cansado, pálido, com moleza no corpo e olhos sem brilho. A fraqueza atrasa a vida porque

[71] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 25 abr. 1951, p.05.

> rouba as forças para o trabalho. Vanadiol aumenta os glóbulos sanguíneos e pode ser usado em todas as idades. [72]

Pode-se estabelecer, pois, uma relação entre um intenso aumento de tônicos/remédios, percebidos nos anúncios de jornais, como o "Unitário", o "Correio do Ceará" e "O Povo", apresentando produtos como - *"NUTRIL: o remédio que nutre", "IOFOSCAL: Vigor mental para as crianças"; "REUMATOL: Para quem tem Reumatismo"; "GAGNAC de Alcatran Xavier: Que fortifica os pulmões"; "OFORENO: regula as funções femininas"*, entre outros - com um incisivo movimento modernizante e progressista que conduzia a uma aceleração dos ritmos de vida e trabalho visando a uma maior produtividade e eficiência.

É bom lembrar que estes mesmos remédios, ou similares, estavam presentes nos jornais mais antigos. Mas, o que vale salientar é o apelo ao consumo desses produtos que agora tinham novos atributos relacionados aos novos ritmos acelerados da vida moderna.

Tudo isto aparece como ponto representativo da proliferação de produtos, substâncias e artefatos, assim como energéticos e repositores alimentares na busca de uma maior eficiência produtiva e uma nutrição ideal para a boa disposição e rendimento, conseqüências de um bem-estar físico, mental e material. O periódico "Unitário" de 1963 destacava: *"Tudo neste escritório funciona!... é ar refrigerado PHILCO. – Obtenha também em sua firma a mesma operosidade e bem estar adquirindo um condicionador de ar PHILCO pagável até em 15 prestações mensais".*[73]

Analisando a propaganda escrita acima, é notória a criação e utilização de aparelhos eletrônicos para ambientar e climatizar os ambientes, seja doméstico ou de trabalho. Aqui é colocado que a climatização é elemento gerador de conforto e bem estar, possibilitando ideal ambiente para a realização das tarefas e trabalhos, indo mais uma vez ao encontro da tendência de se operacionalizar e equilibrar o local de trabalho. A disposição física e mental do indivíduo iria gerar, junto ao bom ambiente de trabalho, o local ideal para a máxima produtividade e eficiência.

Muitos artefatos e equipamentos passaram a representar uma modernidade desejada e símbolos de progresso material, o que fomentou o consumo das

---

[72] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 26 out. 1951, p.05.
[73] Jornal **Unitário**. Fortaleza**,** 28 jul. 1963, p.04.

anunciadas inovações e novidades. A ascensão de uma "sociedade do consumo" dava seus primeiros passos na capital cearense em meados dos anos 1940. A cada dia, mais e mais objetos permeavam a vida e as relações das pessoas, pensava-se numa uniformização do consumo e do uso de tais objetos, produtos e equipamentos tecnológicos. Objetos e máquinas ficavam ainda mais complexos e acompanhados de acessórios para usos diversos.

Tornou-se prática de lazer olhar vitrines nas lojas, além de notarmos uma significativa fetichização do novo e a sedução de determinados objetos, como canetas Parkes, refrigeradores, automóveis e eletrônicos em geral, que passavam a ser símbolos de status e distinção social. Houve também uma crescente multiplicação de produtos e objetos importados, como também do número de lojas, bazares e armarinhos especializados.

> A S/S PHILIPS DO BRASIL apresenta no jornal Unitário do dia 21 de Novembro de 1954 um concurso de vitrines, como observamos abaixo:
> Como é do conhecimento público, a S/S PHILIPS DO BRASIL lançou ultimamente um concurso de vitrines entre os revendedores principais, nas cidades onde essa Organização possui filiais e, como se era de esperar, o certame teve a melhor repercussão, havendo se inscrito inúmeras firmas de nossa praça.
> O concurso - realizado durante todo o mês de outubro p. findo – abrangeu vários grupos de revendedores PHILIPS e constou de:
> 1) Rádios e Radiofones;
> 2) Lâmpadas;
> 3) Aparelhos domésticos (fogões);
> 4) Postos de serviço. [74]

Observamos que o concurso anunciado aqui apresentava categorias relacionadas aos novos equipamentos e objetos técnicos, eletro-eletrônicos, maiores miras do consumidor cearense, objetos de distinção social e tidos como essenciais a qualquer casa ou prédio moderno.

Consumir subentende-se também um ato de usar, e numa "sociedade do espetáculo" [75], onde imagens são produzidas e consumidas em diversas esferas culturais, é importante questionarmos o que o consumidor fabrica com essas imagens. Estas astúcias se mostram cada vez mais invisíveis na medida em que o lugar onde elas operam as redes de enquadramento se fazem mais apertadas, ágeis

[74] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 21 nov. 1954, p.06.
[75] DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo:** Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

e totalitárias. “Na realidade, diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta numa produção do tipo totalmente diverso, qualificada como ‘consumo’, que tem como características suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com ocasiões, suas ‘piratarias’, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase-invisibilidade, pois ela quase não se faz por produtos próprios (onde teriam o seu lugar?), mas por uma arte de utilizar aqueles que lhes são impostos”. [76]

Nas sociedades ditas modernas e capitalistas, percebe-se que o sistema econômico é dotado de mecanismos que regem o crescimento da produtividade do trabalho. Um crescimento que mesmo sujeito às crises é sempre contínuo em longo prazo, causando uma institucionalização da inovação. As novidades e invenções são cada vez mais envoltas num universo científico e tecnológico e como produtos de pesquisas, estudos, criação e trabalho, fortalecendo o consumismo e a fetichização das mercadorias. O novo já nasce com data de obsolescência, pois o saber científico e técnico desenvolve novas matérias e substâncias, funções e necessidades, que se reinventam de tempos em tempos. Assim é a forma de se legitimar a dominação por “interpretações cosmológicas do mundo” [77], com outros ritmos de vida no espaço e tempo, que caracteriza o limiar entre uma sociedade dita tradicional e outra que entra no processo de modernização pelo seu viés tecnológico.

É fundamental notar que a população, apesar de não ter esse conhecimento técnico-racionalista, não deixava de ter suas opiniões e reclamações baseadas num conhecimento do cotidiano vivido e das práticas interagidas com os serviços prestados na teia urbana. Podemos fazer essa discussão de melhor forma analisando a notícia do jornal o “Unitário” de 1956:

> O chefe da Comissão de Saneamento de Fortaleza a quem foi confiada a instalação da nova rede de esgoto nas ruas de nossa Capital, ainda não verificou como estão ficando, após a colocação dos canos sob o solo, os calçamentos das artérias de nossa Capital.
> Inúmeras reclamações temos recebido por parte de motoristas os quais se jugam prejudicados com o péssimo estado da pavimentação de nossas ruas, que estão causando sérios prejuízos aos proprietários de veículos.

[76] CERTAU, Michael de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
[77] HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência enquanto “ideologia**”. In: **Textos escolhidos**. Seleção de *LOPARIÈ, Zeljko e ARANTES, Otília B. Fiori.* Abril cultural.

> Por onde passou o serviço da Comissão de Saneamento os buracos ficaram bem visíveis dando mostra do descuido do Departamento neste sentido.
> Não resta a menor dúvida que a ampliação do serviço de abastecimento d'água e instalação de novos esgotos em Fortaleza está a merecer, por parte das autoridades administrativas do nosso Estado um melhor cuidado.
> Esperamos, todavia, que o Engenheiro responsável pela Comissão de Saneamento de Fortaleza volte as suas vistas para a pavimentação das ruas por onde passou ou está passando a nova rede d'água e esgoto... [78]

É perceptível, analisando a fonte acima, que a população não deixava, pois, de requerer seus direitos. Mesmo veiculado por um meio de comunicação de limitado acesso às camadas mais pobres, a notícia aponta insatisfação dos usuários das ruas do bairro da Aldeota (bairro chique da época), mas que não deixava de ser cercado de favelas e barracos, além de área de muita movimentação e trabalho, bastante freqüentada pelos citadinos.

A reclamação foi destacada pelos motoristas que utilizavam as vias locais, mas não se pode deixar de deduzir que transeuntes, vendedores domiciliares e moradores locais sofressem com tal situação. O jornal, lugar já possuidor de saberes específicos e produzidos por pessoas e grupos letrados, logo recorre às autoridades competentes na cobrança de responsabilidades e atendimento satisfatório na prestação de serviços e realização de obras urbanas. O saber técnico passava a ser contestado a partir do cotidiano vivido pelos usuários de tais ruas, principalmente os motoristas, que logo recorriam a um meio jornalístico mais aprovado e influente na cobrança junto ao poder público, e será exatamente ao *Engenheiro* responsável que o jornal cobraria e apelaria por soluções.

O mesmo poder público que se baseava e se legitimava pelo saber técnico-científico se mostrava incapaz de realizar obras de forma satisfatória, com bom planejamento. Pois é visto também que quando a notícia nos falava da urgente necessidade de se ampliar a rede abastecedora e fazer novas instalações sanitárias, evidenciava a incapacidade ou impossibilidade de a gestão pública dar conta dos serviços e tarefas que se propõe a realizar e administrar.

Como sugere Habermas: "Hoje a dominação se perpetua e se estende não apenas através da tecnologia, mas enquanto tecnologia, e esta garante a formidável

[78] Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 05 jan. 1956, p.02.

legitimação do poder político em expansão que absorve todas as esferas da cultura".[79]

A técnica e a ciência às vezes se apresentam como "ideologia", que fazem com que a despolitização das massas seja plausível para elas mesmas, e dão a elas uma idéia de que a igualdade de oportunidades existe para todos e o conhecimento acessível a qualquer um. Se havia ignorância e desconhecimento das técnicas e saberes, era culpa da própria população.

Quer-se dizer com isso que quando a Prefeitura Municipal de Fortaleza, a partir dos anos 1950, apresentava uma gestão técnica e científica, ela legitimava seu discurso e práticas perante a posse do conhecimento específico, fundamentado na pesquisa científica. Lançavam-se, como, por exemplo, num trabalho de ampliação e/ou instalação de equipamentos do serviço de abastecimento de água, o que deveria ser alterado no traçado urbano; as metodologias e instrumento de trabalho; quais aparatos deveriam ser comprados; e como deveriam ser instalados e utilizados. A população ficava sem subsídios para reclamar ou mesmo para opinar e interferir nessas ações estatais, pois não possuía o saber necessário para entender e questionar o que se estava fazendo. Mas cabe aqui notarmos que mesmo que não ocorresse de forma racional ou com tamanha consciência política, o sujeito que andava por fora desse universo técnico percebia os problemas da "faltosa" modernidade técnica, nas vidências cotidianas. Sendo assim, passava a cobrar soluções para os transtornos em seus afazeres da vida diária.

Cabe analisar não estes discursos isoladamente, mas, sobretudo, os projetos que confrontam os procedimentos multiformes, resistentes, teimosos e astutos, que escapam à disciplina, mesmo que não fiquem fora de campo onde esta é exercida. Citando agora Sandra J. Pesavento: *"Rocayolo identifica que há um sistema de idéias, mais ou menos coerente, daqueles que 'fazem a cidade', a projetam, discutem e executam... os 'profissionais da cidade'".* [80]

A intervenção no traçado das cidades constitui essas duas dimensões de conhecimentos e práticas cotidianas. Fortaleza crescia rapidamente e logo era necessária uma gestão para ordenar os espaços urbanos e disciplinar os comportamentos. Logo, muitos serviços essenciais para a realização da vida urbana,

---

[79] HABERMAS, Jürgen. *Op. Cit.*

[80] PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço**: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, 1995.

sua dinâmica social e comercial, passavam por uma regulamentação e implementação de equipamentos urbanos. Buscava-se uma regulamentação das atividades e dos serviços: saneamento das várzeas, esforços para hierarquizar os espaços em áreas comerciais, industriais e residências ricas e pobres, a limpeza das ruas e coleta de lixo, regulamentação do comércio, transportes, energia elétrica, serviços telefônicos e de gás. Apesar de tudo, era precária a manutenção do equipamento urbano. Todos esses serviços de administração pública iriam gestar novos modos de consumo em diálogo com os avanços e a precariedades da "Fortaleza Moderna".

CAPÍTULO 2 – SERVIÇOS, OBJETOS E PRÁTICAS COTIDIANAS

2.1 – A Água e a Torneira

> "Elemento flexível que passa 'humildemente' pelos esgotos, 'aceitando o que os homens em geral abominam', a água pode correr alto ou baixo 'assumir a forma de qualquer recipiente' e servir a uma imensa variedade de propósitos. Importante testemunho do corpo, a água se presta aos mais íntimos e desclassificados serviços e, ao mesmo tempo, aos mais abençoados e higiênicos atos. Mas esta flexibilidade da água também inclui a sua escassez ou a sua abundância, por vezes indesejadas e malsãs".
>
> (SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **O corpo na cidade das águas**: São Paulo (1840-1910). In: **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, Nº25, Dez/2002)

Na década de 1940, houve uma nova investida na tentativa de ampliar e melhorar o serviço de abastecimento d'água em Fortaleza. O jornal "Gazeta de Notícias", de 1944, destacava:

> **AMPLIAÇAO DA REDE DE ÁGUA E ESGOTO**
>
> (...)
> Em verdade Fortaleza tem sido grandemente ampliada nestes últimos tempos, tornando-se, principalmente, um centro militar de importância o que, aliás, constitui para o povo cearense motivo de justificado orgulho. Em face disso e também, do crescimento do seu comércio e ainda de se haver formado centro de arregimentação de homens para a "Batalha da Produção" passou a abrigar maior numero de famílias, vivendo, porém, em condições idênticas as que noutras épocas levavam sua vida provincianamente modesta.
> A rêde de água e esgotos, feita há anos, quando o nosso desenvolvimento era relativamente insipiente, não estava, por ultimo satisfazendo as reais necessidades da população, havendo artérias importantes que dispõem desses serviços como a Av. Dom Manuel, por exemplo, que, em sua parte final não tem ramificação daquele sistema, vivendo-se ali no regime antiquado das bombas, improdutivo e anti-higiênico.

> A ampliação da rêde de água e esgotos representa, portanto, mais um inestimável benefício que o governo Menezes Pimentel presta ao nosso povo. O que se impõe, agora, é a intensificação de esforços da diretoria de Viação e Obras Públicas, cujo diretor, Dr. Paulo Ferreira, conhece bem acerca das necessidades da capital no que toca ao assunto esperando-se dele o devotamento de sempre, com o qual ha revestido todos os seus atos, zelando pelos superiores interesses da coletividade, pois o desejo unânime da população é o inicio, o mais cedo possível, das obras de ampliação da rede de água e esgoto da cidade, havendo geral confiança de que, provavelmente, em Maio conforme previu o interventor cearense, sejam iniciados, de fato, tão úteis e inadiáveis serviços. [81]

É, pois, sabido que, até fins da década de 40, apenas 10.202 prédios e domicílios urbanos, suburbanos e rurais no Estado do Ceará eram abastecidos com água canalizada, levando em consideração um número total de 460.965 edificações.[82] Percebe-se a partir do conflito entre as duas fontes que a ânsia e o desejo anunciados pelo Poder Público custavam a sair do papel para se concretizar numa realidade.

A rede de abastecimento permaneceu inalterada por quase três décadas, não obstante as várias tentativas de projetos governamentais para ampliar a linha adutora e distribuidora de abastecimento de água. Todavia, a ineficiência e principalmente a dita falta de verba governamental não chegou, portanto, a concretizá-los.

A água era vista cada vez mais como um bem e uma mercadoria de consumo, gerando políticas e ações para captação, tratamento e distribuição, além, claro, da cobrança das taxas do serviço. Havia uma constante tentativa para modernizar o serviço de abastecimento d'água e torná-lo satisfatório para atender à demanda de uma cidade como Fortaleza, que sofria com as secas e as ondas migratórias do sertão. Dentro da lógica racional e técnica da gestão governamental, os equipamentos tecnológicos e modernos, assim como os novos materiais dos canos, bombas, torneiras, descargas, chuveiros, etc., eram objetos almejados pelo planejamento urbano, numa busca eterna pela prestação completa e ideal do abastecimento d'água.

Aqui vemos a importância de trabalharmos este elemento tão essencial à vida, no mais, as formas e utilização das fontes aquáticas e de organização do serviço de abastecimento. Claro, não sem perceber as relações desse serviço e dos

---

[81] Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 07 abr. 1944, p.02.
[82] **Censo Demográfico** – Estado do Ceará. Recenseamento Geral de 1940. IBGE.

trabalhadores a ele atrelados, com o surgimento de novos equipamentos, objetos, aparelhos e instrumentos da "modernidade técnica" almejada pelas elites e pelo poder público fortalezense. É, portanto, bastante cabível refletirmos sobre este tópico, problematizando-o à conexão objetos/trabalho.

Até 1827, Fortaleza não possuía um serviço organizado de abastecimento de água, nem uma fonte considerável de armazenamento e captação. Neste mesmo ano, foi autorizada a exploração do serviço através da instalação de chafarizes, e em 1863, concedido ao Sr. José Paulino Hoonholtz a feitura do encanamento de água potável do seu sítio, situado no Benfica, para chafarizes espalhados pela cidade. Foi então prevista a construção pelo poder público de quatro chafarizes nas praças da Municipalidade (hoje Praça do Ferreira), Garrote (Praça da Intendência, atual Cidade da Criança), Carolina (Praça Capistrano de Abreu) e Patrocínio (Praça Marquês do Herval). Apenas em 1866, o governo estadual contrataria a *The Ceará (North Brazil) Water Company Limited*, prevendo a construção de mais três chafarizes colocados na Praça do Patrocínio (Marquês do Herval), Colégio dos Educandos (Praça Filgueira de Melo) e Alfândega. [83]

Até 1926, não havia uma significativa fonte natural d'água, nem investimento e estrutura material que oferecesse suporte para captar, tratar e conseqüentemente distribuir água para o abastecimento da cidade de Fortaleza. Foi então no ano de 1927 que começaram as instalações dos filtros e adutores do Açude Acarape, no município de Redenção. O desenvolvimento tecnológico permitiu maior acesso a equipamentos mais sofisticados e complexos, adequados a um serviço do porte da construção dos adutores e filtros do Acarape para abastecer uma cidade do tamanho de Fortaleza.

O serviço de água e esgoto do Município de Fortaleza somente foi concretizado, inaugurado e oficializado com a contratação de uma firma americana durante o governo de Idelfonso Albano, em 1926. Isso, porém, não implicou uma real ampliação da área atendida pelo único reservatório que abastecia a cidade, o reservatório do Acarape.

Fortaleza, que outrora se edificou junto à barra do Rio Ceará, foi se expandindo em direção ao rio Pajeú, o que mais uma vez demonstra o verdadeiro

[83] MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**: crônicas históricas da Fortaleza antiga / Raimundo de Menezes; introdução, Sebastião Rogério Ponte – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

poder que a água exerce sobre as ações e necessidades humanas, visto que tal riacho funcionou como um agente movedor da organização das urbes.

O memorialista Raimundo de Menezes nos fala sobre alguns cursos d'água que compunham a paisagem e que interferiam na constituição da rede urbana:

> Outro curso d'água se dirige da atual Praça Clóvis Beviláqua em demanda da Lagoa do Garrote, depois Parque da Liberdade, onde se acha a Cidade da Criança, passando antes nas proximidades da Praça do Livramento, atualmente do Carmo. Estes riachos serpenteavam entre os pequenos outeiros ou elevações a que nos referimos. Quando da pavimentação da cidade, as ondulações foram diminuindo, razão porque em muitos trechos de ruas, justamente os aterrados, o piso das antigas casas era mais baixo do que o novo nível da artéria, enquanto nos outros trechos se dava justamente o contrário, formando-se as chamadas "calçadas altas", resultantes do rebaixamento do leito do logradouro, fenômeno esse ainda hoje percebido na rua Senador Pompeu, nos quarteirões entre as ruas Senador Alencar e São Paulo e entre as ruas Guilherme Rocha e Liberato Barroso. [84]

Constituíram sério problema, principalmente para os cegos e os velhos, essas "calçadas altas". Foi por isso que Idelfonso Albano, mais uma vez Prefeito de Fortaleza, mandou assentar, no decorrer da segunda década desse século, o até então para nós desconhecido meio fio, nivelando todas as calçadas e fixando suas larguras. Tal iniciativa significaria um largo passo para o progresso e a modernização da capital cearense.

Rios, lagos, lagoas, açudes, brejos, pântanos e mares, assim como uma gama de condições geoclimáticas (chuvas, lençóis freáticos, olhos d`água, etc.), são elementos que norteiam a constituição de redes urbanas (que podem ou não seguir os cursos da água), traçado de suas ruas, a edificação de praças e parques, assim como portos fluviais ou marítimos, a construção de chafarizes, poços, caixas d'água, fontes, etc., delineando suas localizações e a organização do traçado e da paisagem urbana, que passa também a ser determinado por disputas de poder, privilegiando certos grupos sociais na construção de novos aparatos urbanos e suas respectivas localizações. Estas ações estão intimamente ligadas à abundância ou escassez da água.

---

[84] *Idem.*

Percebe-se que, desde há muito, em Fortaleza, as querelas que cercam o universo das águas se apresentavam sobre três pontos categóricos, quais sejam, acesso, tratamento e distribuição. Em crônica de Raimundo de Menezes, temos:

> Na ata da sessão de 24 de outubro de 1842, encontra-se como curiosidade, o seguinte: "O 2º ofício do fiscal desta cidade, datado em 20 do corrente, comunicando à Camara que Luís Antônio fez uma cerca de paiol que meteu dentro as cacimbas em que o povo toma água e que o mesmo Antônio lhe dissera que se fizera dita cerca era com o consentimento do dono da terra, o comendador José Antônio Machado", e lembra, ao final, a necessidade de serem construídas cacimbas para o povo. "A Câmara oficiou ao comendador, intimando-o a derrubar a cerca, sob pena de ser feito pelo governo municipal, pois as cacimbas em questão há muitos anos, eram de serventia da população. [85]

O abastecimento de água para a população fortalezense por muito tempo dependeu da construção de poços, chafarizes e cacimbões públicos que pretendiam atender a uma vasta área, deixando assim muito a desejar neste serviço. A fonte acima deixa clara a importância das cacimbas para o abastecimento da população e levanta também uma questão que vai perpassar as relações público-privadas em torno de disputas pela posse e acesso às fontes aqüíferas. O governo municipal favoreceu o argumento da retirada da cerca imposta pelo Sr. Antônio e apregoou a legitimidade ao povo de usufruir de tais cacimbas, pois há muitos anos eram de serventia da população.

Para termos a noção da importância dessas fontes de coleta d'água e o que representou a proliferação dessas cacimbas e poços para o abastecimento de Fortaleza, que perdurou até a década de 1920, temos como um ícone destas construções governamentais a afamada "Cacimba do Povo", que ficava na Praça do Asilo, ainda no século XIX. Essas cacimbas, chafarizes e poços "eram guardadas por um polícia, a fim de não sofrerem depredações dos moleques". [86] Aqui se sugere uma série de práticas e usos das várias fontes d'água pela população. Garotos que brincavam nesses poços e cacimbas eram alvos constantes de perseguição do poder público, na tentativa de coibir atos que "depredassem ou sujassem" a água, gerando conflitos e tensões junto às práticas mais "provincianas" da população, como banhar-se nestes lugares. Ainda mais, profissões/funções, como esta de

[85] *Id. ibidem.*
[86] *Id. Ibidem.*

guarda, tendiam a desaparecer com o desenvolvimento das prestações e organização dos serviços de abastecimento, não só no mundo das águas, mas também da energia e do lixo.

O Código de Posturas de Fortaleza de 1932 aparece como documento importante neste trabalho, por mais que ainda não esteja dentro do período estudado, pois nele observamos regulamentos e leis que iriam se estender às décadas posteriores, e ainda indicava códigos de conduta e normas da construção civil na década imediatamente anterior (1930) ao inicio do período pesquisado (1940). Nesse Código municipal, havia o seguinte artigo que ajuda a elucidar esta questão:

> Art.401 - Sob pena da multa de 20$000 e prisão por 24 horas, fica proibido na via pública:
> 1 - estender roupas ou outros objetos a enxugar ou arejar, limpar vasilhas; joeirar gêneros; assoalhar peixe; matar ou pelar animais; ferrar, sangrar ou fazer algum curativo a qualquer animal, exceto em caso de urgência; partir lenha; cozinhar; torrar café; estender couros, sacudir tapetes, esteiras ou coisas semelhantes; urinar ou defecar fora dos sumidouros públicos;
> [...]
> Art.406 - Incorrerá na multa de 50$000 aquela que banhar-se em lugares públicos, estando completamente despido. [87]

O fato de estas proibições serem publicadas oficialmente e sob pena de multas indica que ocorriam atividades como aquelas apresentadas na lei. Dirigir-se a chafarizes, bicas e poços públicos demandava uma série de práticas e ações cotidianas envolvidas numa rede de relações sócioculturais, que muitas vezes geravam disputas em diversas dimensões sociais, do público ao privado. Assim, a população menos abastada, que estava sempre em contato com estes espaços de coleta d'água, aonde sempre puderam recorrer, o acesso, antes livre passou, a ser cada vez mais privado, pois o governo demonstrava crescente interesse em regularizar e taxar tal serviço.

Estas medidas eram também medidas sanitárias e higienistas, pois o poder público, a gestão urbana e técnica buscavam regularizar e salubrizar atividades cotidianas, como lavar roupas e animais em locais públicos, exercendo maior controle sobres estes locais de uso popular. "Ventilar, desinfetar, drenar e irrigar, lavar a cidade e os homens, o autoclismo e a descarga fariam cidades limpas e

[87] **Código Municipal**. Prefeitura de Fortaleza. Dec. Nº 70, de 13 de Dezembro de 1932. Estado do Ceará, 1933.

corpos controlados”. [88] Junto ao progresso material da cidade, era preciso acompanhar um desenvolvimento do poder administrativo e regulador, que constantemente entrava em confronto e contradições com as práticas ordinárias da realidade cotidiana de uma parcela da população que vivia às margens desse movimento dito modernizador e higienizador.

A privação e o controle do acesso e do uso da água acabavam por castrar e/ou transformar muitas práticas para banhar, limpar, lavar, cozinhar, etc., além das próprias redes de sociabilidades que se estabeleciam nesses locais – fofocas, fuxicos, brigas, banhos, namoros, etc. Essas dinâmicas culturais modificavam-se de forma dialética com práticas de ordem técnico-científica no processo de construção de novos aparatos de abastecimento, coleta, transporte e manuseio, assim como com a criação e recriação de artefatos, instrumentos, meios e formas de ofícios e afazeres, bem como tipos de trabalhos e serviços com a água (lavadeiras, aguadeiros, banhos em animais, brincadeiras, etc.)

Tal universo traz indicações das várias dimensões da disputa pela água entre seus usuários. Tais disputas revelam um mundo que cerca esse universo das águas, onde se desenvolviam conflitos pela posse da terra e seus bens. Os discursos e as intervenções de engenheiros técnicos no traçado da cidade e também no seu desenvolvimento urbanístico evidenciam que havia uma série de ofícios, atividades e serviços que surgiam, além das transformações ocorridas nas diversas formas e tipos de trabalhos relacionados à água.

Muitos ofícios e trabalhos mais antigos, como, por exemplo, lavadeiras, aguadeiros, vigias e zeladores de caixa d’água, fontes e chafarizes, passaram a entrar em conflito com a ascensão de uma lógica racional mais técnico-científica e também higienista. Decorrente desses conflitos, os trabalhadores que se ocupavam dessas antigas tarefas não mais correspondiam às necessidades do seu cotidiano e essas passaram a ser, muitas vezes, extintas ou disciplinadas e fiscalizadas. Mas não podemos deixar de apontar as atividades que ainda resistiam e acabavam acontecendo, driblando a fiscalização e o controle.

Observemos determinada matéria do jornal “Gazeta de Notícias” de 1967:

[88] ROCHE, Daniel. *Op. Cit.*

Figura 4 – Matéria sobre os carroceiros d'água.
Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 09 out. 1967, p.01.

> Fortaleza ainda tem disso, sim senhor, e não se pode comparar com o pitoresco dos vendedores ambulantes de frutas e ervas medicinais que alegram as manhãs dos bairros gritando os seus pregões. O problema da água é muito sério. Devido a ela, Fortaleza apresenta um dos mais altos índices de verminose do Nordeste. Certo é que o número de "carroças d'água" vem diminuindo, mas bem lentamente, visto que somente os centros urbanos são beneficiados com o serviço de água encanada, tratada convenientemente nas fontes do Acarape. Os subúrbios, pobres desprezados, ainda têm que recorrer aos "botadores d'água", pagando NCr$ 25 centavos por lata de vinte litros. Não se sabe até quando perdurará esta situação e qual o prazo dado pelo SAAGEC – que constantemente está a receber verbas para abastecer Fortaleza de água encanada, tratada de acordo com as exigências sanitárias, afastando de nossa gente o perigo amarelo da verminose, oferecendo-se ao povo o serviço que ele merece, na retribuição devida à sua contribuição em forma de impostos. [89]

O serviço de abastecimento d'água realizado pelos ambulantes aguadeiros criava embates com o crescente interesse do poder público e privado em proporcionar e dispor de tais serviços para população. Mas a constante falta de competência pra manter e ampliar satisfatoriamente essa rede de captação, tratamento e distribuição da água tornava, por vezes, necessário esse tipo de comercialização informal dos vendedores ambulantes, passando pelos olhos do controle sanitário, em função da incapacidade de um fornecimento adequado das empresas de abastecimento.

[89] Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 09 out. 1967, p.01.

O anúncio datado de 1967 indica que no fim do período pesquisado ainda era comum, coisa que não deixou de ser corriqueira também até a década de 1980 e perdura até hoje, a atividade de vendedores ambulantes de água, com seus burros carregando uma velha carroça acoplada a um imenso barril d'água que despachava por uma torneira o líquido cobiçado nos baldes, latas e garrafas (Figura 4). Além do mais, novamente vemos o discurso postado na saúde e no combate a doenças endêmicas facilmente espalhadas em ambientes urbanos super povoados.

Por mais que o discurso e certas ações reguladoras e controladoras da Prefeitura de Fortaleza procurasse suprimir estes vendedores ambulantes e sua atividade tida como anti-higiênica, havia a convivência e a conivência do serviço oficial de abastecimento d'água, realizado pelos "órgãos competentes", pois o déficit de captação e distribuição de água era grande e o acesso ideal a ela era restrito às camadas médias e ricas da população.

A água, que era muitas vezes vista como elemento constitutivo do espaço urbano - rios, lagos, córregos, hidrantes, fontes, chafarizes, poços, torneiras e bicas - permeava a paisagem e o cotidiano das cidades. Os lugares de água iam do mais essencial ao sagrado, como beber e purificar, aos mais fúteis e profanos, como brincadeiras e banhos em público.

Também havia aparatos urbanos que passaram a ser símbolos da riqueza do universo aqüífero e da sua relação com a construção e arquitetura das residências e prédios de Fortaleza, como verificamos ainda no século XIX, na rua Major Facundo (Figura 5).

Figura 5 - Bocas de Jacaré na Rua da Palma.
Começo da Rua da Palma (Major Facundo). À esquerda o sobrado das Mississipis com os "jacarés" para o escoamento das águas das chuvas, no alto. À direita o Hotel de France. O casarão que se vê mais adiante, à direita é o sobrado do Dr. José Lourenço. (MENEZES Raimundo de. *Op. Cit.*)

Como observado na foto acima, as conhecidas "bocas de jacarés" eram elementos constantes da paisagem urbana da cidade até meados dos anos 1920, quando os sobrados ainda eram construídos com uma fachada protuberante, que se estendia sobre as telhas das casas sem dar espaço para correrem as águas das chuvas. Essas "bocas de jacarés" serviam para fazer o escoamento, imitando assim ótimas bicas que serviam não só para aparar água usada em tarefas domésticas, mas também para banhos e brincadeiras nas ruas. Vejamos um artigo do Código de Postura de Fortaleza de 1932 sobre o escoamento das águas pluviais:

> Art. 174 - São proibidos jacarés ou serpentões para escoamento das águas pluviais do telhado em edificações no alinhamento das vias públicas.
> $ Único – nenhuma obra poderá ser feita em prédio com beirais, jacarés ou serpentões, sem que sejam estes retirados. [90]

[90] **Código Municipal**. Prefeitura de Fortaleza. Dec. Nº 70, de 13 de Dezembro de 1932. Estado Do Ceará, 1933.

Vemos o esforço do poder público em liberar as vias públicas e impedir qualquer forma de obstrução destas. Essas ações impediam em certos casos a utilização de objetos para o escoamento das águas das chuvas que, com o decorrer do tempo, desapareciam das novas construções, sendo substituídos por outras técnicas de escoamento que permitissem um maior alinhamento das fachadas e frentes das construções com as ruas e a possibilidade de futuras reformas nos prédios.

A Prefeitura de Fortaleza cada vez mais se utilizava de discursos e ações de razão técnica e higienista, que predominava desde o início do século XX, e se intensificava a partir do ano 1930. O controle exercido pela agência sanitária na qualidade da água para consumo pessoal passou a interferir diretamente nos locais de coleta d'água, onde os vendedores ambulantes enchiam diariamente seus velhos barris com água. Fontes naturais, que muitas vezes passavam a ser consideradas insalubres, tinham seus acesso e consumo proibidos, o que não deixava de transparecer a incapacidade ou mesmo a impossibilidade de tão rígido controle, pois grande parte da água consumida em Fortaleza tinha teor salubre e era popularmente chamada de "água pesada". [91]

Em Fortaleza, até meados da década de 30, a grande maioria do fornecimento de água ainda era efetuada em lombos de jumentos com depósitos de madeira e latões. As duas grandes caixas d`água mais antigas instaladas no bairro do Benfica, próximo onde se localiza a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, foram uma tentativa de uma companhia inglesa, ainda no século XIX de organizar os serviços de abastecimento ligando-os a uma pequena rede distribuidora, apanhada em cacimbões, de onde era captada a água por meio de bombas para estes dois reservatórios. (Figura 6)

[91] MENEZES, Raimundo de. *Op. Cit.*

Figura 6 – Antiga Praça do Encanamento.
Antiga Praça do Encanamento passou a se chamar Praça Visconde de Pelotas, nome que ostentava quando esta foto. Mais tarde passou a ser Praça da Bandeira e hoje é Praça Clóvis Bevilácqua. Amplos espaços, a suavidade do lago em primeiro plano e as caixas d'água ao fundo, livres, sem a interferência do prédio da Faculdade de Direito. (LOPES, Marciano. **Fortaleza Antiga**: Praças, Ruas, Esquinas. Fortaleza, Ed: ABC, 1998)

Dali, grande parte da água era canalizada para o centro da cidade, onde era aproveitado o declive do terreno para facilitar o escoamento. Com os sucessivos períodos de seca, principalmente a grande seca de 1877, e as inúmeras dificuldades de novas instalações e manutenção por parte da Companhia e do Poder Público, a tentativa se mostrou ineficaz.

Ainda na década de 1950, nos bairros de Fortaleza mais abastados, como a Aldeota, ocorria uma freqüente falta de água, chegando a ser registradas até 72 horas sem abastecimento. O jornal "O Povo" de 1951 apresentava a seguinte matéria a respeito dos projetos de ampliação da rede abastecedora:

> **Ampliação de duas redes**
>
> (...)
> O plano Saturnino de Brito, prevê, em linhas gerais, se não nos enganamos, três importantes cometimentos. a) modificação das redes de água e esgoto e sua ampliação; b) construção de caixas d'água; c) ampliação dos filtros em Acarape.

> Na rede d'água, será substituída toda a tubulação inferior a três polegadas e distendidos canos novos em vários bairros da cidade. Como se sabe, os canos daquele diâmetro em uso estão quase obstruídos pela ferrugem interna, enfraquecendo assim, de muito, a pressão da rede, nas suas extremidades. Por isso é que, em muitos reservatórios domiciliares, a linha chega aos pingos a noitinha, quando chega.
> Em Joaquim Távora e Aldeota, serão construídas duas caixas d'água de 750.000 litros cada uma. E, em diversos pontos da capital, mais sete depósitos de um milhão de litros.
> O aumento dos filtros em Acarape terá prosseguimento para atender às futuras necessidades de tratamento da água.
> Por sua vez, o serviço de esgoto sofrerá grandes modificações, tanto em seu desdobramento, para acompanhar as zonas abastecidas com a reforma geral, como no seu processo de escoamento final.
> A matéria coletada não será mais lançada "in natura" no mar, ou melhor, nas antigas praias do "Náutico", mas tratada quimicamente em orla mais distante. (...)
> Anunciou uma folha situacionista que o governador Raul Barbosa, em sua viagem ao Rio, tratará de conseguir numerário para atender a essa real necessidade de Fortaleza.
> Deus queira que o consiga com o Sr. Getúlio Vargas ou com casas de crédito não oficiais, não só em condições favoráveis a nossa economia como com a brevidade exigida pelo caso. Esperamos, por outro lado, que uma boa arrecadação possa fazer face aos compromissos assumidos.
> O saneamento da cidade é obra de indiscutível interesse para a nossa coletividade. [92]

Os materiais utilizados para constituição dos encanamentos eram de ferro, o que os tornavam frágeis diante da ferrugem de um clima úmido e de alto teor de maresia. Como aponta a matéria acima, os canos eram facilmente enferrujados, o que tornava precária a situação de distribuição da água para os sistemas domiciliares de encanamentos, dificultando seu fluxo. Além disso, temos os problemas apresentados pelo Governo em sanar o déficit de fornecimento d'água para a população, assim como os planos e projetos, muitos não atendidos a tempo ou de forma satisfatória.

O poder público procurava sempre se dizer presente e se fazer responsável e empreendedor das mais diversas realizações urbanas em prol do desenvolvimento e do progresso. No Guia Turístico e Informativo de Fortaleza de 1974/75, era dito que "*ao Governo do Estado sempre coube a responsabilidade do abastecimento d'água da cidade de Fortaleza"*. [93] Mas como foi pesquisado e explanado anteriormente, é

---

[92] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 12 abr. 1951, p.06.

[93] **Guia Turístico e Informativo de Fortaleza**. Fortaleza, 1974/75. Dei importância a esta fonte histórica, produzida 4 a 5 anos após o fim do período que foi selecionado para a pesquisa, porque nela encontram-se ainda citações referentes à década passada (1960) e também apresenta dados e

percebível que muitas das iniciativas relativas a muitos serviços e melhoramentos urbanos partem da iniciativa privada e muito também de boa parte da população, que buscava de muitas maneiras o acesso à água, seja em mananciais, poços, lagoas ou mesmo os vendedores ambulantes. O Estado, quando se prontificava a planejar e concretizar tais trabalhos, geralmente buscava apoio ou auxílio do capital privado, além do saber técnico especializado, que se fazia muito mais presente nas empresas particulares.

Já na década de cinqüenta, a partir de 1954, novos planos foram postos em prática, como, por exemplo, o trabalho de ampliação dos filtros no açude do Acarape e a construção de duas novas caixas d`água, uma localizada na Praça da Bandeira, reunindo, dessa forma, três caixas d`água, que até hoje lá se encontram, e a outra localizada no mais novo bairro de aspiração das elites fortalezenses, o Bairro da Aldeota, entre as esquinas da rua João Cordeiro e Antonio Sales.

Foi justamente a partir do Bairro da Aldeota que teve início a instalação de mais de 100 quilômetros de canos, percebendo, outra vez, o empenho do poder público em favorecer às classes mais abastadas, priorizando o interesse das elites que passavam a firmar o bairro como a mais nova área nobre da cidade. A falta d'água e a de esgotos eram constantes no bairro (Aldeota). Os mais abastados instalavam seu próprio serviço d'água, mas não havia água nem chafarizes para os menos favorecidos que ali residiam. Desde 1947, a Prefeitura interditara um poço localizado na Praça da Bandeira por considerar a água de inferior qualidade, trazendo dificuldades ao abastecimento da população.

A matéria do jornal "Unitário" de 1963 continuava expondo a falta d'água e as irregularidades do abastecimento pela companhia responsável:

> **Água e Esgoto do Ceará** – aviso aos contribuintes de Aldeota
>
> O SAAGEG avisa aos senhores consumidores d'água do Bairro de Aldeota que, visando a impedir o funcionamento dos motores diretamente ligados à rede de abastecimeto, bem como o disperdício que acarreta a aguação de jardim, e, ao mesmo tempo melhorar o suprimento d'água daquele bairro, vem alterando, em caráter experimental, o horário de abertura das caixas ditribuidoras situadas nas ruas João Cordeiro e Tibúrcio Cavalcante,

---

informações legados dos períodos passados. Especificamente o trecho selecionado pode ser conveniente pra fazer uma discussão sobre as responsabilidades do Poder Público confrontando discurso e realidade, contradições que atravessam distintas e distantes épocas da história de Fortaleza.

> operação que se vem verificando e veerificar-se-á a noite e a horas incertas enquanto perdurar a experiência, pelo que recomenda aos senhores contribuintes manterem fechadas as torneiras diretamente ligadas a tubulação de entrada da água do Acarape. [94]

É visto, pois, que em meados da década de 1960, ainda havia uma inconstante distribuição da água, mesmo nos bairros mais ricos. O anúncio avisava sobre as possíveis horas de desligamento da rede, pois havia dificuldades em atender a toda a demanda requerida pelos residentes e usuários, necessitando de ações de racionamento e economia d'água, além de apresentar crítica a práticas constantes de aguar jardins, colocando-as como desperdício, demonstrando tentativa de disciplinarização do uso da água.

Tendo por base o que afirma Jucá (2003), os bairros beneficiados pela ampliação da área servida foram São Gerardo, Monte Castelo, Brasil Oitica, Arraial Moura Brasil, Gentilândia, 13 de maio, Marechal Deodoro, Praça São Sebastião, Carapinima, Dom Jerônimo, Pajeú, Nova Aldeota e a zona central da cidade.

Nos anúncios populares do jornal "Unitário" de 1959, destacamos: "CASA: - Aluga-se uma para residência de família de tratamento, nas imediações da Reitoria, com 6 quartos, 3 banheiros, Água do Acarape e poço profundo. É de recente construção, isolada com jardim, etc." [95]

Tal anúncio de aluguel residencial comprova a importância de saber que após tais ampliações não se podia generalizar a melhoria da totalidade dos bairros, pois era sabido que a rede de abastecimento e o empenho governamental deixavam muito a desejar. Mostra-se como grande benefício o fato de haver água vinda do Acarape (lugar de água saudável e garantida pelo tratamento governamental), e também a necessidade de se ter um poço profundo em casa para as "eventuais" (freqüentes) faltas d'água. Tendo em vista isso, era notória a manifestação, até mesmo em meio jornalístico e em diversos anúncios imobiliários, a importância de água abundante, cacimbas e poços, como uma vantagem diferencial e essencial para a locação e venda de casas e comércios.

A dita falta de manutenção e investimento do governo deixava por enferrujar e vazar grandes extensões da rede captadora e dos canos de distribuição, acarretando um grande déficit no abastecimento da população, pois a água do

[94] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 24 out. 1963.
[95] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 10 jul. 1959, p.06.

açude Acarape que chegava a cidade nem sempre tinha força para chegar às caixas d'água domiciliares. *"Em 1959, foi substituída a rede de distribuição em algumas ruas, mas do total de 48.894 prédios urbanos, apenas 9.321 dispunham de água canalizada, restando, portanto, 39.573 que dependiam de abastecimento domiciliar".*[96]

Em matéria do jornal "Gazeta de Notícia" de 1963 abaixo, ainda era comum essa tentativa governamental:

> **Água: 120 Milhões de Litros de Déficit**
>
> Dos mais de seiscentos mil habitantes de Fortaleza, apenas uma parcela de sessenta mil, dez por cento, mais ou menos, se dão atualmente o luxo de possuir em suas casas água do sistema do Acarape. Doze mil ligações é o que existe na cidade, ficando o restante dos seus habitantes a se abastecer através de poços particulares ou dos raros chafarizes existentes na zona suburbana.
> O atual sistema de abastecimento dá a Fortaleza cerca de 12 mil metros cúbicos de água por dia, quantidade em muito insuficiente para satisfazer as necessidades do consumo normal, que é distribuída por seis reservatórios, três dos quais localizados na praça Clóvis Beviláqua.
> Nossa rede distribuidora de água possui atualmente cerca de 153 quilômetros de extensão, dos quais 42 foram colocados antes de 1926, constituindo-se de canos velhos de ferro, a sua maioria já totalmente obstruída pela ferrugem, quando não furados e provocando vazamentos. Os restantes foram plantados em 1954, num total de 111 quilômetros, de acordo com o projeto Saturnino de Brito, elaborado ainda durante a ditadura, lá pelos idos de 1942. Sua maior parte se constitui de canos de dimensão inferior a três polegadas.
> Para que se possa ter uma idéia do déficit atual no abastecimento de água de nossa cidade, basta que se diga que a primeira adução de água do Acarape foi projetada em 1941, ainda pelo engenheiro João Felipe Pereira. Nossa época, a capacidade prevista era já de 5 mil e 300 metros cúbicos diários, quase a metade do total de que hoje dispomos. Consistia esse sistema em linha de canos de 15 polegadas, descendo a água pela gravidade, contornando a serra do Acarape e vindo para Fortaleza correndo paralelamente a linha férrea.
> Entre 1937 e 1942, Saturnino de Brito projetou a ampliação para um abastecimento de 18 mil metros cúbicos de água por dia. Vejamos daí que, há mais de vinte anos atrás, se necessitava de muito mais do que hoje dispomos para consumo. Mas nada se fez de logo, ficando o trabalho na ampliação da estação de tratamento e de parte da rede de esgoto, já em 1956.
> A nossa adutora de Guaiuba, que traz a água a Fortaleza e atualmente sofre a substituição de seus canos por outros novos e mais largos está em situação imprestável. A maioria dos canos de 15 polegadas é velha demais

---

[96] JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960).** São Paulo: Annablume: Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

> e o aquecimento sofrido quando da retirada do chumbo das juntas os tornou ainda menos resistentes. Assim, apesar de poder transportar uma quantidade maior de água para Fortaleza, a adutora somente nos dá 12 mil metros cúbicos diários, pois a pressão maior seria o fim da medida e viria ela a se romper [...] [97]

A notícia acima demonstra a total precariedade e insuficiência do serviço de abastecimento d'água em Fortaleza que perdurava ainda em meados dos anos de 1960. Aponta que apenas 10% da população tinha o luxo de possuir água encanada em suas residências advindas do sistema do Acarape, uma parcela quase insignificante diante de mais de 50 anos de tentativas para organizar um sistema eficiente de coleta e distribuição d'água.

A realidade apresentada mostra que quase 30% da rede distribuidora era ainda de 1926, instaladas, pois, há mais de 30 anos e completamente estragada e carcomida pela ferrugem que entupia os canos, quando estes não rompiam e causavam prejuízos e desperdício. O trabalho de substituição desses canos era complicado, pois demandava muito tempo e um maquinário pesado, além de causar muitos transtornos, com demolições e quebra-quebras. E mesmo feito um serviço pelos técnicos de restauração ou substituição desses encanamentos, era preciso outro trabalho de construção de sistemas domésticos para receber a água, sistemas esses quase inexistentes.

A matéria do jornal "Gazeta de Notícias" continuava:

> (...)
> No que tange aos esgotos, temos em Fortaleza, uma cidade de mais de mil ruas, apenas 42 quilômetros desses condutores. O projeto, também executado pelo escritório Saturnino de Brito, previa a construção de 220 quilômetros de esgotos, mas faltam ainda ser construídos 178 desse total.
> Vivemos assim numa cidade construída sobre fossas, ameaçada constantemente pelo uso de águas poluídas, problema esse que se agrava mais ainda na região rica, ou seja, na Aldeota. Naquele bairro se chega ao cúmulo de construir fossas no meio da rua. Milhares delas existem, umas ao lado dos poços de onde sai à água de uso doméstico, o que torna condenável a maioria dessas fontes. Em cada lote, na maioria medindo 11 metros por 40, encontra-se invariavelmente uma fossa e um poço. Logicamente, é impossível guardar-se, entre todos eles, a distância recomendada pelos engenheiros sanitários, e o resultado é que muita gente usa água condenada nesta cidade, por falta exclusiva de um sistema de distribuição oficial à altura. [98]

[97] Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 15 out. 1963, p.07.
[98] Jornal **Gazeta de Notícia**. Fortaleza, 15 out. 1963, p.07.

Como visto acima, a situação do sistema de esgoto era ainda pior, pois nem um quinto da rede de saneamento fora feito. A gravidade se expressa de forma pungente quando o autor refere-se a uma *"cidade construída sobre fossas".* Fossas rudimentares que ainda dependiam em muito do trabalho de limpadores de fossas e esgotos, com uma forte carência de um serviço oficial e regular para lidar com tamanho problema urbano.

Podemos refletir também sobre o fato de que ao mesmo tempo em que a gestão técnico-higienista pregava e recorria a medidas sanitárias e higienistas, ela deixava ao descaso o tratamento dos esgotos e fossas e permitia a contaminação da água dos poços para usos domésticos.

Apesar dos projetos governamentais de construção de novas redes adutoras e distribuidoras de água, assim como sistemas de escoamento de esgoto, o abastecimento instável prosseguiu e a grande maioria das populações e residências, sobretudo da periferia, dependiam dos chafarizes, torneiras e bicas públicas. Até o início da década de 1970, só havia seis chafarizes ligados à rede pública de distribuição. Os pobres dependiam também dos muitos poços, cacimbas, cisternas e mesmo da compra d`água dos vendedores ambulantes.

O surgimento de novos materiais como o plástico possibilitou dentro do universo material relativo à água o surgimento e a transformação de vários objetos. Marciano Lopes nos conta que "o plástico, que não ficara só nos copos, aumentou a família na forma de bacias, baldes, tijela, pratos e até penicos...". [99] O fato de ser lembrado de forma destacada nessas memórias indica que o plástico foi material que causou grande impacto e mudança no consumo em Fortaleza. Vemos aos poucos diminuírem os usos de certos objetos, como os conhecidos potes de água, feitos de barro ou cerâmica.

Com o surgimento do policloreto de vinila, mais conhecido como PVC, as empresas de canos, tubos e conexões d`água passaram a desenvolver com este novo material produtos de fácil encaixe e/ou solda, rosca e mais importante de tudo, canos inoxidáveis. A marca Tigre sobressaiu-se como pioneira na produção destes materiais sob a prerrogativa da praticidade e durabilidade de seus produtos, como podemos notar em uma propaganda da marca, destacada entre várias outras:

[99] LOPES, Marciano. *Op. Cit.*

Encanamento moderno com tubos e conexões Tigre de PVC rígido é eterno. [100] (grifo nosso)

O encanamento de PVC se deu como um grande advento para o desenvolvimento das redes abastecedoras, isto, no entanto, não se deu logo de imediato, pois a constante afirmativa governamental em cima da falta de recursos impossibilitou a imediata substituição dos antigos canos de ferro, que estragavam e enferrujavam, pelo mais novo material tão *"rígido"* quanto o chamado "ferro redondo", mas principalmente por seu caráter *"eterno"*.

As vantagens e facilidades prometidas não paravam em sua resistência e durabilidade, mas atestava outras tantas, como nos apontava o anúncio do jornal O Unitário de 1963:

> Os tubos e conexões Tigre pesam cinco vezes menos que os similares comuns. Dessa leveza decorre considerável economia no frete e maior facilidade no transporte e na colocação. Além disso... não entope (simplesmente porque o PVC não enferruja) e sua instalação não exige ferramentas especiais. Pergunte ao seu engenheiro ou ao seu instalador e ele lhe dirá como estas vantagens são importantes. [101]

O anúncio acima propagava o fim dos problemas com ferrugens, as vantagens de peso, flexibilidade e montagem dessas estruturas plásticas que garantiam a eficiência do fluxo da água para os reservatórios de uso das construções, pois os chamados "ferros redondos", mesmo galvanizados, apresentavam problemas para montagem do sistema de abastecimento contínuo das casas.

Pensar o desenvolvimento desses encanamentos permite buscar indícios de novas formas de lidar com a água e de que maneiras eles passavam a abastecer os domicílios e prédios com sua fácil instalação e sua comprovada vantagem perante outros materiais. O jornal "O Povo" de 1948 expunha o caráter imaginativo sobre perspectivas de desenvolvimento desses materiais e produtos, como vemos abaixo:

> **Morrendo e aprendendo...**
>
> Os futuros encanamentos das casas não se poderão quebrar ou oxidar, nem deixam vazar água, pois serão sempre de um vidro duríssimo

[100] Jornal **O Unitário.** Fortaleza, 23 jun. 1963, p.14.
[101] Jornal **O Unitário**. Fortaleza, 21 jul. 1963, p.14.

> inquebrável. As tubulações não terão roscas, pois agora se pode soldar o vidro mediante ondas de alta freqüência. [102]

A partir da fonte acima, percebemos indícios que apontam os muitos problemas causados pelos antigos encanamentos de ferro e com pouca espessura. O vidro se apresentava ainda como principal material miraculoso, capaz de adquirir qualquer forma e possuidor de características mágicas, transformando e melhorando os objetos almejados pelo progresso modernizante, que concebia nestes materiais fonte de melhoras capazes de resolver os principais problemas apontados pelos antigos canos, além de indicar a presença de uma modernidade técnica que permite idealizar técnicas capazes de realizar grandes façanhas, como "*soldar o vidro mediante ondas de alta freqüência"*.

O investimento se mostrava tão baixo que ainda eram utilizados aparatos obsoletos e frágeis, mesmo com a presença de novos materiais e objetos (PVC, encanamentos, roscas, etc.), bem como equipamentos e aparelhos (bombas com várias potências e atuantes em altas profundidades, medidores, filtros, etc.). Assim, mesmo quando o sistema conseguia bombear considerável quantidade de água para a rede, essa rede de tubos e encanamentos não era capaz de fazer fluir com força e velocidade todo o líquido bombeado, já que era constituído de encanamentos curtos e finos, o que dificultava ainda mais a passagem da água.

A prática, por exemplo, de retirar a água do interior de poços, cacimbas, tinas, fontes, lagos, açudes ou rios, sempre com a ajuda de baldes, bacias e canecas, passou por uma série de transformações que realizaram novas ações e formas de fazer, mudanças que subentendem um aprendizado do corpo para lidar com os novos objetos, artefatos e equipamentos utilizados para se poder obtê-la e usá-la. Entre os equipamentos que serviriam para obter a água, observava-se a necessidade de objetos que viessem a dar mais força à água para chegar até as residências, além de facilitar sua coleta e dispensar o uso de cordas, roldanas, baldes e o desgaste de andanças de idas e vindas, encher e secar baldes e cacimbas. Anúncio do jornal "Gazeta de Notícia" propagandeava:

> **Bombas GOULDS** – Não seja escravo da água, obtenha água corrente abundante com Bombas GOULDS. Bombas para poço raso e profundo. Com capacidade desde 1.400 litros até 13.200 por hora. LUBRIFICAÇAO

[102] Jornal **O Povo**. 06 fev. 1948, p.07.

> AUTOMÁTICA. Bombas para residências e industriais. Visite nossas exposições permanentes e peça uma demonstração inteiramente sem compromisso – AGENCIA PHILIPS. [103]

E noutro do jornal "Unitário":

> **ÁGUA!!! Foi um problema agora é solução ao seu alcance. Bombas King**.[104]

Nos anúncios, percebe-se a constante propagação das bombas hidráulicas que facilitavam a coleta d'água e "libertavam" as pessoas da constante luta pela conquista d'água. Havia também a ilustração de um homem lavando as mãos numa torneira de metal na pia e ao lado, a foto da bomba King. Podemos perceber, a partir da propaganda citada, que os próprios anunciantes já remetiam à idéia de comodidade, com a supressão de determinadas ações/gestos do corpo, saltando etapas e acabando com práticas relativas à coleta e ao uso da água, práticas como: puxar água de poços, encher baldes, carregá-los, encher pias e bacias, utilizar cuias e canecas para lavagem e asseios, etc.

Como salienta Daniel Roche: "Foi preciso ensiná-las a fazer novos gestos, a adquirir novos hábitos, fechar e abrir, o que não era óbvio num mundo em que as fontes escorriam sem parar – bastava mantê-las -, onde as nascentes raras e abundantes eram alvo de cuidados precários, onde poços e as bombas implicavam outras manipulações" [105]. Assim, estabeleciam-se novas relações do corpo com os equipamentos aqüíferos, além da exigência de novos saberes na hora de utilização desses novos equipamentos técnicos.

No mais, a distância temporal apresentada pelas duas propagandas de bombas d'água indica a permanência do problema em conseguir água potável em Fortaleza. Em Fortaleza, até os anos 1960, grande parte dos problemas pertinentes à adução e distribuição de água era a pouca força movida pelas velhas e precárias bombas adutoras, que muitas vezes não conseguiam subir a água até as caixas domiciliares, e, sobretudo, um constante gasto com a manutenção de canos estragados pela ferrugem, o que contribuía para o baixo fluxo de água trazida dos açudes para os reservatórios e destes para as residências.

---

[103] Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 07 abr. 1944, p.03.
[104] Jornal **O Unitário**. Fortaleza, 14 jul. 1963.
[105] ROCHE, Daniel. *Op. Cit.*

A água passava a ser vista com muito mais ênfase como bem individual e com maior necessidade de armazenamento e controle, com novos e diferentes mecanismos e aparelhos de coleta, reservatórios e instrumentos de manipulação.

Dialogando com a historiadora Denise Santa'Anna [106], percebe-se que as torneiras, além da comodidade que traziam, transformaram-se num mecanismo técnico de controle do fluxo da água, instrumento que regrava e ajudava na sua economia, para não haver desperdícios. Em face desse argumento, do não desperdício do precioso líquido, é que se apelava para a noção de cidadania, em que o poder público passava a buscar formas de regularizar e controlar o acesso do bem essencial que costumava fluir por seus caminhos naturais.

Com isso, passava a se inventar uma variedade de torneiras que realizavam diferentes funções, regravam diferentemente o fluxo de água, o que as tornava, por sua vez, influentes na criação ou adaptação dos objetos de armazenamento, coleta e manuseio da água. Baldes, bacias e cuias feitas de novos materiais, com ganchos e alças, cumpridas ou curtas, quadradas ou redondas, entre outras variações, iam se adaptando às novas necessidades.

Como nos fala Sant'Anna, *"tal aprendizado, assim como tantos outros, não poderia ocorrer sem a coação de antigos gestos, o adestramento das mãos, do braço e da visão em função de movimentos giratórios cada vez mais associadas aos valores do conforto e da economia individualizada da água".* [107]

O próprio controle que se impunha sobre a quantidade de água que podia ser comercializada e até consumida passou a ser um foco proeminente da Administração Pública, e esta em meio a tantos problemas urbanos passou a discutir planos e projetos de regulamentação para o serviço de abastecimento da cidade. Também é observável que a qualidade da água, ou seja, seu nível de salubridade, começou a se demonstrar como ponto fundamental da ação higienista.

Havia certa tentativa de disciplinar, isto é, tornar "correto" a captação e a utilização da água para seus diversos fins. Tal "aprendizado" recorre a todo um adestramento do corpo, uma transformação de ações e práticas, assim como um trabalho de conscientização referente a formas de se coletar, transportar e utilizar a

[106] SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. Cit.
[107] *Idem.*

água; ações e gestos que poderiam representar a escassez ou a abundância, o desperdício ou seu pleno uso, saúde ou doença.

Na rotina das populações mais pobres, o acesso à água nesses poços passava pelo uso de cordas, roldanas, manivelas e baldes, o que requeria determinadas ações e gestos corporais. Novos equipamentos, como as bombas hidráulicas para bombear água para cisternas e caixas d'água (antes os cataventos faziam essa função), sendo primeiramente manuais, mais tarde a combustíveis, como óleos e querosene, e por fim as elétricas, que modificaram práticas e hábitos cotidianos, assim como suprimiram e criaram novos gestos e ações corporais, constituindo outras formas de uso. "Barris, pipas, filtros de barro, cuias, potes, jarros, cocos, baldes... A variedade de utensílios e materiais utilizados para coleta, o transporte e o armazenamento da água é um testemunho da riqueza material criado no passado. Seus usos, incluindo os modos de transporte, fornecem indicações preciosas sobre o cotidiano na cidade". [108]

Em 1971, foi fundada a CAGECE (Companhia de Água e Esgoto do Ceará), companhia de economia mista capacitada a dirigir dentro da moderna administração tão difícil setor da coisa pública.

Foi, portanto, a partir da fundação da CAGECE que se vê o poder publico com um maior comprometimento e responsabilidade com a realização de projetos de caráter mais expansivos, abrangendo novas áreas, ampliando consequentemente a rede de captação e distribuição do abastecimento d`água. Vultosas obras passaram a ser empreitadas nas décadas posteriores a 1971, inaugurando, assim, a Companhia de Água e Esgoto, que subsiste até os dias atuais. Assim sendo, passaram-se a projetar obras que pretendiam realizar profundos relatórios técnicos, triplicando o número de reservatórios.

[108] SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Op. Cit.*

2.2 – A Energia e a Lâmpada

> "Além de tudo, a luta contra a noite podia se tornar objeto de orgulho e de ostentação, não apenas porque era cara, mas porque fazia parte das conquistas de uma civilização, por meio de um conjunto de procedimentos que ainda não estavam completamente banalizados." [109]
>
> (ROCHE, Daniel**. História das coisas banais...** *Op. Cit.)*

Podemos perceber as tentativas dos governos em lidar com o problema do péssimo estado da iluminação da Capital cearense, principalmente quando do inchamento da cidade, com o recebimento de inúmeras ondas migratórias do interior e o crescimento populacional, assim como a expansão da rede urbana, multiplicando seus bairros e sua área metropolitana, principalmente na década de 1950. O jornal "O Povo" de 1948 destacava, pois:

> **ILUMINAÇÃO PÚBLICA**
>
> Foi restaurada a iluminação em vários trechos das linhas existentes, num total de 1.300 lâmpadas e dispensada cuidadosa assistência de linhas de iluminação contra as depredações dos malandros e malfeitores que dão um prejuízo mensal de 500 lâmpadas quebradas, postes e globos danificados e quebrados. Estabeleci o serviço de ronda noturna, dotando a secção de uma camionete, restaurada do montão de ferro velho. [110]

Esse relatório do então Prefeito enviado ao Governador do Estado apontava as frágeis tentativas governamentais em melhorar o serviço de iluminação de Fortaleza. Ele anunciava a restauração de um considerado número de lâmpadas em locais já existentes, ou seja, tratava-se de um "simples" reparo do que já existia, e não um efetivo trabalho de ampliação das linhas luminares, mostrando que quando o poder público se prestava a dar alguma atenção a tal problema, parecia não passar do âmbito reparatório, sem consistente ampliação do número de usinas, motores, caldeiras, lâmpadas, postes, fios e também trabalhadores.

---

[109] ROCHE, Daniel. *Op. Cit.*
[110] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 07 jan. 1948, p.03.

Mas o que podemos chamar atenção no descrito acima é o fato de certa política de preservação que aparecia na intervenção pública com a preocupação em manter ilesas as aparelhagens de iluminação, assim "*dispensada cuidadosa assistência de linhas de iluminação contra as depredações dos malandros e malfeitores que dão um prejuízo mensal de 500 lâmpadas quebradas, postes e globos danificados e quebrados*". É visto, pois, que tal serviço demandava a existência de um outro serviço vinculado ao do sistema de iluminação, no caso a criação de uma ronda noturna específica, dotada de equipamento próprio, mesmo que restaurado e reaproveitado. Temos então um serviço demandando a necessidade de outro para garantir o pleno funcionamento daquele, gerando múltiplas relações sociais entre prestadores de ambos os serviços (Light, técnicos, instaladores e reparadores com guardas, fiscais e a Prefeitura de Fortaleza), além dos consumidores (usuários) e os moleques e malfeitores. Vemos também como objetos eram reaproveitados e re-locados de acordo com as novas necessidades de uma cidade que se expandia rápida e desordenadamente.

Outra matéria do jornal "Gazeta de Notícias" de 11 de outubro de 1949 destacava:

> **O abrigo continua escuro**
>
> Os jornais noticiaram o fato, sem dúvida bem recebido pela população, de que a Prefeitura restaurou cerca de 5 mil lâmpadas nas diversas ruas de Fortaleza. Melhor dizendo, a Prefeitura colocou aquele número de lâmpadas em nossas diversas artérias, de sorte que muitas delas, que estavam totalmente às escuras, hoje apresentam-se claras. Constatamos o fato em diversos bairros e, desta maneira muitos e muitos habitantes de nossa capital saíram das trevas em que estavam, pois na realidade ruas existiam que praticamente não eram iluminadas. Basta se atender para o número de lâmpadas que teve de ser colocado para se verificar quanto estava precária a iluminação da cidade. De qualquer maneira ocorreu uma melhoria e é de se pensar que outros bairros que ainda não puderam ser atendidos, desfrutam, dentro de pouco tempo, de igual benefício, para alegria dos seus moradores. Há que se fazer contudo, um reparo a respeito de coisa que temos martelado e que é um absurdo. É que algumas de nossas ruas ganharam lâmpadas, saíram da escuridão, mas o Abrigo Central, "o coração da cidade", continua completamente escuro. Quem quer que penetre no amplo logradouro mas tão mal cuidado e desprezado, verificará que todas as suas lâmpadas, sem faltar nenhuma, estão queimadas. Todos sabem que o Abrigo está sendo iluminado por particulares e que quando as lâmpadas dos estabelecimentos que ali funcionam são fechadas, a escuridão domina tudo. O fato é comentado amargamente pela população. Mas nenhuma lâmpada é restaurada. Por que a Prefeitura não faz isso? Ou será que a obrigação não é sua, mas do

> arrendatário? Se a obrigação for deste, deverá haver um contrato e neste deve haver cláusula obrigando o arrendatário a conservá-lo. Mas a verdade é que o Abrigo não terá uma só lâmpada, a Prefeitura não coloca nenhuma e nem chama a atenção de quem de direito, mandando que cumpra a obrigação que lhe cabe. Trata-se de um descaso tremendo, de um absurdo inqualificável que não merece mais comentário, por encerrar uma gama de responsabilidade que escapa às raias do impossível. Isto é o que a população está comentando, enquanto o Abrigo continua escuro. [111]

O assunto descrito acima traz o mesmo problema de iluminação que persistiu até os anos 60. Um dos pontos mais importantes e movimentados da Fortaleza dos anos 1950 era também refém do péssimo serviço prestado pela companhia responsável pelo abastecimento de energia da cidade de Fortaleza, a Light. Mesmo a Prefeitura Municipal fazendo o trabalho de restauração, a melhor colocação de cinco mil lâmpadas, este ainda não era suficiente para suprir as necessidades de locais considerados de suma importância na "vida da urbs", e pontos centrais na configuração espacial da cidade. A matéria destacava que o descaso e a incapacidade de uma prestação de serviço adequada não eram privilégio dos locais periféricos.

A matéria destacava também a importante presença da iniciativa particular, apresentando-se como serviço complementar ao público e da empresa responsável, muitas vezes única em determinados locais, como no Abrigo Central, que ficava à despesa do grupo Edson Queiroz. A crítica também recaía na falta de cobrança de responsabilidades da Municipalidade diante da precária prestação do bom serviço de iluminação pública do local, pois "*a Prefeitura não coloca nenhuma* (lâmpada) *e nem chama a atenção de quem* de direito, *mandando que cumpra a obrigação que lhe cabe"*.

Analisemos uma matéria do jornal "Unitário" do ano de 1959 sobre a situação energética da capital cearense:

> **Cidade às escuras mesmo com energia –** cerca de 4.500 lâmpadas queimadas.
>
> Mesmo com o término do racionamento de energia elétrica que por mais de um mês afligiu a população fortalezense, por incrível que pareça, a cidade continua às escuras, em quase completo "Black-out".
> Foi na própria Secção de Luz do Serviço de Luz de Fortaleza (SERVILUZ), que a nossa reportagem foi informada de que das 14 mil lâmpadas que

[111] Jornal **Gazeta de Notícia.** Fortaleza, 11 out. 1949.

> existem nos postes cerca de 4.500 estão queimadas, enquanto mil aproximadamente apresentam defeitos em suas instalações, ficando, pois, em proporção, quase a metade da cidade sem iluminação.
> Enquanto isso soubemos que a Municipalidade não tem dinheiro para fazer a substituição dessas lâmpadas inutilizadas, advindo assim um grande retardamento para que as ruas da nossa Capital voltem a ser iluminadas com regularidade.
>
> CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS PARA O POVO
>
> A falta quase completa de luz nas ruas de modo especial das dos bairros mais afastados, vem trazer conseqüências imprevisíveis à população. Um dos inúmeros malefícios que esta irregularidade gritante ocasiona é a facilidade e o campo aberto para a vida de seus habitantes. Estes acontecimentos – furtos – vêm sendo diariamente noticiados pela crônica policial, vindo, portanto demonstrar a autenticidade do nosso argumento.
> Outro aspecto que merece destaque é o que se relaciona com a incidência de atropelamentos, sem falar nos abalroamentos. [112]

Quando não era a deficiência, que acompanhou por muito tempo a história do abastecimento elétrico em Fortaleza, da geração e distribuição de energia com a falta de manutenção e/ou danificação do maquinário, percebemos que o problema se estendia aos aparelhos mais básicos para emanar a luz criada: as lâmpadas. Praticamente 30% das lâmpadas e instalações se encontravam danificadas, devido à falta de manutenção, sem mencionar às depredações, reforçando a irregularidade do serviço.

A notícia relata também o grave problema de roubos, atropelamentos e "abarroadas", devido à escuridão que dominava as ruas. Aqui, eram representadas outras preocupações com a iluminação. Referindo-se à segurança pública, o que implicava a ligação entre iluminação e segurança e também, no âmbito da visibilidade, sensibilidade cada vez mais atiçada pelos novos ritmos e modos de vida moderna. A visão noturna, aperfeiçoada pela luz artificial, era questão de vida ou morte, pois o crescimento da violência (roubos, homicídios, estupros, acidentes e outros) e dos perigos do crescente tráfego automotivo exigia que se clareassem as ruas para enxergar e se proteger na noite escura e perigosa.

Os problemas relativos ao serviço de iluminação da Capital do Ceará acompanharam a primeira tentativa de iluminação das ruas e logradouros da cidade. No ano de 1835, a cidade se encontrava provida de ralas lâmpadas acesas com azeite de peixe. Raimundo de Menezes nos lembra aqueles tempos, quando "para

[112] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 02 jul. 1959, p.08.

andar, depois que o sol se punha, carecia-se de trazer à frente, clareando a rua, com uma lamparina à mão, um ou mais escravos...". [113]

Em 1859, a iluminação passou a ser à base de gás carbônico, iniciativa tomada a partir de um contrato público privado pelo Presidente da província e os negociantes Joaquim da Cunha Freire & Irmão. Esta parceria tinha como plano inicial instalar 400 combustores pelos principais pontos e esquinas da cidade, mas não apareceram tais aparatos, pelo menos não em sua totalidade. O que surgiu em seu lugar foram pequenos ganchos nas paredes das casas, iluminando com seus pavios através de seus globos armados em ferro e vidro a pouca luminosidade de dez velas, dando aspecto de penumbra à noite fortalezense. Em 1864, retiraram-se os ganchos em virtude de protestos, pois a população os considerava de mau gosto estético e ineficientes fontes luminosas.

Neste mesmo ano de 1864, renovou-se o contrato firmado anteriormente, mas agora por meio de gás hidrogênio carbonado. E pretendia-se elevar o número de combustores agora para 550. Estes seriam armados em colunas de ferro fixas na ponta dos passeios das ruas, com receptáculos em vidro e ferro para receber o gás através dos bicos que o emanavam, e que corria através dos sistemas de canos arrumados para fornecer e distribuir o combustor de forma rápida e controlada. Todo esse processo exigia maior complexidade e estrutura técnica para controlar a passagem do gás pela canalização subterrânea e um "moderno" aparelho era artefato central e essencial para o funcionamento do sistema como um todo – o gasômetro (instrumento para medir e regular a passagem e liberação do gás nos encanamentos, fazendo uma distribuição adequada destes até os bicos dos lampiões. Estas cláusulas não foram cumpridas e o serviço foi então transferido, sendo dada autorização para a companhia inglesa Ceará Gaz Company Limited, empresa que inaugura oficialmente o serviço de iluminação de Fortaleza em 1867.

Tal acontecimento gerou uma esfera de otimismo e anseios progressistas, como podemos perceber em crônica da década de 1930 de Raimundo de Menezes:

> Fortaleza, iluminada daquele jeito, parecia aos seus habitantes presa de um incêndio, até então, jamais visto. Toda gente ficou deslumbrada! E, no comentário da rua, os mais letrados achavam que aquilo era um enorme

[113] Menezes, Raimundo. *Op. Cit.*

> surto de progresso para a nossa capital, que marchava, a passos largos, na retaguarda das grandes cidades do País e, quiçá do mundo... [114]

É demonstrado, sobretudo, o eufórico clima de progresso e modernização almejado pelas elites econômicas, políticas e intelectuais locais pautados num desenvolvimento técnico e material da cidade de Fortaleza em início do século XX. Os objetos e maquinários industriais de iluminação (não tão de última geração, pois até então Fortaleza só possuía usinas termoelétricas de pequeno e médio porte, com deficiência nas caldeiras e algumas dificuldades na aquisição de combustores – carvão, lenha, etc.) tornavam-se símbolos de desenvolvimento e modernidade. Pois "*aquilo (lampiões, postes, usinas, enfim vencer a escuridão da noite) era um enorme surto de progresso para nossa capital, que marchava, a passos largos, na retaguarda das grandes cidades do País e, quiçá do mundo*".

Menezes continuava na mesma crônica:

> Todas as tardes, invariavelmente, quase ao anoitecer, lá surgia o acendedor de lampiões, conduzindo sobre os ombros a sua escada, trazendo um sem-números de fósforos arrimados à boca, a percorrer, de lado a lado, a cidade, no seu mister esfalfante de acender, um por um, os bicos de gás... [115]

O relato aponta para movimentos de contramarchas inerentes a esse proposto progresso modernizante representado pela realização dum serviço de iluminação abastecido a gás através de um sistema de encanamentos e aparelhos técnicos. Mas, na mesma crônica Menezes, ao se referir a esse ambiente de deslumbramento, logo recordava a atividade dos acendedores de lampiões que costuravam as ruas e praças a acender os bicos de gás. As mãos instrumentos "rudimentares" de trabalho, sua escada e um *"sem-números"* de fósforos, a trazer pela boca, num gesto enxergado como "incompatível" aos costumes modernos.

Objetos simples (escadas e fósforos) fazem parte de um mesmo universo material de aparelhos técnicos (gasômetros), sistema tubular subterrâneo (encanamentos) e objetos sofisticados (lâmpadas, postes). E o trabalho do acendedor de lampiões, que também convivia com o saber técnico dos engenheiros, era função tão essencial quanto às outras, pois ele era o "portador do fogo".

---

[114] *Idem.*
[115] *Id. Ibidem.*

Percebemos uma pluralidade temporal, em que hábitos e atividades "provincianas" trabalhavam juntos a serviços especializados, e objetos "antigos" operavam com artefatos mais complexos de uma modernidade técnica que se almejava para Fortaleza a partir dos anos 1940.

Casas de serviços eletricistas se multiplicavam pela cidade de Fortaleza, sobretudo, a partir da década de 1950, com a expansão da produção e do consumo de inúmeros objetos elétricos. No mais, imaginamos a constante ativação destes profissionais devido à quebra dos aparelhos decorrente de maus usos e da irregularidade da corrente elétrica, distribuídas de forma ineficiente.

Mesmo com essa aparente euforia progressista e a satisfação com o serviço de luz da cidade, a empresa responsável não deixava de usar subterfúgios para economizar e diminuir sua ineficiência. No caso, refere-se ao que passou a ser chamado pela sociedade fortalezense de "contrato com a lua", pois os lampiões eram todos desligados em noites de lua cheia. Esta prática passou a ser realizada pela companhia Ceará Gaz Company Limited nos anos de 1914-18 com a 1ª Guerra Mundial, pois escasseou-se a vinda de carvão próprio para iluminação.

Esse "contrato com a lua" perdurou mesmo após a guerra. A lua passou a ser considerada sócia da companhia inglesa. Fortaleza viveu, pois, uma união duradoura entre natureza e artifício. Foi somente em 1934 que a iluminação passou a ser feita através de energia elétrica e sua responsabilidade passava agora para a Light ltda., que oficializou os serviços de produção e distribuição de eletricidade para Fortaleza apenas no ano de 1935.

O jornal "O Povo" de 1951 apresentava certo balanço sobre o desenvolvimento dos serviços prestados pela Light:

> A REALIDADE DA LIGHT
>
> (...)
> A municipalidade tem hoje a seu cargo a administração de luz e força da capital, com uma instalação obsoleta, cuja melhoria substancial nos ultimos 10 anos – exatamente na fase em que mais crescemos e progredimos – foi unicamente a instalação de uma caldeira, em março de 1944.
> Enquanto isto acontece, a carga máxima diária no período, tem aumentado aproximadamente de 40 por cento, o que é fácil verificar comparando os algarismos:
> Janeiro de 1941 – Carga máxima: 3.338Kws
> Janeiro de 1951 – Carga máxima: 4.680Kws

> E o que é espantoso é que decresce diariamente a capacidade da usina pelo inevitável desgaste do material e pela absoluta falta do tempo necessário à conservação das máquinas.
> As nossas três turbinas, que têm uma capacidade teórica de 6.250 kilowatts, dão-nos a muito custo, alternando-se no trabalho e quando as duas maiores estão em funcionamento, 4.600 kilowatts, o que está abaixo do mínimo exigido pelo consumo da cidade, no período de 19 às 22 horas, pois nesse horário a carga atinge inúmeras vezes, os 4.750 kilowatts, excedendo a capacidade das máquinas.
> Três das caldeiras datam de 1912, uma de 1925, duas compradas em segunda mão, de 1937 e 1944.
> Das sete, quatro estão com suas alvenarias quase a desmoronar-se e com várias colunas de suporte em precárias condições de estabilidade.
> O serviço de circulação dágua é deficiente, podendo provocar, a qualquer momento a paralisação da turbina de maior capacidade.(...) [116]

A fonte acima expunha os problemas enfrentados pela companhia geradora de luz e força, sobretudo a falta de investimentos, renda e fundos para ampliação e manutenção do serviço. Fortaleza passa um período de dez anos sem desenvolvimento significativo no abastecimento de eletricidade da cidade. As usinas possuíam uma estrutura obsoleta e não acompanhavam nem de longe o crescimento populacional e da demanda e consumo desse serviço.

Fortaleza passava por um grande inchamento populacional e expansão de sua área urbana nos idos da década de 1940, e principalmente a partir dos anos 1950. O poder público logo se viu com sérios problemas estruturais frente à proliferação de diversos equipamentos urbanos. Era preciso se pensar de forma racionalizada para se ordenar e estruturar a cidade a partir de pressupostos técnicos. O desenvolvimento de uma gestão técnica logo tentou dar cabo dos principais serviços urbanos e neste projeto o abastecimento de energia e alimentos e o desenvolvimento dos transportes foram os carros-chefe dos investimentos governamentais.

Os objetos e aparatos citados para gerar a energia elétrica sofriam com o tempo e tornavam-se rudimentares e ineficientes, exigindo um trabalho de restauração e aquisição de novos equipamentos mais modernos, com maior capacidade de produção e de melhor funcionamento. Isso tudo indica também um crescimento da importância do trabalho dos operadores e técnicos industriais e eletricistas, apontando essa relação dinâmica entre o desenvolvimento material, a

[116] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 10 abr. 1951, p.02.

diversificação dos objetos e equipamentos e as novas configurações e formas de trabalhar e produzir, multiplicando formas de fazer e práticas profissionais cotidianas.

Destacamos uma matéria do jornal "Correio do Ceará" de 1968 sobre o consumo de energia em Fortaleza:

> **Consumo "per capita" de energia de Fortaleza é maior que todo Nordeste**
>
> O consumo de energia elétrica em Fortaleza "per capita" em nossa Capital é 174 Kwh/ano, enquanto o da região nordestina é de 72 Kwh/ano, segundo dados fornecidos à nossa reportagem pela CONEFOR.
> De abril do ano passado a abril deste ano o aumento do consumo de energia elétrica em Fortaleza foi de 16,45%, enquanto o numero de consumidores passou de 69.606 para 75.701 aumentou de 8,75 por cento.
>
> QUEM MAIS CONSOME
>
> O setor residencial, consumiu em abril de 1967, era 4.227,699 Kwh, enquanto em, abril deste ano atingiu a 5.010,559 (18,5 por cento de aumento). Consumidores – 60.232 (1967); 65.185 (1968).
> O setor comercial: abril 1967 – 3.536,265 Kwh; abril 1968 – 2.317,802 (20,16 por cento de aumento). Consumidores – 8.18 (1967) e 9.280 (1968).
> Setor industrial: abril de 1967 – 3.536,265 Kwh; abril de 1968 – 3.602,896 Kwh; consumidores – 265 (abril de 1967); 977 (abril de 1968). Percentual de aumento> 7,93 por cento.
> O setor que teve maior incremento de consumo foi o da iluminação pública (Prefeitura Municipal de Fortaleza), pois o percentual de aumento foi de 35,33% - 139.717 Kwh em abril de 1967 para 595.101 Kwh em abril de 1968.
> Poderes públicos: abril de 1967 – 739.985 Kwh, abril de 1968 – 985.335 Kwh (Aumento de 33,30%). Consumidores – 929 em abril do ano passado e 977 em abril deste ano (aumento de 5,16%). [117]

O consumo de energia elétrica na capital cearense foi aumentando gradativamente durante a década de 1950, e atingiu uma expansão considerável nos anos sessenta, principalmente a partir de 1965, com a chegada da rede elétrica advinda da hidrelétrica de Paulo Afonso. Comparado ao número populacional de Fortaleza, o consumo de energia na cidade era bastante superior, superando toda a Região Nordeste proporcionalmente ao número de habitantes de cada município. Ou seja, para um número relativamente reduzido de habitantes, havia um consumo demasiado de energia elétrica.

[117] Jornal **Correio do Ceará.** Fortaleza, 20 mai. 1968, p.08.

O aumento do setor industrial e comercial forçou o poder público a buscar alternativas rápidas para satisfazer a demanda destes setores e também do crescente setor residencial. Observamos pelos dados fornecidos na fonte acima que o setor residencial apresentava o maior consumo (5.010,559 Kwh em 1968), mesmo sendo o consumo do setor comercial o que mais cresceu (20,16% de 1967 para 1968). Este elevado número de consumidores e a quantidade de energia requerida para atendê-los representou um aumento no número de aparelhos elétricos nos domicílios fortalezenses, o que exigia mais um consumo elevado de eletricidade. Apresentavam-se indícios, pois, do aumento do consumo de aparelhos eletrodomésticos.

Dona Maria Hermosa [118] lembra quando mudou para sua casa na rua Tibúrcio Cavalcante já na década de 1960: "*Quando eu me mudei pra minha casa na Tibúrcio Cavalcante aí já era mais moderno, porque era tudo de concreto, era toda embutida a iluminação, aí a gente conseguiu comprar uns lustres mais bonitinhos*". [119] Já havia a possibilidade de construções mais modernas com iluminação embutida, com muitas luminárias melhorando a iluminação dos ambientes, unindo necessidades reais à distinção social, pois quanto maior o consumo deste bem, a eletricidade, melhor a condição financeira da família.

Um caso contado no jornal Gazeta de Noticias de 14 de Dezembro de 1967 ajuda a elucidar as imprevisões e contramarchas do desenvolvimento de abastecimento elétrico da cidade:

> PREGO NA TOMADA
>
> A tomada há muito que não funcionava. O rádio fora vendido, o ferro de engomar quebrara. E dona Luzia, num dos seus lances de ingenuidade que sempre irritavam o marido, seu Facundo, pegou um prego e um martelo para improvisar um porta-toalha.
> Bateu o prego no buraquinho da tomada. Bem dentro mesmo. O choque que não foi sopa. Na horinha, Dona Luzia, que sofre do coração, foi levada roxa e fria para o Pronto Socorro... [120]

---

[118] Maria Hermosa Girão de Araujo nasceu em 1931. Chegou em Fortaleza no ano de 1952, casou-se no mesmo ano, morou inicialmente na Tibúrcio Cavalcante, bairro do Meireles. Em 1955 foi para a rua dos Tabajaras, bairro do Centro, morar num conjunto dos engenheiros do DNOCS. Sempre foi dona de casa. Morou nos bairros do Centro e Meireles.

[119] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 21/12/2007 com Maria Hermosa Girão de Araujo, de 76 anos de idade, na sua residência.

[120] Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 14 dez. 1967, p.08.

As instalações elétricas se multiplicavam pelas casas da capital cearense. Tomadas eram os pontos onde se conectavam os objetos à eletricidade despachada por estes 'buraquinhos na parede". Portanto, este equipamento funcional podia ajudar a revelar um aspecto do saber técnico desprendido para a utilização adequada destes novos e desconhecidos aparatos energizadores. Ao realizar tal idéia, tida por Dona Luzia como conveniente e esperta, percebemos que a ingenuidade de dona Luzia e sua ignorância das características perigosas desta fonte energética acabavam provocando situações acidentais, pelo uso inesperado do objeto.

Isto acabava também por revelar uma prática nos lares da cidade de reaproveitar coisas estragadas e que já não respondiam mais à sua função. No caso, o funcionamento invisível da tomada que ficou em desuso, devido provavelmente ao ineficiente e irregular serviço de distribuição de energia e às constantes variações de corrente elétrica, gerou a idéia de reaproveitá-lo para fazer outra função, pendurar toalhas, e o desconhecimento da presença invisível da eletricidade naquela instalação gerou o acidente.

"Invisível, inodora, inaudível, a força elétrica destinada ao ambiente doméstico – igualmente útil e letal – requer, daqueles que dela se beneficiam, um aguçado nível de cautela e abstração, pouco necessário no trato com outras fontes de energia". [121] Como ressalta Paul Virilio: "Somos forçados a estender a questão da tecnologia não apenas à substancia produzida, como também ao acidente produzido. [...] O enigma da tecnologia, de que estávamos falando antes, é também o enigma do acidente. [...]Cada tecnologia produz, provoca, programa um acidente específico." [122]

Discutindo a questão da competência cabida à Light, podemos destacar uma carta anônima de um operário da empresa ao jornal "Unitário" em 1945:

> Excedem já a qualquer expectativa, esgotando a paciência de todos os JO'S, o procedimento da 'Light'.
> E tudo isso por falta de uma autoridade capaz de submetê-la à repressão legal do que está passível.
> (...)

[121] SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **A laboriosa domesticação do estranho**: uso e consumo de objetos elétricos em Fortaleza (1945-1965). In: **Cadernos do CEOM**: Cultura material. Chapecó: Argos, 2006.

[122] VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Sylvere. **Guerra pura**: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984 *apud* SILVA FILHO, Antônio Luiz de Macêdo e. **Paisagens do consumo...** *Op. Cit.*

> O Ceará já foi Terra da Luz, hoje é terra da "Light". [123]

Como vemos, a *Light,* empresa responsável pela eletrificação da cidade, estava longe de prestar serviços competentes e regulares. Não foi por maldade que associaram sua imagem à incompetência administrativa. Além disso, havia uma cobrança sobre o poder público para fiscalizar e exigir uma boa prestação do serviço e regular as taxas impostas pela companhia. Percebemos uma atitude de complacência por parte da Prefeitura de Fortaleza junto à Light, ausentando-se diante de problemas e conflitos gerados na relação entre o produtor e o consumidor.

Já vistos os inúmeros problemas encontrados na gestão do abastecimento da energia elétrica para capital cearense, ainda podemos levantar algumas questões a partir do anúncio do jornal "Unitário" de 1955:

> A solução ideal para seu problema de "voltagem". REGULADOR RECORD. Produtos elétricos NE ltda. Fabrica ainda transformadores, maquinas de pontiar e solda elétrica....[124]

E outro anúncio de mesmo jornal de 1946;

> Na cidade ou no campo... a lâmpada "Alladin" a querozene. SEM PRESSÃO, resolve o problema da falta de luz. Silenciosa-resistente-econômica. Modelos para mesa e teto.[125]

Estes anúncios expõem as tensões e contratempos presentes no serviço de luz da capital e denunciam uma ineficácia na gestão técnica promovida pela empresa. O regulador de voltagem demonstra, assim, com as qualidades aferidas à lâmpada, silenciosa, resistente e econômica, a irregularidade na prestação do serviço e a má qualidade do mesmo. Provavelmente, muitos aparelhos e lâmpadas podem ter sido queimados pelas variações de correntes. Havia uma discussão em âmbito político sobre a construção de linhas em 220 volts ou 132 volts, de acordo com as possibilidades financeiras do governo. O que acabou vigorando, pelo menos inicialmente, foi a transmissão em linhas de 132 volts. Esta confusão, além do fato de muitos trazerem produtos elétricos importados e estes estarem sob a voltagem de

[123] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 25 abr. 1945, p.04.
[124] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 06 fev. 1955, p.04.
[125] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 10 abr. 1946, p.03.

220 volts, traz uma série de complicações e reclamações no âmbito industrial e doméstico por parte dos consumidores.

Os anúncios traziam à tona o ainda intenso uso de lamparinas e lampiões, não apenas devido ao incompleto e desigual serviço de distribuição de eletricidade nas indústrias, comércios, ruas, praças e domicílios, mas também pelas irregularidades apresentadas no funcionamento do serviço, pois mesmo locais com eletricidade costumavam possuir esses artefatos "antigos". Foi justamente esse risco de curtos e falhas elétricas que tornaram argumento vantajoso o anúncio dos benefícios de objetos como as lâmpadas *"Alladim"*, tornando-a um artefato luminoso de mais resistência, já que não dependia das cargas elétricas irregulares. As lâmpadas elétricas provavelmente ficavam piscando e zunindo aquele ruído de descarga elétrica, daí a outra ser silenciosa. Econômica não deve ser difícil imaginar, pois o serviço de luz devia ser tão caro quanto ruim.

Ter luz era também visto como conforto e as lâmpadas tornavam-se objetos de comodidade, podendo brilhar e iluminar umas mais que outras. Muitas dispensavam o uso de eletricidade, funcionando a óleos, querosene e gás. Anúncios do jornal "O Povo" de 1948 e 1951 deixavam isso mais transparente:

> LAMPADAS americanas a querozene, marca "Sun Flame", de 300 velas. Acaba de receber CASA J. LOPES S/A – Edifício Lopes – Atacado e Varejo... [126]

O outro anúncio de 1951 propagava:

> Ilumine bem para ter mais conforto use lâmpadas GE... brilham mais por mais tempo. Há trinta anos fabricadas no Brasil. [127]

Estes objetos da modernidade passavam por transformações e ficavam cada dia mais complexos e diversificados para suprir a necessidade exposta pela precária rede elétrica de Fortaleza na época. As lâmpadas ficavam mais potentes, apresentavam duas ou mais formas de combustores, novos formatos e designes, etc. O aparelho que queimava querosene e produzia luz, relativa à 300 velas de cera, alterava as percepções e sensibilidades à luz e permitia maior poder de iluminação.

[126] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 03 jan. 1948, p.04.
[127] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 17 out. 1951, p.03.

E como citado anteriormente, o conforto era apresentado como benefício fundamental fornecido pelo aparato luminoso que permitia maior visibilidade e a realização de tarefas em locais escuros e à noite. Era também prerrogativa do modo de vida moderna poder realizar uma variedade de coisas de forma cômoda.

As lâmpadas pareciam ser um lócus de experiências que representavam o progresso e a chama da civilidade e modernidade. Elas apareciam como complexos instrumentos, cheios de dispositivos, botões, fios, armações, etc., e muitas das lâmpadas não-elétricas eram bem mais complicadas e complexas que as elétricas (Figura 7).

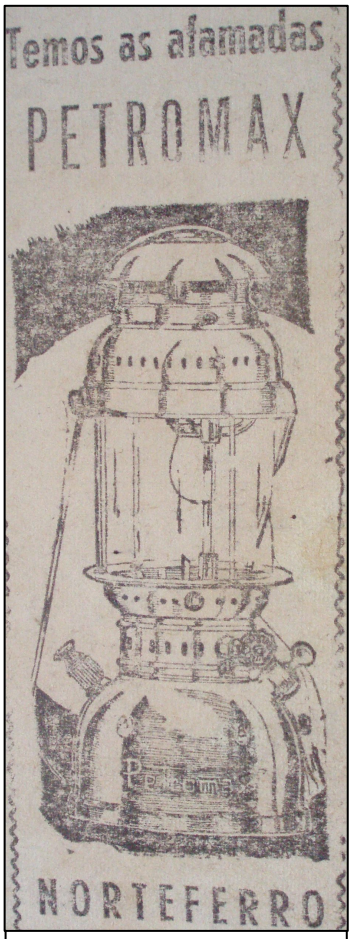

Figura 7 – Anúncio da Lamparina PETROMAX.
Jornal **Unitário**. Fortaleza, 14/11/1954, p.04

Como percebemos, a eletricidade dividia espaço com muitas outras fontes energéticas, produtoras de fogo e/ou luz. A lenha aparecia aqui como importante combustor para gerar calor, energia e luz, mesmo que para gerar a valorizada energia elétrica, alimentando as caldeiras das usinas termoelétricas da capital cearense, ficando o carvão como segunda opção, pela maior dificuldade de aquisição e seu preço mais elevado. Houve ocasiões em que a própria Prefeitura de Fortaleza passava a fornecer lenha e transportá-la até as usinas da Light para abastecer as caldeiras e gerar a urgente eletricidade que toda a cidade clamava.

Seus usos não se restringiam às indústrias, que dariam a luz capaz de fazer funcionar os vários aparelhos eletro-eletrônicos nos domicílios, dando maior conforto e comodidade à população consumidora, que teoricamente necessitaria realizar ela mesma os processos de obtenção de energia e luz a partir de óleos, querosenes, cargo e lenha, combustores, enfim. Ficaria, pois, ao encargo das indústrias energéticas, reguladas e fiscalizadas pelo poder público, prestar esse serviço de produção e distribuição de energia e eletricidade para movimentar o crescente universo dos equipamentos e objetos que necessitavam de eletricidade para seu funcionamento, e também aqueles que usavam energia para funcionar como fonte

de calor, como, por exemplo, fogões; ou resfriamento, geladeiras. Vejamos anúncio do jornal "Unitário" de 15 de Junho de 1941:

> Precisa-se de lenha? – Encomende pelo telefone – 14-42.
> Ao DEPÓSITO DE LENHA ECONOMICO
> Que será prontamente atendido
> Lenha em achas e em tacos. [128]

Esse tipo de anúncio ainda era, em certa medida, freqüente nos jornais, o que indica que a venda de lenha ainda ocorria para abastecimento das casas domiciliares e a realização de práticas como cozinhar e aquecer. Muitos eram ainda os fogões à lenha e/ou carvão. Nos anos 1940, em Fortaleza, ainda não existia uma indústria de engarrafamento do gás doméstico, sendo de reduzidíssimo uso essa fonte energética, pois estes eram trazidos de outros locais e abasteciam pequena parcela da população. Não podemos deixar passar sem comentar o fato de a venda ser realizada em diferentes formas de lenha – achas ou tachos. Isso indica que eram dados usos diferenciados à madeira de acordo com seu tamanho, tipo e corte, pois uma podia queimar mais rápido, melhor ou mais intensamente que outra.

Deste fornecimento, subtende-se um serviço realizado por trabalhadores ambulantes e também em casas especializadas, podendo a mercadoria ser encomendada até por telefone. Era comum nestes tempos a venda dessas fontes produtoras de calor e luz, como óleos, querosenes, lenhas, ceras, etc. Este mercado estava permeado por relações sócioculturais estabelecidas entre vendedores e compradores, assim como com o poder público, que buscava regularizar e fiscalizar tais atividades.

O fogão constitui-se objeto fundamental para a discussão feita em torno dessa variedade de fontes energéticas e como ocorreram as muitas transformações e diversificação de formatos e funcionalidades desses equipamentos. Vejamos um anúncio apresentado no jornal "Unitário" do ano de 1951:

> **Atenção senhoras donas de casa!**
>
> Fogões a querozene ou óleo e a carvão, pintados e esmaltados em diversas qualidades a escolher. Não se preocupem, dispomos também do

[128] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 15 jun. 1941, p.04.

> fogão Dex eletro gaz, gerando o próprio gás. Demonstração e exposições na secção de vendas domésticas da firma Carneiro & Gentil... [129]

Este anúncio propagava a venda de fogões a querozene ou óleo e a carvão, e também um artefato mais sofisticado, o fogão Dex, eletrogaz, que gerava seu próprio gás. Era então notável o número de recursos energéticos capazes de fazer funcionar o dinâmico fogão caseiro. Primeiro apresentavam-se combustores naturais capazes de gerar a chama para preparar os alimentos. Eram energias bastante utilizadas ainda, visto que a venda desses produtos ainda era realizada em domicílio. Outro anúncio do jornal "O Povo", também de 1951, apresentava:

> Fogões GASUNICO transforma em gás o querozene. Não tem pavio. Consumo mínimo. Vendas a prazo e a vista. [130]

A versatilidade apresentada por esses fogões demonstrava a complexidade que estes equipamentos vinham adquirindo com o desenvolvimento de novas técnicas de combustão. Tanto no primeiro exemplo como no segundo, vemos como eram utilizadas certas energias para gerar outras mais capazes de atender às necessidades apropriadas ao equipamento, no caso o gás. E percebemos também que a indústria do gás ainda era tão pouca que mesmo a eletricidade era utilizada para gerar o combustor necessário para criar a chama.

O jornal "Unitário" de 05 de outubro de 1954 anunciava:

> Fogões e aquecedores a gás. Pergunte a quem tem um, não entope, não fumaça. O moderno combustível que resolve o problema da sua casinha.[131]

O gás passava a ser visto como um *"moderno combustível que resolve o problema da sua casinha"*. Ter um fogão a gás era símbolo de status e de fazer parte de um novo modo de vida moderna, pois não causava os velhos problemas relativos a combustores velhos, que entupiam e dificultavam a propagação da chama e estragavam o fogão. Isso acabava com práticas domésticas referentes à limpeza dos fogões e desentupimento de seu sistema de distribuição das chamas, facilitando o trabalho das donas de casa e de prováveis profissionais consertadores desses

[129] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 03 abr. 1951, p.06.
[130] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 14 set. 1951, p.06.
[131] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 05 out. 1954, p.05.

equipamentos. Uma noticia do jornal “Gazeta de Notícia” de 1956 amplia essa discussão e permite abordamos outras questões sobre o assunto:

> **O uso do gás nos ambientes domésticos**
>
> Com a instalação das refinarias de petróleo hoje existentes no país, está sendo possível o desenvolvimento do gás engarrafado para uso doméstico, em todo o território nacional, ao ponto de apenas uma das diversas companhias que se dedicam a esse comercio contar com mais de 360 mil consumidores. Esta é uma das vantagens decorrentes do modo pelo qual está sendo encaminhada entre nós a solução do problema do petróleo. Acabou-se o tempo em que constituía verdadeiro privilégio conseguir-se um fogão a gás. Hoje são as companhias distribuidoras de gás engarrafado que andam em busca de consumidores. E isso não acontece apenas nos grandes centros. Algumas refinarias de petróleo, notadamente, a de Cubatão, ampliam, por sua vez, as instalações para produzir gás, pois o consumo desse produto, no âmbito doméstico, tem possibilidades praticamente ilimitadas no Brasil. Marchamos, desse modo, para a gradativa eliminação dos fogões a lenha, pelo menos nos grandes centros urbanos. Além de ser mais prático e condizente com as necessidades da vida moderna, o emprego do gás engarrafado evitará que o consumo de lenha nos ambientes domésticos continue a aumentar, como acontecia até agora, numa progressão capaz de agravar a devastação de nossas reservas florestais. Embora não seja esta uma das causas principais da derrubada das matas do país, mas sim o arcaico e anti-econômico sistema que consiste em usar lenha para produção de energia, além de outras, por demais conhecidas – não padece da vida que a eliminação gradativa dos fogões a lenha, ao menos nos grandes centros, como ocorre presentemente, terá efeitos benéficos sobre a preservação de nossa floresta, concorrendo, dessa forma, para que não se agravem as derrubadas que, se não tiverem um fim, transformarão vastas áreas brasileiras em verdadeiros desertos.[132]

A matéria falava sobre o gradual desenvolvimento da indústria de engarrafamento do gás para uso doméstico. Ela aponta para mudanças de hábitos e práticas relativas à busca por fontes combustíveis para realizar as atividades de culinária, pois eram as empresas que agora iam buscar os consumidores.

Também aparece aí o inevitável desaparecimento dos fogões à lenha, pois os funcionados a gás eram “*mais práticos e condizentes com as necessidades da vida moderna”*, evitando desperdício de tempo e força para fazer a limpeza e ter os cuidados necessários com os antigos fogões à lenha, carvão e querosene. O autor argumenta a má pratica dos desmatamentos que assolavam as florestas e matas para a aquisição de lenha e carvão, sendo benéfica a preservação dessas áreas

[132] Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 10 jan.1956, p.03

florestais, diante da substituição do *"arcaico e antie-conômico sistema que consiste em usar lenha para produção de energia, além de outras, por demais conhecidas..."* por um sistema mais moderno, prático e cômodo na feitura das tarefas ao "pé do fogão". Voltaremos a este tema no capítulo seguinte.

Em Fortaleza, os problemas referentes ao abastecimento de eletricidade da cidade só veio a apresentar maior eficiência e apontar para uma solução suficiente quando chegam à capital as linhas de força vindas da hidroelétrica de Paulo Afonso, através da ação da Chesf junto ao Governo do Estado do Ceará no dia 01 de Janeiro de 1965. Inicialmente, ficaram a cargo da CONEFOR, mas ainda na década de 1960 passaram às mãos da atual COELCE.

2.3 – O Lixo e o Plástico

O serviço de coleta de detritos da capital cearense por muito tempo se realizou sobre as carroças dos catadores e pelos poucos e precários "carros" coletores, carros à tração animal (bois, burros, jumentos e cavalos), e com restritos locais de despejo desses "restos", os lixões, e mesmo as vias públicas e terrenos baldios.

Com o advento do automóvel, alguns caminhões caçambas passaram a fazer parte da frota que recolhia o lixo da cidade, mas tais equipamentos mais modernos eram locados nos bairros ricos e centrais, deixando a periferia sob o trabalho dos carroceiros e as práticas de enterramento e queima de detritos.

O jornal "O Povo" de 1948 explanava melhor a situação do serviço de coleta de lixo em Fortaleza, através de relatório apresentado pelo Prefeito ao Governador do Estado:

> PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA (BALANÇO APRESENTADO AO GOVERNADOR PELO PREFEITO JOSÉ LEITE MARANHÃO).
> LIMPEZA PÚBLICA
>
> Foi restaurado o forno crematório de Monte Castelo, que se acha em perfeito funcionamento com motores para o ventilador e a água. A Limpeza conta hoje com 10 caminhões restaurados que se achavam empilhados como ferro velho e mais dois carros novos, modernos, com capacidade de três toneladas cada um (já pagos), dispõe mais de seis carroças – duas das quais novas – e mais dois burros, também já pagos. Foi feita uma

> completa reorganização do serviço, que conta com 140 homens distribuídos em turmas e obedecendo ao plano de serviço federal de saúde, colaboração inestimável que virá solucionar o problema de limpeza pública, logo possa ser integralmente executado. [133]

A matéria acima colocava nas entrelinhas a precariedade em que se encontravam os equipamentos públicos para a coleta e tratamento do lixo e a urgente restauração da única usina industrial para detritos responsável pelo tratamento do lixo da cidade de Fortaleza. Ela expunha a fraca capacidade de funcionamento da usina e deixava transparecer a insuficiência da prestação desse serviço, o que reforçava ainda mais a continuação do trabalho dos carroceiros e catadores, numa espécie de serviço "auxiliar" (muitas vezes de maior montante, superando o oficial da prefeitura). Além disso, as condições dos caminhões também testemunhavam essa condição problemática e a constante falta de recursos da Prefeitura de Fortaleza para manter e ampliar o serviço de coleta de lixo da capital. A restauração de dez caminhões quando da compra de apenas dois novos demonstrava tal circunstância. Pois quando se investia nessa área eram mais fáceis de se obter recursos para restaurar antigos objetos e máquinas de trabalho, do que para adquirir novos e/ou ampliar o serviço.

Outro aspecto notado a partir da fonte acima é a convivência de aparatos não só técnicos, como carros, caminhões e usinas, como outros equipamentos mais rudimentares e antigos, como as carroças de tração animal. Diante de todo um discurso progressista e modernizante, pregando o desenvolvimento técnico e material dos bens e aparatos urbanos, vemos a intensa presença de elementos vinculados ao provincianismo e a uma vida interiorana, em que burros e jumentos ainda perpassavam o cotidiano fortalezense e ditavam os ritmos e muitas formas de realizações de diversos trabalhos cometidos pela gestão técnica que se desenvolvia na capital cearense.

As aspirações de ampliação e melhoramento desse serviço se refletiam em alguns desses relatórios municipais e planos diretores realizados pelas sucessivas gestões administrativas do município de Fortaleza. Eram planejamentos que muitas vezes não saíam do papel e esbarravam em problemas de arrecadação de fundos.

---

[133] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 01 jan. 1948, p.03.

Breascianni [134] ressalta que o urbanismo moderno se dá no encontro entre o saber médico e as técnicas da engenharia. Ambos buscavam intervir no meio urbano, buscando estratégias que tentavam normatizar e disciplinar os comportamentos. Refletindo sobre o lixo, é importante fazer uma discussão junto a esse saber médico/higienista e analisar suas ações e medidas com relação à produção, à coleta e ao tratamento do lixo em Fortaleza. Novos objetos são desenvolvidos para uma nova forma de lidar com um novo tipo de lixo, tendo muitas medidas sanitárias a intenção de hierarquizar o espaço urbano em áreas para ocupação diferenciada.

Podemos pensar então o próprio lixo enquanto objeto. O desenvolvimento da idéia de modernidade, pautada em conceitos como praticidade, velocidade, utilitarismo, individualidade e etc., casada com uma lógica capitalista de consumo e numa racionalidade técnica, passaram a ser inseridas na sociedade sobre múltiplas apresentações e experimentações. Neste contexto, é analisado que os dejetos, os restos, passaram a ser tratados pelos trabalhadores que sobreviviam dele e pelo poder público, de acordo com os interesses de cada um relativos ao lixo.

Até que ponto podemos perceber a transformação do lixo numa espécie de monumento da civilidade e as formas de lidar com ele como símbolos de progresso? Pode-se pensar que quanto mais lixo produzido, maior o consumo da população, o que representa todo um progresso material da cidade. Não se trata de fazer uma análise apenas sobre os aspectos ou o valor simbólico do lixo, mas sim sobre a realidade técnico científica que compreende os novos materiais e objetos relativos aos depósitos, transportes, tratamentos e destinações dadas a um outro tipo de lixo que se forma. “Em diversos momentos houve a criação de novos aparatos, tecnologias e saberes que emergiram ao sabor das transformações históricas da sensibilidade humana em relação aos dejetos. Com intensidades variadas, todo esse arsenal sobre os dejetos esquadrinha constantemente o espaço da cidade”.[135]

O lixo então passava a configurar espaços, traçava uma espécie de geografia da cidade. Caminhões, carroças, lixeiras, camburões, placas, incineradores, aterros e outros objetos são elementos que passavam a compreender o espaço urbano e

---

[134] BRESCIANE, Maria Stella Martins. **História e historiografia das cidades, um percuso**. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

[135] MIZIARA, Rosana. **Nos rastros dos restos**: as trajetórias do lixo na cidade de São Paulo. São Paulo: EDUC. 2001.

nos davam indícios e vestígios de “lugares do lixo”, que enquanto lugar era e é experimentado e utilizado de múltiplas formas. Daqui pensamos as transformações relativas a práticas, costumes, usos e fazeres na produção, disposição, recolhimento, transporte, tratamento e fins dados aos restos desperdiçados.

Mais uma apresentação da situação do lixo em Fortaleza da época se encontrava no jornal “Gazeta de Notícia” de 1958:

> (...)
> A cidade está vergonhosamente reduzida a um montão de lixo e cortada de pequenos mas perenes cursos dágua apodrecida, escoando-se dia e noite pelas coxias, e formando aqui e acolá, poças de insurpotável mal cheiro. A impressão que se tem é que Fortaleza está apodrecendo em vida, e se não fora esse poder de adaptação dos sentidos, por certo que ninguém mais atravessaria as ruas sem um lenço no nariz. E, como está às vistas de todos, isso não acontece nos pontos mais afastados do centro. Começa no abrigo central, que, em matéria de sujeira já leva grande vantagem sobre a conhecida e tradicional cozinha do povo, localizada no mercado público.
> Não obstante ser o ponto forçado de quantos se movimentam no ponto da cidade. O abrigo, se ainda houvesse saúde pública no Ceará, já estaria interditado, por simples medida de higiene. Alem da sujeira que ostenta em tudo amanhece o dia cercado de lama pútrida e lixo da pior espécie, impregnando o ambiente de exalações mefíticas. Na hora de maior movimento aparece, às vezes, um caminhão da limpeza pública para remover o entulho e sai derramando-o pelas ruas afora. É mesmo uma calamidade... Não se pode compreender essa injustificada e desumana tortura que se está infligindo ao povo de Fortaleza. Debalde a imprensa e o rádio fustigam esse desmazelo. Não aparece, - e tudo faz crer que não aparecerá jamais – qualquer providência. O jeito que há para a população é a população se conformar com esse desagradável estado de coisas, mesmo porque a sabedoria popular já sentenciou que, “aquilo que não tem remédio remediado está”. Em semelhante conjuntura já não seria lícito esperar que no meio de tudo isso ainda pudesse sobreviver os mais rudimentares preceitos de higiene. Nesse particular, o descaso não é pior porque a situação já chegou a um ponto que nada mais pode piorar. Em cada lugar de maior ajuntamento multiplicam as bancas de boleiros e vendedores de comestíveis, tudo na mais absoluta desordem e falta de asseio. O município tem uma suntuária Secretaria de higiene cuja ação se tem feto sentir, apenas nas folhas de pagamento da Prefeitura, porque no resto, é o que estamos vendo e sentindo. Fazendo esse despretensioso comentário, não eliminamos a veleidade de com ele despertar o doce e profundo sono prefeitural. Anima-nos unicamente, o honesto propósito de registrar, pra vergonha dos coevos e apreciação dos pôsteres, a triste situação a que chegamos. [136]

[136] Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 17 jan. 1958, p.03.

A matéria mostrava, mais uma vez, o constante estado de deficiência do saneamento e do sistema de limpeza pública, junto às incisivas críticas e reclamações por soluções e melhoramentos desse sistema. O sistema de captação fluvial e de escoamento dos dejetos se apresentava como desprezível e esquecido pelo poder governamental, deixando a cidade aos bichos (moscas, mosquitos, ratos, baratas, etc.) e sob ar fétido e incômodo. A notícia remetia também à capacidade de adaptação dos sentidos humanos às diversas condições de vida, fazendo uma alusão à certa prática de andar com lenços pela cidade que emergia num "*montão de lixo e cortada de pequenos mais perenes cursos dágua apodrecidas"*. O que faz pensar também o surgimento de odorizadores e produtos químicos na tentativa de eliminar e/ou apaziguar a proliferação deste mau cheiro.

Como visto, o problema da falta de saneamento e da má realização da coleta dos detritos não se resumia às áreas mais afastadas do centro da cidade. O abrigo central aparece como ponto crítico, assim como o que se chama de "*estômago do povo"*, o mercado central, pois estão à mercê de todo tipo de sujeira e insalubridade remetidas à necessária intervenção governamental. Estes eram pontos de intenso movimento e onde havia constante comercio de mercadorias alimentícias e de bens de consumo imediato.

O serviço, quando era realizado, se apresentava incompleto e mal feito, pois apenas *"na hora de maior movimento aparece, às vezes, um caminhão da limpeza pública para remover o entulho e sai derramando-o pelas ruas afora"*. Não havia então cuidado na forma de coletar e tratar o lixo, saindo os lixeiros e o próprio carro coletor a derramá-lo pelas vias da cidade, deixando um rastro de sujeira e fedor, sujando quando deveria limpar. Isso tudo gerava maior indignação por parte da população.

Outro ponto ressaltado era a proliferação de vendedores ambulantes, boleiros e outros que se multiplicavam nas ruas da cidade e que, segundo o jornal descartavam tudo e qualquer coisa que já não lhes servia mais, - *"tudo na mais absoluta desordem e falta de asseio"* - ajudando para a péssima situação de insalubridade que a cidade se encontrava. Isso gerava um acossamento desses trabalhadores e maior controle por parte da vigilância sanitária, que buscava se impor como órgão regulador desses serviços e zeladora da saúde pública.

Podemos perceber os impasses e contratempos do desenvolvimento civilizador e modernizante proposto e imposto pela administração pública. Quando vimos dois pontos essenciais na rotina dos fortalezenses, o mercado público e o abrigo central, sendo lugares de falta de assistência governamental e ambiente também proliferador de males e de falta de higiene e limpeza, vimos aparecer um discurso controlador de atividades ainda mal regulamentadas e fiscalizadas, usando como argumento a mesma falta de higiene apresentada pelos espaços autorizados.

Para analisarmos os impasses e contradições do serviço de coleta de lixo em Fortaleza, observemos uma matéria do jornal "Gazeta de Notícias" de 1967:

> EM CARLITO PAMPLONA: LIXO NÃO É LUXO
>
> Vejam leitores a situação de sujeira a que está entregue um dos populosos bairros de Fortaleza. Manuel Lima focou este montão de lixo, momentos depois que uma dessas carrocinhas da Limpeza Pública depositava no dito cujo o "produto" de seu trabalho pelas ruas da zona ocidental da cidade, numa prova de que falta planejamento nas atividades daquele órgão municipal. Não se concebe (pelo menos nós não concebemos) que a própria LP seja responsável pela formação de enormes montes de lixo em meio residencial, a exemplo deste da avenida Pasteur que vem mexendo com as narinas de toda a vizinhança. Segundo alguns dos prejudicados o lixo passa às vezes de semanas e semanas exalando mau cheiro até que surja um caminhão (quer não tem nem hora para aparecer!) e faça a remoção.
> Fica aqui o apelo ao Departamento de Limpeza Pública do Município para que um "melhor tratamento" seja dispensado aos moradores do Carlito Pamplona onde tudo pode ser luxo: calçamento, luz elétrica, etc... Lixo não! [137]

Esta matéria permite elucidarmos a forma segregada em que era realizado o serviço de coleta do lixo. Enquanto os bairros da zona leste da cidade tinham o serviço realizado corretamente, os próprios carroceiros da Limpeza Pública de Fortaleza iam despachar seus entulhos nos bairros periféricos, como é o caso do Carlito Pamplona. O problema a respeito dos locais de armazenamento dos resíduos urbanos, como a falta de aterros sanitários e incineradores, gerava problemas como o reclamado acima, e era a população mais pobre da periferia que sofria com as conseqüências disto.

[137] Jornal **Gazeta de Notícia**. Fortaleza, 19 dez. 1967, p.04.

Mais uma vez vemos a segregação que se estabelecia entre as zonas mais ricas e as mais pobres da capital cearense, ficando os mais pobres sempre a pagar o preço da incompetência administrativa do poder público municipal.

Discutindo as questões relativas ao desenvolvimento e investimento no setor de coleta de lixo, uma matéria do jornal "Unitário" de 1959 apresentava:

> FORTALEZA AINDA LUTA CONTRA DOIS PROBLEMAS: MUITO LIXO E POUCA LUZ. – Aumenta a onda de Reclamações.
>
> (...)
>
> O LIXO
>
> Ao lado da falta de luz, o problema do lixo também se está agravando. Os caminhões coletores estão se tornando cada vez mais raros. As latas e caixões postos diariamente nas calçadas são recolhidos, sem qualquer exagero, somente duas vezes por semana. Se gatos e galinhas morrem, o que é comum, cria-se um desagradável problema para as donas de casa. Quando as residências possuem quintais, há a solução do enterramento. Mas quando se trata de casas sacrificadas ou apartamentos, a situação é outra. Os animais têm que ser conduzidos para locais distantes de automóvel ou carroça, com despesas extras para seus proprietários. À falta dessa solução, são os mesmos atirados durante a noite em plena via pública, até que se venham decompor esmagados pelos veículos em tráfego, com a inconveniência de contaminar o ambiente por vários dias. Isso porque, nesse setor, a ação da Saúde Pública também é inteiramente falha. [138]

A matéria acima mostrava a precariedade e ineficiência do serviço de coleta de detritos da Fortaleza até meados dos anos 1960. Ressaltar que apenas duas vezes por semana os caminhões recolhiam os lixos significava dizer que a produção desses detritos se realizava num ritmo bem maior do que sua coleta, e no ano de 1959, ano do jornal, essa produção estava bastante acrescida, não sendo acompanhada pelo desenvolvimento adequado do serviço urbano responsável. Era preciso, pois, um melhoramento da coleta que equilibrasse a quantidade de lixo produzida e a necessidade de dar destino adequado a ele.

A matéria ajuda a desvendar uma antiga prática realizada nos domicílios de Fortaleza que perpassa, há muito, o cotidiano e as formas de descartar animais mortos e também lixos orgânicos. Enterrar os cadáveres de animais em quintais e terrenos baldios era constante quando da morte destes. Essa prática era perseguida

[138] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 15 jul. 1959, p.08.

pelos sanitaristas e criticada pelo discurso higienista, que apregoava salubridade ao ambiente urbano e a contenção dos chamados “miasmas”.

Ainda retira-se do dito anterior uma atividade comum na Fortaleza desses tempos, que é a dos carroceiros. Esses trabalhadores perpassavam nas ruas da capital e batiam as casas para retirar entulhos, lixos e animais mortos, e geralmente estes não eram descartados em locais apropriados. Havia ainda possibilidades de queimadas desse lixo todo, que, além da sua alta periculosidade de incêndios, causava considerada poluição e incômodo pela fumaça densa e mal cheirosa.

A população fortalezense tinha que recorrer a esses serviços, mesmo já tendo a gestão governamental estabelecido um serviço de coleta de lixo mais organizado até os anos 1959. Todo esse processo se colocava mais dispendioso para a população e gerava reclamações como a apresentada na matéria acima do jornal Unitário.

A realização dos serviços de caráter urbano, necessários para o harmônico e eficiente funcionamento da cidade, é de muito arrebanhado pela gestão da “urbs”, colocando na sua circunscrição a responsabilidade pelo satisfatório funcionamento dos mesmos, mas o que sempre se notava era o apelo constante do Estado a uma consciência do povo e a idéia de cidadania para o funcionamento ideal dos serviços e eficiente cumprimento das responsabilidades governamentais. Com o serviço do lixo não era diferente. O jornal “Unitário” de 1963 colocava:

> Limpeza sem ajuda. “Parte da população de Fortaleza, notadamente a que reside nos bairros, continua a não prestigiar o serviço de limpeza da Prefeitura, transforma as artérias em depósitos de lixo. A rua Cruz Saldanha (São Gerardo) é um exemplo frizante da maléfica ação de algumas pessoas que espalham monturos de cousas imprestáveis e restos de construções pelas calçadas, num procedimento provinciano... Vamos conservar a cidade limpa pessoal!!! [139]

E temos mais em jornal do mesmo mês e ano:

> Não é você que faz esse serviço, mas só pode ser feito se você colaborar.
> O SERVIÇO DE LIMPEZA PÚBLICA é executado por funcionários da Prefeitura Municipal. Não é você quem o faz. Mas depende exclusivamente da sua colaboração direta para ser feito.

[139] Jornal **Unitário.** Fortaleza, 11 ago. 1963, p.02.

> Recolha o seu imposto municipal em tempo hábil, SEM MULTA, cooperando assim com o bem-estar da coletividade que é, também, o bem-estar da sua própria família.
> A vantagem é sua em recolher sem a multa de 10%. E o imposto que você regulariza é um passo a mais para o progresso de nossa cidade.
> Campanha da Secretaria de Finanças da **PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA**. [140]

A partir dessas duas matérias, podemos discutir algumas questões relativas ao discurso de civilidade e de constituição do cidadão, sempre aliciado a contribuir com o governo, não só pelo pagamento em dia das taxas de serviço, mas também numa participação direta de auxílio ao serviço público, como cidadão ou trabalhador do lixo.

Catadores e sucateiros são sujeitos que trabalham com o lixo e objetos desperdiçados. Buscam materiais, peças e objetos para serem revendidos, reutilizados, trabalhados e transformados em novos objetos e produtos. "O 'sistema' realizado pelos carroceiros, bem como o trabalho dos trapeiros ou sucateiros, era uma prática popular que, no inicio da modernidade industrial e cientifica, 'driblava' a tão almejada ordem da cidade e caracterizava, em grande medida, o seu cotidiano. Esses trabalhadores geravam a dinâmica de um mercado informal possibilitado por recriações e reutilizações do que já era um 'desuso'".

Tratava-se de uma tática popular de desvio de matéria-prima [141], ou melhor, de reutilização de matéria-prima, e que criava novas formas de trabalho[142]. Ferro, vidro, garrafas, materiais de construção eram constituintes desse universo "reciclável", que até então mostrava seu caráter pouco descartável, indo de encontro aos preceitos de uma "sociedade de consumo" que apregoava o consumo imediato e a descartabilidade dos objetos, transformando-os em "restos" e/ou "desperdícios".

Objetos eram criados e recriados para suprir as novas necessidades do trabalho com o lixo, para depositá-lo, manipulá-lo, transportá-lo e reaproveitá-lo. De que novos objetos esses novos serviços, e mesmo as mudanças promovidas nos antigos, iriam se utilizar a população de Fortaleza? Podemos pensar o papel inovador que o material plástico vai promover na produção de novos objetos e produtos, e perceber como aumentou a família do plástico. "É interessante notar

---

[140] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 25 ago. 1963, p.05.
[141] CERTAU, Michael de. *Op. Cit.*
[142] MIZIARA, Rosana. *Op. Cit.*

como o uso de um objeto descartável, o saco plástico, é revelador de mudanças nos hábitos de consumo da população, mas também no ofício do funcionário da limpeza, no trânsito pela cidade ou mesmo na arquitetura dos interiores. Ele pode ser revelador do processo de transformação da cidade rumo a determinadas demandas empresariais de acelerar o transporte e a coleta de lixo em certas regiões do espaço urbano. Na verdade, a utilização de sacos plásticos para embalar o lixo representou mais uma mudança no hábito da população, em conjunção evidente com a aceleração do consumo, sobretudo dos produtos com embalagens descartáveis. Essa embalagens tendiam a suscitar o interesse das donas-de-casa em usar novos materiais que embalavam os alimentos e outras mercadorias. Nesse caso, a novidade das embalagens, em que a grande vedete é o plástico. A novidade desse tipo de materiais consiste na sua versatilidade: "dele tanto podem se fazer baldes como jóias". [143]

A ascensão de uma sociedade de consumo e o aumento da produtividade, ou o surgimento de um "tempo dos objetos" [144] afetam diretamente a produção e a diversificação do lixo. Um sistema que a cada dia produz mais excedentes e diferentes produtos e objetos tem conseqüentemente forte influência na configuração do lixo que vai ser produzido. Mas é preciso atentar para o detalhe que nem tudo que é excesso é lixo, e também nem tudo que é lixo é excesso. É muito interessante então certa qualificação do lixo, pois o que vai preocupar nesta análise não é somente o fato de se produzir em excesso ou o simples significado do desperdício, mas, sobretudo, o que se produz e o que é desperdiçado e, mais ainda, o que é feito com isso, Enfim cabe perguntar: o que era o lixo em Fortaleza nas décadas de 1940 à 1970?

---

[143] BARTHES, Roland. **Mitologias** / Roland Barthes; tradução Rita Buogermino, Pedro de Souza e Rejane Janowitzer. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

[144] Dialogando com Baudrillard podemos dizer que os objetos já nascem com um tempo predeterminado para morrerem, pois o aumento da produção de massa de inúmeros artefatos modernos anunciam a novidade sobre a obsolescência. O "tempo de vida" de muitos objetos da modernidade técnica são reduzidos, incrustado de fetichismo mercadológico e sedução do marketing. Novos modelos, novas tecnologias desenvolvidas pela acelerada pesquisa científica acabam, cada vez mais rápido, dando a sensação de uma constante ausência, pois, se possuímos um almejado objeto em seguida lança-se outro que logo cobiçará os olhos do consumidor. "Assim, há sempre uma ausência, falta de objeto que nunca é preenchida por novas aquisições. Depois de sair da vitrina, o objeto vai se desvalorizando e, mais cedo ou mais tarde, transforma-se em algo fora de uso, sem a sacralidade que o envolvia. Objetos efêmeros, que nos escapam: '[...] às vezes porque não podemos consegui-los, outras vezes porque já os conseguimos'." (LOPES RAMOS, Francisco Régis. *Op. Cit.*)

É preciso termos cautela ao procurar indícios da configuração de uma sociedade de consumo na Fortaleza daqueles tempos, mas podemos apontar indícios que demonstram já sua fase embrionária. Já se percebiam uma grande proliferação de objetos e um processo de fetichização das mercadorias espalhando seu poder de sedução, aproximando-se do que nos diz Beatriz Sarlo sobre "colecionarmos atos de aquisição dos objetos" [145]. Mas temos que ter ressalvas quanto ao estabelecimento de uma cultura do desperdício e descartabilidade, o que poderá ser bem mais aprofundado e discutido a partir de uma minuciosa análise do lixo produzido na cidade.

Essas mudanças na composição do lixo e a presença de novos materiais e objetos transformaram as formas de trabalho desses sujeitos, além de possibilitar formas de comerciar e novos trabalhos, como os anunciados no jornal "O Povo" de 1948 e 1951:

> GARRAFAS VASIAS – Compram-se garrafas vazias a Cr$ 1,20 na "Casa Yolanda" de Lourival Gadelha, rua Cel. Bizerril, 215. (Ao lado do Correio). (No portão do mercado), Alcool Cr$ 3,00; assucar Cr$3,00 e vinagre do Rio Cr$2,00 sem os cascos. [146]

E no outro de 1951, temos:

> A RUA – Adolfo Caminha nº7, aceita-se propostas para venda de latas vasias e tambores de ferro. A vendedora fica reservada o direito de aceitar ou não as propostas apresentadas, bem como sustar a presente concorrência. [147]

Estes anúncios demonstravam um movimento de contramarcha realizado diante de todo o movimento consumista pregado pela aceleração do modo de vida moderno, que exigia cada dia mais uma maior gama de objetos para relações do homem com o mundo. Ainda era prática corriqueira trocar vasilhames e reaproveitar vasinhas e latas para fazer "*refis"* e/ou aproveitar em outras coisas e tarefas.

---

[145] O consumidor, dentro de uma "sociedade de consumo", passa a ser um "colecionador às avessas" e o ato de adquirir um objeto novo já não é apenas uma necessidade prática de uso do cotidiano e sim uma ação fetichista de atos de compra e venda. O consumidor acaba entrando num jogo de sedução onde consumir imagens e atos de compra se tornam tão comuns quanto a aquisição do objeto concreto (LOPES RAMOS, Francisco Régis. *Op. Cit.)*

[146] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 03 jan. 1948, p.04. *"Anúncios Populares".*

[147] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 07 abr. 1951, p.05. *"Anúncios Populares".*

Virava um negócio aparentemente rentável, já que a proliferação de recipientes plásticos ainda era pouca e o vidro, o ferro e a borracha eram os principais materiais utilizados para guardar coisas, o lixo inclusive. Mas o que interessa aqui é percebermos o pouco caráter de descartabilidade que os objetos ainda apresentavam numa Fortaleza permeada por práticas de "reaproveitamento", mesmo antes da "onda reciclável" que hoje conhecemos. O jornal "Unitário" de 1944 destacava:

> **Salvados constituídos de borracha e seus artefatos**
>
> O BANCO DE CRÉDITO DA BORRACHA S/A comunica aos interessados que nos termos do Decreto-Lei n. 5.629, de 29 de junho de 1943, toda e qualquer pessoa que tenha encontrado salvados constituídos de borracha e seu artefato deverá recolhê-los mediatamente aos Depósitos do Banco de Crédito da Borracha S/A, sito à rua José Avelino, nº 200, nesta Capital, de quem receberá a indenização fixada de Cr$ 6,00 por quilo de borracha em bom estado e Cr$ 3,00 por quilo de seus artefatos em perfeito estado.
> Para efeito de pagamento da indenização acima não serão computadas no preço dos salvados as matérias estranhas caso existentes, água, areia, etc. nem a borracha apodrecida ou deteriorada.
> A Retenção desses salvados poderá ocasionar a sua perda total ou parcial o que se deverá evitar, em benefício do esforço de guerra do Brasil e das Nações Unidas e dos próprios interesse de quem as tenha encontrado.
>
> Fortaleza, 1º de fevereiro de 1944.
> O BANCO DE CRÉDITO DA BORRACHA S/A
> A GERÊNCIA.[148]

Vemos que mesmo no âmbito governamental, oficial, havia órgãos especializados em recolher e reaproveitar alguns materiais de suma importância para a importação como matéria-prima e na produção de alguns industrializados mais simples. A borracha era matéria-prima de primeira necessidade no esforço de guerra travado pelo Brasil, e sendo enviada aos países em guerra, principalmente os EUA.

Podemos analisar uma mudança na forma de se perceber o lixo não mais como algo a ser destruído, mas como fonte de lucro. Idéias surgiram na tentativa de dar uma destinação útil e rentável ao lixo, como produzir energia elétrica a partir da sua queima ou mesmo a produção de compostos orgânicos para adubo.

[148] Jornal **Unitário**, 06 fev. 1944, p.08.

O aumento da produção de detritos orgânicos parece ter despertado também interesse internacional no aproveitamento do lixo da cidade de forma industrial. O jornal “Unitário” 1963 destacava uma matéria referente ao lixo:

Prefeito recebe relatório: Lixo

O dr. Carlos Pontes Medeiros, que viajou, no mês passado, para o Rio de Janeiro, em companhia do prof. Affonso de Pontes Medeiros Filho, acaba de regressar, tendo visitado, ontem, o Prefeito Murilo Borges, pra apresentar um relatório verbal das atividades que desenvolveu no que, visando a implantação de uma usina para industrialização do lixo em Fortaleza.
O dr. Carlos Pontes revelou ao Prefeito que o prof. Affonso examinou nos laboratórios da Faculdade de Engenharia de Petrópolis, da qual é diretor, as amostras de lixo aqui recolhidas, tendo verificado que as percentagens obtidas igualavam o nosso lixo ao de Bangkok, onde funciona a maior usina de industrialização do mundo, com capacidade de 75 mil toneladas. Ali a rentabilidade é 100%, o que faz concluir, por extensão, que a industrialização do nosso lixo é bom negócio.
Em companhia do prof. Affonso de Pontes Medeiros Filho, de quem é assessor, o dr. Carlos Pontes visitou São Paulo, observando a maquinaria já produzida no Brasil para a industrialização de lixo, inteirando-se na ocasião de que o material estrangeiro é mais barato e fácil de importar.
Em outubro o prof. Affonso deverá vir novamente a Fortaleza, para entregar o seu relatório final, e nessa oportunidade será definida, em definitivo, a implantação da usina de industrialização do lixo em nossa capital.
Enquanto isso, e contando com a colaboração do laboratório da Escola e Agronomia de Fortaleza, o dr. Carlos Pontes Medeiros examina novas amostras de lixo, ampliando a pesquisa ao Pirambu, a fim de definir o potencial por zona.

Processo “Humusol” para industrializar lixo

A empresa Enfebras ofereceu ao prefeito Murilo Borges um tipo excepcional de usina para industrialização do lixo pelo processo “Humusol”, que possibilita a transformação dos resíduos domiciliares em compostos de húmus, mediante tratamento bactério, oferecendo ao final das usinagens um produto de altas qualidades fertilizantes.
A usina é constituída por uma construção inteiramente fechada, e somente a parte destinada a estocagem do produto poderá ser um galpão aberto, cujo telhado é mais que necessário para assegurar proteção contra as intempéries.
O lixo é conduzido em caçamba que descarrega em uma vala de concreto cujo volume é previsto para receber a coleta de um dia inteiro, as quais serão adicionadas de tal modo que seja evitada uma paralisação momentânea na operação de usina, por falta de energia elétrica.

> Há um processo mecânico de seleção que tem por finalidade eliminar os "monstros", (pneus, velhos e grandes pedaços de madeira, garrafas inteiras, etc.) separar os "finos" (terra, cinza), eliminar e recuperar ferros velhos que são comerciáveis.
> Nenhuma seleção manual é considerada. Os transportes entre os equipamentos são realizados mediante transportadoras de correia, dimensionadas de acordo com as quantidades de operação e a contextura das mesmas. [149]

Muito do lixo produzido em Fortaleza até os anos 1960 era de caráter orgânico e também advindo dos restos da construção civil, devido ao inchamento e crescimento da cidade, com o aumento das construções de prédios e domicílios. Pois mesmo com a proliferação de muitos objetos e artefatos de aço, o vidro, a borracha e, principalmente, o plástico, além dos eletro-eletrônicos, ainda não eram de montante significativo para uma mudança na configuração do que era o lixo produzido pelos citadinos da capital cearense.

Dentro dessa lógica de reaproveitamento econômico dos detritos urbanos, a fim de reutilizá-los na produção de novos produtos utilizados em outras atividades e setores da economia, foi que a empresa Enfebras demonstrou interesse no reaproveitamento do lixo da capital cearense.

A gestão técnica tratou logo de fazer um levantamento e um estudo sobre o lixo produzido em Fortaleza e buscar seu potencial diante de outras capitais. O caráter do lixo recolhido na capital do Ceará foi comparado ao de uma grande cidade européia, uma das maiores produtoras de detritos e onde se encontrava a maior usina de industrialização do lixo do mundo, logo provando a real possibilidade de se utilizar o lixo de Fortaleza para fim industrial.

O lixo seria recolhido pelos caminhões da Prefeitura e despachado na usina, onde ficariam estocados, havendo inicialmente um processo cheio de técnicas e máquinas complexas que fariam a separação dos diferentes materiais encontrados nos detritos, assim como pneus, grandes pedaços de madeira, garrafas, areia e também o ferro velho, que poderia ser aproveitado de outra forma.

Era notória, pois, uma preocupação com os restos de objetos e produtos já utilizados. Uma reciclagem que, longe do discurso ecológico, presente mais a partir da década de 1980, visava a um interesse econômico e à possibilidade da reutilização de produtos. E ainda mais, a noticia era clara quanto à descartabilidade

[149] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 17 ago. 1963, p.02.

dos outros materiais e substâncias que não entravam na cota da pesagem, pois não eram de interesse econômico para o País. Foi demonstrado também todo o caráter higiênico e padronizado realizado no processo, com locais propícios para estoque dos "restos" e ambientes fechados para o processo "bactério", que provavelmente exalava algum odor.

A preocupação de higienistas com a saúde pública passou a virar os olhos para certos animais (ratos, baratas, insetos e moscas), que também iam se proliferando e preocupando os médicos e o Estado, mas o que importava não era tanto o discurso médico, mas a convivência frequente com um número crescente desses bichos. Como esses bichos podem configurar outra dinâmica cotidiana, transformar e mesmo criar novas práticas, hábitos e fazeres?

Uma propaganda do jornal "O Povo" de 1948 anunciava:

> ... Defenda seu lar contra a invasão das pulgas com NEOCID EM PÓ.
> Faça uma aplicação abundante nos móveis estofados, tapetes, frestas, colchões... conservando o pó nestes lugares. Assim, NEOCID agirá infalivelmente muitas semanas. Inofensivo, sem cheiro, não irrita a pele.
> NEOCID também contra percevejos, baratas, formigas caseiras, traças e piolhos. Na latinha popular ou embalagens grandes para o nosso lar.
> Use a Bomba de NEOCID EM PÓ: espalha melhor, economiza mais. [150]

O produto anunciado recomendava defender o lar de invasores e bichos causadores de males. Muitos objetos de madeira e tecido, a presença de resíduos sólidos, dejetos sanitários e alimentícios, eram constantes atrativos para esses seres indesejados. Os produtos passavam a ser comerciados em várias formas, como a substância em pó de NEOCID, que agia por mais tempo e contra uma infinidade de animaizinhos incômodos e causadores de doenças.

Temos ainda a "*Bomba de NEOCID EM PÓ*", que "*espalha melhor, economiza mais"*. Este objeto demonstrava a multiplicação de objetos para combater esses males causados pelos novos modos de vida que atraíam insetos para o ambiente doméstico, repletos de "ninhos/casas" e comida para estes seres. A utilização da bombinha apregoava a maior facilidade e eficiência na aplicação do produto que, além de economizar tempo e trabalho, ainda era muito mais econômico, podendo ser utilizado várias vezes.

[150] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 27 jan. 1948, p.02.

Neste sentido, muito associado ao discurso médico-higienista, os pensadores da cidade junto ao governo passaram a perseguir e combater os indivíduos que trabalhavam e sobreviviam com o lixo - material associado à proliferação de pragas e à disseminação de doenças -, e logo se estendia o perigo dos dejetos associado à figura de catadores, sucateiros, carroceiros e trapeiros .

Durante 20 anos, desde os anos de 1950, o Rio Cocó foi vítima do despreparo das autoridades para lidar com os resíduos sólidos produzidos por uma cidade em crescimento. Em 1978, toda a produção de lixo doméstico de Fortaleza foi destinada ao recém-criado aterro do Jangurussu. O gerenciamento desorganizado e a falta de infra-estrutura fizeram do local um imenso lixão, com mais de 600 catadores que disputavam noite e dia os restos levados pelos caminhões de coleta.

Em mais de 50 anos, Fortaleza já contou com quatro lixões e um aterro, o do Jangurussu, e agora envia seus “restos” para o Aterro Sanitário Metropolitano Oeste de Caucaia. No entanto, cinco décadas não foram suficientes para apagar o impacto ambiental desses lixões. Uma das grandes preocupações de ambientalistas e estudiosos é a contaminação dos lençóis freáticos da cidade e a proliferação de gases tóxicos.

Todas essas questões podem apontar muitas possibilidades de se abordar o lixo por seus vários aspectos, como um “objeto-monumento” ou mesmo um “bocado de desperdício”. Isso é feito de forma relacionada e em diálogo com o objeto baseado na relação entre objetos e serviços. Tentou-se analisar o lixo como campo de ricas possibilidades na criação e recriação da tripla relação desses novos elementos e nas mudanças de práticas, costumes, hábitos, usos, fazeres, etc., dando urna outra dinâmica ao cotidiano da cidade e do lar

CAPÍTULO 3 – ARRUMANDO A CASA: OBJETOS E AFAZERES NO ESPAÇO DOMÉSTICO

3.1 – A Sala

Na tentativa de impor uma metropolização da cidade, a gestão técnica, junto a grupos empresarias da construção civil, passou a investir em materiais modernos, como o PVC, o concreto armado (vigas e vergalhões) e madeiras sintéticas.

Além do mais, essas transformações na estrutura material dos domicílios e seus aposentos, assim como a introdução de inúmeros aparelhos e utensílios modernos conduziam a novas práticas e hábitos cotidianos. O diálogo entre conceitos modernos, anseios consumistas, as particularidades da cultura local e a imprevisibilidade da vida cotidiana permitiram espaços de transformação cultural.

Destacamos um anúncio na seção de oportunidades do jornal "Unitário" de 1951:

> ÓTIMA OPORTUNIDADE
>
> Para quem interessa o dono dos artigos abaixo vai viajar e vende barato: - 1 sala de jantar com 12 peças de imbuia, Mesa elástica, 1 geladeira General Elétrica inglesa, garantida até 1954, 1 rádio Philips com 9 válvulas, 1 Pickups automática toca 12 discos. [151]

Este anúncio de venda de móveis e aparelhos domésticos apresentava alguns dos objetos modernos que passavam a ser consumidos por certa parcela da população fortalezense. A própria existência de inúmeros anúncios como este, observados em diversos periódicos da época, revela a abertura de um mercado consumidor e a circulação desses bens dentro de um número crescente de lares fortalezenses.

As peças dos cômodos eram vendidas num conjunto. Era comum vermos nos anúncios populares dos jornais a venda de cômodos completos. Vendiam-se salas de jantar, de estar, cozinhas, copas e quartos como um espaço associado e composto por um conjunto material que dava características estruturais e funcionais aos espaços domésticos.

[151] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 17 jul. 1951, p.06.

A organização das residências era composta de outras formas materiais que geravam diferentes ritmos de vida. Vejamos uma matéria escrita na secção denominada “O Seu Lar” no jornal “Unitário” de 1951:

> **A CASA MODERNA**
>
> Nos tempos passados as mulheres se cansavam em torno dos armários enormes cheirando a alfazema. A velha casa tradicional tinha por base a abundância de roupas brancas e grande cuidado, escrupulosa atenção era empregada na escolha dos finíssimos tecidos, dos bordados maciços, das refinadas rendas.
> Tudo era criado para o bem-estar e a alegria de pelo menos uma geração e não eram raros certos lençóis, com preciosos bordados, verdadeiramente jóias de família, passarem de mães a filha durante anos e anos.
> Os amplos armários, os móveis conservadores parecem terem desaparecido na noite do tempo e o previdente amor desapareceu com a vida moderna.
> Vida feita de superficiais aparências, mas também de enérgico trabalho que absorve na sua rede a mulher de hoje, a qual não tem tempo nem vontade de amontoar linhos sobre linhos, rendas sobre rendas.
> A necessidade, pois, se reduz ao necessário, não dizemos por uma vida, mas por muito, muito menos, e o sincero perfume de alfazema se esvai como um mito no ar fremente de agitação.
> Tudo caminha, tudo se envolve nas contingências modernas. Nas salas de jantar, por exemplo, para conservar uma agradável sensação de espaço e de conforto, foram banidos sem mais cerimônia o bufê e o etager, altas tradições da família de trinta anos atrás: temos observado, em quase todas as casas, especialmente nas cidades, que existe somente a mesa indispensável, uma espécie de estante recoberta de vidro, algumas cadeiras e um par de poltronas. Um armário de vidro é pendurado ou incrustado à parede mais larga e serve para guardar talheres, porcelana e prataria. [152]

Esta matéria nos revela alguns hábitos realizados no ambiente doméstico que tratavam de limpeza e arrumação e nos apontam objetos da cultura material nas residências fortalezenses no início do século XX. Geralmente, objetos grandes, pesados, detalhados, onde muitos figuravam e eram vistos como *“[...] verdadeiramente jóias de família, passarem de mães a filha durante anos e anos”.* A relação que os indivíduos estabeleciam com os objetos eram de caráter íntimo, muitas peças ficavam gerações dentro das famílias. Com a produção em massa, e apropagação do consumismo, os objetos passaram a ser produzidos em moldes uniformes e a descartabilidade passou cada vez mais a caracterizar o consumo

[152] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 29 abr. 1951. *“O Seu Lar”.*

destes artefatos. Como já foi citado, "*os objetos viam o nascimento e a morte de gerações humanas. Atualmente, são os homens que assistem ao inicio e ao fim dos objetos"* [153]

Observamos também a afirmativa que assinala uma aceleração dos ritmos de trabalho e dos modos de vida cotidiana. A matéria sugere a entrada das mulheres no mercado de trabalho: "*Vida feita de superficiais aparências, mas também de enérgico trabalho que absorve na sua rede a mulher de hoje, a qual não tem tempo nem vontade de amontoar linhos sobre linhos, rendas sobre rendas"*. O tempo relegado às atividades femininas passou a ser dividido com tarefas fora do lar, em escritórios, lojas, salões de beleza, indústrias (têxtil, essencialmente), escolas, etc.

Duas prerrogativas do "modo de vida moderno" são destacadas na fonte citada. *"Melhor sensação de espaço e conforto"*. Como vemos em algumas residências, determinados cômodos como a sala de jantar (copa) sofreram uma reconfiguração no seu espaço, fazendo desaparecer e aparecer objetos e mudando sua espacialidade.

Na copa, eram guardados os artefatos de louça e algumas vezes objetos representantes de distinção social, como as geladeiras que costumavam ser postas na sala de jantar – copa -, para dar visibilidade e status às famílias fortalezenses na década de 1950, que de alguma forma buscavam participar de uma sociedade que utilizava objetos técnicos e modernos. Portanto, mesmo que a maioria das casas ainda fossem espaçosas, este cômodo começou a se transformar e no decorrer das décadas de 1940 a 1970 foi ocorrendo uma transição na estrutura arquitetônica da casas e seus cômodos que associavam o espaço da copa à cozinha, e não mais à sala de jantar.

A matéria supracitada continuava:

> A idéia se generalizou: basta substituir a cama propriamente dita por um divan-leito, abolir os armários com grandes espelhos, juntando uma mesa com poltronas pequenas, uma estante aberta para os livros, uma lâmpada de mesa, uma mesa-carrinho para o chá, harmonizando e ligando todo o arranjo com um belo tapete de sóbrio jogo de cores e aí está o antigo quarto transformando em acolhedora sala-de-estar.
> Nesse quarto-saleta a escolha das cores é a base da sua elegância, jogando sempre sobre cores únicas e suaves; rosa antigo, verde claro, ciclame, amarelo trigo, cinza.

[153] BAUDRILLARD, Jean. *OP. Cit.*

> O modernismo permite e sugere elegantes fusões de tons rosa nas paredes e verde suave nos estofados ou vice-versa; amarelo trigo com cinza ou com ciclame.
> A coberta do divan-leito, com fundo marfim e raminhos de flores, ou toda em lista; para as poltronas, geralmente, tecido sem desenho definido, que não destoe das paredes ou de tipo de coberta do divan-leito.
> As vidraças e janelas com grandes cortinas em tulle creme dão ao ambiente um aspecto muito convidativo. [154]

Aqui continuamos a discussão desta tendência arquitetônica, que lançava dicas e formas de dar um tom mais moderno para os lares, rearranjando os espaços em nome do conforto e bem-estar. Primeiramente, parecia haver uma crítica a essa tendência que bania certos objetos e transformava os espaços tradicionais das casas. Mas no segundo momento, passou-se claramente a indicar formas de reaproveitar alguns cômodos e dar-lhes outras configurações e funções utilitárias (transformando quartos em saletas de estar), não sem também invocar objetos tradicionais, como o carrinho de chá.

Esta mescla de elementos tradicionais e modernos indica justamente esse momento de transição, que foi transformando alguns ambientes domésticos, excluindo e/ou incluindo objetos. São indicadas a abertura e ampliação do leque de opções e combinações que o modernismo trazia, possibilitando a decoração dos lugares com tendências mais maleáveis. Vemos também como já existia um estudo que relaciona o arranjo dos móveis e a escolha das cores com a sensibilidade humana, invocando alegria, conforto e atratividade.

Objetos tradicionais citados acima – *Bufês e Stagers* – eram em certos casos suprimidos por armários de cozinha e peças embutidas. "O bufê, cujo uso foi analisado por Suzanne Tardieu, apareceu com a multiplicação dos objetos, cerâmicas, louças que não podiam mais guardar apenas sobre tábuas ao ar livre ou pendurados. Ele foi seguido mais lentamente pelos armários e pelas cômodas". [155] Estes itens, como bufês, armários e guarda-louças, eram também símbolos de riqueza familiar.

No entanto, neste período, havia domicílios que adotavam os diferentes estilos, e mesmo os conjuntos com peças tradicionais anunciavam seus arquétipos modernos. Vejamos um anúncio no jornal "Unitário" do ano de 1963.

---

[154] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 29 abr. 1951.
[155] ROCHE, Daniel. *Op. Cit.*

MAIS DE 30 MODELOS A SUA ESCOLHA

Como numa passarela V. vê em exposição nas LOJAS LAR ELEGANTE as mais acreditadas marcas de salas e copas de fórmica. É um encanto à vista o seu lindo colorido!
... e como são práticas, higiênicas e modernas! Quanto à facilidade para pagar à vista, com desconto em 4 meses, pelo preço de à vista em até 7 meses, sem entrada... e até em 15 mêses como V. viu acima. [156]

Figura 8 – Propaganda de conjuntos para sala.
Jornal **Unitário**, Fortaleza, 21 jul. 1963, p.11.

Essa propaganda de conjuntos para sala e copa, modelos do ano de 1963, ainda apresentava estes espaços integrados (Figura 8). Vemos a presença do conservador bufê que adquiria formas mais sofisticadas e modernas, somando o papel de guardar os diversos utensílios domésticos, substituindo outros móveis numa única peça mobiliária. São móveis feitos com matérias de fácil limpeza (vidro e fórmica), apregoando higiene às peças, ajeitando portas e prateleiras de forma prática, e fabricados com designes modernos. Ela (a mesa) se cercava de um grande número de móveis anexos e de acessórios, louças, talheres, pratarias e panos. E foi ao redor da mesa de jantar que a alimentação foi transfigurada em relações sociais e elemento significador de hábitos e práticas culturais do cotidiano. [157]

Este caso ajuda a elucidar o caráter lento e multitemporal das transformações efetivas na cultura material e nos hábitos e práticas cotidianas dos fortalezenses, assim como nas relações com os objetos e seus usos e as funções atribuídas a eles. Não era difícil, pois, a convivência de diferentes objetos representativos de tempos passados e rústicos (tradicionais e rurais) e tempos futuristas e sofisticados (modernos e urbanos).

[156] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 21 jul. 1963, p.11.
[157] ROCHE, Daniel. *Op. Cit.*

É no domínio do mobiliário em que se podem expressar também as marcas regionais, mais fortes quando não marcam apenas a estrutura, mas a ornamentação e a organização. O emprego de madeiras, vidros e plásticos ajudam a entender as exigências especificas da região e perceber o caráter particular de uso e consumo de certos artefatos, equipamentos e utensílios do lar. Em entrevista oral, Dona Hermosa lembra certa particularidade encontrada em Fortaleza até a década de 1970: *"Era uma região que tinha muito cupim porque tinha muito cajueiro"*.

Atentar para o fato de Fortaleza possuir muitos cajueiros, ambiente bastante propício à proliferação de cupins, faz refletir justamente sobre a escolha de materiais alternativos que fossem resistentes a estes insetos ou mesmo de madeiras nobres, mais fortes e duradouras. No entanto, eram poucas as famílias que tinham condições de possuir móveis de jacarandá (madeira nobre e bastante utilizada na fabricação de móveis), sendo a maioria de imbuia (madeira de baixa qualidade, mais popular), ficando assim sujeitas à convivência com tal problema de conservação dos móveis, constantemente atacados por esses bichinhos comumente encontrados nas casas da capital cearense.

É interessante sempre atentarmos para certos objetos que figuravam como destaque no arranjo das salas e possuíam significado social para as famílias tradicionais até a década de 1950.

Os pianos, até a década de cinqüenta, ainda figuravam como artefato de status em alguns lares fortalezenses. Representavam a tradição de famílias abastadas, em que filhas prendadas precisavam aprender a tocar um instrumento, geralmente o piano, até mesmo pelo seu porte elegante e seu som refinado.

Figura 9 – Anúncio dos Pianos Brasil.
Jornal **Correio do Ceará**. Fortaleza, 13 jun.1958, p.02.

Era comum vermos em propagandas a venda de pianos (Figura 9) em lojas especializadas, sobretudo pianos alemães, e ainda observarmos anúncios de "vendem-se pianos" na seção de anúncios populares dos diversos jornais de circulação local, principalmente a partir da década de 1950.

Tal objeto seria gradativamente excluído do ambiente domestico, muito devido a seu tamanho, peso e dificuldade de manutenção, pois a agilidade e aceleração da vida moderna pareciam suprimir objetos fora dos padrões de espacialidade e praticidade.

No ambiente da sala, encontram-se também cortinas. Elemento que dá requinte ao cômodo e traz proteção contra o sol, além de regular a luminosidade do lugar. Para falar sobre isto, destacamos um anúncio do ano de 1964 na Revista de circulação nacional Fatos & Fotos, que apesar de ser produzida e editada em Brasília, tinha muito boa recepção e circulação em Fortaleza:

ENTRETELAS E GANCHOS

Magi-Prega
Encaixam sem costura das pregas e dos ganchos.
O mais rápido, prático e perfeito método de confeccionar e instalar cortinas no mesmo dia.
Para lavar, é fácil: basta retirar os ganchos e recolocá-los.
ENTRETELAS MAGI-PREGA também em nylon permanente. A venda nas boas casas do ramo. [158]

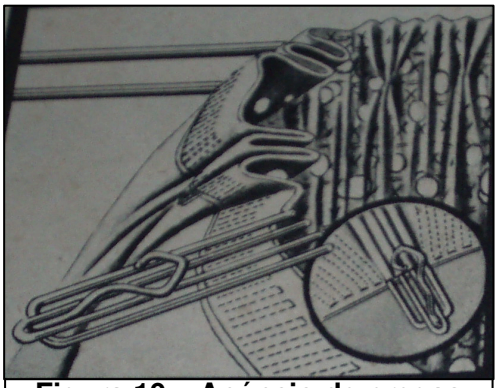

Figura 10 – Anúncio de pregas para cortinas.
Revista **Fatos & Fotos**. Brasília. Ano IV. Nº 164, 21 abr. 1964, p.62.

As residências de Fortaleza, devido a constantes e fortes ventos e também ao excesso de calor e luz, de muito, utilizavam cortinas, panos e tecidos. Como vimos na análise do artigo sobre “a casa moderna” no jornal “Unitário” de 11 de Fevereiro de 1951, as casas “antigas/tradicionais” eram cheias de tecidos pesados, repletos de bordados e adornos pouco práticos.

Esses pequenos objetos (entretelas e ganchos - Figura 10), imperceptíveis, invisíveis, escondidos atrás de panos e telas, era ponto fundamental na colocação e fixação das cortinas. Estes ganchos e entretelas carregavam uma evidência das novas necessidades exigidas por um novo modo de vida. Economizavam tempo e dinheiro e podiam ser utilizados de diferentes maneiras.

Pequenos objetos escondem uma grande função e sabemos que muitos ficam invisíveis aos nossos olhos, mas que sem eles o conjunto não ficaria bem colocado

[158] Revista **Fatos & Fotos**. Brasília. Ano IV. Nº 164, 21 abr. 1964, p.62.

ou um objeto não funcionaria da forma ideal. Devido às constantes retiradas das cortinas para lavagem, logo se desenvolveram essas pequenas peças, que facilitavam o trabalho doméstico.

Eram esses objetos invisíveis que compunham a funcionalidade das cortinas, além da praticidade de instalação. O próprio nome do produto – *Magi-Prega* – remonta a uma discussão do maravilhoso e do mágico que cercava o universo da modernidade técnica, em que aparelhos e coisas pareciam funcionar movidos por forças invisíveis e misteriosas.

A fim de refletir sobre o desenvolvimento de materiais e produtos que modificavam as condições de temperatura e ventilação dos cômodos, cito um anúncio do jornal "Correio do Ceará" de 1958 que destacava a eficiência térmica do fôrro EUCATEX:

> Proteção contra frio e calor só com fôrro de **EUCATEX ISOLANTE** (12mm). Chapa de fibra de madeira com 12mm de espessura de 60x60cm, 1,22x2,44m ou 1,22x3,5m. 12mm de Eucatex isolante tem o poder de isolar calor e frio igual a laje de concreto de 47cm de espessura. Fôrro de Eucatex isolante é bonito, custa pouco e é fácil de aplicar, recebendo qualquer tipo de pintura, inclusive colação.
> Seu lar deve lhe oferecer <u>conforto térmico</u> durante todo o dia e à noite, isto é, temperatura ambiente sempre amena. Para isso é necessário que suas dependências estejam defendidas dos excessos de calor no verão e de frio no inverno que invadem a casa pelo telhado. É preciso que sua casa esteja isolada com fôrro de Eucatex Isolante.
> EUCATEX **ISOLANTE –** EUCATEX **ACÚSTICO** – EUCATEX **DURO** – EUCATEX **COURO E CANELADO –** EUCATEX **TEMPERADO** – EUCATEX **PISO FLUTUANTE** – EUCATEX **DUROTÉRMICO** – EUCATEX **DEFUMADO** – EUCATEX **FRIGORÍFICO** [159]

A idéia de conforto se estendia a aspectos variados e abrangia até as instalações térmicas, como vemos no anúncio do isolante térmico acima citado. Ao dizer que *"Seu lar deve lhe oferecer <u>conforto térmico</u> durante todo dia e à noite"*, podemos entender que a casa precisava ter todo um aparato de isolamento que permitisse um equilíbrio entre o calor e o frio, dando ao ambiente doméstico uniformidade climática que se adaptasse ao clima cearense, especificamente Fortaleza, permitindo um melhor bem-estar na realização de afazeres domésticos.

Essas novas técnicas de manipulação de materiais naturais e saberes de engenharia possibilitavam tornar o clima das edificações de Fortaleza mais ameno e

[159] Jornal **Correio do Ceará**. Fortaleza, 09 jun. 1958, p.03.

agradável, além de permitir um aspecto estético mais elevado, sem falar de seu lado prático e econômico, pois o "Fôrro de Eucatex isolante é bonito, custa pouco e é fácil de aplicar, recebendo qualquer tipo de pintura, inclusive colação". E ainda é apresentado esse novo forro de fibra de madeira como um produto mais leve, econômico e eficiente.

Ainda sobre as mudanças nas formas do revestimento, acabamento, proteção e isolamento das edificações e os materiais que compõem a estrutura das casas e prédios (pisos, paredes, telhados e forros), destacamos as lembranças de Dona Mariana [160], que morava no Parque Araxá na década de 1960:

> "Tinha de taco, de azulejo. A maioria era assoalho. Era com o escovão, era trabalhoso. Passava a vassoura, passava uma estopa pra limpar, passava a cera manual esfregando a cara no chão, aí depois passava o escovão.
> [...]
> Na minha casa, na Rua Barão de Aracati, a gente mandava passar era SINTEC. Um produto que você mandava passar e ficava permanente. Tipo um verniz. Você podia passar o SINTEC no azulejo ou na madeira. Era uma beleza". [161]

Como relembra Dona Mariana, a atividade de varrer e encerar os assoalhos, principalmente as salas, era tarefa que exigia esforço e tempo. Além disso, exigia uma numerosa quantidade de objetos e produtos para lavá-los, esfregá-los e poli-los. Esse tipo de tarefa doméstica, desprendia um considerado tempo das donas de casa e empregadas domésticas que tinham que seguir um procedimento dificultoso e moroso para manter o aspecto da casa sempre limpo e arrumado.

Para lidar com a limpeza dos forros e dos pisos, e deixá-los sempre conservados, as donas de casa usavam produtos de limpeza, como vernizes, ceras, sabões, vassouras, esfregões e escovas. O mercado produzia uma gama de produtos e objetos de limpeza, desenvolvendo novidades que promoviam facilidades de aplicação. Vemos o exemplo de dona Mariana que utilizava um produto novo – "O SINTEC". Era como um verniz que polia e dava brilho por um tempo mais longo e diminuía a necessidade e polimentos constantes.

---

[160] Mariana Martins de Oliveira Alves. Nasceu em 1924, era professora e chegou aqui em Fortaleza em 1960 e foi morar no Parque Araxá. Chegou junto com o marido e três filhos. Morou no Parque Araxá e no Jardim Guanabara (Conjunto Polar).

[161] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 28/12/2007 com Mariana Martins de Oliveira Alves Martins de Oliveira de 84 anos de idade, na sua residência. Na época ela era professora.

Acompanhemos também a fala de Dona Hermosa sobre a limpeza dos assoalhos de sua casa na rua Tibúrcio Cavalcante durante a década de 1950:

> "Tinha uns meninos lá no campo do América. E tinha um que limpava minha casa, nesse tempo num tinha enceradeira, num tinha nada, era um negócio assim sabe, de taco, madeira, aí ele limpava bem aquele taco de um por um [...]" [162]

A limpeza dos tacos e pisos domiciliares gerava serviços específicos devido à complicação e ao trabalho que dava fazer tal tarefa. Parecia costume as donas de casa chamarem sujeitos que viviam nas redondezas do bairro e pagar algum dinheiro para que pudessem fazer esse tipo de trabalho mais pesado, como encerar, capinar, desentupir e outros.

Porém, havia empresas que prestavam serviços de encerar. Estas firmas possuíam toda uma estrutura de funcionários e também equipamentos e produtos de ponta mais eficientes e modernos. Elas apostavam na comodidade, eficiência e confiança do serviço.

As enceradeiras começaram a aparecer em Fortaleza durante a década de 1940. Eram peças caras, pesadas, grandes e muitas donas de casa ainda ficavam a utilizar panos, esfregões e escovas. Durante a década de 1950 e 1960, foram desenvolvidos aparelhos de encerar mais leves e também complexos. No jornal o Povo de 1951, enfatizamos uma propaganda de enceradeira elétrica da marca ARNO:

[162] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 21/12/2007 com Maria Hermosa Girão de Araujo, de 76 anos de idade, na sua residência.

A 1ª da classe... Enceradeira elétrica ARNO – raspa – encera – lustra

É a mais prática e eficiente, devido às seguintes características:

- Motor universal, super-potente!
- Acionamento positivo, sem correias!
- Para todos os trabalhos, uma só escova, de fios ultra resistentes!
- Dispositivos de segurança, exclusivo, para que não funcione sozinha, mesmo estando ligada! [163]

Figura 11 – Anúncio de Encerradeira ARNO.
Jornal **O Povo**. Fortaleza, 26 mar. 1951, p.02

Estes aparelhos eletrodomésticos abrangiam funções diversas (Figura 11). Substituíam panos, escovas, esfregões e podiam raspar, encerar e lustrar os pisos com uma mesma bandeja de cerdas ajustáveis à atividade requerida. *"Para todos os trabalhos, uma só escova, de fios ultra resistentes!"*.

Segundo o anúncio, seus motores ficaram mais leves, porém mais potentes, podendo ser utilizados em qualquer corrente elétrica (*"motor universal"*). Eram aprimorados em questões práticas, dando sofisticação ao equipamento, fazendo sumir peças, como as velhas correias necessárias para ligar o motor. Desenvolveram-se sistemas de segurança para impedir que a enceradeira saísse, andando sozinha se ligada e solta pela casa, podendo causar estragos e acidentes. Percebe-se que seu uso era complicado e requeria certos cuidados. As velhas enceradeiras, que saíam andando e tremendo sozinhas se fossem ligadas e soltas, requeriam ainda maior nível de atenção na hora da sua utilização.

Dona Hermosa destaca dois desses eletrodomésticos que ela utilizava para limpar sua casa nos anos de 1950. *"Tinha enceradeira e aspirador de pó. Hoje o*

[163] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 26 abr. 1951, p.02.

aspirador de pó é bem moderno, é pequenininho, você aspira qualquer coisa. E antes era pesado, ruim de levar de um lugar pra outro". [164] O aspirador de pó também se desenvolveu em vários modelos e tipos, criando e recriando itens que facilitassem sua utilização. Muitos acessórios eram criados para realizar tarefas específicas, como aspirar tecido, paredes, cortinas e cantos pouco acessíveis, eram tubos com pontas diferenciadas para cada local da casa que precisava de aspiração. Eram também aparelhos pesados, e como relembra Dona Hermosa, eram difíceis de usar e de levar de um lugar a outro da casa.

Nas casas da década de 1940 e 1950, muitos pisos ainda eram de taco, necessitando fazer a raspagem (lixamento) da madeira; já os pisos de azulejo e cerâmica precisavam apenas do polimento e da lustração. Ressaltando este movimento e observando a rápida mudança dos pisos de madeira para os de cerâmica recorremos mais uma vez a fala de Dona Mariana:

> "É num tem mais né? Porque hoje em dia quase todas as casas o piso é esse né (cerâmica)? E ai é só passar o pano e brilha [...] Inclusive noutro dia, no meio do ano, que o Elder veio aqui, pois é, aí a mãe dele mora em Teresina e tava doida por uma enceradeira e lá não encontrou. Aí ele veio pra Fortaleza atrás, e aqui também não tinha. Hoje fabrica muito pouco, ficou muito fora do uso [...]" [165]

A enceradeira é um objeto que parece ter desaparecido das lojas e dos lares fortalezenses. Hoje, é difícil vermos esse eletrodoméstico em circulação e uso. Como lembra Dona Mariana, o advento dos pisos de cerâmica e o desenvolvimento de produtos químicos mais eficientes deixaram obsoleto esse artefato. Atentamos para a ligação que se estabelece na criação de objetos com as necessidades e as atividades cotidianas realizadas em Fortaleza de 1940 a 1970.

Os pisos de material cerâmico excluíam a utilização de enceradeiras, pois era *"só passar o pano e brilha"*. Então vemos, os velhos rodos e esfregões retonarem para otimizar a limpeza dos pisos e dar brilho com menor esforço, maior facilidade e rapidez. Além do mais, multiplicaram-se desinfetantes e ceras que agem quimicamente nos azulejos e cerâmicas, limpando e dando brilho, com uma agradável sensação de limpeza.

---

[164] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 21/12/2007 com Maria Hermosa Girão de Araujo, de 76 anos de idade, na sua residência.

[165] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 28/12/2007 com Mariana Martins de Oliveira Alves Martins de Oliveira, de 84 anos de idade, na sua residência. Na época ela era professora.

A sala é um ambiente que muito se apresenta como "cartão de visitas da casa". É o lugar onde se procurar fazer uma decoração atrativa e sofisticada, expondo móveis e objetos de forma que demonstrem a distinção da riqueza familiar. Este cômodo central, que se comunica com quase todos os outros da casa, é local de recepção e lazer. As salas das residências de classe média e alta de Fortaleza possuíam diversos objetos, como sofás, poltronas, cadeiras, mesinhas, cortinas, luminárias arrojadas, quadros, rádios, radiolas, telefones e televisões.

Sobre as cadeiras, destacamos uma propaganda de movelaria encontrada no jornal "Unitário" de 1951:

> MOVELARIA E COLCHOARIA "DELTA"
>
> Moveis em geral – vendas a vista e a prazo. Telas e colchões para camas. Cadeiras de cipó e vime. Visite hoje mesmo a CASA DELTA. [166]

As cadeiras são artefatos essenciais para o descanso e a comodidade, sendo às vezes um item secundário e associado a outro (mesas e escrivaninhas) e noutras, objetos isolados e de uso exclusivo. Muitas cadeiras, mais simples e rústicas, eram cobertas de couros e tecidos de segunda, peças mais sofisticadas utilizavam estofados e tecidos nobres. Mas em Fortaleza muitos assentos eram fabricados também em cipós e vimes de acordo com o anúncio acima. Este material era abundante na região e muitos artesãos fabricavam moveis rústicos com acabamentos mais modernos para suprir a nova demanda estética de grupos sociais mais abastados. Mas, no geral, eram móveis simples e de baixo custo, principalmente os feitos de couro, que com o tempo foram abandonando o ambiente das casas urbanas e dando espaço a tecidos sintéticos.

Como dito anteriormente, desenvolveram-se tecidos para revestimento de vários tipos de móveis. Vejamos este anúncio do jornal "Gazeta de Notícias" de 1967:

> O MESMO "TECIDO" PARA VESTIDOS E MÓVEIS
>
> Leverkusem (impressões da Alemanha) – A linha sereia e o cadeirão têm uma coisa em comum, "Vistram", material do biquine e dos estofos. Trata-se de uma combinação de tecidos e do plástico, última criação da Bayer

[166] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 05 jul. 1951, p.04.

> em Leverkusen (República Federal da Alemanha). O material é permeável ao ar, assemelha-se ao couro e tem toda uma série de qualidades excepcionais. Pode ser produzido em todas as cores imagináveis, é exatamente resistente, prestando-se muito especialmente para móveis de jardim por ser insensível a água. Já não é preciso transpor as cadeiras a correr quando começam a cair as primeiras gotas de chuva. [167]

Esse tipo de *"tecido que serve tanto para vestidos como para móveis demonstra como se dava de forma acelerada e imprevista o desenvolvimento da indústria têxtil e da pesquisa de novos materiais sintéticos"*. Portanto, novos materiais estudados e criados artificialmente alteram formas de conservar estes objetos e, no mais, transformam hábitos corriqueiros, como, por exemplo, dar atenção ao clima antes de se realizar determinadas tarefas domésticas.

Somando mais objetos ao universo material que compunha as salas de uma parcela das casas de Fortaleza na década de 1940 a 1970, podemos observar no trecho da fala de Dona Hermosa a lembrança do rádio:

> "Eu mesmo possuí um móvel, muito bonito comprado aí no centro numa loja dessas, era um muito bonito, estilo colonial igual meus móveis, que ainda cheguei a usar na Tibúrcio Cavalcante. Era um móvel que era rádio, chamava PICKUPS naquele tempo, colocava dez discos com um pino no meio, aí os discos íam caindo e ia tocando, aí outro disco ia caindo. A gente num colocava muito porque podia ficar muito pesado no prato, mas chegava a tocar seis discos. Ficava bem chique, tinha que ficar na sala" [168]

Essas PICKUPS eram aparelhos muito difundidos em casas de classes média e rica de Fortaleza, pois neles havia rádio, toca fitas e radiolas, muitos comportavam até 10 discos enfileirados na ordem de reprodução. Mas de acordo com o apontado por Dona Hermosa, mesmo estes equipamentos, possuindo características técnicas e modernas, como a capacidade de colocar dez discos de uma vez só, essa função era utilizada parcialmente, pois por mais que pudessem tocar dez discos de uma só vez, muitos usuários preferiam resguardar o aparelho e não sobrecarregá-lo com todos eles, e ao que tudo indica os pratos quebravam, demonstrando a ineficiência técnica dos mesmos.

---

[167] Jornal **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 30 out. 1967, p.08.

[168] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 21/12/2007 com Maria Hermosa Girão de Araujo, de 76 anos de idade, na sua residência.

Outro aspecto importante de destaque aqui é o caráter decorativo deste móvel-eletrodoméstico. Sinal de riqueza familiar e objeto de destaque nas salas, essas PICKUPS eram representantes do desenvolvimento tecnológico que atingia o meio de comunicação mais popular na época – o rádio. Assim como a televisão, este objeto era canalizador de relações sóciais que se estabeleciam nos momentos de entretenimento e lazer. Mas é sabido que com o aumento da produção de televisores e a expansão das redes de comunicação televisiva, o rádio, seguido das enormes PICKUPS, foi se tornando obsoleto e relegado a ambientes mais ocultos, como quartos e cozinhas, saindo, portanto, das salas. Os objetos migram de lugar de acordo com as conexões históricas que estabelecem na vida cotidiana.

O telefone era outro aparelho que demonstrava enorme prestígio. Passou a ser um importante componente da vida diária dos indivíduos para a comunicação e solicitação de serviços. Observemos, então, um trecho da matéria do jornal "O Povo" de 1951:

> **UM PARA CINQUENTA E SEIS**
>
> [...]
> Com o desenvolvimento urbano, através da ampliação de bairros, do aumento de casas comerciais e residenciais, de sua população central e periférica, deve-se cuidar de melhorar o nosso serviço telefônico.
> O telefone é um dos principais elementos de progresso de uma metrópole. Ele aproxima no tempo e no espaço.
> Uma cidade sem telefone anda à câmara lenta e fala a prestações.
> Em Fortaleza, há 5.000 telefones ligados, para uma população de 280 mil almas, o que significa um telefone para cada 56 habitantes.
> No Rio, a população é de 2.700.000 pessoas, as quais dispõem de 200.000 aparelhos telefônicos. A percentagem, pois, é de um aparelho para cada grupo de 13,5 indivíduos. E sente-se, na Cidade Maravilhosa, que ainda há poucos telefones. Tanto assim que não há ofertas deles, mas intensa e comercial procura.
> Em Fortaleza, devido a escassez de telefones, estão instaladas 410 extensões e pedidas 143.
> No último aumento de telefones verificado entre nós, deixaram de ser atendidas cerca de 1.800 requisições devidamente formuladas. Se for aberta nova inscrição para candidatos a telefones esse numero se elevará sem dúvida a 3.000.
> Nessas condições, achamos que já é tempo de pensar-se em ampliar as instalações a cargo da Ericsson, no louvável intuito de bem servir à nossa gente.
> O telefone não é objeto de luxo. Com as distâncias cada vez maiores e o encarecimento dos salários de empregados e das passagens dos

> transportes, ele é fonte de economia. É o melhor criado à disposição de todos [...] [169]

O telefone é um aparelho que chegou ao Brasil ainda durante o reinado de Dom Pedro II, mas era coisa de dois ou três aparelhos. As linhas telefônicas no país vieram a se estender já no início do século XX, como também o desenvolvimento das redes elétricas e das redes transmissoras. Como dito na matéria, o telefone passou a se configurar como elemento fundamental na metropolização das grandes cidades, pois agilizava negócios e serviços, diminuindo distâncias. "*Uma cidade sem telefone anda à câmara lenta e fala a prestações"*.

A fonte apontava um reduzido acesso a aparelhos telefônicos, pois a estatística dizia que poucos fortalesenzes tinham o privilegio de usar o telefone. Também fica clara a incapacidade do sistema telefônico de contemplar todos os pedidos de linhas telefônicas realizados em Fortaleza, pois a rede ainda era pequena e não dava conta da demanda.

Contudo, em fins da década de 1940, alguns serviços passaram a ser solicitados por telefone. Mecânicos, eletricistas e entregadores eram os principais prestadores. Este tipo de opção também começa a interferir na dinâmica cotidiana dos vendedores ambulantes que se lançam numa disputa difícil com estes outros trabalhadores em domicílio, pois para aqueles bastava uma ligação no momento exato da necessidade e eles estariam lá, e para os outros teriam que contar com a coincidência da necessidade com a visita.

Vejamos um anúncio na década de 1960 no jornal "Unitário", que apresentava um aparelho telefônico mais moderno e acessível:

> **Rápido como o pensamento**
>
> Solucione o problema de intercomunicação de seu escritório, fábrica ou ainda de sua residência com os intercomunicadores **Ericsson**.
> EFICIENTES – CUSTO BAIXO – FÁCIL INSTALAÇÃO
> Telefone de parede – Côr preta ou cinza. Ocupa pouco espaço, podendo ser interligado aos telefones de mesa.
> Telefone de mesa – Côr preta ou cinza. Possibilita a interligação de nove pontos diferentes.
> Consulte-nos e você ficará surpreendido com o baixo preço deste sistema de intercomunicação. [170]

[169] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 24 abr. 1951, p.04.
[170] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 20 out. 1968, p.09.

Durante a década de 1960, este aparelho já se encontrava presente em muitas casas do centro e dos bairros mais nobres de Fortaleza. A diminuição dos custos, a ampliação das linhas telefônicas e o desenvolvimento de aparelhos mais modernos proliferaram este artefato no mercado local e permitiram maior acesso a uma camada maior da população fortalezense.

Foram fabricados modelos diferentes, estilos de parede e de mesa. Os telefones de parede ficavam grudados e ocupavam um ínfimo espaço da sala, sem demandar a utilização de outros móveis. Diferente do telefone de mesa, que ficava sempre em um movelzinho, em local de destaque, como lembra Dona Hermosa sobre seu telefone na década de 1960: "*O telefone era assim, preto, grande, barulhento [...] ficava na sala numa "estantezinha" na sala, quando tocava era alto"* [171].

Por fim, a verdadeira "rainha do lar", a televisão. Para discutir a inserção deste objeto nos lares fortalezenses a partir do fim da década de 1950, vejamos um anúncio de televisor do jornal Unitário de 1963:

> É pra acabar com o estoque – 25 meses. Televisor Semp/23": Alvorada II – visão cinematográfica em nitidez e relevo de imagem, controle automático do brilho por célula foto-elétrica, montagem completa com antena externa e regulador de voltagem. [172]

A televisão começava a aparecer nas casas das famílias fortalezenses a partir do final da década de cinqüenta, mas somente começa a ganhar significância numérica a partir das décadas de sessenta e setenta. Este cobiçado eletrodoméstico foi um dos que mais rapidamente se desenvolveu e sofreu (e ainda sofre) transformações em sua forma, tamanho, tecnologia e, conseqüentemente, em sua qualidade.

Alguns televisores antigos eram comprados também para serem utilizados como mais um objeto decorativo que integrava a sala e, assim como as PICKUPS, constituíam-se como uma peça de distinção e davam opulência e status às famílias

[171] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 21/12/2007 com Maria Hermosa Girão de Araujo, de 76 anos de idade, na sua residência.
[172] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 07 jul. 1963, p.05.

que o possuíam. Para discutirmos os avanços tecnológicos e a diversificação dos tipos de televisores, podemos destacar um anúncio no jornal “Unitário” de 1968:

> PHILCO avança no tempo... alcança o futuro...
> Lança os televisores
> **Philco SOLID STATE**
>
> **1º no Brasil totalmente transistorizado no Circuito de Recepção de Sinal.**
>
> - Dobro de vida!
> - Maior rendimento!
> - Mínima exigência de serviço!
> - Imagem e som permanentemente estáveis!
> - Máxima tolerância às variações de voltagem!
>
> PHILCO “SOLID STATE” é muito mais do que existe!
>
> - Sinal de vídeo 60 milhões de vezes ampliado,
> - Seletor de Canais mais sensível que os seletores comuns,
> - F. I. de vídeo e som de 4 estágios,
> - Controle automático de ganho de 3 estágios,
> - Circuito “Power Gated Control”,
> - Cancelador de ruído,
> - Retificador de potência,
> - Detetor de relação de largura ampla
>
> **E mais...**
> **Chassi frio**
> **Geometria da imagem**
> **Sintonia permanente**
> **Chassi cromatizado**
> **Novo circuito de áudio**

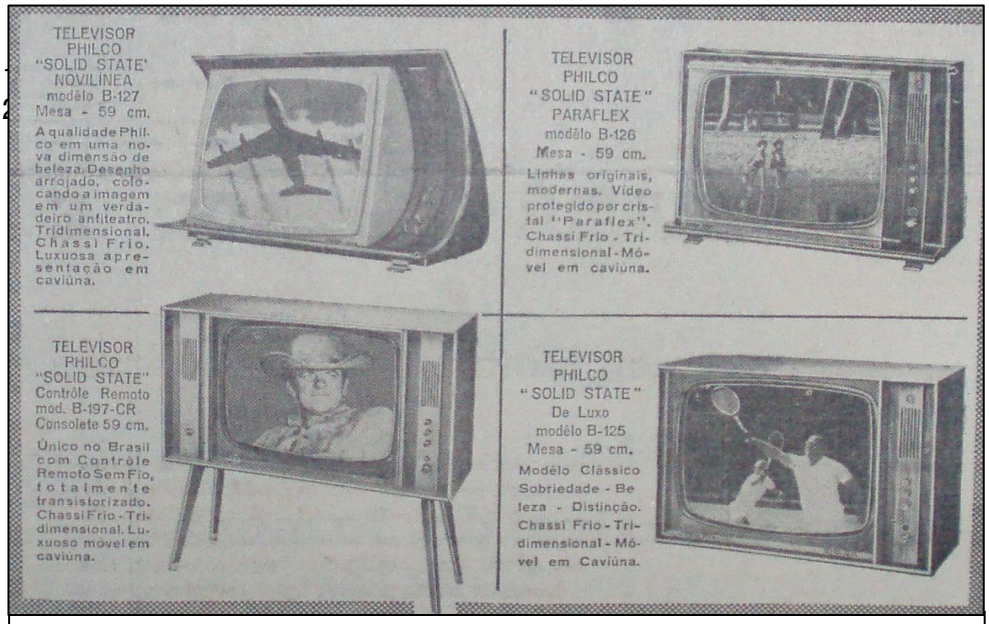

Figura 12 – Modelos de televisores em propaganda da PHILCO.
Jornal **Unitário**.Fortaleza, 27 out. 1968, p.08

1) OLID STATE" NOVILINEA (*Superior-Esquerda)*. Modelo B-127. Mesa – 59 cm. A qualidade Philco em uma nova dimensão de beleza. Desenho arrojado, colocando a imagem em um verdadeiro anfiteatro. Tridimensional. Chassi frio, luxuosa apresentação em caviúna.
2) TELEVISOR PHILCO "SOLID STATE" PARAFLEX (*Superior-Direita)*. Modelo B-126. Mesa – 59 cm. Linhas originais, modernas. Vídeo protegido por cristal "Paraflex". Chassi frio. Tridimensional. Móvel em caviúna.
3) TELEVISOR PHILCO "SOLID STATE' Controle Remoto (*Inferior-Esquerda)*. Mod. B-197-CR. Consolete 59 cm. Único no Brasil com controle remoto sem fio, totalmente transistorizado. Chassi fio. Tridimensional. Luxuoso móvel em caviúna.
4) TELEVISOR PHILCO "SOLID STATE" De Luxo (*Inferior-Direita)*. Modelo B-125. Mesa – 59 cm. Modelo clássico. Sobriedade – beleza – distinção. Chassi frio. Tridimensional. Móvel em caviúna. [173]

As televisões se transformaram nos aparelhos mais complexos já inventados e mais uma vez trouxeram à tona o caráter "mágico" da tecnologia, que permitia captar imagens e transmiti-las em uma tela através de peças de recepção e transmissão e de circuitos eletro-eletrônicos integrados de áudio e vídeo. Mecanismos de transmissão começaram a serem aprimorados, os receptores de sinal se desenvolveram para dar melhor qualidade e maior freqüência de imagem, e também itens que permitissem uma estabilidade de sinal e ampliassem a potência de captação do televisor.

Apresentar um silenciador de ruído indica que antigos aparelhos eram barulhentos, com constantes ruídos produzidos pela má captação da imagem e do som. No mais, os seletores de canais também passaram a ser mais leves e de fácil utilização, apresentando maior sensibilidade na hora de trocar o canal. Cabe uma pergunta aqui: qual a real necessidade de funções como esta diante de uma capital que mal tinha uma agência televisiva? Para qual canal mudar? Estas perguntas vêm à tona quando lembramos que Fortaleza na década de 1960 possuía um ou dois canais apenas, sendo as transmissões realizadas por emissoras do Sudeste.

Ainda observamos a menor necessidade de serviço, como apregoado pelo anunciante. Isto faz pensar que antigos aparelhos eram alvo de constantes consertos e também requeriam constantes serviços de assistência técnica para instalações e reparos, e mais, a capacidade de alta resistência às variações de voltagem muito comuns em Fortaleza até a década de setenta foi a principal

[173] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 27 out. 1968, p.09.

responsável por danificar muitos aparelhos eletrônicos e ajudou a dar maior vida útil aos novos aparelhos, com tecnologia para regular a corrente elétrica. Isso fazia com que a necessidade de assistência técnica também diminuísse.

Os quatro modelos apresentados na propaganda (Figura 12) revelavam o acelerado ritmo de desenvolvimento destes aparelhos eletrodomésticos. Suas partes e peças ficaram mais complexas, cheias de válvulas, circuitos, transistores, sintonizadores, reguladores, etc. O controle remoto já era uma realidade nos modelos de televisores da década de 1960, aumentando o comodismo que se espalhava como característica fundamental do "modo de vida moderno".

Também era notada a atribuição de móveis aos aparelhos. Feitos de madeira caviúna, estes móveis davam forma às televisões e eram integrados de forma acoplada, numa mistura de fios, circuitos, peças e plataformas com pernas de madeira, dando formatos e estilos diferenciados aos aparelhos, que iam do clássico, com "*sobriedade, beleza e distinção"*, ao mais moderno, *"colocando a imagem em um verdadeiro anfiteatro"*.

A televisão, como ferramenta de lazer, acabava gerando formas de relações sociais entre os vizinhos, aqueles que possuíam o aparelho e os que não tinham. Vejamos o que nos diz Dona Josefina [174]: "*Meu marido gostava de criança. Aí tinha aquele programa do Tarzan. Aí cada grito daquele que ele dava meu marido dava um também. Aí vinha as crianças 'tudim'. ih! era uma farra"*. [175]

Os programas televisivos logo ganharam espaço dentro dos lares fortalezenses. Possuir uma televisão era compartilhar com os vizinhos, pois mostrar o aparelho e deixar que outros assistissem demonstrava o prestígio e também o status da família na rua, e mesmo no bairro.

As mudanças sofridas no ambiente doméstico se refletiram em muitos espaços da casa, mas a sala representa o "coração" do lar, o lugar que distingue imediatamente a riqueza familiar. Por ser um espaço constantemente arrumado, limpo, decorado e cuidado, fazemos da sala ponto importante na análise sobre a relação dos objetos técnicos e de um "modo de vida moderno" com as mudanças

[174] Josefina Odísio Siqueira, nasceu em 1924. Chegou a Fortaleza no ano de 1940 e casou-se em 1944 e foi morar com o seu marido na Av. Dom Manuel no bairro do Centro. Ocupou-se sempre com a atividade de dona de casa. Ela morou em bairros como Jacarecanga, Aldeota e Centro.

[175] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 04/01/2008 com Josefina Odísio Siqueira, de 83 anos de idade, na casa de sua irmã. Na época, ela era dona de casa.

nas atividades e práticas domésticas na cidade de Fortaleza nas décadas de 1940 à 1970.

3.2 – A Cozinha

Cozinhar, preparar os alimentos, é uma tarefa aparentemente simples, mas a complexidade cultural que a circunda e a enorme riqueza material desse universo expressam o contrário. A partir, principalmente, da década de 1950, esse ambiente passou cada dia mais a integrar-se aos demais cômodos da casa. Começou a tomar outras dimensões e configurações espaciais, devido aos inúmeros objetos, equipamentos e aparelhos domésticos que se multiplicaram dentro de um mercado que anunciava a praticidade, a eficácia e a comodidade, em que as donas de casa eram "seduzidas" por uma diversidade de objetos modernos que prometiam facilitar as tarefas domésticas, deixando maior tempo para os cuidados estéticos e outros afazeres.

Na década de 1940, estendendo-se até os anos de 1950, na cidade de Fortaleza, as cozinhas das residências mais abastadas e de classe média ainda eram espaçosas e na sua maioria possuíam grandes e pesados armários e balcões, utilizando também amplos espaços para fogões à lenha, a carvão e mesmo a gás. As geladeiras eram bem mais incomuns nos domicílios fortalezenses.

Para discutir essas transformações, é interessante começar por destacar o Código Municipal De Fortaleza de 1932 que regulava a construção de chaminés:

> Art. 282 - As chaminés terão altura suficiente para que a fumaça não incomode os vizinhos, podendo a Prefeitura, a qualquer tempo, determinar os acréscimos ou modificações que venham a se tornar necessários. [176]

A documentação acima apontava determinada característica das cozinhas na capital cearense, pelo menos até a primeira metade do Século XX. As chaminés ainda eram elementos arquitetônicos que participavam da configuração espacial das residências e indicavam práticas de culinária, formas de cozinhar e usos de certos aparelhamentos.

[176] **Código Municipal**. Prefeitura de Fortaleza. Dec. Nº 70, de 13 de Dezembro de 1932. Estado Do Ceará, 1933.

Os fogões à lenha eram os mais comuns. Eles eram muitas vezes construídos de alvenaria mesmo, integrados a uma chaminé que expelia a fumaça para fora, mas havia também os feitos de metal, apesar de serem mais comuns modelos de ferro funcionando a carvão.

O código que regulava a construção das chaminés nas cozinhas, como destacado acima, indicava a presença deste tipo de aparelhamento nestes cômodos (fogões à lenha), e também apontava formas de cozinhar e de uso deste aparelho. Se havia a necessidade de controlar e regularizar as normas de construção das chaminés, então indicava-se a freqüente e comum presença de fogões à lenha nas casas da capital cearense O código de posturas de 1932 aponta indícios que mostram algumas características das construções em Fortaleza na década de 1932, sendo este produzido para vigorar nos anos posteriores (pelos menos até a década de 1940). Mas o crescimento desenfreado da capital e as dificuldades de controle urbano alteraram a percepção e as características da gestão pública, mudando algumas partes e itens da regulamentação municipal, sendo necessária uma revisão do Código.

Não podemos deixar de falar, pois, deste artefato central, que era responsável pela "vida da cozinha" – o fogão. Foi em função dele que muitos outros objetos foram inventados e reinventados, e em torno dele se constituiu muito da dinâmica e das práticas culinárias do lar. Analisando um anúncio do periódico "Unitário" de 1941, é possível ampliar a análise feita sobre os diversos tipos de fogões:

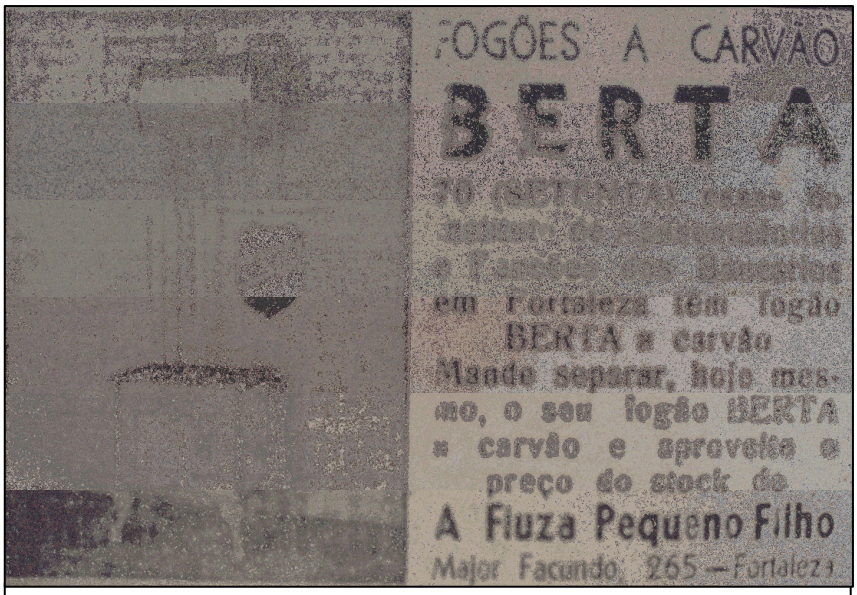

Figura 13 – Anúncio de fogão a carvão BERTA.
Jornal **Unitário**. Fortaleza, 05 out. 1941, p.03.

O fogão a carvão (Figura 13) sugere o incremento de novos combustores para substituir os antigos fogões à lenha, pois havia um problema gerado em Fortaleza no período, com o desmatamento indiscriminado das matas da região. Mas este tipo de fogão a carvão parece não trazer um grande diferencial, pois também esquentava muito o próprio fogão como um todo (e o ambiente também) e produzia vapores, além de supor um estoque permanente desses combustores.

O artefato, que parece mais um grande trambolho repleto de válvulas, tomadas, suportes, canos e bujões, acabava por ser muito dispendioso e complicado; eram muitas peças sujeitas ao desgaste e também muitos procedimentos para fazê-lo funcionar perfeitamente. No mais, por ser grande e pesado, ele acabava por tomar muito espaço na cozinha e ser de difícil remoção para eventuais mudanças e consertos.

O fogo gerado pelo carvão é intenso e levantava alguma fuligem, menos que a lenha, mas suficiente para causar manchas e danos às panelas, produzindo um vapor que causava incômodo às donas de casa. O equipamento, por isso, requeria constante limpeza e manutenção, além de dificultar a lavagem de pisos e paredes e também das panelas escurecidas pelo fogo do carvão.

No entanto, outros modelos de fogões se desenvolveram conjuntamente e diversificaram-se modelos e combustores, pois os fogões a carvão não solucionaram o problema do desmatamento acelerado em Fortaleza e apresentavam difícil manejo e manutenção. No decorrer da década de 1940, os fogões a querosene se multiplicaram e ganharam espaço nos lares da capital, fazendo sumir certas partes, peças e componentes dos fogões antigos ao mesmo tempo em que se criavam novos mecanismos de funcionamento. Vejamos o seguinte anúncio do jornal "O Povo" de 1951:

> Fogões a gáz de querozene "GASUNICO" a última novidade em fogões:
> a. Não tem pavio;
> b. Não tem bomba de pressão;
> c. Consumo mínimo;
> d. Combustível – querozene comum. [177]

[177] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 02 fev. 1951, p. 04.

Os fogões a querosene começaram a surgir como alternativa às velhas "estufas" à lenha e a carvão. O anúncio do "fogão a gáz de querozene 'GASUNICO' passava a idéia de um funcionamento gerado a gás, material natural utilizado nos fogões domésticos mais modernos, e representava a novidade da tecnologia de ponta. Mas, na realidade, anunciar um fogão a gás não passava de uma jogada publicitária para tentar favorecer e valorizar o produto com a utilização de um combustor que só viria a ser utilizado expressivamente em Fortaleza na segunda metade dos anos de 1950, expandindo o seu consumo de forma significativa na década de 1960, pois conforme o Censo Demográfico do IBGE do ano de 1960 [178], em Fortaleza existiam 22.215 fogões a gás. Este número subiu para 106.569, de acordo com os dados do Censo Demográfico do IBGE de 1970. [179]

Determinado desenvolvimento técnico permitiu a invenção de mecanismos automáticos que pudessem regular a passagem do querosene para as bocas, funcionando de modo parecido com um maçarico, e assim suprimir os pavios que deixavam os fogões "feitos candeeiros", adicionando o fato da persistência da fumaça preta e da fuligem geradas pela queima dos pavios e pela queima direta e controlada do próprio querosene, gotejado por tubos e válvulas reguladoras.

O fator da segurança também aparecia ao se apontar a ausência de válvulas de pressão. Essas peças pressionavam o querosene em botijões acoplados nos aparelhos antigos e causava alto risco de explosão, mas com o sistema regulador de fluxo, essas válvulas foram extintas e se oferecia um maior nível de segurança na utilização do fogão. E, além disso, proporcionava uma maior economia de combustível, devido a esse dispositivo regulador da quantidade de querosene.

De forma já dita anteriormente a respeito das formas que objetos acabavam gerando novos objetos, podemos citar aqui outro caso concreto desse movimento. A partir da existência e das características de funcionamento desses antigos fogões à lenha e a carvão, e mesmo a querosene, vemos surgir um equipamento especifico capaz de funcionar junto a este e solucionar certos problemas gerados por ele como, por exemplo, a fumaça e o intenso vapor. Citamos, pois, um anúncio de um exaustor de ar destacado do jornal "O Povo" do ano de 1951:

---

[178] **Censo Demográfico** – Estado do Ceará. Recenseamento Geral de 1960. IBGE.

[179] **Censo Demográfico** – Estado do Ceará. Recenseamento Geral de 1970. IBGE. Este recenseamento foi lançado no ano de 1970, mas o período de sua realização e a coleta de seus dados é referente à década de 1960, principalmente, a partir da sua segunda metade.

Figura 14 – Propagando do exaustor CONTACT.
Jornal **O Povo**. Fortaleza, 23 fev. 1951, p.02

Veja a utilidade de um EXAUSTOR CONTACT.

O EXAUSTOR CONTACT é um elemento de conforto em seu lar. Auxilia na higiene e mantém a cozinha fresca e agradável. É fácil de instalar, mesmo em construções já concluídas. Seu funcionamento é silencioso e o consumo de energia é igual ao de uma pequena lâmpada. [180]

Podemos destacar este aparelho porque a "cidade moderna" se gesta a partir do consumo destes novos objetos, que se mostravam mais higiênicos e mais tecnológicos.

Analisando a fonte acima, percebe-se a intenção de demonstrar a importância e utilidade deste aparelho, que se propunha proporcionar um ambiente mais confortável, higiênico e agradável à cozinha e acabar com os incômodos dos cheiros fortes de frituras, do calor, da fumaça e dos vapores (Figura 13). Uma atmosfera ideal aparecia como necessidade e importante fator na atividade de cozinhar e preparar a comida, transformando o trabalho em algo mais prazeroso, mais moderno, mais urbano, eficiente e higiênico, pois eliminava o ar carregado e sujo produzido pelos velhos fogões. Há o desejo de se diferenciar mais e mais do campo. Eram, portanto, estes objetos que iriam proporcionar isso.

Mas o ponto fundamental aqui é discutir a possibilidade de criação de um objeto em função de outro. Quando é percebido o problema gerado pelos fogões à lenha e a carvão, que produziam muita fumaça e vapores, infestando a cozinha com cheiros fortes e fumaças irritantes, estimulou-se a criação desse aparelho elétrico capaz de sugar o "mau ar" para fora do ambiente. Assim, houve a criação de

[180] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 23 fev. 1951, p.02.

determinado objeto (o exaustor) para fazer funcionar de forma perfeita aquele outro (o fogão), que gerava problemas na realização de sua função.

O andamento dessas transformações não pára apenas na reflexão sobre esse elo entre objetos, ocorrendo uma espécie de auxilio funcional ou operacional entre os objetos correlatos, um funcionando como extensão do outro. Foram notáveis também as transformações de caráter arquitetônico nas cozinhas. O "Exautor Contact" era de fácil instalação e podia ser instalado mesmo em casas já construídas, não interferindo diretamente na estrutura física da cozinha. Mas analisando seus desdobramentos vemos como o exaustor, na maioria das vezes, acabava indicando a posição do fogão e vice-versa.

Também enxergamos o aspecto referido à incorporação de funções que eram realizadas por outros artefatos, pois este novo aparelho funcionava como um respiradouro, renovando e circulando o ar, o que podia ser realizado por frestas e janelas já presentes nos projetos de construções residenciais. A proliferação desses exaustores ia de alguma forma alterar a configuração espacial e paisagística da cozinha, pois é de se imaginar que janelas e frestas tinham seu tamanho e espaço diminuído, ao invés de grandes janelas, têm-se janelinhas com pequenas frestas. Cabe dizer que isso não se generalizou, pois a utilização de elementos naturais (iluminação solar e ventilação natural) não deixava de estar presente nas cozinhas, ainda mais nas décadas de 1940 a 1970, quando a constância do fornecimento elétrico era precária e as alternativas eram fundamentais. É bom lembrar a rápida desvalorização e obsolescência deste equipamento, pois com o advento do gás doméstico, reduziram-se os vapores, fumaças e odores e a circulação do ar podia ser realizada satisfatoriamente por janelas.

A comercialização do gás de cozinha em Fortaleza tomou proporção densa a partir do ano de 1951, quando o empresário Edson Queiroz resolveu apostar no ramo do gás engarrafado em botijões, que começou a ser comercializado sistematicamente a partir de 1953, mas apenas na década de 1960 adquiriu ampla proporção de consumo por uma maior parte da população fortalezense. De acordo com o Censo Demográfico de 1960 [181], num universo de 92.152 domicílios, apenas 22.215 (pouco mais de 20%) possuíam fogões a gás, apresentando um acentuado crescimento durante os anos de 1960, como demonstravam os dados do censo

[181] **Censo Demográfico** – Estado do Ceará. Recenseamento Geral de 1960. IBGE.

demográfico de 1970, que apontavam 106.569 domicílios consumidores de fogões a gás, num total de 147.640 domicílios (aumentando para aproximadamente 70%) na capital cearense. [182]

O uso do gás no ambiente doméstico era visto com ressalvas no início, pois havia um receio da população em relação à mudança no gosto dos alimentos e aos riscos de explosões, mas logo esse medo foi vencido e as vantagens do combustor, além da sofisticação dos mecanismos técnicos dos equipamentos modernos, conquistaram o mercado cearense. No mais, ainda havia argumentos pautados nas vantagens ecológicas, pois causava uma diminuição considerada das queimadas das matas nativas da região metropolitana de Fortaleza à época [183], com a exploração indiscriminada deste recurso para a comercialização da lenha e produção do carvão utilizados nos lares e nas indústrias (não parando apenas nos fogões domésticos e comerciais, mas também para fornos e máquinas industriais e geradores de energia).

Vejamos um anúncio de um fogão a gás mais moderno e sofisticado no jornal "Correio do Ceará" no ano de 1968:

> **Agora a mais alta qualidade pelo melhor preço**
> **Fogão Príncipe Luxo '68 BRASTEMP**
>
> - Gabinete porcelanizado, isolado com lã de vidro (economiza gás);
> - Roletes para V. mudá-lo de lugar sem esforço;
> - Novas trempes inquebráveis e tampa porcelanizada;
> - Forno grande iluminado;
> - Botões super-anatômicos e bandejas com frontal de metal descartável;
> - Abas retiráveis (patente requerida) para facilitar a limpeza de todos os vãozinhos. [184]

[182] **Censo Demográfico** – Estado do Ceará. Recenseamento Geral de 1970. IBGE.

[183] "A lenha foi, durante algumas décadas (pelo menos até o final dos anos 1950), o mais importante potencial energético do Ceará. Todas as usinas elétricas eram térmicas e tinham a lenha como único combustível. O consumo de lenha, principalmente nas estações chuvosas excepcionalmente fortes, era problema de difícil solução em Fortaleza. Trens inteiros levavam lenha para ali, proveniente de centenas de quilômetros de distancia. Os lenhadores faziam um desflorestamento intenso, catastrófico, porque nem mesmo se tentava reflorestar as áreas devastadas. O reflorestamento natural era muito inferior ao corte. O abastecimento das centrais elétricas das cidades mais importantes, como Sobral, por exemplo, criava problemas semelhantes, embora em escala muito menor; mesmo assim, a energia elétrica era produzida em escala mínima (GOMES apud NOBRE, 1981, p.111-112)" (In: SILVA FILHO apud Cadernos do CEOM, 2006, p.182.).

[184] Jornal **Correio do Ceará**. Fortaleza, 15 mai. 1968, p.13.

Nos anos cinqüenta e sessenta, muitos fogões modernos a gás já utilizavam o gás butano engarrafado. O anúncio acima dá alguns subsídios para refletirmos sobre as transformações ocorridas neste equipamento nas três décadas (1940, 1950 e 1960) e as modificações nas práticas e hábitos cotidianos realizadas numa considerada parcela da população fortalezense que já tinha acesso a este equipamento essencial nas residências cearenses. No ano do anúncio, 1968, os fogões a gás já estavam popularizados e o consumo do gás, concretizado no mercado e nos domicílios da capital cearense.

O luxo é apresentado como característica de qualidade e também beleza e sofisticação. Estes aparelhos de ponta apresentavam sua sofisticação através de fatores como a fabricação de modelos anatômicos e tecnicamente estudados. "*Botões super-anatômicos"* permitiam um uso agilizado e facilitado pelo usuário, dando maior controle e segurança em relação ao fluxo de gás. Vemos também que inúmeras peças podiam se encaixar e ser retiradas facilmente, facilitando o trabalho de limpeza e utilização do moderno fogão; "*bandejas com frontal de metal descartável*" indicavam que muitas dessas peças podiam ser substituídas e possuíam um desgaste constante, referindo-se ao uso descartável de acessórios domésticos.

A praticidade e a comodidade se expressavam na facilidade de limpeza dos fogões e também da própria cozinha, pois a criação de "*Roletes"* permitia transportar facilmente o fogão, e também rápidos rearranjos espaciais e eficiência na limpeza do local onde ele ficava. Havia facilidade de limpeza também do próprio aparelho, pois as peças e assessórios eram móveis, retiráveis, e assim transformavam as formas de limpar e conservar o fogão, pois permitiam limpar onde antes não era possível.

Chamo a atenção para os detalhes sobre a montagem e desmontagem desses objetos, porque é esse movimento que indicava a presença da "Fortaleza moderna" no espaço doméstico, ainda que o uso, muitas vezes, caminhava à revelia dessa modernidade, apontando para o desconhecimento em torno das novidades técnicas.

No mais, o artefato ainda proclamava economia de gastos com baixo consumo de gás, alta resistência e durabilidade assentados na existência de um "*gabinete porcelanizado, isolado com lã de vidro"* e de "*Novas trempes inquebráveis e tampa porcelanizada",* acessórios constituídos de modernos materiais que davam

novas características aos objetos e causavam mudanças no consumo e utilização destes, assim como nos serviços relativos à manutenção e conserto realizados por trabalhadores ambulantes ou informais metidos a *"faz-tudo",* que disputavam espaços com as "*autorizadas"*.

Outro equipamento que a partir da década de 1950 estáva cada vez mais presente nos lares fortalezenses de média e alta renda foram as geladeiras. Para acompanhar as transformações deste artefato doméstico, destacamos uma propaganda de geladeira do jornal "O Povo" do de 1948:

> **ELECTROLUX a querosene**
> - Produz gelo e faz sorvete;
> - Conserva carnes frutas e legumes;
> - Gela quaisquer bebidas;
> - Funcionamento silencioso;
> - Não tem motor nem partes móveis;
> - Uma simples chama acesa e está pronto para funcionar;
> - Muito econômico;
> - Não requer instalações especiais, trabalha em qualquer parte
>
> **Aspecto moderno de linhas impecáveis Electrolux – 1948** [185]

As geladeiras a óleo e querosene foram as primeiras a surgir no mercado. Seu funcionamento era feito através do aquecimento de determinado gás (geralmente, na época pesquisada, usava-se a amônia) por uma chama (o pavio) que fazia circular o gás por tubos serpenteados de diferentes diâmetros que o esfriavam, fazendo resfriar o ar interno do refrigerador.

O anúncio acima apontava determinadas características das geladeiras da época. O fato de anunciar a vantagem de um funcionamento silencioso faz deduzir que as velhas geladeiras costumavam fazer muito barulho. A ausência do motor também reforçava essa idéia. As velhas geladeiras à eletricidade possuíam motores grandes e barulhentos; desse modo os fabricantes de geladeiras a querosene apostavam num funcionamento silencioso, sem motores, mas que possuísse uma refrigeração tão boa, ou melhor, do que as elétricas. Outro fator destacado aqui era a economia associada ao objeto, pois em Fortaleza o preço da eletricidade era muito alto e o querosene poderia trazer uma boa economia de dinheiro, sendo menos dispendioso do que uma geladeira à eletricidade.

[185] Jornal **O Povo.** Fortaleza, 02 jan. 1948, p.06.

O desenvolvimento da rede elétrica da capital cearense, da produção e distribuição de energia elétrica, aumentou seu consumo e acesso de um maior número da população fortalezense durante as décadas de 1950 e 1960. Portanto, mesmo que de forma lenta e precária, não podemos deixar de considerá-la. Pois segundo o Censo Demográfico do IBGE no Ceará do ano de 1940 [186], Fortaleza possuía um total de 18.617 domicílios com eletricidade. Já na década de 1960, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE no Ceará de 1970 [187], esse número pulou para 87.047 domicílios com acesso à eletricidade. Nota-se um crescimento reduzido de apenas 20% em mais de trinta anos.

Assim sendo, ocorreu um aumento na produção de geladeiras à eletricidade, sendo preferência das donas de casa pela praticidade e status moderno. Vejamos uma propaganda de geladeira Brastemp à eletricidade no jornal "Correio do Ceará" do ano de 1958:

> BRASTEMP sempre na liderança
>
> - **Zonas de frio diferentes** para os mais diversos tipos de alimentos
> - **Espaço integral** aproveitamento total do espaço interno
> - **Fecho moderno** pode ser aberto até com o cotovelo
>
> **BRASTEMP** o que há de melhor [188]

Esta geladeira elétrica modelava os tipos e as funções deste aparelho eletrodoméstico. A refrigeração era feita em zonas distintas, havia partes mais frias para as carnes e outras menos, para as verduras. Seu formato e designer, com frízeres, prateleiras e portas, de alguma forma indicavam a organização dos alimentos, que também deveriam ser modernizados e representativos de um outro "modo de vida".

O aspecto que mais interessa nesta propaganda é o caráter moderno que este artefato adquiriu. Até mesmo, o fecho era apresentado com um estudo técnico, sinônimo de modernidade. A porta podia ser aberta até de forma inusitada, com o cotovelo.

---

[186] **Censo Demográfico** – Estado do Ceará. Recenseamento Geral de 1940. IBGE.
[187] **Censo Demográfico** – Estado do Ceará. Recenseamento Geral de 1970. IBGE.
[188] Jornal **Correio do Ceará**. Fortaleza, 23 jun. 1958, p.05.

Esta questão fica mais clara neste trecho do depoimento de Dona Hermosa sobre a geladeira que possuía durante a década de 1950:

> "Ficava na sala de jantar, na cozinha num podia nem ficar, não podia ficar na cozinha porque, geralmente eu nem sei, não fazia parte dos utensílios de arrumar casa. Porque, dizem até assim, que antigamente o povo botava na parte principal da casa, de frente à porta pra dizer que tinha geladeira". [189]

Como vemos a partir da fala de Dona Hermosa, este cobiçado objeto era sinônimo de status e modernidade. Era preciso expor em local visível onde as pessoas pudessem enxergá-lo e saber que aquela residência estava inserida no movimento de progresso material e que usufruía daqueles utensílios modernos. A geladeira, como muitos outros objetos técnicos, era certamente um bem de distinção social que apregoava status à família que o possuía.

Essa tendência acabava por bagunçar a idéia que se tem de organização do lar, onde determinados objetos são pertencentes a seus locais específicos (Geladeiras ficam na cozinha. Ou não?). No entanto, alguns objetos possuíam certa mobilidade dentro dessa maleável estrutura organizacional do lar, sendo apresentados em outros cômodos, seguindo algumas peculiaridades das relações sociais locais. Ou seja, os usos e as práticas cotinianas é que verdadeiramente indicavam as diferentes formas de consumo e a ligação das pessoas de Fortaleza com estes objetos.

Na década de 1940, as cozinhas das residências mais abastadas e de classe média eram espaçosas e na sua maioria possuíam grandes e pesados armários com balcões, utilizando também amplos espaços para fogões à lenha, carvão ou a gás, e geladeiras (essas bem mais incomuns nos domicílios fortalezenses). Porém, o mercado começava a investir na utilização e otimização dos espaços com objetos compactos. Vejamos um anúncio de um kit de armários para cozinha no jornal "Unitário" de 1951:

[189] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 21/12/2007 com Maria Hermosa Girão de Araujo, de 76 anos de idade, na sua residência.

COZINHAS "KITNEVE"

Para melhor aproveitamento de espaço, para maior conforto e para maior adorno de sua cozinha, adquira um conjunto de aço "KITNEVE" em peças ajustáveis para armários e para pias. As cozinhas "KITNEVE" nada devem às similares americanas. **Exposição na NORTEFERRO – Matriz**. [190]

A propaganda acima ajuda a perceber como estavam se realizando mudanças na configuração espacial e material nas cozinhas ricas e da classe média fortalezense. Os antigos armários de cozinha eram feitos de madeira pesada e eram muito grandes, ocupando muito espaço. O aproveitamento de espaço parecia não se configurar como problema essencial das residências fortalezenses, já que os espaços domésticos eram amplos.

Para fazer um contraponto nessa questão, vejamos a fala de Dona Josefina: "*Eu tinha um armariozinho branco, assim, chamados móveis de copa, que eram laqueados, existiam umas prateleiras e guardava ali mesmo, e o resto nos armários da cozinha, de madeira".* Vemos, portanto, que, na época, como indica dona Josefina, havia os chamados "móveis de copa",[191] organizados em outro espaço distinto da cozinha. Então, parecia não haver muito problema de espaço na hora de guardar os objetos e utilitários domésticos, já que os móveis com a função de guardar possuíam não apenas o espaço da cozinha, como vemos nas casas contemporâneas, mas um cômodo especifico para organizar e armazenar estes utensílios de cozinhar e comer.

Todavia, é interessante ressaltar que através do objeto anunciado acima, temos indicações de mudanças na forma de organização e arrumação dos utensílios domésticos que passam a ser guardados todos na própria cozinha, já que, como vimos anteriormente, era nos elegantes buffets que ficavam sempre bem localizados e faziam parte do conjunto mobiliário das salas e copas.

Armários, balcões e paneleiros de madeira e aço passavam a configurar e decorar este ambiente. Ao invés de objetos e utensílios pendurados e amontoados pela cozinha, eles passaram a ser arrumados dentro de móveis (em modelo americano), possibilitando melhor aproveitamento do espaço, praticidade e conforto,

---

[190] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 19 jul. 1951, p.08.

[191] As residências em Fortaleza durante as décadas pesquisadas ainda possuíam um cômodo que ficava entre a cozinha e a sala, geralmente servindo de sala de jantar. Ali ficava a mesa de jantar, os móveis e estantes para guardar louças, talheres, pratarias, copos, etc., e também muitas geladeiras que ficavam mais visíveis neste ambiente.

como também estética e beleza à cozinha. Além disso, são colocados como artefatos maleáveis, podendo ser adaptados a diferentes locais e encaixados a outros móveis e aparelhos (como afirma o anunciante ao indicar a possibilidade de adaptação de armários e pias). Podiam ser gavetas, portas, prateleiras e ganchos que viriam compor esse "kit" responsável pelo conforto na facilidade de acesso e manipulação de talheres, pratos, panelas, bandejas, e passavam por novos conceitos de beleza e de higiene.

Esses móveis modernos modificavam a organização e as práticas do espaço e dos afazeres cotidianos, pois os indivíduos passavam a se relacionar com novos materiais, como o plástico e os metais inoxidáveis, além das diferentes técnicas de instalação, manutenção e conservação dispensadas a eles. Mas, ao que tudo indica, a presença dos móveis compactos não descartou de imediato os móveis pesados e pouco práticos.

A panela, outro acessório sempre presente na cozinha e de essencial utilização no cozimento dos alimentos, também tomou parte nas transformações técnicas sofridas por muitos objetos e equipamentos. Novos materiais, como o alumínio e o aço inoxidável, modificaram o tempo de cozimento e até mesmo o sabor dos alimentos, bem como mudaram as formas, os instrumentos e os produtos de limpeza (como lãs de aço e saponáceos), além dos encaixes, travas e cabos de madeira ou plástico anatômicos de precisão hermética mais firmes para tampar e segurar. Destacamos, portanto, uma propaganda de panela de pressão Arno do jornal "O Povo" de 1951:

> Claro que é panela expressa **ARNO** (de pressão)
>
> Do tipo mais vendido em todo o mundo!
>
> - Super-resistente!
> - Indicador de pressão exata, com graduações visíveis!
>
> Pelas suas inconfundíveis características de super-resistência e facilidade de manejo, a Panela Expressas ARNO é de tipo que mais se vende em todo o mundo... mais que todas as outras juntas! Abre-se e fecha-se com máxima facilidade! A tampa ajusta-se hermeticamente, sem molas ou quaisquer dispositivos que se estraguem ou danifiquem! [192]

[192] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 28 fev. 1951.

Como o anúncio indicava, a "panela expressa Arno" (grifo nosso) apontava a rapidez no preparo dos alimentos mais duros, como grãos e carnes. As velhas panelas eram cheias de travas, molas, pinos e ganchos para encaixar a tampa e prender o vapor que, superaquecido, cozinhava mais rápido os alimentos. Eram pesadas, enferrujavam rápido e provavelmente quebravam peças constantemente, desprendendo usos e cuidados especiais, além da freqüente troca de peças e contratação de consertadores.

As vantagens da nova panela de pressão Arno iam da resistência à eficiência. Ela parecia solucionar todos os problemas listados aqui, como fragilidade, lentidão e falta de praticidade "*pelas suas inconfundíveis características de super-resistência e facilidade de manejo"*. O novo objeto também extinguiu os velhos e frágeis dispositivos e molas *"que se estraguem ou danifiquem"* com uma eficiente tampa que se ajustava hermeticamente. Mas ficam omitidas as necessidades de manutenção requeridas pelas peças acopladas ao artefato, como as tiras de borracha que pressurizam a tampa e estão sujeitas a constante desgaste, pois quem não lembra o bordão dos vendedores ambulantes gritando até hoje: "*Borracha pra panela de pressão*".

Dona Mariana, em entrevista, destaca a lembrança sobre o uso da panela de pressão:

> "Ainda hoje eu não uso panela de pressão, uma vez essa minha sobrinha que morava comigo deixou a panela aí, num sei como, essa panela explodiu. Eu nem sei como num quebrou foi tudo. É terrível quando explode" [193]

Alguns aparelhos técnicos e modernos, assim como novas substâncias e fontes de energia, causavam receio na população e muitos tinham medo de utilizá-los. Assim como a eletricidade e o gás engarrafado, a panela de pressão causava temor, pois sua pressão era forte e, como falado anteriormente, as panelas de pressão antigas eram rústicas e seu sistema de vedação não era muito eficiente, o que deve ter disseminado todo esse receio a partir da insegurança representada pelo objeto.

[193] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 28/12/2007 com Mariana Martins de Oliveira Alves Martins de Oliveira Alves, de 84 anos de idade, na sua residência. Na época ela era professora.

As novas panelas de pressão, como indica a propaganda da panela expressa Arno, traziam maior eficiência, acelerando o processo de cozimento e a preparação de alimentos tão presentes na culinária cearense, como capotes, capões e galinhas caipiras (de carne mais dura) e também o feijão e a mandioca. Mas, vemos que até hoje o medo de explosões com panelas de pressão ainda persiste. Não pareceu suficiente desenvolver-se mecanismos de segurança e novas técnicas de vedação para suprimir tal amedrontamento constituído durante anos de atividade culinária com as velhas e perigosas panelas.

Este artefato é, entretanto, representativo das mudanças sofridas nas panelas, com ênfase na facilidade de uso e técnicas sofisticadas e modernas de funcionamento, gerando transformações nas práticas domésticas de cozinhar, manusear e conservar estes objetos, alterando também os ritmos e formas de trabalho do lar e profissional.

Os objetos culinários sempre foram muitos e variados. E a partir de então que multiplicaram-se os artefatos elétricos e acessórios, que compunham o ambiente paisagístico e funcional da cozinha. Destacamos uma propaganda do jornal O Povo de 1951, que apresentava um dos mais almejados eletrodomésticos – o liquidificador:

> Com o liquidificador Arno V. pode preparar em poucos segundos saborosos copos de vitamina integrais para as crianças...
> **Liquidificador ARNO *agrada sempre!***
> ... sobremesas convidativas para os adultos... satisfação para todo mundo sob a mais perfeita higiene!
> O liquidificador Arno é o único com revestimento interior de aço inoxidável, para maior higiene do alimento e fácil limpeza do aparelho.
> **Agita – tritura – mistura – liquidifica** [194]

O anúncio acima apregoava rapidez e praticidade na preparação dos alimentos, permitindo diferentes níveis e formas de preparo. O grande esforço desprendido para espremer, ralar, picar, pilar, triturar, misturar, liquidificar as carnes, verduras, frutas, grãos e massas dava lugar à facilidade e comodidade de utilizar um motor com diferentes níveis de potência, com lâminas e copos (de plástico ou aço) acoplados.

[194] Jornal **O Povo**. Fortaleza, 26 fev. 1951, p.05.

Além disso, a introdução deste objeto elétrico trazia consigo aspectos de um discurso higienista, pois o anúncio enfatizava a exclusividade do liquidificador Arno de ser o *"único com revestimento interior de aço inoxidável, para maior higiene do alimento e fácil limpeza do aparelho"*. Havia diminuição do contato direto com o alimento e uma maior dispensa de utensílios como facas, raladores, descascadores, moedores manuais, etc. Esse aparelho era capaz de fazer tudo isso sem contaminar o alimento. O vendedor apregoava essas características tidas como positivas e fundamentais, mas é primordialmente o fator praticidade que prevalecia na hora da decisão de adquirir novos objetos eletrodomésticos, mesmo considerando que muitas das consumidoras eram donas de casa, não trabalhando fora. Aí se destacava a praticidade como uma forma de otimizar o tempo da mulher, para que ela pudesse se dedicar ao embelezamento pessoal, e não exatamente a sua presença em outros espaços públicos.

Figura 15 – Anúncio do liquidificador WALITA.
Jornal **Unitário**. Fortaleza, 17 nov. 1954, p.06

Ainda sobre a versatilidade que toma o liquidificador, selecionamos uma propaganda da *Walita* do jornal "Unitário" de 1954:

A casa das máquinas tem o prazer de apresentar aos seus distintos clientes a família **Walita**.

Liquidificador **Walita**

Misturador de massas – vale por uma batedeira de bolo – adaptável a qualquer liquidificador Walita.

Descascador – em 1 minuto descasca um quilo de batata, cenoura, etc. – adaptável a qualquer liquidificador Walita.

Bojãosinho – moi carne, pimenta do reino, café, etc. – adaptável a qualquer liquidificador Walita.

Centrífuga Turmix – extrai o suco integral de frutas, tomate, cenoura, beterraba, etc.

Nova batedeira Walita – com 10 velocidades diferentes – bate bolos, cremes e maioneses – Moi carne e extrai suco de frutas.[195]

[195] Jornal **Unitário.** Fortaleza, 17 nov. 1954, p.06.

Analisando a fonte destacada, vemos que os objetos eram tratados como partes de uma família que agiam em conjunto e cada um tinha sua função específica (Figura 15). Havia um objeto central (o motor), com sua base e encaixes que tomavam por partes os demais acessórios, fazendo cada um servir às necessidades das donas de casa na preparação dos diversos pratos da culinária cearense.

Destacamos um trecho da entrevista realizada com Dona Josefina para compreendermos melhor a realidade cotidiana da qual estes objetos participavam e as transformações que estes trouxeram:

> "Ave Maria, quando a gente ia fazer uma sopa de feijão, tinha que botar numa coisa e bater, socar ali. No liquidificar era só botar ali. Canjica ralava o milho. No liquidificador e só cortar o milho e passar ali. Ah é uma beleza o liquidificador. Esses processadores são ainda melhor né. Quem é que tendo liquidificador ia pisar feijão, usava o liquidificador. Quando a gente usa o que é bom ninguém quer o pior não" [196]

Como afirmado por Dona Josefina, o liquidificador passou a ser um dos aparelhos mais cobiçados pelas donas de casa desde sua invenção e comercialização. Com ele, muito tempo e esforço podiam ser economizados. Tarefas como descascar, liquidificar, bater, misturar, moer, triturar eram realizadas mais rapidamente, com eficiência e higiene. Mesmo assim, não se excluíam instrumentos de preparação manuais, como raladores, moedores, descascadores, batedeiras manuais e lâminas que, por muito tempo ainda, dividiam espaço nos armários e gavetas com estes artefatos elétricos e seus acessórios modernos, pois é sabido do reduzido acesso da população pobre de Fortaleza a estes objetos, mesmo com a maior massificação e incentivos para o consumo.

Mesmo nos lares que possuíam estes objetos, era preciso estar preparado para a constante falta de energia (como explanado no capítulo anterior sobre o abastecimento elétrico), que deixava à mão as donas de casa. Ao mesmo tempo em que possuíam objetos sofisticados e modernos (na maioria elétricos, como moedores, por exemplo), era quase regra o convívio com outros objetos manuais antigos e rústicos, até pela constante falta de energia. Assim, configurava-se esse contexto de transição de modos de vida e práticas cotidianas nos lares fortalezenses

[196] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 04/01/2008 com Josefina Odísio Siqueira, de 83 anos de idade, na casa de sua irmã. Na época ela era dona de casa.

da época e que se estende até os dias de hoje, apontando as contramarchas do desenvolvimento de uma modernidade técnica repleta de múltiplas temporalidades históricas.

Destaca-se o caráter qualificador dado por estes objetos elétricos, pois liquidificadores, batedeiras, cafeteiras, torradeiras e todos esses utensílios modernos cheios de funções e designers estéticos, dando toques de beleza, passavam a funcionar não só como objetos de uso prático, mas como decoração do ambiente, dispostos e expostos numa ação que apontava o nível de riqueza e sofisticação, mas também de precariedade das famílias cearenses.

As transformações e permanências nos hábitos cotidianos realizados no ambiente da cozinha e o uso dos objetos empregados nas ações de beber e comer continua explícito na propaganda de um purificador de água apresentada no jornal "Correio do Ceará" de 1966:

> Quem tem sede de saúde só bebe água ozonizada
>
> **O que é Hidrozon?**
> ... é um aparelho patenteado, cientificamente construído para produzir ÁGUA OZONIZADA composto de um gerador de OZONA pela eletricidade, combinado com misturados que emusiona o OZONA na água.
> IMPORTANTE, o HIDROZON é construído para ser usado em instalações domiciliares, escritórios, fábricas, estabelecimentos comerciais, escolas, bares e restaurantes que utilizam a denominada "água encanada".
> Conheça os benefícios que você pode obter com o novo aparelho HIDROZON nos distribuidores exclusivos. [197]

Este anúncio de um moderno filtro de cozinha já de inicio abordava as questões da salubridade, higiene e saúde, pois quando se tratava de sede, mais do que sede de água, era preciso ter *"sede de saúde",* pois água limpa, pura e saudável iria trazer maior bem-estar para a família. Este tipo de equipamento veio trazer uma considerada modificação nos hábitos e nas práticas cotidianas dos indivíduos no referente ao acesso à água limpa e filtrada.

Percebemos que quando se tratava de equipamentos para cozinha e preparo de alimentos, o conceito de higiene e saúde passou a compor mais um elemento cheio de "fetichismo da mercadoria" para vender e adquirir os "produtos técnicos da modernidade". Como vemos no anúncio, a tecnologia mais uma vez aparecia lado a

[197] Jornal **Correio do Ceará.** Fortaleza, 20 jun. 1966, p.06.

lado com a eficiência e a modernidade, apresentando um aparelho “cientificamente construído”, capaz de purificar a água através de eletricidade e combinados químicos.

Este produto, por sua vez, estava atrelado à idéia de que o consumo somente será possível se antes de adquiri-lo já se possuísse outro “bem”, que é a própria “água encanada”. Reflete-se, então, que por mais que a maioria da população e das famílias fortalezenses da época não possuísse acesso a este “bem”, a viabilidade da comercialização de tal produto demonstrava um aumento no consumo da água encanada por parte da população.

Os antigos potes de barro e os filtros de barro e porcelana ainda são os mais utilizados, principalmente, pelas camadas mais pobres. Estes artefatos são bem maiores do que os purificadores mais sofisticados, como o Hidrozon, e certamente ocupam um espaço mais amplo e diferenciado na cozinha. Sempre pelo chão ou em cima de mesas, pias e balcões, dão outras formas ao hábito de beber água e saciar a sede, pois não há ligações com canos, torneiras e mesmo tomadas, podendo ficar à mercê de deslocamentos mais fáceis e constantes de lugar.

O ambiente da cozinha conjugava um rico universo material que permitiu analisar as mudanças e permanências nos lares fortalezenses, ocorridas nas práticas cotidianas e nas formas de uso e consumo de um crescente número de artefatos técnicos. Cortar, triturar, raspar, moer, preparar, armazenar, conservar e comer os alimentos eram atividades que se transformaram no ambiente doméstico em Fortaleza, junto ao surgimento e a proliferação de novos equipamentos e utensílios domésticos, como vimos aqui.

No mais, o que se fundamenta aqui é a necessidade de percebermos a convivência de objetos antigos e novos numa Fortaleza que caminha lentamente rumo a uma modernização técnica, deixando à margem desse consumismo uma significativa parcela da população. Muitos objetos são consumidos por seu caráter fetichista colocado pelo mercado capitalista, mesmo que não tenham uso efetivo, ficando encostados e dividindo espaço com antigos objetos, muitas vezes, mais utilizados nas atividades cotidianas do lar, pois a própria gestão técnica da cidade não oferecia condições estruturais eficazes para a disseminação desses aparelhos e artefatos.

3.3 - O Banheiro

O banheiro, local privilegiado de fluição aqüífera e atividades essenciais (fisiológicas, higiênicas e também estéticas), passou por inúmeras mudanças que foram mexendo nas posições e tipos de conexões, torneiras, pias, duchas, sanitários, banheiras, box, ralos, e bidês, ocasionando diferentes e novas práticas cotidianas de asseio e limpeza. Eram alturas, posições, espessuras, distâncias e formas desses objetos que se faziam tendo em vista as relações com o corpo e as novas necessidades exigidas por um "modo de vida moderno".

As grandes transformações ocorridas no espaço do banheiro ocorreram junto ao crescimento e desenvolvimento dos sistemas de encanamento e conexões e também do abastecimento d'água nas residências de Fortaleza nas décadas de 1940/50/60. Os canos percorriam as paredes (por dentro e/ou por fora) demarcando trajetórias e os caminhos da água. Como já abordamos no capítulo anterior, bombas, hidrômetros, caixas d'água, poços e, principalmente, as torneiras são objetos que afirmavam a presença desse cobiçado líquido, mas, sobretudo, indicavam locais e formas de usos e atividades cotidianas realizadas com esses artefatos.

É, portanto, sempre importante lembrar que era uma parcela reduzida da população fortalezense durante as décadas de 1940 a 1970 que tinha acesso e fazia usufruto desses equipamentos. A sua maioria não tinha sistemas de canalizações de água e os banheiros eram constituídos de meras fossas rudimentares, com pouco espaço para pias e banhos (quando havia este espaço), isso com escoamento e limpeza quase sempre ineficientes. [198]

Os banheiros eram configurados de outras formas e era um cômodo que tinha outra importância e necessidade para os indivíduos e dentro do conjunto material da casa. Em entrevista, Dona Josefina compõe suas lembranças sobre o espaço doméstico nos anos 1950 e destaca para o banheiro a seguinte fala: *"Naquele tempo*

[198] O censo demográfico do IBGE de 1970 no Ceará informa que num universo de um total de 147.640 domicílios ocupados em Fortaleza, apenas 19.783 possuíam abastecimentos d'água ligados à rede geral, todos canalizados. 73.923 possuíam poços ou nascente. A pesquisa não mostra o numero de domicílios com poços que tinham canalização, mas é de se imaginar que seja uma pequena parcela destes. Assim sendo, deduz-se que desses 147.640 menos da metade possuíam água canalizada e assim podiam ter acesso a determinados equipamentos hidráulicos.

era diferente, as casas geralmente só tinham um banheiro depois é que começou a fazer banheiro pra funcionário, já separando. Suíte nem pensar." [199]

Em seguida, ela faz uma breve descrição deste cômodo:

> "O banheiro era bem simples, só tinha o chuveiro. E num outro compartimento o aparelho sanitário. O bidê num tinha, era muito difícil. Quem tinha um banheiro completo com banheira, chuveiro, pois, era só casas muito ricas. No meio do corredor tinha uma pia que podia escovar os dentes, lavar as mãos e o rosto sem ir no banheiro" [200]

Como visto na primeira fala de dona Josefina, as casas da época possuíam poucos banheiros (gabinete de toilets), geralmente apenas um. Era, portanto, um ambiente numericamente reduzido e também com poucas atividades relegadas ao seu espaço. Este era apenas local de banho. É possível travar um diálogo com outra documentação, o Código Municipal de Fortaleza de 1932, que vigora até o final da década de 1940, e que apresentava as condições de construção dos banheiros e sentidas*:*

> Art. 284-Os compartimentos destinados a banheiros e gabinetes sanitários, conjuntamente, terão a área mínima de 3m2.
> Art. 286-Os gabinetes sanitários não podiam ter comunicação com cozinhas, despensas e quartos de dormir, podendo, entretanto, ser instalados nos gabinetes de toilets.[201]

Havia medidas sanitárias, higienistas, que proibiam construções de sentinas com conexão com cozinhas, despensas e quartos, como regularizado pelo Código Municipal de Fortaleza. *"Suíte nem pensar", fala* Dona Josefina, ratificando esta proposição e indicando que algumas construções respeitavam as normas impostas pela Prefeitura, apesar de algumas vezes não descumprirem estas determinações, pois muitas casas eram construídas pelos proprietários e seguiam a sua vontade.

Esta indicação da ausência de banheiros nos quartos, pelo menos em muitas residências, faz lembrar um objeto que por muito tempo escondia-se por baixo das camas e servia fundamentalmente às necessidades fisiológicas durante a

---

[199] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 04/01/2008 com Josefina Odísio Siqueira, de 83 anos de idade, na casa de sua irmã. Na época ela era dona de casa.
[200] *Idem*
[201] **Código Municipal**. Prefeitura de Fortaleza. Dec. Nº. 70, de 13 de Dezembro de 1932. Estado Do Ceará, 1933.

madrugada – penico. A presença essencial e quase obrigatória do penico aponta a distância entre esses dois espaços.

O gabinete sanitário era tratado de forma distinta do toilet, um servia apenas para fins fisiológicos e o outro, para higienização do corpo. No entanto, muitos eram feitos conjuntamente (como regula o Código de Fortaleza). Havia também residências com os dois cômodos, como lembrado por Dona Josefina: "*O banheiro era bem simples. Só tinha o chuveiro. E num outro compartimento o aparelho sanitário".*

É importante lembrar que apenas aos gabinetes sanitários ficavam estas restrições, sendo permitida construção dos toilets junto aos quartos. Enfim, atividades fisiológicas e de higiene corporal eram, geralmente, delegadas a espaços distintos. O ambiente do banheiro composto por gabinete sanitário junto com o gabinete de toilets e a ampliação do seu universo material (objetos peculiares ao ambiente, como pias, espelhos, armários, sanitários, bidês, duchas e chuveiros) passaram a se concretizar com o desenvolvimento das medidas sanitárias e dos sistemas hidráulicos e de escoamento, assim como o incentivo ao mercado de consumo dos produtos de beleza e a proliferação de equipamentos e objetos de higiene corporal e estética.

O Bidê tinha uma pequena representação de uso e consumo das famílias fortalezenses como indica Dona Josefina: *"O bidê num tinha, era muito difícil. Quem tinha um banheiro completo com banheira, chuveiro era só casas muito ricas"*. No entanto, este aparelho permite ampliar a discussão sobre o consumo destes bens em Fortaleza e também questões como objetos que iam se tornando obsoletos e resignificados dando lugar a outros equipamentos que substituíam sua função de forma mais prática (as duchas e chuveirinhos, por exemplo). Cabe lembrar, também, do fundamental penico, que desapareceu gradativamente das residências da capital cearense. Estes são casos que mostram como objetos, além de influenciarem a criação de outros, também podem agir de forma contraria, ou seja, provocam o desuso de outros.

Os bidês, aparelhos pouco presentes nas casas atuais, na década de 1950, era parte importante no conjunto de aparelhos sanitários básicos. A foto abaixo mostra vários objetos desse conjunto (Figura 16).

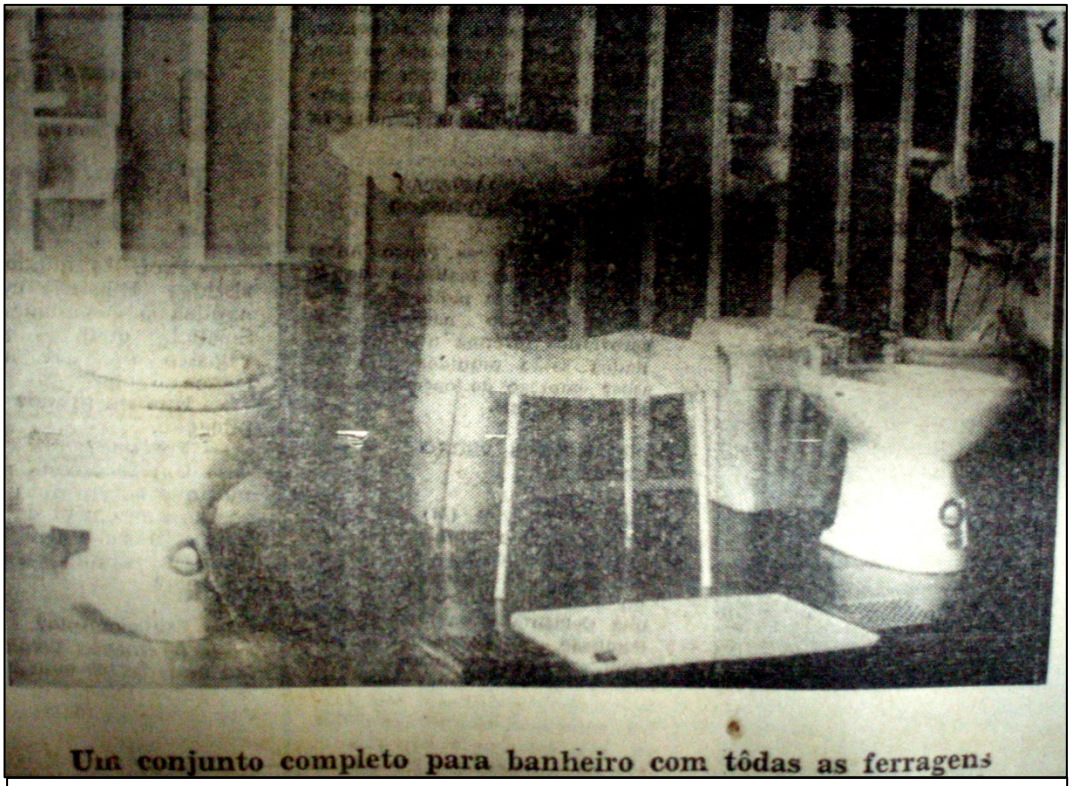

Figura 16 – Conjunto completo para banheiro.
Jornal **Unitário**. Fortaleza, 22 nov. 1968, p.02

O bidê requeria determinadas ações e gestos do corpo, além de ter maior tamanho e forma que limitam e configuram o espaço material do banheiro. A privada e o bidê eram aparelhos separados e obrigava a pessoa a levantar e realizar certos gestos corporais para utilizá-lo. Mas este objeto podia servir também a usos inusitados. As crianças costumavam inundar o aparelho fazendo deste uma piscina para brincadeiras e danações infantis, como lembram alguns entrevistados.

Como vemos, eram muitos os aparelhos de louça/cerâmica presentes no conjunto material dos utilitários que compunham o banheiro com a proliferação de novos materiais, como plásticos e aços inoxidáveis. Pode-se refletir sobre as transformações desses artefatos como pias, box, lixeiros, torneiras e chuveiros tornando-se não somente objetos úteis, mas também dando um efeito decorativo ao local. Estes objetos a cada dia se compactavam e apresentavam novas características materiais e formas de trato e uso.

As tampas sanitárias de plástico proporcionavam uma diferença no assento, tornados mais confortáveis e bonitos, numa ação que demonstrava a tentativa de dar um aspecto agradável e uma sensação mais cômoda nos momentos de realizar as atividades escatológicas, buscando amenizar seu aspecto grosseiro com

elementos de beleza, conforto e discrição. O plástico também tomava formas de lixeiras, cortinas, porta papel, etc.

Bancos, cadeiras, mesinhas e armários também passaram a somar-se a este conjunto material. Com a propagação de inúmeros produtos higiênicos e de beleza, foi de alguma forma exigida a colocação de espaços adequados para guardá-los. Xampus, desodorantes, talcos, algodão, pomadas, cremes, barbeadores, escovas, tesouras, frascos, caixas e embalagens preencheram esses novos lugares. Esses utensílios e artefatos modificaram os jeitos e os ritmos de ações como banhar, defecar, lavar, urinar e outras, como embelezar, odorizar e salubrizar.

Como foi dito antes, a maioria das casas não possuíam banheiros completos. A residência de dona Hermosa "*era a residência do diretor do DNOCS [...] tinha bidê, sanitário, chuveiro, mas não tinha água quente não, uma torneira simples de metal, que as vezes quebrava".* [202]

Como indicado pela afirmação de dona Hermosa, estes aparelhos costumavam quebrar, ligando imediatamente à existência do objeto (que quebra) a existência do serviço (que conserta). Dona Hermosa logo relembra um ocorrido que se sucedeu em sua casa do conjunto do DNOCS com um de seus aparelhos higiênicos:

> "Um dia um bidê desses lá da casa lá da praia, porque tinha muita maresia, aí o bidê, aquela partezinha que sai o chuveirinho entupiu. Aí eu telefonei pro DNOCS e pedi um mecânico, aí ele trouxe um alfinete, um alfinete pra desentupir um negócio cheio de maresia. Eu achei tanta graça [...] Mas era tanta maresia que não desentupiu. Aí ele voltou com um ferrinho mais forte"

Aqui, o foco é o serviço realizado pelo mecânico do DNOCS. O acontecido demonstra formas imprevisíveis de conserto e métodos pouco técnicos e avançados. Nem mesmo Dona Hermosa acreditou quando o consertador pretendeu desentupir o chuveirinho do bidê com um simples e frágil alfinete.

Este caso contado pela entrevistada expõe nas entrelinhas as peculiaridades do clima fortalezense, pois o alto índice de maresia era um inimigo feroz contra metais e acabava por danificar muitos aparelhos e equipamentos metálicos e a salubridade da água enferrujava os canos, como explanado no capítulo anterior.

[202] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 21/12/2007 com Maria Hermosa Girão de Araujo, de 76 anos de idade, na sua residência.

Outro exemplo é lembrado por Dona Mariana, que veio morar em Fortaleza em 1960: "*Quando eu cheguei, eu já mudei o chuveiro, eu lembro, era um de ferro e troquei por um de plástico, que não entupia"* [203]. Isto faz refletir como os fortes ventos que carregavam a maresia pela cidade acabavam interferindo nos materiais dos objetos produzidos e utilizados em Fortaleza. O plástico aparecia então como material importante na substituição do ferro, justamente devido às peculiares das condições climáticas da região.

Estes novos objetos foram reconfigurando os banheiros e representaram as novas necessidades e conceitos de limpeza corporal de um "modo de vida moderno", prático e eficiente. Havia então uma colocação de "subespaços funcionais" que operaram de forma integrada e passaram a ser definidos pela colocação de objetos específicos: pias para lavar, sanitários para as necessidades fisiológicas, box para banhar e armários para guardar. O box de banheiro era um elemento que caracterizava mais concretamente essa divisão. Um anúncio do jornal "Unitário" do ano de 1968 propagava:

> **Alumínio Anodizado em Côres**
> Esquadrias anodizadas para Edifícios e Residência. Box para banheiros, janelas, portas, varandas e corrimãos, fachadas para prédios, revestimentos para paredes. Tudo em alumínio anodizado em cores ou natural.
> DURABILIDADE – MAIOR BELEZA
> **METARLÚGICA Rio Branco** [204]

Além do exposto pela propaganda, notamos também outro aspecto que passava a agregar-se a este artefato, seu papel decorativo e embelezador. Isso já aponta a nova importância dada às aparências e utilização das cores nos ambientes domésticos como significativo de beleza, bom-gosto e requinte.

Nos domicílios fortalezenses que usufruíam de algum sistema de encanamento e de escoamento sanitário nos 1950 e 1960, podia-se dispor de muitos desses objetos. A descarga é um exemplo de aparelho apenas permitido, passando a compor o espaço material do banheiro, com a existência de canos, sistemas e técnicas hidráulicas. Vejamos estas duas propagandas de descargas, uma no jornal Correio do Ceará de 1958 e outra, no Unitário de 1963:

---

[203] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 28/12/2007 com Mariana Martins de Oliveira Alves, de 84 anos de idade, na sua residência. Na época ela professora.
[204] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 13 out. 1968, p.16.

Figura 17 – Anúncio de descarga embutida MONTANA.
Jornal **Correio do Ceará**. Fortaleza, 08 mai. 1958, p.06

Figura 18 – Anúncio de caixas de descarga BRASILIT.
Jornal **Unitário**. Fortaleza, 10 set. 1963, p.02

Modernize seu banheiro
Elimine o anti-estético e antiquado caixa de descarga. Instale V. mesmo um moderno Aparelho Montana de Embutir.

- Dispensa registros porque o registro já está na própria torneira da bóia, o qual regula a pressão d'água no encanamento geral – muito importante nos grandes edifícios;
- Grande economia na tubulação (mais fina). Cano de ligação com o vaso de material plástico, de custo 50% menor do que o chumbo e de durabilidade eterna;
- Bóia e diafragma de *Elastopam*, com vareta regulável patenteada, exclusivamente da Montana;
- 100% silencioso (silenciador patenteado nº 51.327). [205]

O mais perfeito funcionamento

- Economia de água e facilidade de instalação;
- Mecanismo totalmente inoxidável;
- Funcionamento suave e silencioso;
- Estéticas e funcionais.

Acompanha certificado de garantia [206]

[205] Jornal **Correio do Ceará**. Fortaleza, 08 mai. 1958, p.06.
[206] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 10 set. 1963, p.02.

A própria arquitetura das residências mais abastadas de Fortaleza, com o desenvolvimento do abastecimento d'água canalizada (também energia), passa a constituir-se a partir desses novos saberes da engenharia hidráulica (e elétrica) e contar com a sua operosidade técnica. A descarga é o melhor exemplo que podemos destacar com relação a um artefato representativo do desenvolvimento desses sistemas hidráulicos e das modificações arquitetônicas no ambiente do banheiro.

Este aparelho passa a ter grande importância e utilidade na vivência diária de residências de Fortaleza na década de 1950 – as poucas que possuíam acesso à rede de água e esgoto encanado.

A descarga Montana proclamava uma economia de material, conseqüentemente de custos, utilizando tubulações de espessura "ideal" (finas, leves e eternas). Havia também uma promessa de economia no gasto d'água, em ambas as propagandas. Isso se dava provavelmente pela presença de instrumentos (registros, bóias, varetas reguláveis, etc.) que regulavam o fluxo d'água na descarga, feitos com materiais e técnicas modernas.

O aparelho Montada anunciado no ano de 1958 argumentava como vantagem a modernização do banheiro em oposição aos aspectos "anti-estéticos" e "antiquado" das antigas caixas de descarga externas, com suas instalações "obsoletas". Esse moderno aparelho apregoava a estupenda vantagem de embutir o próprio artefato nas paredes, utilizando até o espaço interno das construções, estabelecendo, junto a uma complexa rede de ferros, fios, canos e novas construções e arquiteturas.

Mas é discutível toda essa vantagem apresentada pela propaganda, pois é notório que tais aparelhos não tiveram grande difusão nas residências, talvez pela dificuldade de instalação (mesmo sendo dito que ele podia ser instalado pelo próprio consumidor), e principalmente de manutenção e conserto. Para isso, eram desprendidos tempo e gastos, pois haveria quebra-quebra nas paredes para o devido conserto e/ou troca do aparelho.

Sobre a questão dos espaços e seu aproveitamento nas casas em Fortaleza, destacamos a fala de Dona Josefina, que diz:

> "Por exemplo, eu tenho uma cunhada que mora num apartamento ali na Pinto Madeira, construção antiga. É que muita casa hoje não tem o espaço que lá tem. Sala grande, banheiro, quarto, tudo era grande, espaçoso.

> Hoje querem economizar e fazem tudo pequenininho, aí tem que aproveitar o espaço" [207]

Na fala de Dona Josefina, existem apontamentos que revelam a amplitude dos espaços das residências de construção antiga. Muitas casas da capital cearense na década de 1940, 1950 e 1960 eram construções grandes e espaçosas. Isto dá indícios sobre a utilização desses equipamentos embutidos. Para que utilizar coisas embutidas com o objetivo de otimizar e economizar espaço se as casas eram geralmente espaçosas, com amplas salas, cozinhas, quartos, banheiros, varandas e quintais?

As casas de pequeno tamanho, ou seja, com maior necessidade de aproveitar os espaços, eram residências de famílias pobres com poucas chances de adquirir aparelhos embutidos, modernos e caros. Enfim, a falta de uso dos objetos embutidos e sua difícil popularização ocorreu devido à falta de necessidade real da prática cotidiana, pois quando as casas eram pouco espaçosas, as famílias que lá residiam não tinham condições financeiras para instalarem os sanitários embutidos, por outro lado, quem tinha condições de adquiri-los não tinha a necessidade, pois espaço não era problema. Deste modo, esta instalação apareceu como uma necessidade criada pelo mercado na tentativa de vender novos produtos sob vantagens "ditas positivas", mas sem considerar as particularidades dos domicílios locais.

O caso das descargas modernas apresentadas nos anúncios acima propagavam-se sob o signo da economia, praticidade e boa estética. Além disso, estes artefatos forneciam diferentes ligações e ações com o corpo. Puxar, empurrar, encostar, pendurar e mesmo decorar conjugaram ações e práticas de usos dos sanitários e seus acessórios a partir dos anos 1950.

É possível imaginar também que muitos banheiros possuíam pequenas latrinas, muitas no chão (sem bacia sanitária mesmo), com alguma pia, além dos fundamentais baldes e canecas sempre presentes para possibilitar o asseio e a limpeza do corpo e também dos aparelhos. Esta é uma situação que acompanha amplo número de domicílios pobres em Fortaleza, mesmo hoje em dia em muitas residências pobres da cidade. O vasto conjunto material para banheiros é, portanto,

[207] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 04/01/2008 com Josefina Odísio Siqueira, de 83 anos de idade, na casa de sua irmã. Na época ela era dona de casa.

um privilégio de uma minoria da população fortalezense ainda na década de 1960, de acordo com os dados do IBGE.

O censo demográfico do IBGE de 1960 no Ceará traz dados que ajudam a esclarecer essa realidade. O VII Recenseamento Geral diz que em Fortaleza existiam 92.128 domicílios particulares permanentes, dos quais 11.525 eram abastecidos de água através da rede geral e 44.006, por poços ou nascentes, não detalhando sobre a presença de canalização ou não. Ainda coletou o número de instalações sanitárias: 5.179 são ligados à rede geral; 21.811, às fossas sépticas; 28.816, às fossas rudimentares e 5.375, aos outros escoadores[208]. Enfim, uma pequena porcentagem dos domicílios podia ter acesso às condições adequadas de abastecimento e escoamento, indicando, assim, a ampla utilização de banheiros rudimentares.

Nas áreas periféricas, o banheiro por muito tempo foi apenas local de urinar e defecar. Nas demais, o insurgente "modo de vida moderno" transforma esse espaço e o preenche de artefatos e equipamentos de luxo.

Mas aqui é interessante focar as transformações materiais e também funcionais do banheiro na capital cearense durante o período recortado, pois neste período a intensificação do discurso higienista foi significativa e provocava mudanças em hábitos cotidianos relativos ao uso do banheiro, especificamente a prática do banho. O jornal "Unitário" de 1945 apresentava:

> **Torne seu banho cada vez mais agradável, leitora**
>
> São os apetrechos inventados para a hora do banho, que o tornam mais agradável, mais eficiente também.
> Imagine, leitora, que flores azues, ou rosas, bóiem na água cristalina do seu banho... Com que interesse, com que entusiasmo, v. mergulha na banheira! Dentro de cada uma das flores coloridas, aliás, e que logo, se dissolve. De metal, essas flores coloridas duram bastante. E as pastilhas perfumadas são vendidas à parte.
> Para friccionar as costas, fácil de manejar, é uma tira de esponja... A finalidade do banho, sem dúvida, é refrescar, limpar a pele, e com esses acessórios apontados, o banho se transforma num calmante para os nervos, para o corpo...
> Se v. gosta do banho de chuva, mas teme estragar os cabelos recentemente penteados, faça uso da touca impermeável, outro acessório quase indispensável, e que, fixada no queixo é bastante ampla para não desmanchar os cabelos.

[208] **Censo Demográfico** – Estado do Ceará. Recenseamento Geral de 1960. IBGE.

> Uma esponja de esfregar, ou aquela tira, com sabão passado em cima é de muita utilidade para corrigir asperezas da pele. Do mesmo jeito que leva o sabão ao corpo, a esponja leva água de colônia, sais, sabonetes, talcos, louções, escovas, esponjas... Faça com que seu banho seja, de verdade, também de beleza.[209]

O banho torna-se um esbanjamento de objetos e utensílios para um asseio ideal, saudável e sobretudo agradável. Este já não era apenas um momento de higienização, esfregando, ensaboando e limpando o corpo, mas também embelezando, refrescando, cuidando e mesmo odorizando-o. São saponáceos, esfregões, toucas, escovas, perfumes que faziam surgir novas formas de banhar e outras sensibilidades corpóreas. Esta prática essencial e constante no cotidiano dos homens era vista agora como um momento de conforto e embelezamento, multiplicando os objetos que transformavam os tempos e formas de asseio, assim como as sensibilidades dos indivíduos da capital cearense.

Em Fortaleza, nos anos 1950, dizia-se que as donas de casa já possuíam maior tempo para dedicar-se a atividades como a do banho, pois os inúmeros utensílios e equipamento eletrônicos tornariam as outras tarefas mais rápidas e trariam mudanças aos ritmos da vida doméstica. Esses muitos objetos e produtos compunham o ambiente material dos banheiros e indicavam o quanto o hábito de se banhar virava também um ato de consumir.

Mas na contramão desse luxo e extravagância de objetos e produtos estéticos estava a maior parte da população fortalezense. Dona Hermosa lembra a realidade dos pobres na hora do banho:

> "Você pensa que tinha xampu, creme, essas coisas assim? Tinha nada. Era sabão de côco. A gente lavava o cabelo era com sabão de côco, porque estragava menos o cabelo. Daí depois a gente botava um perfuminho no cabelo pra tirar aquele cheiro ruim do côco, de óleo de côco." [210]

E sobre a mesma questão, Dona Josefina lembra ainda:

> "Às vezes a gente lavava o cabelo com a raspa do juá que era mesmo que um sabão. A minha filha quando eu dava banho nela e queria fazer

[209] Jornal **Unitário**. Fortaleza, 01 abr. 1945.
[210] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 21/12/2007 com Maria Hermosa Girão de Araújo, de 76 anos de idade, na sua residência.

> assim uns cachinhos eu botava um pouquinho de suco de limão pra ficarem durinho" [211]
> [...]
> "Naquele tempo a gente num raspava nem as pernas, nem debaixo do braço, eu comecei a raspar as pernas e debaixo do braço depois de casada e mesmo assim meu marido brigava, mas eu comecei a raspar e pronto" [212]

Apesar das propagandas e da apelação mercadológica dos produtos de beleza, como a associação beleza e saúde, as condições reais de muitas famílias não permitiam o consumo dessas regalias e luxos. Como fala Dona Josefina e Dona Hermosa, os produtos para cabelos eram naturais (o sabão de côco, o juá e também o suco de limão) e os saberes do senso comum acabavam se sobressaindo no consumo diário e nas práticas de banho e limpeza corporal. Nada de inúmeros xampus, cremes, pastas, maquiagens, mas simples barras de sabão ou substâncias da natureza de fácil aplicação baseadas no conhecimento popular e na experiência. Os produtos de luxo, implicados como necessidade higiênica e saudável pelo mercado da beleza, ficavam relegados aos lares sofisticados e apatacados da sociedade fortalezense.

Ainda mais, as práticas higiênicas apregoadas pelo discurso purificador e embelezador enfrentavam contratempos quando algumas mulheres ainda nem tinham o hábito de se depilarem, como nos diz Dona Josefa: *"Naquele tempo a gente num raspava nem as pernas, nem debaixo do braço..."*. Hábitos esses que nem os homens incentivavam e que se tornaram comuns apenas mais tarde entre as mulheres fortalezenses.

Sobre o banho, ainda o jornal "Unitário" de 1944 destacava:

> **O banho**
>
> (...)
> Lembremos aqueles de que andamos desviados:
> - Qualquer aplicação de água, em temperatura igual a do corpo, é neutra em seus efeitos, porque não excita, nem deprime.
> - O banho prolongado, principalmente o de imersão, e não é qualquer sistema nervoso que o tolera sem reações.
> - Um banho muito quente produz descamação epidérmica, privadas reservas oleosas e provoca aspereza. Se esse banho é necessário, deve-

[211] Entrevista realizada por Thiago Schead no dia 04/01/2008 com Josefina Odísio Siqueira, de 83 anos de idade, na casa de sua irmã. Na época ela era dona de casa.
[212] *Idem.*

> se acrescentar à água uma substancia que refresque a pele, que anule o efeito do calor. E essa substância, óleo ou sais, será um fator de beleza.
> E por falar em beleza, lembremos um banho, que é o de muitas "estrelas", porque dá à pele pureza e frescura. Em cinco litros de água, dissolve-se um quilo de amido. Aquece-se e, quando se tornar um líquido espesso, côa-se dentro da água da banheira.[213]

Enfim, o banho agora proporcionava conforto e sugeria atos de consumo e a proliferação de artefatos para o banho. Limpava, refrescava e embelezava. Como aponta o artigo do jornal Unitário de 09 de Janeiro de 1944, havia dicas de melhor asseio pessoal e formas de transformar o banho em um momento de lazer e beleza, cuidado e purificação. O artigo sugere as condições ideais de saúde, com uma água pura e refrescante acrescida de elementos embelezadores do corpo.

Além disso, banheiras, chuveiros e armários estavam cada vez mais adaptados de acordo com a nova funcionalidade do banho e de todo seu processo de higienização, sobretudo, de embelezamento. São formas e funções mais especificas, armários cheios de compartimentos, gavetas e prateleiras, que apoiavam, guardavam e dispunham o vasto conjunto de objetos e produtos "modernos". Banheiras e chuveiros conectavam-se a sistemas hidráulicos que davam novas configurações estruturais ao banheiro, localizando torneiras, canos e registros.

Podemos também falar sobre a diversidade de tipos e modelos de torneiras, objeto que se tornou indispensável à "vida moderna", pois apregoou o sentido da praticidade e da economia, assim como também o conforto e a estética, pois como já abordamos no capítulo anterior, este figurou como provedor e principal mecanismo de acesso direto à água. Sendo o banheiro um local por excelência de fluição aqüífera, este artefato tornou-se essencial e presencial neste ambiente. Sejam torneiras, chuveiros, duchas e descargas, mecanismos que acionados manualmente geram relações e associações gestuais do corpo, como puxar, apertar, girar, e transformam as práticas e formas de uso da água junto a estes artefatos mecânicos e também elétricos.

Ciente do relativo e reduzido acesso e consumo destes bens materiais para a maioria da população cearense até os anos 1970, não se pode deixar de fazer uma análise sobre certos objetos que se configuravam como artefatos de luxo, indicando

[213] Jornal **Unitário.** Fortaleza, 09 jan. 1944.

práticas “superficiais” de conforto e pouco condizentes com as especificidades locais (como o clima, por exemplo). Vejamos uma propaganda sobre torneiras, chuveiros e aquecedores veiculada na revista Fatos & Fotos do ano de 1967:

Torneira elétrica automática LORENZETTI
Água quente imediata. Toda cromada, dá conforto e beleza à cozinha e ao banheiro.

Aquecedor Lorenzetti
Enorme economia em aquecimento central. Leva água quente ao lavatório e bidês. Modelos de embutir ou externos.

Chuveiro Lorenzetti o melhor
Novo tipo com caixa de 150 furos destacáveis. 100% automático.

Super bomba Lorenzetti
Única para poços profundos até 50 metros. Automática – inoxidável. Leva água limpa a toda parte. [214]

Fortaleza, mesmo em tempos mais antigos, quando seus ventos fluíam mais intensa e naturalmente e a sensação térmica era mais amena, apresentava temperaturas elevadas e calor durante quase todo o ano. O anúncio citado é de circulação nacional, mas com vistas a uma clientela especifica. Ele apresenta vantagens de uso para lugares mais frios, mas, de alguma forma, também atingia o mercado cearense e estava presente em algumas casas mais ricas. Longe do aspecto dos milhares de casebres que se espalhavam por diversas zonas de Fortaleza, algumas residências mais luxuosas usufruíam desse tipo de equipamento

Figura 19 – Propaganda de torneira elétrica LORENZETTI.
Revista **Fatos & Fotos**. Brasília. Ano VII. Nº355, 18/11/1967, p.77.

a **Fatos & Fotos**. Brasília. Ano VII. Nº355, 18/11/1967, p.77.

e podiam desfrutar de um maior conforto com o consumo de água quente encanada.

Na própria forma do anúncio publicitário, percebemos a tentativa de apresentação de um conjunto de utensílios essenciais ao bem-estar da família moderna. São quatro objetos que operam com uma funcionalidade unificada, em que cada peça tem um papel importante no processo de aquisição de uma água mais "agradável" e "saudável". A bomba começava retirando a água limpa e pura dos poços e a distribuía para um aquecedor que levava água quente aos demais aparelhos que forneciam a água para seus usos. O anunciante empacota todos os artefatos como um só produto. Estes objetos são partes integradas de um sistema complexo de fios, canos, tubos, bombas, torneiras, aquecedores e aparelhos sanitários, trabalhando num conjunto eficiente e funcional junto a toda uma estrutura material dentro e fora das paredes e locais do banheiro.

É válido, pois, dispensar atenção à proliferação destes artefatos mais modernos e considerados de luxo, pois eles foram pouco a pouco, num longo processo histórico, transformar as formas de vida dos indivíduos e as práticas de uso e consumo da vida cotidiana. Além do mais, deve-se atentar para as imprevistas formas de acesso e uso, e também táticas inventivas que modificavam estes objetos e sua funcionalidade, gerados num contexto material específico e limitado, apresentado junto ao modo de vida e condições de vivências das camadas mais pobres da sociedade fortalezense durante as décadas analisadas.

É sabido que muitos destes objetos e aparelhos analisados não faziam parte do cotidiano e se operavam dentro das atividades diárias da maioria da população fortalezense, já que, como dito anteriormente, esta era constituída de indivíduos pobres e domicílios precários. Mas não podemos deixar de notar a crescente difusão destes artefatos modernos e a sua proliferação junto às propagandas e facilidades apresentadas por uma sociedade que se desenvolvia materialmente cada vez mais pautada na idéia de consumismo e comodidade. Sem contar que uma considerada parcela da classe média já tinha um maior acesso a estes objetos que transformavam as práticas cotidianas e seus afazeres domésticos.

A difícil situação do abastecimento de d'água na capital cearense durante o período estudado e os problemas enfrentados pela gestão urbana, assim como muitos elementos de uma cultura material enriquecedores do universo aqüífero, nos dão margem para acreditar que eram poucas as residências que usufruíam destes

privilégios materiais e consumiam esses produtos e equipamentos modernos, pois já na década de 1960 nem metade dos domicílios fortalezenses possuía abastecimento d'água e instalações sanitárias.

Os problemas enfrentados pela gestão urbana e sistema de abastecimento de água atingiam de forma bem mais grave as camadas pobres e as regiões periféricas da capital cearense, que desta forma experimentavam, relacionavam e usavam os elementos de uma cultura material enriquecedores do universo aqüífero que crescia e se diversificava em Fortaleza durante o período estudado, resignificando, de formas ímpares e imprevisíveis, as contramarchas e obstáculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos como a partir da década de 1940 os ritmos de vida e a aceleração do cotidiano passou a ser imperativo para o progresso material da cidade e passaporte para a modernidade. Muitos objetos técnicos se configuraram como símbolos de modernização ao mesmo tempo em que as atividades do poder público procuravam afirmar o caráter metropolitano da capital cearense, investindo em prédios e arranha-céus, corte de ruas e expansão de avenidas e otimização dos serviços públicos.

A influência do estilo de vida norte-americano não deixou de ser contemplada, pois com o alinhamento entre os dois países durante a Segunda Guerra Mundial (Brasil-EUA), ampliam-se as suas relações políticas, econômicas e culturais. É, portanto, a partir da década de 1940 que Fortaleza inicia um período de transformações culturais que passa de um “francesismo” a um “americanismo”, e que se incentiva fortemente o consumo de objetos tecnológicos e produtos industrializados importados.

Como vimos, desde o começo do século, Fortaleza vinha sofrendo um grande aumento populacional. Toda essa mão-de-obra disponível e o aumento parcial do mercado consumidor montou em cenário apropriado para a expansão capitalista na cidade, expandiram-se, pois, o setor industrial, o comercial e sobretudo o de serviços. Nesse contexto, a gestão urbana da Prefeitura Municipal ia ao encontro de novos problemas.

A partir do estudo das transformações ocorridas na paisagem urbana, tanto materiais como sociais, foi possível pensar na articulação da proliferação dos objetos

e produtos industrializados que chegavam ao consumidor, como os serviços prestados por diversos profissionais especializados (não especializados também) e as várias práticas cotidianas realizadas dentro dos lares fortalezenses no período entre 1940 e 1970.

A chegada de novas matérias-primas, substâncias químicas e técnicas produtivas abriu uma gama de possibilidades e formas diferenciadas de recepção desses produtos da modernidade. O plástico foi o carro-chefe entre as novidades. Rapidamente este material, que pode virar quase tudo, substituiu vidros, ferros e madeiras na fabricação de muitos objetos; sua fetichização e suas características particulares geravam formas imprevistas de uso e modificavam vários serviços profissionais e atividades domésticas.

O processo social implica nas características físicas dos objetos desde a escolha de sua matéria-prima.

> "Como lembra R. Friedel: vários motivos interferem na escolha (funcionalidade; adequação; economia; estilo; tradição/familiaridade), variando de acordo com as circunstâncias (geográficas; técnicas; da moda; de competição). Assim como em relação aos objetos, os significados das matérias-primas são estipulados culturalmente e podem afetar o sentido das coisas que compõem, sem, porém, lhes corresponder totalmente". [215]

"Aboliu-se a hierarquia das substâncias, pois apenas uma substituiu todas as outras: o mundo inteiro *pode* ser plastificado, e até mesmo a própria vida, visto que, ao que parece, já foi iniciada a fabricação de aortas de plástico". [216] O plástico se mostra então um material que traz à tona a própria idéia da sua transformação infinita.

Os artefatos tecnológicos apregoavam a necessidade de conhecimentos técnicos específicos para fazer o uso correto, sem danificá-lo. A ordem racionalizante pretendia controlar e direcionar os usos dos objetos, mas vimos que isso em muito não se dava da forma imaginada, pois as especificidades da realidade local geravam imprevistas e inusitadas formas de usos. O universo da técnica abre um campo de possibilidades.

O período selecionado (1940 a 1970) se justifica, pois durante estas três décadas é que se proliferou e concretizou um capitalismo em que a dominação não

[215] ROCHE, Daniel. *Op. Cit.*
[216] BARTHES, Roland. *Op. Cit.*

era mais legitimada pelas relações políticas, e sim pelas relações de produção, a racionalidade científica e as relações de mercado e consumo.

A produção de eletricidade e a constituição de uma rede distribuidora eficiente foram sem dúvida os maiores problemas enfrentados pela Prefeitura de Fortaleza, pelo menos até 1965. Como lembra Antônio Luiz [217], parece que entre o anseio do consumo dos inúmeros bens elétricos, seria a própria eletricidade o bem mais cobiçado. A própria ineficiência e irregularidade do serviço constituía fator de invenção de outros equipamentos para ampliar e regular a energia elétrica. Ainda, analisou-se o universo de convivência de objetos antigos e tradicionais com artefatos da modernidade técnica, pois para suprir as faltas dessa modernidade contraditória, não se podia abrir mão dos velhos, mas ainda eficazes objetos mecânicos e manuais. Isso permitiu problematizar as diversas temporalidades experimentadas na capital cearense e a notória segregação social imposta pelo restrito e controlado acesso à eletricidade, indicando locais e camadas sociais privilegiados, opostos às periferias e segmentos mais pobres de Fortaleza.

O aumento dos serviços prestados na cidade empregava muitas atividades, escritórios, administrações de empresas, operários, comércio e profissionais liberais. Muitas famílias abastadas em Fortaleza não podiam se privar de serviços e auxiliares, como carregadores de água e lenha, vendedores ambulantes, domésticas, cozinheiras, lavadeiras, consertadores, entre outros. Esses indivíduos eram uma espécie de intermediários entre a periferia e os crescentes bairros de média e alta renda, uma ligação entre os grupos sociais. “A criadagem era uma forma de consumo ostentatório especial das classes ricas; diretamente utilizada como confirmação de um prestígio, ela mostra também a força das atitudes miméticas”. [218]

O aumento da demanda de objetos domésticos, mobílias, louças, vidrarias e também aparelhos eletroeletrônicos transformava as práticas dos artesãos, operários, consertadores, e agora mecânicos e eletricistas, que inúmeras vezes escapavam aos regulamentos. Avistamos aqui uma relação que se estabeleceu entre os objetos e os serviços. Cada dimensão moldava e era moldada num fluxo de

---

[217] SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **A laboriosa domesticação do estranho...** *Op. Cit.*

[218] ROCHE, Daniel. *Op Cit.*

sentido duplo. Muitos serviços surgiram e desapareceram devido à diversificação e invenção técnica dos objetos, assim como a criação e recriação destes modificavam as "formas de fazer" e de trabalhar. É o sujeito fazendo o objeto ao mesmo tempo em que o objeto faz o sujeito.

As discussões acadêmicas tratavam a relação objeto-sujeito de forma polarizada, vendo como dois aspectos independentes da realidade cotidiana. Pensamos, no entanto, que esta relação está muito mais indissociável. O objeto e o sujeito se integram numa relação dialética influenciada de forma mútua dentro do processo histórico.

O universo material não está fora do fenômeno social, apenas para sustentá-lo, mas ao contrário, ele faz parte dessa sociabilidade, como uma de suas dimensões e compartilhando de sua natureza, tal como as idéias, as relações sociais e as instituições.

Com o fim da Segunda Guerra, o comércio mundial pôde respirar, retomar um crescimento acelerado, suprindo-se de novas descobertas científicas e tecnológicas, aumentando a produção e dando maior difusão e acesso a bens de consumo duráveis. No Brasil, aumentaram significativamente os produtos importados e, principalmente, durante a década de 1950 e 1960, expandiu-se e solidificou-se um mercado capitalista, consumidor de bens tecnológicos na capital cearense.

> "Com o fim da guerra, a produção massificou-se e os utilitários elétricos estavam agora mais ao alcance das classes médias, quer pela diminuição relativa do preço, quer pelas facilidades de pagamento (prestações, empréstimos, crediários etc.)" [219]

Essa gama de produtos, objetos, máquinas, quinquilharias e engenhocas que cresciam e firmavam presença dentro dos lares fortalezense durante o período de 1940 a 1970 foi mola propulsora para realizarmos uma análise da relação desses novos artefatos da modernidade (sem esquecer o convívio com os antigos) com o crescente setor de serviços, focalizando as transformações das práticas de consumo e das "formas de fazer" cotidianas na capital cearense.

Vimos que havia em Fortaleza já um movimento de distinção social estabelecido pelo consumo de certos bens da modernidade técnica (móveis,

[219] SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Paisagens do consumo...** *Op Cit.*

geladeiras, televisores e outros utensílios domésticos), sendo esta segregação reafirmada pelas ações governamentais que privilegiavam certos grupos na prestação dos serviços urbanos.

> "Pelo consumo, os objetos diferenciam-se diferenciando, num mesmo gesto e por uma série de operações classificatórias, os homens entre si. O consumo é, no mundo burguês, o palco das diferenças. O que consumimos são marcas. Objetos que fazem estilos de vida. Roupas, automóveis, bebidas, cigarros, comidas, habitações; enfeites e objetos os mais diversos não são consumidos de forma neutra. Eles trazem um universo de distinções. São antropomorfizados para levarem aos seus consumidores as individualidades e universos simbólicos que a eles foram atribuídos. No consumo, o objeto se completa na sua vocação classificatória. A trajetória do produto começa na "compreensão" do modo de sua produção e se completa na "sensibilidade" do seu modo de consumo. Da multiplicidade, singularidade e peculiaridade do seu consumir". [220]

Através da análise realizada, é preciso observar que, pela sua materialidade, os objetos perpassam contextos culturais diversos e sucessivos, sofrendo reinserções que alteram sua biografia e fazem deles uma rica fonte de informação sobre a dinâmica da sociedade (transformações nos modos de relacionamento com o universo físico; mudanças nos sistemas de valores etc.). Precisamos investir no entendimento destas transformações para podermos olhar a cultura material como legítima fonte documental. Ao invés de lamentar a perda de supostos traços originais, é preciso fazer dele um estudo e perguntar: por que uma sociedade opera transformações nas formas, funções e sentidos da cultura material?

Para que haja ações, interações, transações, coisas que constituem o social, é preciso que exista um lugar material no qual elas possam se exprimir. Assim, numa espécie de "jogo social", a função desta materialidade depende das configurações mutáveis, em que não há um estabelecimento prévio de fronteiras entre as diversas dimensões culturais.

Diante dessas considerações, é cabida a importância desse trabalho no sentido de explanar algumas transformações culturais ocorridas em Fortaleza de 1940 a 1970, atentando para as diferentes relações entre os diversos grupos sociais, com suas contradições e embates.

---

[220] Rocha, Everardo P. Guimarães. *Op. Cit.*

No mais, focalizou-se no estudo da cultura material e seu caráter intrínseco às relações sociais. Estudar a penetração de saberes e artefatos modernos e técnicos na capital cearense e a relação disso com as mudanças na prestação e realização dos serviços urbanos e domésticos, assim como as formas de recepção da modernidade técnica e dos usos e práticas de consumo cotidiano, ajuda a compreender algumas transformações no "modo de vida" no cotidiano urbano e doméstico em Fortaleza de 1940 a 1970.

Em outro âmbito, apontamos, sobretudo, para a interpretação e compreensão das formas de consumo ostensivo e desigual das elites fortalezenses. É importante ter uma postura crítica e histórica sobre as desigualdades sociais e disparidades de renda que se apresentam em Fortaleza como uma das maiores do Brasil contemporâneo, dando indícios desses tipos de consumo (luxo, ostentação, status) presentes dentro das camadas ricas da capital cearense e as características luxuosas das nossas elites.

FONTES

1. PERIÓDICOS

1.1. JORNAIS

- **O Povo (1939, 1942, 1945, 1947, 1948, 1951, 1954, 1958)**
- **Gazeta de Notícias (1944, 1949, 1951, 1955, 1959, 1962, 1965, 1967, 1970)**
- **Diário da Tarde (1945)**
- **O Nordeste (1940, 1942, 1945, 1947)**
- **Correio do Ceará (1951, 1955, 1958, 1961, 1963, 1966, 1968)**
- **Unitário (1941, 1944, 1945, 1947, 1951, 1954, 1955, 1958, 1959, 1963, 1966, 1967, 1968)**

1.2. REVISTAS

- **Ceará Ilustrado. Fortaleza (1946)**
- **Revista do Instituto Histórico e Antropológico do Ceará. Fortaleza (1942, 1944, 1949, 1950)**
- **Fatos & Fotos. Brasília (1962, 1965, 1967, 1968)**
- **Revista da Academia Cearense de Letras (1942, 1945, 1946)**

1.3. ANUÁRIO

- **Almanaque do Estado do Ceará (1940 a 1950)**
- **Anuário Estatístico do Brasil – IBGE (1941 a 1950, 1958, 1963, 1968, 1972)**
- **Censo Demográfico do Ceará – IBGE (1940, 1950, 1960, 1970)**
- **Guia Turístico e Informativo de Fortaleza (1974)**

2. DOCUMENTOS OFICIAIS

- **Código Municipal. Prefeitura de Fortaleza (1932)**

3. LIVROS DE MEMÓRIAS, CRÔNICAS E DESCRIÇÕES HISTÓRICAS DE FORTALEZA

- **ADERALDO, Mozart Soriano. *História abreviada de fortaleza* e *crónicas sobre a cidade amada.* Fortaleza: Imprensa Universitária, 1974.**
- **AZEVEDO, Sténio; NOBRE, Geraldo. *O Ceará na 2ª Grande Guerra.* Fortaleza: ABC, 1998.**
- **CAMPOS, Eduardo. *Inventário do Quotidiano: breve memória da cidade de Fortaleza.* Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1996.**
- **CAMPOS, Eduardo. *O inquilino do passado*. Fortaleza: Casa José de Alencar/Programa Editorial, 1996.**
- **CHABLOZ, Jean-Pierre. *Revelação do Ceará.* Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1993.**
- **CAMPOS, Eduardo. *Os vizinhos: memória da cordialidade.* Fortaleza: Expressão Gráfica, 2001.**
- **GIRÃO, Blanchard. *O Liceu e o Bonde – Na paisagem sentimental da Fortaleza-Província.* Fortaleza: ABC, 1997.**
- **GIRÃO, Blanchard. *Sessão das Quatro: cenas e atores de um tempo mais feliz.* Fortaleza: AB, 1998**
- **GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Edições UFC, 1959.**
- **GIRÃO, Raimundo. *Cidade da Fortaleza (Filmagem histórica).* Fortaleza: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1945.**
- **LOPES, Marciano. *Royal Briar: a Fortaleza dos anos 40*. 4ª Ed. Fortaleza: ABC, 1996.**

- **LOPES, Marciano. *Fortaleza antiga: ruas – praças – esquinas*. Fortaleza: ABC, 1998.**
- **MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou: crônicas históricas da Fortaleza antiga* / Raimundo de Menezes; introdução, Sebastião Rogério Ponte – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 200.**
- **NOGUEIRA, João. *Fortaleza velha: crónicas*. 2ª ed. Fortaleza: Ed. UFC Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1980.**

4. DEPOIMENTOS ORAIS

- **Gerardo Campos – Professor**
- **José Gerardo Torres Veras – Comerciante**
- **Josefina Odísio Siqueira - Dona de casa (duas entrevistas)**
- **Maria Hermosa Girão de Araújo – Dona de casa**
- **Mariana Martins de Oliveira - Professora**

BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, Antonio Augusto. **A guerra dos lugares**: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro: n.d., 1994.
- BARTHES, Roland. **Mitologias** / Roland Barthes; tradução Rita Buogermino, Pedro de Souza e Rejane Janowitzer. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. **Coleção Debates**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. **A sociedade do consumo.** Lisboa: Edições 70, 1995.
- BRESCIANE, Maria Stella Martins. **História e historiografia das cidades, um percuso**. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia. Das letras, 1990.
- CANCLINE, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução Heloisa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da USP, 1997. Ensaios Latino-americanos.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e peronismo.** São Paulo: Papirus, 1998.
- _____. **Estado Novo:** novas histórias. In: FREITAS Marcos Cezar (ora); **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000.
- CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. 2ª ed. Petrópoles: Vozes, 1996.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo:** Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- DIAS, Maria Odila Silva. **Hermenêutica do quotidiano na historiografia contemporânea**. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, 1998.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo:** comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução de Estela dos Santos Abreu — Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

- FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e historia social**: historiogra fia e pesquisa. In: **Revista Projeto História**. São Paulo-SP. 1993.
- HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência enquanto "ideologia".** In: **Textos escolhidos**. *Seleção de LOPARIÈ, Zeljko e ARANTES, Otília B. Fiori.* Abril cultural.
- HALITIM, Nadine. **La vie des objets:** décor domestique et vie quotidienne dans dês familles populaires d'um quartier de Lyon, La Duchère (1986-1993). Lyon: L'Harmattan, 1996.
- HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960).** São Paulo: Annablume: Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.
- KHOURY, Yara Aun. **Narrativas orais na investigação da História Social**. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC, nº 22, 2001.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LOPES RAMOS, Francisco Régis. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.
- LOPES, Rosana Miziara. **Nos rastros dos restos**: as trajetorias do lixo na cidade de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências** / Michel Maffesoli; tradução de Bertha Halpern Gurovitz. – Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Psicologia Social e Cultura Material (The Social Psychology of material possessions, de Helga Dittmar)**. In: **Anais do museu paulista**. São Paulo: O Museu, 1993.
- MORSE, Richard. **As cidades "periféricas" como arenas culturais**: Rússia, Áustria,América Latina. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.08, nº 16, 1995.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. 5ª ed. Sao Paulo: Brasiliense 1994.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Ética e racionalidade moderno**. São Paulo:

Loyola, 1993.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy**. Muito além do espaço**: por uma história cultural do urbano. In: **Estudos Historicos**: cultura e história urbana, N°16. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Epoqué**: normas urbanas e controle social (1860-1930). 2ª ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. In**: Revista Projeto História**. São Paulo: EdUC, nº 14, 1997.
- ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX / Daniel Roche; tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. **Magia e Capitalismo**: um estudo antropológico da publicidade / Everardo P. Guimarães Rocha. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpo e História**. In: **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: PUC-SP, v. 3, nº 2, 1995.
- _____. **O receio dos "trabalhos perdidos"**: corpo e cidade. In: Projeto História. São Paulo: EdUC, nº 13, 1996.
- _____. **Propaganda e história**: antigos problemas, novas questões. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: EdUC, nº 14, 1997.
- SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EdUSP, 1997.
- SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Paisagens do consumo**: Fortaleza no tempo da segunda grande guerra. Fortaleza: Museu do Ceará Secretaria da Cultura e do Desporto, 2002.
- _____. **Fortaleza**: imagens da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.
- _____. **Na senda do moderno:** Fortaleza, paisagem e técnica nos anos 40. Fortaleza. Dissertação de mestrado. Departamento de História-PUC, 1999.
- _____. **A laboriosa domesticação do estranho**: uso e consumo de objetos elétricos em Fortaleza (1945-1965). In: **Cadernos do CEOM**: Cultura material. Chapecó: Argos, 2006.

- SILVA, José Borzachiello da. **Quando os incomodados não se retiram**: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf 1992.
- _____. **Discutindo a cidade e o urbano.** SILVA, José Borzachiello da COSTA Maria Clélia Lustosa; DANTAS, Eustógio Wanderley C. (Org.). Fortaleza: EFC, 1997.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra/ Antônio Pedro Tota. – São Paulo: Cia. das letras, 2000.
- VIRILIO, Paul; LOTRINGER, Sylvere. **Guerra pura**: a militarização do cotidiano. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- WITTE Bernd. **Porque o moderno envelhece tão rápido?** – Concepção da modernidade em Walter Benjamim. In: **Revista USP** – Dossiê Walter Benjamim. São Paulo: EdUSP, nº 15, 1992.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo